



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE ARTES
DEPARTAMENTO DE ARTES CÊNICAS

EMILY WANZELLER DA SILVA

(RE)CONHECENDO DRAMATURG(I)AS:
UM OLHAR SOBRE OS ESCRITOS DE MARIA ANGÉLICA RIBEIRO,
AMÉLIA RODRIGUES E JOSEFINA ÁLVARES DE AZEVEDO

BRASÍLIA
2021

EMILY WANZELLER DA SILVA

(RE)CONHECENDO DRAMATURG(I)AS:
UM OLHAR SOBRE OS ESCRITOS DE MARIA ANGÉLICA RIBEIRO,
AMÉLIA RODRIGUES E JOSEFINA ÁLVARES DE AZEVEDO

Trabalho de conclusão do curso de Artes Cênicas, habilitação em Bacharelado, do Departamento de Artes Cênicas do Instituto de Artes da Universidade de Brasília.

Orientadora: Profa. Dra. Lidia Olinto do Valle Silva

BRASÍLIA
2021

AGRADECIMENTOS

Alguns anos se passaram desde o primeiro contato com a ideia de estudar na Universidade de Brasília. Muitas coisas aconteceram e se transformaram nesse meio tempo: crenças, pessoas, afazeres, prioridades, amores, interesses. Todos esses atravessamentos fizeram parte de quem atualmente estou. Costumo dizer que sou poucas coisas, costumo estar. Costumo possibilitar-me e deixar-me viver o momento, o hoje, o agora. E isso devo ao Teatro. Teatro com T maiúsculo, Teatro que significa, possibilita e emana troca, compartilhamento. Ao Teatro meu primeiro e mais sincero agradecimento.

As minhas primeiras vivências se deram em âmbito familiar e por isso, além de agradecimentos, entrego esta escrita como homenagem às mulheres que me ensinaram a acreditar na educação como potencializadora na transformação do mundo: Izabel Cristina, minha mãe; Maria Angélica, minha madrinha; Almira Mendes, minha avó (*in memoriam*). Estas, que junto às minhas tias Kátia Regina, Marta Helena, Carmelita da Silva (*in memoriam*), Kátia de Oliveira e ao meu tio Júlio César, criaram uma família cheia de precursoras da educação e que merecem reconhecimento em mais esse objetivo traçado e alcançado em minha vida. Às minhas irmãs, Jessica Wanzeller e Sthefani Wanzeller, agradeço o compartilhamento da vida e da crença na educação: formamo-nos três educadoras! Sem vocês não teria me formado licenciada em 2019 e, menos ainda, poderia imaginar formar-me bacharela em 2021. Ao meu pai, Laerte Wanzeller, desejo que você consiga se atravessar com a leitura desse trabalho. Ao meu padrinho, Josias Wanzeller, agradeço por você ter sido a referência artística dentro da família com seus bonecos: viva o Teatro de Formas Animadas!

Dentre as coisas possibilitadas pelo Teatro e pela vivência na Universidade, está o conhecimento ou a tentativa de re-conhecimento constante de mim mesma e junto dele, o reconhecimento dos lugares a que pertenço, das pessoas a quem recolho-me em momentos importantes e em momentos ordinários. A trajetória não se faz em voo solo. Está enganado aquele que acredita que se faz Teatro sozinho. Mentira, mentira pura. Teatro se faz com parceria, com trocas. Assim também se dá a pesquisa: baseada em compartilhamentos.

No processo de graduação, muitas foram aquelas e aqueles que possibilitaram que essa pesquisa ocorresse. À composição da banca um agradecimento especial. Lidia Olinto que, com sua paz, carinho, entrega, sabedoria e paciência, possibilitou que esse trabalho se organizasse em meio ao caos da vivência pandêmica, essa vivência da ausência do presencial. À Rita de Almeida, mestra que plantou a semente do desejo de pesquisa em uma das mais belas e admiráveis ações: o ensinar. À Luciana Hartmann, companheira e possibilitadora de aprofundamentos e questionamentos durante a Pesquisa de Iniciação Científica em 2016. Meu profundo agradecimento também às e aos demais mestras e mestres da Universidade de Brasília com quem tive o prazer de aprender e reaprender sempre o gosto pelo Teatro.

Aos parceiros de vida acadêmica e teatral, sempre dispostos a ler, reler, opinar, discutir, pontuar e vivenciar o Teatro no palco ou fora dele: Ady Estellita, Ana Carolina de Castro, Bruna Dutra, Fernanda Gabriela, Giovanna Lisboa, Igor Passos, Janaína Moraes, Mari Lotti, Stefany Mota, Tauã Franco, Victor Hugo Leite, Yuri Fidelis.

Finalizar mais esse ciclo na Universidade de Brasília em meio a uma pandemia mundial não é fácil. Viver e manter-se viva em meio ao caos já é por si só uma grande ação. Habilitar-me bacharela nesse momento só se faz possível graças àquelas e àqueles que fortificaram, choraram, entenderam, ouviram e compartilharam as angústias pessoais e as comuns a um mundo que sofre o luto de milhões de pessoas. Ao meu parceiro de vida, Yuri de Melo, meu abraço virtual mais longo, antigo e saudoso. Saúdo e agradeço as amigas e os amigos queridos que estiveram presentes mesmo que à distância: Carolina Braga, Iasmin de Noronha, Janaína Maynã, Jiló Medeiros, Josian Pereira, Lucas Mota, Marina Magalhães, Micael Amorim, Nathália Mendes, Octávio Vilaronga, Oliver Oliveira, Pedro Brussi, Pedro Ribeiro, Smailey Lucas, Wendel Reis, além daquelas e daqueles já citados no parágrafo anterior.

RESUMO

Este trabalho objetiva discutir a importância do (re)conhecimento dos escritos dramáticos das brasileiras Maria Angélica Ribeiro (1829-1880), Amélia Rodrigues (1861-1926) e Josefina Álvares de Azevedo (1851-1913) na historiografia teatral. O estudo se dá a fim de analisar os enredos tratados em seus textos, sendo eles respectivamente: *Cancros Sociais* (1865), *Fausta* (1885) e *O Voto Feminino* (1887), objetivando contextualizar o período histórico por elas vivido. Defende-se a importância de re-visitar a historiografia teatral brasileira a fim de conhecer e reconhecer dramaturgias que foram (e/ou ainda são) invisibilizadas. Além disso, objetiva-se com esse trabalho facilitar o acesso direto aos textos teatrais, incentivando sua leitura, análise e debate, bem como outros ainda não suficientemente divulgados. Possibilitar esse acesso é, portanto, também um dos principais intuitos dessa pesquisa e, por esse motivo, os textos estão disponibilizados ao fim do trabalho como anexos.

Palavras-chave: dramaturgia, Teatro Brasileiro, dramaturgas brasileiras, dramaturgia feminina.

SUMÁRIO

(RE)CONHECER _____	7
MARIA ANGÉLICA RIBEIRO e o pioneirismo na dramaturgia de autoria feminina _____	12
AMÉLIA RODRIGUES e seu debute no teatro: Fausta (1885) _____	28
JOSEFINA ÁLVARES DE AZEVEDO e sua comédia única: O Voto Feminino (1887) _____	38
(RE)CONHECENDO DRAMATURG(I)AS _____	45
REFERÊNCIAS _____	47
ANEXO I - Cancros Sociais _____	51
ANEXO II - Fausta _____	126
ANEXO III - O Voto Feminino _____	186

(RE)CONHECER

Ao ser apresentada a uma atividade simples de leitura dramática, em sala de aula durante a graduação¹, deparei-me com o sentimento de ausência: ausência de representatividade feminina no campo da dramaturgia. Faltava me reconhecer naqueles escritos. Explico mais detalhadamente: foi-nos pedido que fizéssemos leituras dramáticas de textos teatrais brasileiros datados desde a chegada dos portugueses ao território de Pindorama até o início do século XX, ali em meados dos anos 10. Aconteceu que nenhum dos textos apresentados tinha autoria feminina e então passei a me questionar se essa lacuna era resultado de uma inexistência real de textos escritos por mulheres ou se seria necessário (re)visitar e (re)conhecer dramaturgias e dramaturgas dos séculos passados.

Recordo-me de iniciar minhas inquietações com as perguntas: “quantas e quais dramaturgas você conhece?”, “quem foi a mulher dramaturga que acompanhou Dulcina de Moraes na fundação da Faculdade Brasileira de Teatro²?” e, voltando um pouco mais no tempo, “existiam dramaturgas no início do Teatro Brasileiro, ou só devemos falar de José de Alencar e Machado de Assis?”

O questionamento sobre a presença de mulheres na dramaturgia brasileira tornou-se objeto de pesquisa orientada entre 2016 e 2017 pela Prof^ª. Dr^ª. Luciana Hartmann e hoje é uma das bases para o aprofundamento aqui feito. A pesquisa de iniciação científica (PIBIC) intitulada *Mulheres fora de cena: um estudo sobre a dramaturgia escrita por mulheres brasileiras entre 1850 e 1950*³, resultou na seleção de quatro dramaturgas nascidas entre 1829 e 1906: Maria Angélica Ribeiro (1829-1880), considerada a primeira dramaturga brasileira; Josefina Álvares de Azevedo (1851-?), autora de uma única comédia em 1887; Júlia Lopes de Almeida (1862-1934), dramaturga conhecida principalmente por seu trabalho como romancista; e, Maria Jacinta (1906-1994), parceira de Dulcina de Moraes na fundação da Faculdade Brasileira de Teatro.

¹ Disciplina “Teatralidades Brasileiras”, componente curricular dos cursos de Bacharelado e Licenciatura em Artes Cênicas na Universidade de Brasília. Cursei-a no 1º semestre de 2016 com a Dr^ª Rita de Almeida Castro como docente.

² Maria Jacinta (1906-1994), dramaturga, produtora e diretora teatral.

³ A pesquisa foi financiada com bolsa PIBIC/CNPq no edital 2016/2017.

Durante a pesquisa, percebi que a minha inquietação já havia sido inquietação de outras mulheres, pesquisadoras e fazedoras de Teatro, que já haviam se perguntado os motivos pelos quais dramaturgias escritas por mulheres do passado eram invisibilizadas. Valéria Andrade Souto-Maior, por exemplo, apresentou em sua dissertação de mestrado, o *Índice Biobibliográfico de Dramaturgas Brasileiras do Século XIX* (1995), contendo dados de quarenta e oito brasileiras, e seis estrangeiras que se dedicaram à escrita dramática no Brasil desde o século XVIII. Segundo o estudo de Souto-Maior (1995), foram identificadas:

- Trinta e oito (38) dramaturgas brasileiras do século XIX: Amélia (Augusta do Sacramento) Rodrigues, Ana Aurora do Amaral Lisboa, Ana Facó, Anália (Emília) Franco, Andradina (América) de (Andrade e) Oliveira, Aplecina Conrado do Carmo, Camila Furtado Alves, Cecília Bandeira de Melo Rebelo Vasconcelos, Celina de Azevedo (Castro e Santos), Cintra Polônio, Corina de Vivaldi Coaracy, Delminda Silveira, Dolores Barreto Coelho, Edésia Aducci, Emília Moncorvo Bandeira de Melo, Francisca Clotilde Barbosa (Bezerra ?) de Lima, (Francisca) Chiquinha (Hedvigés Neves) Gonzaga, Francisca Izidora (Gonçalves da Rocha), Guilhermina (Johnson) Rocha, Honorina de Bittencourt (Figueiroa), Iracema Guimarães Vilela, Isabel (Urbana de Albuquerque) Gondim, Iveta Ribeiro, Joana Paula Manso de Noronha, Josefina Alvares de Azevedo, Júlia Lopes de Almeida, Julieta de Melo Monteiro, Luísa Leonardo Marques, Maria (Angélica) Ribeiro, (Maria) Carolina Wanderley, Maria Eugênia Celso (de Assis F. Carneiro de Mendonça), Maria Lino (ou Lina), Maria Luísa de Sousa Alves, Palmira (Guimarães) Wanderley, Raimunda Pinto, Revocata Heloísa de Melo, Violante (Atabalepa Ximenes) de Bivar (e Vellasco), Zélia Vilela de Manera;

- Três (3) dramaturgas brasileiras sem datação identificada: Edite de Lorena, Gracita Miranda, Maria da Conceição Neves;

- Quatro (4) dramaturgas brasileiras apenas com pseudônimo: Maria do Socorro Wanderley, Mary Lopes Daniel, Matilde Liabastre, Vicentina Soares;

- Três (3) dramaturgas brasileiras do século XVIII: “Anônima e ilustre senhora da cidade de São Paulo”, Beatriz Francisca de Assis Brandão, Maria Josefa (da Fontoura Pereira Pinto) Barreto;

- E, seis (6) dramaturgas portuguesas atuantes no Brasil no século XVIII/século XIX: Gertrudes Angélica da Cunha, Adelina Lopes Vieira, Eugênia (Infante da) Câmara, Guiomar (Delfina de Noronha) Torresão, Maria da Conceição Singer Velluti, Pepita (Pepa Martins) de Abreu (Melo Vieira).

Esse índice está referenciado em alguns artigos da pesquisadora Laura Castro de Araújo, nos quais ela trata de um de seus campos de estudo: a dramaturgia de autoria feminina. Araújo, em sua dissertação de mestrado, defendida na Universidade de Brasília, ao comentar sobre o índice de Souto-Maior, assume que graças a ele é possível minar “qualquer argumento de que os manuais historiográficos não citam autoras única e exclusivamente porque essas mulheres não escreviam na época” (ARAÚJO, 2009, p. 23). É possível também notar a necessidade de revisitar e reescrever essa história não contada, essa história esquecida, ignorada e invisibilizada. Tal necessidade é apontada por Maria Amélia de Almeida Teles, ao escrever sobre a história do feminismo no Brasil, “e o pouco que se fala da mulher brasileira não foge ao princípio universal denunciado por Simone de Beauvoir em 1949: ‘Toda história das mulheres foi escrita pelos homens’, portanto, podemos acrescentar: está sob suspeição.” (1999, p. 11). Este trabalho objetiva facilitar esse processo de (re)escrita, (re)conhecendo dramaturgas e suas dramaturgias como parte importante da História do Teatro Brasileiro.

Outras pesquisadoras, como Ivia Alves (1998), Marise Rodrigues (2008) e Micheli Fanini (2016), além de se debruçarem sobre as razões causadoras desses apagamentos históricos, se propuseram a organizar, apresentar e divulgar os textos teatrais encontrados em suas pesquisas.

Tornou-se certo, após pesquisas, revisões, discussões e orientações, que, apesar de pouco conhecidas, existiram mulheres brasileiras dramaturgas no passado. O que também se percebe é que poucos ou quase nenhum desses textos dramaturgicos foram validados como “cânones do teatro brasileiro” em produções historiográficas importantes para a historiografia do Teatro Nacional, como *Panorama do Teatro Brasileiro*, de Sábato Magaldi (2004), *História Concisa do Teatro Brasileiro*, de Décio de Almeida Prado (1999), *O Teatro no Brasil*, de Galante de Souza (1960), entre outros.

Como resultado da pesquisa, percebi a importância dos escritos dramáticos como participação efetiva no campo teatral e como lugar de exposição de questionamentos dos contextos histórico-político-sociais de cada uma das dramaturgas. Assim sendo, é possível perceber nas peças escritas questionamentos desde à posição esperada para a mulher na sociedade, à importância da estrutura familiar (diferente em cada época), ao recém abolicionismo, à ditadura militar, entre outros assuntos.

Apesar do recorte específico com as dramaturgas previamente citadas, continuei a pesquisa por conta própria a fim de conhecer outras mulheres escritoras de teatro de períodos passados e, conseqüentemente, acessar seus textos tanto para os utilizar em processos criativos, como para disponibilizá-los, comentá-los e analisá-los. Nesse período pós PIBIC, conheci o nome de Amélia Rodrigues (1861-1926) que, graças ao incentivo do CNPq no trabalho desenvolvido pelo Núcleo de Estudos Interdisciplinares Sobre a Mulher, na Universidade Federal da Bahia, teve seu primeiro texto teatral disponibilizado: *Fausta* (1886). Também obtive acesso ao compilado de textos inéditos de Júlia Lopes de Almeida, organizado por Micheli Fanini. Desta dramaturga havia acessado quatro textos teatrais previamente: *A Herança*, *Quem Não Perdoa*, *Nos Jardins de Saul* e *Doidos de Amor* - os três últimos na edição *TEATRO* da editora portuguesa Renascença (1917).

Das autoras que poderiam ser estudadas nesta pesquisa, é sabido que a grande maioria fazia parte de classes sociais privilegiadas, o que lhes possibilitava o letramento. A mais antiga peça aqui analisada data de 1865 (*Cancros Sociais*, de Maria Angélica Ribeiro), período ainda escravagista, que trata especificamente deste assunto, escrita por uma mulher branca fluminense que obteve sua educação graças à tutoria de um oficial militar. A peça de Josefina Álvares, de 1887, trata do sufrágio feminino, tema escrito pelas mãos desta recifense que foi fundadora de um jornal (muito conhecido na época) que tratava principalmente de assuntos relacionados à equiparação entre homens e mulheres. Amélia Rodrigues, autora de *Fausta*, foi mulher baiana e extremamente religiosa que tratava em seus escritos, romances, poemas e peças de teatro, principalmente sobre o viés católico, assumindo “militância da mulher católica para uma ação fora do âmbito familiar” (ANDRADE, 2019). As outras duas mulheres que acabaram não sendo selecionadas para esta pesquisa mas fizeram parte de estudo durante o PIBIC em 2016, também fazem parte deste grupo.

Maria Jacinta, também fluminense, é das poucas mulheres dramaturgas que teve reconhecimento da Academia Brasileira de Letras (ABL), mesmo instituto que negou a participação de Júlia Lopes de Almeida no início do século XX, e que mesmo reconhecida, ainda acaba sendo muitas vezes ignorada quando o assunto é dramaturgia e importância para o Teatro Nacional. Júlia Lopes de Almeida é conhecida pelo seu trabalho na escrita romântica, sendo apontada segundo Leonora de Luca “como a maior romancista da geração de escritores que sucedeu a Machado de Assis e precedeu a eclosão do movimento modernista” (1999).

Buscarei apresentar, em cada um dos capítulos, nomes, dados e trechos de textos das três primeiras autoras, a fim de analisar os enredos tratados em seus textos, contextualizar o período histórico por elas vivido e observar as possíveis conexões entre os mesmos. Também objetivo apresentar dados de pesquisa que demonstram as lacunas quanto à participação efetiva das mulheres no campo da dramaturgia e as possíveis razões pelas quais isso acontecia/acontece. Selecionei inicialmente trabalhar com os textos: *Cancros Sociais*, de Maria Angélica Ribeiro, *O Voto Feminino*, de Josefina Álvares de Azevedo, e o *Gosto da Vida*, de Maria Jacinta. Decidi manter *Cancros Sociais*, pela temática e por não ter tido acesso ao texto por completo durante o PIBIC em 2016; apenas comentar de modo mais sucinto *O Voto Feminino*, já que Valéria Souto-Maior disserta especificamente sobre esse texto em seu mestrado defendido em 1995; e, substituir *O Gosto da Vida* (Maria Jacinta) por *Fausta*, de Amélia Rodrigues. A substituição dos textos dramaturgicos se deu por esse último texto ter sido escrito pouco mais de duas décadas após *Cancros Sociais*, mantendo o recorte de tempo da pesquisa no fim do Século XIX, não passando para o Século XX.

MARIA ANGÉLICA RIBEIRO e o pioneirismo na dramaturgia de autoria feminina

Considerada a pioneira na dramaturgia brasileira escrita por mulheres, Maria Angélica Ribeiro é natural de Parati, no Rio de Janeiro. *Cancros Sociais* é o seu drama mais conhecido e data de 1865, mas a dramaturga começou a escrever ainda jovem, aos 12 anos de idade, e debutou no texto teatral com *Guite ou a feiticeira dos desfiladeiros negros*, em 1855, dez anos antes do seu maior sucesso. No prólogo deste escrito, Maria Angélica escreve uma carta para a senhora “D. Volante de Bivar”, filha de seu tutor e professor, e nela faz um apanhado de como foi sua vida até a estreia do texto publicado. Nesta carta são mencionados ao menos treze textos teatrais de autoria de Maria Angélica. Destes, apenas três foram acessados por Valéria Souto-Maior, que organizou a edição do livro *Teatro quase completo* (2014), contendo o texto aqui analisado, *Um Dia na Opulência* e *A Ressurreição do Primo Basílio*. Só obtive acesso a *Cancros Sociais* em 2020⁴, após muita busca durante o projeto de pesquisa ocorrido entre 2016 e 2017. Os textos dessa dramaturga, assim como de outras dramaturgas do período entre séculos XIX e XX não são facilmente encontrados, isto é, poucos estão disponibilizados na internet ou em bibliotecas públicas, seja para leitura, para pesquisa ou para montagens. Facilitar esse acesso é um dos objetivos principais desta pesquisa, por isso, em anexo a esse trabalho estão disponibilizados o texto *Cancros Sociais*, de Maria Angélica Ribeiro e as referências de onde encontrar *O Voto Feminino*, de Josefina Álvares de Azevedo e *Fausta*, de Amélia Rodrigues.

Maria Stela Orsini, pesquisadora principalmente na participação de mulheres nas artes, escreveu em 1988, sobre a fluminense Maria Angélica Ribeiro, considerada a pioneira no trabalho de escrita para o Teatro. Orsini salienta que podem ter havido dramaturgas prévias à Maria Angélica, porém assume que, se fosse o caso, estas “se dedicaram a essa atividade não como profissionais, mas como amadoras” (1988, p. 76). Trata-se, então, de tentar compreender quem foi essa mulher, qual a potência dos seus escritos para o Teatro Brasileiro na época, do que se tratavam estes e como estes eram recebidos tanto pelo trabalhador de Teatro quanto pelo público.

⁴ Aqui reitero meu agradecimento ao meu querido amigo e parceiro de Teatro, PH Amorim, que disponibilizou a sua cópia do livro *Antologia do Teatro Realista* (2006), de João Roberto Faria. Neste livro, João Roberto Faria publica a versão completa de *Cancros Sociais*.

A educação das mulheres no período oitocentista geralmente não permitia que estas recebessem mais do que lições de trabalhos manuais, francês e piano. Orsini, ao apresentar o contexto educacional vivido pela maioria das mulheres à época, assume que estas “não eram, de modo geral, iniciadas nas letras e muito menos aprendiam a ler e amar a literatura dramática. E, como se isso já não bastasse, havia preconceitos contra o meio teatral, pois os atores e, em especial, as atrizes não gozavam de boa fama” (ORSINI, 1988, p. 77). Nem mesmo o letramento era usualmente garantido, mas, como a própria Maria Angélica descreve na carta-prólogo a *D. Violante de Bivar*, sua educação foi diferenciada graças a uma série de fatores. Apesar de órfã desde muito cedo, a dramaturga ficou sob os cuidados de um amigo militar do pai, o Sr. Brigadeiro Antônio Joaquim Bracet, sendo este o tutor responsável por facultar a ela “os meios de alcançar pela inteligência, uma posição digna e independente no futuro” (1965). Tal educação garantiu que ela pudesse usufruir de seus conhecimentos para se posicionar a favor do que acreditava e contra o que não acreditava.

Seu posicionamento no escrito *Cancros Sociais*, reflete denúncias contra o maior “câncer” vivido pela sociedade brasileira no século XIX: a escravidão. Em seus textos teatrais, Maria Angélica dispõe de questões relevantes e de crítica social. Esta, assim como outros dramaturgos na época acreditaram, como João Roberto Faria bem sintetizou, que “o teatro não era apenas diversão, mas também um poderoso instrumento de educação política” (2006, p. XXVII). Vale ressaltar que o teatro como espaço/veículo de questionamento de problemas político-sociais não foi inventado, obviamente, nessa época e nem se restringe a ela, existindo em diversos momentos ao longo da História no trabalho de artistas de lugares e estilos bem distintos. Assim, mesmo que não seja uma obrigação/necessidade da dramaturgia/teatro/arte abarcar questões políticas de forma explícita, é possível observar que as dramaturgias do período histórico aqui analisado abordavam temáticas políticas de modo evidente. Miriam Garcia Mendes, estudiosa do Teatro Brasileiro, aponta que a escravidão tornou-se uma temática muito recorrente na dramaturgia brasileira a partir do início da segunda metade do século XIX:

Um tópico que merece um lugar à parte na historiografia do teatro brasileiro, em virtude do seu aspecto intrigante e, de certa forma, inusitado, pelas contradições que representa, é o que se refere à existência de um tema emergente desde o começo da década de 1850 e que assumiu singular importância no período do realismo,

conservando-a, mesmo com a posterior supremacia do teatro ligeiro, e só perdendo-a quando foi abolido o cativo no Brasil. É o tema do escravo. Com ele nascia a personagem negra no teatro brasileiro. Pois a idéia de escravo estava intimamente ligada à idéia de negro. (MENDES, 1982, p. 21)

Christian Fernando dos Santos Moura apresenta, em sua dissertação de mestrado defendida pela UNESP, dados sobre a representação dessas personagens negras, uma representação marginal, onde a pessoa negra é “associada à do escravo despossuído de humanidade”, quase sempre em personagens secundários e sem importância dramática (2008, p. 26). A participação do Teatro no debate antiescravagista teve destaque principalmente após a Lei Eusébio de Queirós que proibía o tráfico negreiro. As montagens teatrais que tratavam da escravidão proporcionaram destaque para o assunto na discussão política e para a sua abolição.

Diversos textos teatrais, considerados importantes e relevantes para a História do Teatro Brasileiro, tratam do assunto. Dos estudos sobre dramaturgia analisados para tratar aqui – MAGALDI (2004), PRADO (1999), SOUZA (1960), CAFEZEIRO & GADELHA (1996) – nenhum abarcava especificamente o texto de Maria Angélica Ribeiro, *Cancros Sociais*, ou o de Amélia Rodrigues, *Fausta* (de que trataremos mais à frente). *Mãe*, de José de Alencar, foi um dos textos que abordaram a personagem negra agora em um lugar considerado de destaque, apesar da relação negada/silenciada de parentesco. Para Romair Oliveira, ainda que Alencar tenha tratado da escravidão, “a peça trata realmente de uma homenagem e não de crítica social ou cultural” (2016, p. 5). Segundo Faria, existem muitas discussões sobre a preocupação de Alencar com o tema, “pois para alguns [críticos], trata-se apenas de um elogio do sentimento materno, sem conotação antiescravista, até porque Alencar foi político do Partido Conservador; para outros, ao contrário, trata-se de uma comovente condenação do cativo” (FARIA, 2013, p. XX). Apesar de romântico em sua literatura, há quem considere o trabalho de Alencar no teatro como realista o que, segundo João Roberto Faria, “significa dizer que ele [...] defendia valores burgueses fundamentais para a época, como o trabalho e a família, abordando as questões sociais pelo prisma da moralidade” (FARIA, 2013, p. XVIII). Neste texto teatral, pode-se enxergar uma mescla entre os dois movimentos, sendo o realismo de *Mãe* mais evidente na escolha e abordagem da temática e, o romantismo, na caracterização das personagens. Segundo Faria:

Misturam-se na peça traços típicos do romantismo e do realismo. Joana é evidentemente uma figura idealizada. Se por um lado a sua condição social a determina enquanto personagem, por outro a sua consciência do que significa ser escrava na sociedade brasileira a transforma em uma mãe abnegada, que tudo suporta, e que é capaz de sacrificar a própria vida para que o filho não carregue o estigma da origem escrava. (2013, p. 101)

A diferença entre *Mãe* e o texto de Maria Angélica Ribeiro, é que a autora não simplesmente aborda a escravidão como temática, mas a trata como um dos maiores e piores “cancros” já vividos pela sociedade brasileira, resultando no racismo ainda hoje presente no nosso país, como discutem autores como Silvio de Almeida (2020). Segundo o autor, a consequência de práticas como o racismo⁵, o preconceito racial⁶ e a discriminação racial⁷, levam à “*estratificação racial*, um fenômeno *intergeracional*, em que o percurso de vida de todos os membros de um grupo social – o que inclui as chances de ascensão social, de reconhecimento e de sustento material – é afetado” (ALMEIDA, 2020, p. 33, grifos do autor).

Em *Cancros Sociais*, a dramaturga apresenta outra solução para o conflito com uma personagem que se coloca mais racionalmente quando comparada à Joana de Alencar. Marta, a mãe, não se cala ao conhecer a verdade sobre seu vínculo com o personagem que a alforria e, apesar do tempo levado para que a verdade viesse à tona, ela questiona Eugênio sobre seu posicionamento e se indigna quanto à negação inicial sobre o vínculo parental. Entende-se então que as duas grandes características de associação entre *Mãe* e *Cancros Sociais*, são a temática e o enredo. À Machado de Assis coube esta associação:

O novo drama é ainda um protesto contra a escravidão. A ação, como a imaginou a Sra. D. Maria Ribeiro, tem um ponto de contato com *Mãe*, drama do Sr. conselheiro José de Alencar; é uma escrava, cujo filho ocupa uma posição social, sem conhecer de quem procede. E se notamos esta analogia, é apenas para mostrar que, na guerra feita ao flagelo da escravidão, a literatura dramática entra em grande parte. (1955, p. 391-392)

⁵ “O racismo é uma forma sistemática de discriminação que tem a raça como fundamento, e que se manifesta por meio de práticas conscientes ou inconscientes que culminam em desvantagens ou privilégios para indivíduos, a depender do grupo racial ao qual pertencem” (ALMEIDA, 2020, p. 32).

⁶ “O preconceito racial é o juízo baseado em estereótipos acerca de indivíduos que pertençam a um determinado grupo racializado, e que pode ou não resultar em práticas discriminatórias” (ALMEIDA, 2020, p. 32).

⁷ “A discriminação racial, por sua vez, é a atribuição de tratamento diferenciado a membros de grupos racialmente identificados” (ALMEIDA, 2020, p. 32).

Os enredos têm, de fato, muitas conexões, porém as resoluções dadas ao conflito principal tendem a demonstrar posicionamentos diferenciados quanto à estes. Como já dito, José de Alencar escreve *Mãe* em homenagem à sua própria mãe, Ana Josefina de Alencar. Em sua dedicatória é perceptível a expectativa de como a personagem do título seria tratada na peça, agindo com esse amor incondicional que é esperado da figura materna, exemplificando e condensando os valores morais burgueses recorrentes na época e defendidos na dramaturgia dos movimentos romântico e realista. Joana foi uma mulher escravizada pelo pai de Jorge e continuou em sua casa após a morte, como parte da herança. O vínculo parental é conhecido e guardado em segredo por Joana e por um amigo da família que há muito tempo não faz uma visita. Joana criou Jorge fazendo-o acreditar que entre eles não havia outro vínculo senão o de mulher escravizada/senhora, para que este não sofresse as consequências de assumir o parentesco. Jorge decide presentear Joana com sua carta de liberdade, mas para salvar o pai da mulher que ama, decide empenhar Joana. Dr. Lima, o amigo que há muito não aparecia para uma visita e segundo conhecedor do segredo, ao perceber a ação inadmissível de Jorge para com a mãe, o desvenda. Ao perceber que agora o filho poderia perder o respeito e a posição social que tinha pelo fato de saber ser filho dela, Joana se suicida. Neste desenlace é possível perceber essa ligação incondicional que é tida como sagrada de uma mãe para com sua prole, visão romantizada dos laços familiares e típica nos escritos do século XIX. Na dedicatória do texto, José de Alencar assume a importância desse amor incondicional: “Em todos os meus livros há uma página que me foi inspirada por ti. É aquela em que fala esse amor sublime que se reparte sem dividir-se e remoça quando todas as afeições caducam. Desta vez não foi uma página, mas o livro todo.” (1859)

Maria Angélica Ribeiro traz um enredo parecido em *Cancros Sociais*. Uma mulher escravizada, é alforriada e descobre parentesco com aquele que a libertou e que vivencia o receio em assumir o vínculo parental para com a sociedade. A dramaturga traça histórias paralelas de personagens que em algum momento da trama se desvendam ligadas com as demais personagens: ou por histórias trágicas, ou por encontros felizes do passado.

Cancros Sociais começa na manhã de 2 de julho de 1862, Dia da Independência da Bahia e aniversário de Olímpia, filha de Eugênio Salvador. Anti-

escravagista e baiano, Eugênio decide comemorar a data presenteando a filha com a alforria de uma mulher que foi escravizada e que acabará por descobrir-se sua mãe. Marta havia sido separada do filho ao chegar ao Rio de Janeiro e ele, Eugênio, teve sua vida cuidada pelo capitalista Barão de Maragogipe. Ao conhecer a verdade sobre a mãe, Eugênio mantém-se em conflito sobre assumi-la à esposa ou em mantê-la como serva livre em sua casa. Porém, o amigo Barão acreditava que o melhor a ser feito era contar a verdade a sua mulher Paulina e a sua filha Olímpia. Em paralelo à trama principal, Matilde, amiga de Paulina, tenta encontrar uma forma de desculpar-se à amiga pela falha de seu ex-marido, o procurador Antônio Forbes, que além de ter feito a ruína do pai de Paulina, privou a liberdade de Marta e Eugênio. Paulina percebe o repentino vínculo da nova servente da casa com seu marido e começa a agir de forma rude com Marta, assumindo-a como amante do esposo. Tais atitudes são malvistas por Eugênio que decide contar a verdade sobre sua mãe quando a esposa ameaça deixar a casa com Olímpia. O conflito sobre assumir ou não a mãe passava pelo olhar que a sociedade tinha à época em relação às pessoas que foram escravizadas: não eram entendidas como dignas. Com medo principalmente da reação da esposa, Eugênio manteve o segredo até conhecer completamente a história de sua separação da mãe, ainda criança. Após a revelação do vínculo familiar entre Marta e Eugênio, o Barão dispõe para seu afilhado certidões (conseguidas com a ajuda de Matilde) que comprovam que Marta havia sido alforriada antes mesmo do nascimento do filho, e que este então já havia nascido livre.

O primor da escrita e da dramaturgia de Maria Angélica Ribeiro acaba por tratar não somente da escravidão, mas de outros problemas da sociedade brasileira da época. Exemplo disso é o início do texto dramático que trata do assédio a crianças e adolescentes. Visconde de Medeiros, negociante de 56 anos, comenta com o Barão de Maragogipe, amigo próximo da família protagonista do drama e tido como tutor/pai de criação de Eugênio Salvador, sobre seu desejo em pedir em casamento a pequena Olímpia, debutante do dia:

BARÃO – Se é sobre negócios, que V. Exa. pretende falar a Eugênio, creio que não escolheu o dia muito oportuno (*apresenta-lhe uma cadeira*); a recepção de hoje, é toda em obséquio à menina S. Salvador.

VISCONDE – Não ignoro essa circunstância, e é mesmo para cumprimentá-la que aqui venho (*assentam-se*); mais tarde, apresentar-me-ei em caráter oficial e solene. (*surpresa no Barão*) A filha do Comendador,

é uma adorável criatura! Rica, formosa... Ora... sejamos francos, Barão! Ainda não percebeu que eu gosto muito da jovem Olímpia?

BARÃO – V. Exa.?!

VISCONDE – Sim, meu caro Maragogipe! Estou mesmo apaixonado! Brevemente formularei o meu pedido, debaixo de toda a formalidade exigida pelas conveniências da *nossa roda*.

BARÃO – E conta com o assentimento de S. Salvador?

VISCONDE – Creio que ele não desdenhará ter uma filha Viscondessa.

BARÃO – E ela?

VISCONDE – Nenhuma moça rejeita a mão do homem que lhe oferece um título e uma brilhante posição.

BARÃO – Já vejo que o Sr. Visconde não conhece a fundo o caráter das pessoas de quem fala, e com quem trata, há muito pouco tempo! Eugênio S. Salvador preza muito a felicidade de sua filha, para sacrificá-la às considerações de títulos e posição; quanto à sua esposa, senhora de espírito reto, inteligente e ilustrada, penso que não há de entregar as carícias de um esposo da idade de V. Exa., uma menina que mal sai da infância.

VISCONDE – (*irônico*) Como está o Barão ao fato de todas essas coisas!

BARÃO – Posso afirmar ao Sr. Visconde, que são estas as ideias dos meus amigos.

VISCONDE – (*fátuo*) Apelarei então para Olímpia...

BARÃO – Não conte com esse auxiliar. Essa menina é dotada de uma ingenuidade tão franca, tão *limpida*, por assim dizer, que não se deixará seduzir pela vaidade, que perde a maior parte das mulheres. (ATO PRIMEIRO, CENA I, grifos da autora)

A instituição do casamento passou por diversas modificações durante os séculos. No Brasil, na Constituição de 1890, considerou-se uma idade mínima para o casamento: 14 anos para meninas e 16 para meninos⁸. A escolha dos cônjuges não levava em consideração os desejos dos noivos, mas, “no século XIX, essa escolha foi se modificando, tendo os interessados uma voz mais ativa” (LEVY, 2009, p. 121). Maria Angélica trata deste assunto de forma sutil, colocando-o como primeira problemática em seu texto. Ao desenvolver da trama, o pai da criança, Eugênio, durante conversa com seu amigo Barão, demonstra o desinteresse em fazer da filha uma mulher casada em tão tenra idade:

BARÃO – Para que continuas a receber o Visconde, depois da formal recusa que lhe fizeste, da mão de tua filha?

EUGÊNIO – Crê que me sejam agradáveis as suas visitas? Procura-me, e a delicadeza impõe-me a benevolência. (ATO TERCEIRO, CENA V)

Apesar de datar de meados do século XIX, a temática abordada por Maria Angélica ainda é muito atual, infelizmente. Segundo pesquisas do instituto Promundo,

⁸ Art. 7º, § 8º, do Decreto n. 181 de 24 de janeiro de 1890.

“o Brasil é o quarto país no mundo, em números absolutos, de mulheres casadas ou coabitando aos 15 anos. Existe um índice elevado de casamento infantil no Brasil, com mais de 38% de meninas casadas aos 18 anos”. O texto teatral, que trata de assuntos importantes como esse, tem potencialidade de transformação social. Essa transformação pode ocorrer a partir da leitura, discussão, mediação e, quem sabe, encenação de tais textos, através da busca de relação e/ou distanciamento com as realidades atuais.

Neste mesmo trecho do início do terceiro ato, pode-se notar a importância das relações externas ao âmbito familiar para os homens da sociedade burguesa brasileira da época. Eugênio lida com a questão de assumir seu vínculo com a mãe desde o fim do primeiro ato, onde põe em suspeição a reação da sociedade quanto ao seu segredo:

EUGÊNIO – Do que serve, pois, ter-me elevado a esse pedestal, erigido pela consideração social, se um imprevisto revés da sorte me vai dele fulminar! Oh!... Deus não é justo! (ATO SEGUNDO, CENA X)

Percebe-se, então, a relevância do “papel” empenhado pelo sujeito para e na sociedade. Segundo Silvio de Almeida, “a especificidade da dinâmica estrutural do racismo está ligada às peculiaridades de cada formação social” (ALMEIDA, 2020, p.55) e, já que a escravidão foi parte do sistema de formação da estrutura brasileira, o racismo vivenciado hoje resulta diretamente deste período. O autor debate sobre esse processo de manifestação do racismo e sobre a auto conscientização que desenvolvemos:

(...) uma pessoa não nasce branca ou negra, mas torna-se a partir do momento em que seu corpo e sua mente são conectados a toda uma rede de sentidos compartilhados coletivamente, cuja existência antecede à formação de sua consciência e de seus afetos. (2020, p. 67)

Eugênio foi criado por uma pessoa que acreditava na necessidade urgente da libertação das pessoas escravizadas. Tendo assim aprendido com o Barão de Maragogipe, passou seu conhecimento à sua filha, porém, como parte da estrutura regida pelo regime escravagista, precisou decidir sobre como agir em relação a reconhecer ou não a mãe, principalmente diante de sua família.

Esta peça, como a grande maioria das que hoje entendemos como parte do repertório realista, trata e debate assuntos da “vida da família e da sociedade, porém

retocadas por um pincel moralizador” (FARIA, 2006, p. XIV). João Roberto Faria defende que os dramaturgos brasileiros, apesar de terem se inspirado no realismo francês, trataram de aproximar seus textos às questões brasileiras da época. Para o teórico, Maria Angélica Ribeiro apresenta a escravidão como “uma instituição que deprava, humilha e envergonha suas vítimas” (2006, p. XXV). É possível notar também a relação da sociedade burguesa emergente com essas vítimas, por exemplo, quando Eugênio conta a Matilde sobre a alforria que garantirá como presente de aniversário da filha:

EUGÊNIO – De uma surpresa que tenciono causar a Olímpia; será o meu brinde de anos.

MATILDE – A surpresa?! (*assentam-se*)

EUGÊNIO – Uma folha de papel selado; a liberdade de uma escrava. Hoje é dia para mim duplamente glorioso; 2 de julho, aniversário da emancipação política da minha terra, e o natalício de minha filha; desejo, portanto, comemorá-lo, restituindo ao grêmio social um dos seus representantes. O que pensa a V. Exa. do meu *mimo*?

MATILDE – Penso que seria um singular *mimo* de anos para uma menina, se essa menina não pertencesse à família S. Salvador.

EUGÊNIO – (*beijando-lhe a mão*) Oh!... minha senhora!...

MATILDE – É alguma escrava da casa?

EUGÊNIO – Não, Sra. D. Matilde; em minha casa não há cativos; meus servos são pessoas livres.

MATILDE – Tal e qual como na minha! Abomino os escravos! São criaturas destituídas de toda a moralidade e de todos os sentimentos nobres!

EUGÊNIO – (*com amável censura*) Estou desconhecendo a habitual retidão de V. Exa.

MATILDE – Crê-me então injusta?

EUGÊNIO – Pelo menos, pouco benevolente para com essa mísera classe, deserdada de todos os gozos sociais, e lançada, como uma vil excrescência, fora dos círculos civilizados. (ATO PRIMEIRO, CENA XVI)

Com maestria, a dramaturga aponta o racismo como “câncer” social principal, o condena e questiona as pessoas que tomam as vítimas como culpadas do problema. Eugênio, filho de uma mulher que foi escravizada, enganada com falsas promessas de casamento, é desta separado na infância e teve sua criação assumida com muito empenho por um homem de posses, barão, capitalista, anti-escravagista e branco. Apesar de ter referências progressistas, de se assumir anti-escravagista, de entender que as vontades da filha para o seu casamento devem contar no momento desta decisão, Eugênio ainda não havia encarado a realidade de poder ter sido ele também uma pessoa escravizada. Sua consciência o fez acreditar que sua relação com Marta poderia ser mantida em segredo para que sua posição na sociedade não fosse afetada. Essa transição de entendimento da personagem aconteceu em dois meses. A relação

da personagem com a mãe demonstrou-se cada vez mais relevante ao passar da trama e, apesar das possíveis consequências de se conscientizar e de assumir quem era, Eugênio progressivamente desenvolve afinidade com Marta a ponto de reconhecê-la e assumi-la à esposa Paulina, antes mesmo de ter conhecimento sobre as certidões sobre a alforria da mãe, datada de 1827 e, a de seu nascimento, datada de 1828.

O momento de descoberta do vínculo familiar entre Marta e Eugênio traz consigo elementos que geram inquietações em relação ao vínculo de outras personagens. Isto porque a autora se utiliza de fragmentos ao longo do texto, nem sempre perceptíveis, que se associam a momentos que se solucionarão durante a trama: são histórias que se cruzam ao longo da peça. No fim do primeiro ato, a autora apresenta o conflito principal da peça: esta relação entre mãe e filho.

FORBES – *(à porta)* V.S. dá licença? *(Eugênio faz um gesto, e Forbes entra acompanhado por Marta)* É ao senhor Eugênio S. Salvador, a quem tenho a honra de falar?

EUGÊNIO – Sim, senhor; *(indica-lhe uma cadeira)* faça o favor de assentar-se. *(assentam-se; Marta conserva-se de pé em lugar donde possa naturalmente olhar para o retrato)* Sei que já me procurou.

FORBES – E o senhor Barão de Maragogipe, com quem falei, autorizou-me a procurar de novo a V. S., para ultimarmos este negócio. Tomei a liberdade de a trazer; o preço é dois contos de réis.

EUGÊNIO – *(olha para Marta, que está muito atenta para o retrato)* Traz a carta competentemente legalizada?

FORBES – *(entregando-lhe um papel)* Não me esqueceu formalidade alguma.

EUGÊNIO – *(depois de ler, ergue-se)* Está em ordem. *(guarda-a no bolso)* Dê-me licença, vou buscar-lhe o dinheiro. *(vai a sair e repara em Marta que está muito agitada a contemplar o retrato)* Meu Deus!

MARTA – *(mostrando o retrato a Forbes)* Que semelhança! *(para Eugênio)* Meu senhor... *(encarando-o)* Jesus!!! *(contempla por alguns momentos a Eugênio, que está muito perturbado)* Será isto um sonho?! Perdoe, meu senhor... não me conhece? Repare bem para mim... Interrogue as suas reminiscências, as suas mais antigas recordações... *(em grande ansiedade)*

EUGÊNIO – *(com esforço)* Não... não a conheço!

MARTA – *(muito angustiada)* Ah!... *(fica como que aniquilada por alguns instantes)*

FORBES – *(a Eugênio)* V. S. Há de desculpar...

MARTA – *(vai ao retrato, arranca-lhe o véu)* Sim... é ele!!

FORBES – *(repara no retrato e estremece)* Ele?!... É... alguma pessoa da família?...

EUGÊNIO – É o pai de minha mulher...

MARTA – *(fulminada)* Sua mulher!! *(dolorosamente)* Desgraçado!... o que fizeste!...

(No momento em que o pano desce, entram Paulina, Olímpia em Matilde, alguns homens e algumas senhoras)

(ATO PRIMEIRO, CENA XIX)

Uma das histórias que acontecem paralelamente ao conflito principal é a que resulta na reação de Forbes ao perceber a quem Marta se refere ao olhar o quadro pendurado na parede. Marta associa o retrato ao homem que lhe prometeu sua liberdade e que teria sido a causa de ter se separado do filho: Olímpio Torres, pai de Paulina. Olímpio foi, na verdade, vítima de um golpe de Forbes (este sim culpado de tudo) que falseou acusações de estelionato. Olímpio não sabia que Antônio Forbes o havia traído e, como o considerava um grande amigo, deu a ele a função de manter Marta e seu filho seguros até que este tivesse idade mais avançada. Porém, ao invés de assegurar a alforria de Marta, Forbes a privou de sua liberdade. Tal segredo foi compartilhado por Matilde a Eugênio, ao explicar sobre o que sucedeu ao pai da amiga. Neste trecho, a dramaturga sagazmente utiliza da confissão de Matilde para apresentar outros fatores muito importantes para a trama: o vínculo entre Forbes e Olímpio e o que teria acontecido com Marta e seu filho.

MATILDE – Pois o infeliz Torres estava inocente do crime que lhe imputaram; não os havia vendido; havia-os libertado.

EUGÊNIO – (*erguendo-se*) Libertado!... A ela?!

MATILDE – (*ergue-se*) A mesma a quem o meu amigo forrou há dois meses.

EUGÊNIO – É isso exato?

MATILDE – Tenho provas incontestáveis.

EUGÊNIO – Logo, eles...

MATILDE – Foram vítimas de um grande abuso... de um crime! Escute-me: (*assentam-se*) a mãe de Paulina, desejava ardentemente dar a liberdade a Marta. Porém, seu marido, que temia as consequências da inexperiência, concordou com os desejos de sua esposa, debaixo da condição de não ser ela instruída desse fato, senão quando se achasse já idade prolecta! Marta foi livre, e o segredo religiosamente guardado. Algum tempo depois, foi Torres obrigado a fazer ponto, e por uma fatal previdência, entregou a mãe e o filho, com os papéis que os restituía à sociedade, a um amigo em quem depositava grande confiança, recomendando-lhe o maior silêncio, até um prazo marcado.

EUGÊNIO – E esse amigo...

MATILDE – Inutilizou os documentos, e conservou-a em um cativo, que não se tornou mais ignóbil, por ser ela uma rapariga essencialmente virtuosa. Foi nesta época que a conheci.

EUGÊNIO – E seu filho?

MATILDE – Foi-lhe arrancado dos braços, e vendido aqui, para o Rio de Janeiro. A pobre mãe quase sucumbiu de desespero! Escapou por um milagre à morte, mas... enlouqueceu! A infeliz mulher chamava todos os momentos do seu filho ao queria reunir-se no céu enxuga os olhos apesar de se terem passados tantos anos não posso deixar de se entristecer me lembrar de seus sofrimentos.

EUGÊNIO – Porém... A senhora não me disse ainda o nome desse falsário... desse ladrão!

MATILDE – (*triste*) Não lhe disse há pouco que eu devia uma grande reparação à Paulina?

EUGÊNIO – Então, o assassino da vida e da honra de Olímpio Torres... O monstro que reduziu à escravidão duas pessoas livres...

MATILDE – Foi meu marido, Sr. Eugênio...

EUGÊNIO – (*ergue-se*) Seu marido!! (*rodar de carro*)

MATILDE – Aquele que é hoje o procurador Antônio Forbes. (*vai à janela*)

EUGÊNIO – Forbes!! (ATO TERCEIRO, CENA XXIII)

Nesta peça, Marta é uma mulher que foi escravizada, alforriada, privada de sua liberdade garantida e que, apesar de separada de seu filho, sabia que este reencontro era mais importante do que a opinião da sociedade. Marta é apresentada pela autora como uma mulher que sempre consciente, experiente e prática, além de utilizar da mesma linguagem culta que os demais utilizam e que não esperariam dela. Mostra-se uma mãe decidida a ser e fazer parte da vida do filho recém encontrado, mas que mantém suas decisões voltadas também a si, como por exemplo quando recusa a nova oferta do casamento prometido que proporcionaria uma melhor posição na sociedade para o filho mas que a faria infeliz. Marta tem plena consciência das consequências de assumir a maternidade de Eugênio e de ser assumida pelo filho, porém não se abala e decididamente se impõe em diversos momentos da trama:

EUGÊNIO – (*apercebendo-a*) O que vem fazer aqui?...

MARTA – (*muito comovida*) Meu filho!... (*súplice*) Agora que estamos sós... uma palavra ao menos...

EUGÊNIO – Nada tenho ouvir, nem a dizer!... Já lhe disse, que... não a conheço!

MARTA – (*amargamente*) Não me conheces?... Oxalá que assim fora! não prantearia com lágrimas de sangue a tua crueldade!

EUGÊNIO – (*perturbado*) Senhora!...

MARTA – (*ressentida e penalizada*) É possível que a tua opulência, e o esplendor da tua posição, sejam causas para que renegues aquela que te alimentou com o sangue das suas veias? (*enternecendo-se*) Que te ajudou a dar os primeiros passos na vida, e te ensinou a balbuciar a primeira oração a Deus?...

EUGÊNIO – (*em grande luta de sentimentos*) Basta... basta!...

MARTA – (*súplice*) Chama-me tua mãe!... (*olha em torno da sala*) Tua mãe!... (*com muita ternura*) Filho de minha alma!... Oh...! (*quer pegar na mão de Eugênio; este que tem estado em grande agitação, afasta-se vivamente*)

EUGÊNIO – Repito-lhe que... está enganada!

MARTA – (*com amargura*) Enganada?! Crês tu, que um coração de mãe se possa enganar? Julgas que o íntimo de um seio de mulher, estremeça sem ser pelo ente a quem gerou?... (*Eugênio encaminha-se para o fundo. Marta toma-lhe a passagem*) Filho! (*em lágrimas*) Meu filho! não me fujas! Atende à mísera que te chamou nos longos dias de vinte e nove anos! A única consolação que eu tinha nas minhas cruéis aflições, era a esperança de um dia encontrar-te, e unir-te ao

meu seio! (*Eugênio olha desassossegado para as portas*) Vejo que é o receio que te faz fugir dos meus braços... sim, tu me hás reconhecido... a tua comoção mo diz.

EUGÊNIO – (*em crescente comoção*) Deixe-me senhora!... preciso ficar só...

MARTA – (*agarrando-lhe na mão*) Eugênio!... (*quer abraçá-lo*) (ATO SEGUNDO, CENA X)

O medo de Eugênio perde lugar para o ressentimento por ter negado a mãe após Matilde contar-lhe sua história e este momento, que apesar de ser o mais esperado pela/o leitor/a da trama, ainda não resume o fim da peça.

(*Eugênio passeia, procurando serenar-se; Marta aparece à porta e pára receosa*)

EUGÊNIO – (*apercebendo-a*) Minha querida mãe!... (*cai-lhe aos pés*) Perdão! (*beija-lhe as mãos, a chorar*) Perdão!

MARTA – (*alegre e agitada, querendo erguê-lo*) Meu Deus!... Será isto um sonho?...

EUGÊNIO - Hei de torná-la tão feliz!... (*torna a beijar-lhe as mãos. Paulina vem entrando pelo fundo e pára fulminada pelo que vê*)

MARTA – E posso ser mais feliz do que sou neste momento? Ergue-te... deixa-me abraçar-te. (ATO TERCEIRO, CENA XXIV)

Marta, após a reconciliação com o filho, recusa o casamento que lhe foi prometido em sua adolescência, com Visconde de Medeiros, o pai de Eugênio e avô de Olímpia. Apesar de seus feitos e de suas promessas não cumpridas, Visconde ainda era considerado na sociedade como um homem de bem. Casos de homens que saem impunes de seus atos criminosos serão retratados ainda em outros textos teatrais, de outras dramaturgas, como é o caso de *Quem não Perdoa* (1917) de Júlia Lopes de Almeida, no qual o personagem principal comete um feminicídio e é absolvido pela comunidade que fazia parte. Ao contrário da personagem romantizada de José de Alencar que entendia a relação de amor entre mãe e filho como de devoção incondicional, Marta se posiciona da forma que acredita, sabendo da necessidade de tomar decisões que muitas vezes eram tidas como irracionais, como por exemplo, manter-se presente na casa do filho que não a assumia ou aceitar os maus-tratos da nora que acreditava que ela tinha um caso com Eugênio.

BARÃO - (*aperta a mão de Matilde*) V. Exa. já sabe que o Forbes cumpriu a sua promessa? (*surpresa em Matilde*) O Visconde propôs-me o seu casamento com a mãe de Eugênio.[...] (ATO TERCEIRO, CENA XI)

(*O Barão assenta-se, e fica pensativo até a entrada de Marta*)

MARTA – Mandou-me chamar, Sr. Barão? (*o Barão ergue-se*)

BARÃO – O que devo responder à carta do Visconde?

- MARTA – O mesmo que meu filho responderia: Eugênio é órfão.
- BARÃO – Aprecio a nobreza da sua resposta. Mas pondere que com um nome ilustrado por um título, que faria calar qualquer murmuração, oferece o Visconde a Eugênio considerável aumento de capitais.
- MARTA – Vale mais a mediania, a pobreza mesmo, honrada, do que a opulência adquirida por meios reprovados pelas leis e pela moral! A origem da riqueza desse homem, não me é desconhecida.
- BARÃO – Não seria conveniente consultarmos Eugênio, antes de mandar a sua resposta?
- MARTA – Meu filho não há de querer trocar um nome nobilitado pelos seus atos, por outro que só opróbrio lhe trará. [...]
- MATILDE – (*surpresa*) Recusa! (*a Marta*) Pois recusa uma posição para si, e um nome para seu filho?!
- MARTA – Prefiro a obscuridade à ignomínia.
- MATILDE – (*com brandura*) Não haverá algum excesso de orgulho na sua suscetibilidade?
- MARTA – Não, minha senhora; há só o propósito de não querer que meu filho, renegue a probidade do seu presente e do seu futuro, por um passado infamante. [...]
- MATILDE – Julguei fazer alguma coisa pelos meus amigos... fui infeliz na minha ideia. Não conhecia ainda toda a elevação da sua alma!
- MARTA – Perdoe-me, minha boa senhora!...
- MATILDE – O quê?!... O não ter querido reparar a falta da inexperiência, contraindo uma aliança indigna de si?... Não a censuro por isso. A sua recusa não é muito natural, mas é louvável. Eu a respeito. (ATO TERCEIRO, CENA XII)

Maria Angélica usa desta personagem em específico, Matilde, para apresentar outras questões que são importantes para debate. A amiga de Paulina é uma mulher divorciada que sofreu a vivência de um casamento forçado.

- MATILDE – Casei-me por vontade de meu pai; e, para obedecer-lhe, sacrifiquei a ventura de pertencer a um homem, que me teria feito bem feliz!
- PAULINA – Avalio o quanto lhe seria penoso um tal sacrifício!
- MATILDE – (*tristemente*) Meu pai chorou amargamente a minha desgraça; e, ao morrer, pediu-me perdão da violência que fizera aos meus sentimentos. A sua morte, que me deixou só no mundo, foi o prelúdio de todas as minhas infelicidades! (*larga a taça na bandeja*) É muito mau sujeitar-se o coração de uma menina a cálculos pecuniários. O ouro não dá ao coração a ventura íntima de um afeto compreendido e partilhado. (ATO PRIMEIRO, CENA VIII)

Matilde e Paulina dialogam sobre o processo de divórcio vivido e como este afetou a vida da mulher.

- MATILDE – A minha [história], é mais cheia de tristes episódios! Contava apenas dezenove anos, quando a lei dos homens desatou os laços com que as da Igreja me ligara a um esposo brutal e perdulário, que havia transformado o santuário conjugal, em teatro das mais indignas fraquezas!

PAULINA – Quantas contrariedades não sofreria a senhora, durante o período da sua ação de divórcio!

MATILDE – Contrariedades? A senhora não imagina o quanto é ultrajada a mulher que, como no meu caso, procura refugiar-se na proteção que as leis lhe facultam! Sofre, em todo o seu peso, a reprovação dos austeros moralistas da nossa sociedade! [...]

MATILDE – Há muitos caracteres nobres e imparciais; todavia, a justiça que deverá presidir ao julgamento da mulher, não penetrou ainda convenientemente na consciência de tais julgadores. Os homens, isto é, a causa primordial de todos os erros da mulher, são os seus mais implacáveis juízes!

Atualmente, com a evolução de políticas emancipatórias, a pressão social para o casamento e para sua manutenção não tem a mesma influência que tinha no entre século XIX e XX. Divorciar-se não significava somente romper laços com a família, mas quebrar o vínculo com a sociedade, principalmente para mulheres. O direito de agir livremente, de escolher se relacionar com quem quisesse, de tratar de questões dentro e fora de casa, só era garantido aos homens que acabariam por julgar mulheres que fizessem o mesmo.

As políticas públicas de gênero, conquistadas pelos movimentos sociais, e nestes, incluso os movimentos feministas, vêm buscando a garantia de equidade de direitos entre mulheres, homens e pessoas não-binárias, (Re)pensar, (re)visitar, (re)escrever e (re)conhecer a participação de mulheres na escrita dramática é importante para (re)avaliarmos as temáticas debatidas e, também, a relevância desta participação, entendendo a importância da representatividade. A estudiosa Djamila Ribeiro trata da diferença entre representatividade e lugar de fala:

Um dos equívocos mais recorrentes que vemos acontecer é a confusão entre lugar de fala e representatividade. Uma travesti negra pode não se sentir representada por um homem branco cis, mas esse homem branco cis pode teorizar sobre a realidade das pessoas trans e travestis a partir do lugar de fala que ele ocupa. [...] falar a partir de lugares é romper com essa lógica de que somente subalternos falem de suas localizações, fazendo com que aqueles inseridos na norma hegemônica sequer se pensem. Em outras palavras, é preciso, cada vez mais, que homens brancos cis estudem branquitude, cisgeneridade, masculinidade. (RIBEIRO, 2016, p.40)

Repensar a participação efetiva, a representatividade de mulheres no campo dramático precisa ser não somente uma questão para que outras mulheres resolvam, e sim uma reparação conjunta dos estudiosos de Teatro. Atualmente, Maria

Angélica Ribeiro empresta seu nome a um coletivo⁹ de mulheres de Parati, que atuam sob perspectivas da educação e ética feministas. Porém, artigos e pesquisas sobre a dramaturga e sua obra ainda existem em números escassos. Além do estudo de Maria Stela Orsini, Valéria Andrade Souto-Maior também escreveu e analisou sua obra. Elza Vincenzo Cunha, em seu apanhado sobre a dramaturgia feminina brasileira (1992), e Maria Cristina Souza, em sua tese de doutorado, tratam da temática e trazem Maria Angélica como pioneira na dramaturgia feminina.

⁹ Mais informações sobre o coletivo estão disponíveis no sítio: <https://medium.com/@coletivofeministamar>

AMÉLIA RODRIGUES e seu debute no teatro: *Fausta* (1885)

Distante do círculo cultural mantido na capital Rio de Janeiro, Amélia Rodrigues, registrada Amélia Rodrigues do Sacramento, teve sua trajetória no Teatro marcada em sua cidade natal: Santo Amaro, Bahia. *Fausta*, o texto teatral aqui analisado, foi a primeira dramaturgia da autora e, segundo Ivya Alves, a única destinada ao público adulto (1998, p.108). Amélia Rodrigues consolidou sua carreira no campo da educação, voltando-se principalmente para ações que colocavam em pauta a emancipação da mulher e a preservação dos valores da religião cristã, principalmente do Catolicismo. Além de *Fausta*, algumas de suas contribuições para o Teatro são: *A natividade* (1889); *Progresso Feminino* (1924); a comédia infantil *A Madrasta* (1902); e, o drama infantil *Borboleta e Abelha* (1920). Desses textos o único passível de acesso remoto¹⁰ é *Fausta*, organizado, transcrito e publicado pela pesquisadora Ivya Alves no livro *Amélia Rodrigues: Itinerários Percorridos* (1998)¹¹. Neste mesmo livro, Ivya relata a existência de 34 peças teatrais, “entre monólogos, diálogos, comédias e dramas” (1998, p.109).

A participação de mulheres na escrita dramática era considerada exceção às normas, já que a presença masculina na literatura era quase integral. Amélia teve participação efetiva no ciclo literário enquanto estava sob tutela do pai, e, após sua morte, a autora precisou utilizar a sua participação na Igreja Católica como meio de continuar a escrever e ter suas obras publicadas. A dramaturga tem seus trabalhos posteriores focados na difusão dos preceitos da Igreja Católica.

Amélia Rodrigues consegue penetrar esse ambiente religioso, tendo a religião e os conhecidos como fator de prestígio e de proteção. (...) É através dessa negociação [com a Igreja] que sua trajetória literária passa a se desenvolver, tornando-se, definitivamente, uma escritora polígrafa, isto é, que opera com vários gêneros. E com a proteção religiosa, ela vai poder publicar livremente, independente de nome de família ou conhecimento de seus pares intelectuais. (ALVES, 2011, p.74)

Parte de família humilde, Amélia aprendeu línguas estrangeiras lendo clássicos e se destacou nas escolas da região. Começou a se preparar para o magistério dois anos antes de passar em primeiro lugar para o concurso de professora da Educação

¹⁰ Alguns dos textos estão disponíveis na Fundação Instituto Feminino da Bahia e na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, em livros e periódicos católicos.

¹¹ O livro pode ser acessado virtualmente através do repositório da UFBA: <https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/19095>

Pública de Santo Amaro, com 19 anos. Trabalhou nessa função até 1902, quando, segundo a estudiosa Jeane Mota da Silva, assumiu sua aposentadoria como docente mas não o fim de suas ações relacionadas à educação e às causas que defendia: “defesa de idosos e crianças abandonadas, (...) implantação de igrejas e escolas” (SILVEIRA, 2019, p. 32).

Sua principal contribuição para o Teatro, *Fausta*, teve sua encenação no Teatro de Santo Amaro, vinte e um anos depois do sucesso *Cancros Sociais*, de Maria Angélica Ribeiro. A narrativa também trata do “cancro” da sociedade brasileira da época, que tem resquícios e consequências até os dias atuais: a escravidão. Porém, diferente do texto de Maria Angélica, a escravidão não é a temática principal de *Fausta*. Neste texto, a personagem homônima ao título é órfã e foi criada por Lúcio, homem escravizado que receberá sua alforria em meio a um conflito de relações amorosas de Fausta, também protagonista. Fausta é uma mulher que tem alguns pretendentes para o casamento e que demonstra interesses diversos quando se trata de cada um deles. Luigi é o homem que Fausta ama e que acredita ser recíproco, porém ao decorrer da trama entendemos o primeiro grande conflito da história: Luigi é um falsário e será revelado por Lúcio. Amâncio é um homem rico, com propriedades, quinze anos mais velho que Fausta e que mantém por ela grande consideração, acreditando que desta será esposo em um futuro próximo. Por último, tomamos conhecimento da existência de Osmundo, homem que criou simpatia por Fausta e que gostaria de tê-la como esposa por amor. Osmundo é agraciado com o aval e o desejo de Lúcio para ser esposo de Fausta. Este, por ter criado Fausta, se responsabiliza por ela e é quem a aconselha sobre quais seriam as melhores escolhas para seu futuro. Em meio à conturbada vida amorosa de Fausta, esta decide “presentear”¹² Lúcio com a sua carta de alforria, que é para ele uma necessidade urgente não em benefício próprio, mas para conseguir solucionar a trama de Fausta sem ser tomado como marginal.

O drama de Amélia Rodrigues é dividido em quatro atos. O primeiro deles trata da apresentação das personagens, das suas relações e da exposição do conflito de quem seria Luigi Spinelli, o falso médico que é noivo de Fausta. Desde o início do

¹² Podemos notar que este um feito comum presentes nas representações das personagens que se entendiam como antiabolcionistas. O mesmo ocorre em relação à Marta, em *Cancros Sociais*, à Joana, em *Mãe* e ao Pedro, em *O Demônio Familiar*.

texto, Amélia apresenta questões que relacionam as duas personagens principais: Lúcio e Fausta. Logo na 2ª e 4ª cena, ambos dialogam sobre as considerações para o futuro e sobre como Lúcio se sente responsável pela vida, educação e decisões de Fausta.

FAUSTA – Tu és um visionário. Papai devia ter-te mandado estudar para padre, havias de dar um ótimo pregador de moral, um excelente confessor.

LÚCIO (*com animação e tristeza*) – Antes não me tivesse ele metido um livro na mão, antes me tivesse mandado para o engenho, para a senzala, para o canavial, e não me chamasse para o seio de sua família e não me tivesse entregado o seu futuro na hora da morte, minha senhora!

FAUSTA (*rindo*) – Jesus! Estás realmente lúgubre, assustador! Com ares de Jeremias chorando sobre as ruínas de Jerusalém.

LÚCIO – Pode gracejar quando quiser, iaiá Fausta, mas tenha a certeza de que nada neste mundo me fará abandonar o encargo de velar por si! Nada me poderá fazer indiferente ao seu procedimento nem calar os conselhos que devo à sua... à sua...

FAUSTA – À minha... o quê?

LÚCIO (*hesitando*) – Leviandade!

FAUSTA (*batendo o pé*) – Lúcio!!..

LÚCIO - Perdoe, minha senhora, e reconheça que eu não tenho intenção de ofendê-la quando lhe falo com essa franqueza. Minha senhora é criança, não tem pai e não tem experiência. O mundo é um abismo, coberto de flores, ainda mais belas do que essas que tem aí na mão. Se não houver um amigo sincero, desinteressado, que a conduza, que lhe mostre o caminho da virtude... quem sabe o que acontecerá?... Eu, apesar de seu escravo, sou esse amigo... atenda, minha senhora, aos meus conselhos que não há nada de se arrepender. (ATO 1º, CENA 4ª)

O texto de Amélia seria considerado “audaz para o contexto, por retratar um escravo como mentor de uma jovem dona de engenho” (SILVEIRA, 2019, p. 36), isto porque, segundo a pesquisadora Ivya Alves:

Enquanto a elite escravagista açucareira aderiu à tese de que o escravo não podia ser independente, e tinha de ser sempre guiado (pois as teorias mostravam que eles não conseguiam aprender nem ser instruídos), *Fausta* mostrava e tematizava o oposto: coloca um escravo como personagem que guia a jovem dona de engenho e que fora criado e instruído da mesma maneira que o pai da jovem, o qual, ao morrer, deixa o escravo como seu mentor. (2011, p.173)

Em denúncia contra o regime autoritário da época, a dramaturga posiciona Lúcio como conselheiro e conhecedor da razão em diversos momentos da trama, e não somente em relação à Fausta, mas em relação a outras personagens, como com Osmundo, por exemplo:

LÚCIO – O senhor é uma criança, sr. Osmundo, não sabe o valor das palavras que está dizendo...

OSMUNDO – Sei tanto, que resumo nelas a minha vingança. O remorso é o castigo que lhe guardo.

LÚCIO – Deixe de loucuras, reflita melhor; a paixão é má conselheira. Seja senhor de si. Deste modo não poderá falar como convém a minha senhora. (ATO 1º, CENA 13ª)

Os conselhos de Lúcio sobre as decisões de Amélia se mantêm por toda a trama, inclusive após a resolução do primeiro grande conflito, quando o segredo de Luigi Spinelli é revelado. Abaixo, um trecho do momento em que Fausta se questiona sobre a integridade de Luigi:

FAUSTA – É possível, meu Deus! É possível o que acabo de ouvir? Luigi, o meu noivo, o meu escolhido, será um malvado... um criminoso... não... é mentira! É falso!... Podia ele ser tão hábil que enganasse assim miseravelmente os seus amigos, as pessoas que o rodeiam? Não, não, mil vezes não! (...) Mas Lúcio é incapaz de enganar-me... não veio contar-me uma fábula... (ATO 2º, CENA 5ª)

Amélia Rodrigues arquiteta em Lúcio uma personagem com o potencial de contentora da sabedoria resultante da educação, pauta muito defendida pela dramaturga. Lúcio seria o *raisonneur*, isto é, o personagem que carrega em seu discurso e ações, os posicionamentos críticos e os pontos de vista da autora. Lúcio recebeu a mesma educação que o pai de Fausta e tornou-se mentor da menina quando do falecimento deste. Luigi foi um homem livre desde a infância que não teve a oportunidade de estudar. Apresentando duas personagens, em contextos extremamente diferentes, Amélia pontua a importância da educação para todas as pessoas, independente de classes sociais ou de diferenciações socioeconômicas. Em parte do solilóquio de Luigi, é perceptível a importância que a autora dá à educação:

LUIGI – (...) Órfão desde a infância, criado na lama das ruas, faminto, nu, desprezado, ignorante, que podia ter eu feito em meu favor? Nada!... Inexperiente da via, inconsciente do bem e do mal, eu vagava, vagava, pelas estradas, pelas praças, pelas vielas, esmolando um pão... que muitas vezes me era negado. Ninguém me viu, ninguém me chamou, ninguém me acolheu. Passavam por mim faminto, enregelado de frio, como se passa por um cão leproso, atirando-lhe um pontapé. Quando vi que ninguém se compadecia de mim, não me compadeci de ninguém; em vez de pedir, furtei, em vez de trabalhar, dediquei-me a indústrias proibidas. Ainda assim, não achei nunca uma mão que me detivesse no declínio da desonra e me apontasse o caminho do dever. Nunca achei uma voz que me dissesse: “Homem criança, vais errado; teu caminho é aquele, o teu destino é outro.

Estais à borda de um abismo, fuge dele!” Estas palavras seriam talvez a minha salvação.” (ATO 2º, CENA 6ª)

É a Lúcio que cabe, também, a denúncia da escravidão, expressando em suas falas a consciência das consequências desse regime para suas vítimas:

LÚCIO – Meu senhor, quem vive na opulência, no prazer, na liberdade enfim, não avalia o que é, o que pode ser a vida de um escravo. O escravo é um desgraçado que nasceu no país e não tem pátria, numa casa e não tem morada, num lar e não tem família! Possui coração e cabeça, corpo e alma, razão e sentimento, mas não tem direito de pensar nem de amar, não tem direito de ser um homem. Menos que um animal, é uma coisa; menos que uma coisa é uma nulidade. Vítima que não pode queixar-se nem quebrar os grilhões, porque, embora os quebre, fica-lhe na frente o rastro fatal de sua ignomínia maldita! Ah, meu senhor. É o despeito concentrado por muitos anos que se fundiu nessas palavras aflitas; é a amargura destilada de minh’alma que se extravasa de meus lábios em gotas de fel. A algema do cativo não é mais pesada para a unidade da nação do que para cada parte dela! A liberdade de um povo protesta contra a escravidão de um indivíduo e entretanto, o meu país libertou-se, deixando-nos escravos. Oh! Foi uma ironia cruel, um sofisma pungente que atirou à face do mundo civilizado. (ATO 2º, CENA 8ª)

Apesar de ter crescido com o pai de Fausta, e da mesma educação e criação ter tido parte, Lúcio sabe que a sociedade o entende como escravo daquela família. Para mostrar a Lúcio que não o vê e nunca o viu como escravo, Fausta solicita à mãe a carta de alforria e, respondendo ao pedido de Lúcio, a entrega. Ainda na fala de Lúcio, é possível perceber o descontentamento em torno da “glorificação” que era feita quando os capitalistas, aqueles que se entendiam *contra a escravidão*¹³, decidiam alforriar algumas das pessoas injustamente escravizadas.

LÚCIO – Ah! Então não trouxeste a carta?

FAUSTA – Não.

LÚCIO (*com desgosto*) – Meu Deus!...

FAUSTA – Amanhã te daremos, depois do casamento, à vista dos convidado, com todas as solenidades do estilo; mamãe faz um discurso (*comicamente*) dizendo: meus senhores, este Lúcio, a quem neste momento faço um cidadão livre e independente, não era um escravo, era um amigo, um irmão prestimoso, dedicado até o sacrifício, fiel até o heroísmo... etc e tal. Oh! Fica bonito, e no outro dia sai nas gazetas assim: “A Exa. Sra. D. Maria Ribeiro, em regozijo pelo casamento de sua filha Fausta Ribeiro com o Dr. Luigi Spinelli, concedeu carta de liberdade ao seu escravo Lúcio...” Essas histórias que eles sabem lá arranjar. (*bate palmas*) Ih! Coisa bonita!... Não é, Lúcio? Não é melhor assim?

¹³ É importante pensar e entender como os processos de alforria se davam e como eram recebidos pela sociedade. Sobre os processos que ocorreram na Bahia, vide *A Alforria Nos Termos E Limites Da Lei: O Fundo De Emancipação Na Bahia (1871-1888)*, de José Pereira de Santana Neto.

LÚCIO – Querem então das em espetáculo minha alforria e representar comigo uma comédia de vaidade, não? Pois eu julgava, minha senhora, que tinha direito a mais generosidade.

(...)

FAUSTA (*tirando um papel do bolso*) – Estava gracejando contigo, Lúcio. A gratidão que te devemos é tão santa e tão grande que não carece de manifestações ruidosas nem de testemunho da publicidade. Toma a tua carta já que é necessário um papel assinado para provares que és livre. Está feita há muitos anos, e se ainda estava em nossa mão é porque sempre a tens recusado. (ATO 2º, CENA 4ª)

Em sua dissertação de mestrado, José Pereira de Santana Neto (2012) discorre sobre como acontecia o processo de alforria na Bahia do século XIX. As cerimônias de entrega das cartas, após longo processo de liberação jurídica, eram divulgadas para a sociedade (quase como um grande espetáculo), criando uma sensação de dívida das pessoas recém libertas para com seus antigos senhores:

As audiências eram maciçamente divulgadas nas localidades por meio de editais afixados nas portas das igrejas matrizes e nas gazetas. Senhores, libertandos, autoridades públicas e comunidade em geral eram convidados para assistir. O Estado imperial delegava aos senhores a responsabilidade de entregarem as cartas aos seus escravos dando a entender que o governo desejava com aquele gesto que as relações entre libertos e ex-senhores não se rompessem. (NETO, 2021, p. 13)

É possível notar esse vínculo inquebrável, quando Lúcio justifica sua recusa à carta:

LÚCIO – E ainda a recusaria hoje, minha senhora, se uma circunstância do maior alcance não me obrigasse a aceitá-la. Creia, não é a importância do material dessa liberdade que eu desejo, nem que agradeço, e sinto um júbilo imenso por ver que minha senhora o compreendeu. (*curva um joelho*) Eu era um escravo livre... agora sou um liberto escravo. Deixe-me beijar-lhe a mão, minha senhora, por esse novo cativo que me dá! (*beija-lhe a mão*) (ATO 2º, CENA 4ª)

E quando, como se tivesse por Fausta alguma dívida pela sua liberdade, ao fim do quarto ato, rasga a carta:

D. OLÍMPIA (*apontando o grupo a Lúcio*) – A nossa missão está terminada... tu, és livre, eu... já posso morrer!

LÚCIO (*tirando um papel*) – Livre? Não!... Eu pedi esta carta por um momento apenas... Consegui o que desejava... Agora é-me de todo ponto inútil... (*rasga a carta*)

FAUSTA – Lúcio, o que fizeste?

LÚCIO – Procurei mostrar que os meus senhores iluminando-me a inteligência ajardinaram-me o coração... e o meu coração não foi terreno duro... brotou flores de afeto que eu lhes deponho aos pés... (*curva o joelho*) Oh, deixe-me sempre ser seu escravo!...

FAUSTA (*tomando as mãos de Lúcio*) – Serás nosso amigo... nosso amigo sempre, na dor ou na alegria, como o tens sido até aqui, mas sê-lo-ás livre, livre como nós, porque a tua carta de liberdade, Lúcio, não estava escrita neste papel que rasgaste; esta gravada em caracteres indeléveis, imorredouros, no fundo de nossos corações. (ATO 4º, CENA 11ª)

Amélia Rodrigues apresenta nas ações e diálogos de suas personagens, temáticas que para ela eram relevantes: a educação, a manutenção da família, a aversão às drogas e a emancipação da mulher pelo trabalho. Para potencializar a importância da educação, é sempre Lúcio, o homem escravizado que teve parte em uma criação letrada, quem acentua as lições da moralidade desejada. No trecho abaixo, Lúcio está a argumentar com Osmundo sobre o consumo demasiado do álcool e, além disso, acrescenta, logo em seguida, a importância da manutenção da família, ao falar sobre a mãe de Osmundo:

OSMUNDO – (...) Quando os vapores da embriaguez se dissipam, sinto-me um velho, alquebrado pela fadiga. Sou como um homem que atirou-se ao mar para morrer, e que, vendo de perto a morte, arrepende-se, quer alcançar a praia, vai nadar, mas sente que lhe faltam as forças e deixa-se levar pelas ondas. Creio até que houve um grave desarranjo em minhas funções mentais... a inteligência naufragou-me com a razão num horroroso escolho... Não sei o que faça, nem sei o que pense... Busco fugir desse estado doloroso, desse marasmo cruel e volto à taberna... (encosta a fronte no braço)

LÚCIO – Essa fraqueza que sente o seu espírito resulta da fadiga que sente pelos excessos a que se entrega. Faça um esforço, deixe o vinho, e verá como vai renascendo para a vida.

OSMUNDO (levantando a cabeça) – Não posso, Lúcio, porque me é também impossível sufocar de toda a lembrança do passado; e cada vez que me lembro daquela noite fatal, daquela cena humilhante, sinto o coração crescer-me no peito, como se quisesse transbordar de raiva, e nos lábios o gosto de sangue. Então pego no fatal copo... para resistir ao desejo de vingança que me ruge n' alma. E sou o que vês... um ébrio, um estróina, um farropilha, um jogador, mas não um bandido! Mas não um falsário!... Ainda tenho a alma grande, os sentimentos nobres!...

LÚCIO – Pode então regenerar-se.

OSMUNDO – Já é muito tarde.

LÚCIO – nunca é tarde para a regeneração. Além disso, dois ou três meses de loucura não devem determinar desgraça de uma existência inteira.

OSMUNDO – Eu já não tenho ambições... nada me prende no mundo...

LÚCIO – Nada? Nada? Nem sua mãe, nem sua pobre mãe que vive agonizando depois que o senhor abandonou-a?...

OSMUNDO – Minha mãe... Minha mãe... Ah!... Decerto me odeia, decerto já me amaldiçoou....

LÚCIO – Sua mãe é uma santa! É uma mártir sublime que fez do seu amor uma religião. Ah, meu senhor e vosmicê tem ânimo de sacrificá-la?

OSMUNDO – Vibraste-me, a nota mais triste do coração... Ah, minha mãe!...
(dá alguns passos muito comovido, levando a mão aos olhos) (ATO
3º, CENA 7ª)

Apesar de inserida em um contexto de limites impostos pela sociedade da época, que coibia qualquer participação efetiva da mulher no cenário social, inclusive do direito à educação, Amélia Rodrigues se apresenta, através de seus escritos, como uma verdadeira revolucionária. Porém, foi considerada, em certa medida, ambígua pela estudiosa Ivya Alves (2011), pois também defendia alguns posicionamentos conservadores relacionados ao contexto social, histórico e cultural em que vivia, principalmente os ligados à religião católica (ALVES, 2011). Fausta é inicialmente apresentada como uma personagem frívola, e desinteressada em assuntos e opiniões que se contrapusessem a seus desejos:

FAUSTA – E tu tomaste logo o pedido ao pé da letra e queres exercer sobre mim uma autoridade sem limites! Não estou em casa para isto, e uma vez por todas te declaro, que não posso contrafazer-me nem afetar uma seriedade que não está no meu caráter. Tenho, talvez, muitos defeitos, porém não sou hipócrita. Rio, brinco, danço, canto e não sei onde está o mal disso. Todas as moças gostam de fazer a mesma coisa, a diferença é que umas abaixam os olhos, ficam mudas, dengosas, fingindo uma frieza que não sentem, outras levantam a fronte radiante de sorrisos e encaram de frente a sociedade. (ATO 1º, CENA 4ª)

Esse posicionamento expresso na fala de Fausta vai se transformando ao longo da peça, espelhando na personagem os posicionamentos políticos com os quais Amélia Rodrigues corroborava enquanto mulher na sociedade, fazendo valer a busca pelo direito da mulher ao trabalho fora de casa, à sua autonomia, ao trabalho no ciclo literário e à sua valorização.

FAUSTA – Fala, Lúcio, tu tens mais de um título à minha atenção; não és meu escravo, és um único amigo que me resta. Dizias então que...

LÚCIO – Que a vaidade e o orgulho, minha senhora, são as causas principais de sua infelicidade.

FAUSTA – Pois tu queres que eu não tenho orgulho? Eu, que nasci na opulência e que vivo numa sociedade onde se despreza a humildade, onde se desdenha a pobreza?...

LÚCIO – O orgulho mal entendido é o pior dos defeitos, minha senhora, é o defeito dos insensatos.

FAUSTA – Mas prova-me, se podes, a relação que existe entre isso e a minha infelicidade.

LÚCIO – Muita, minha senhora. Foi a vaidade que a fez aparentar uma riqueza que não tinha para frequentar as festas, chamar a atenção e achar um noivo de elevada posição; foi a vaidade que a fez tornar-se leviana e alimentar esperanças em indivíduos a quem não tencionava unir-se, e

que a ajudavam a sustentar o seu luxo demasiado. Queria minha senhora por ventura ser esposa de Amâncio Rosas, um velho ridículo, libertino, jogador, que passa as noites na taberna gastando os últimos dias da vida que devia empregar melhor? Foi a validade ainda que a fez desprezar os afetos sinceros e desinteressados de um moço pobre mas honradíssimo que a amava até o delírio! É o orgulho que a faz encarar agora com desânimo, com desespero até, a nova fase de sua vida. Se minha senhora não o tivesse em tão alto grau a queda de que falou não a humilharia tanto; esqueceria facilmente o brilho fosfórico que a rodeava e não se deixaria aterrorizar pela ideia da pobreza.

FAUSTA – Oh, Lúcio!... Que palavras duras!...

LÚCIO – São duras, mas são verdadeiras. Para os grandes males grandes remédios. Diante da necessidade de sua regeneração eu não hesito em empregá-las. Aconselhei-a muitas vezes; minha senhora nunca quis me ouvir... (ATO 3º, CENA 1ª)

Os posicionamentos da autora são entendidos como ambíguos para Ivya Alves, principalmente quando se tratava do assunto da emancipação feminina, já que ao mesmo tempo que acreditava ser necessário participar da vida ativa na sociedade através da educação e do trabalho, quem a manteve no campo da escrita editorial após a morte de seu pai, foi a Igreja Católica, o que a fazia manter seus escritos voltados à religião e aos seus princípios.

Sua trajetória me parece ambígua, pois se desde os primeiros momentos apresenta-se como uma escritora libertária, lutando contra a condição do escravo, da pobreza, da marginalidade, dos meninos de rua, depois de sua aproximação com a Igreja (única forma de sobreviver escrevendo), volta-se para os anseios da religião católica. (ALVES, 2011, p.78)

Ao apresentar o enredo da peça *Progresso Feminino*, Alves comenta a tentativa de Rodrigues em exemplificar um mundo invertido, com posições trocadas entre homens e mulheres, e em como essa transformação não seria benéfica para a sociedade. O esforço da dramaturga resultou, segundo a pesquisadora, em uma peça escrita com “preconceito e obediência às normas sociais” (ALVES, 1998, p.111). Sobre a emancipação feminina, o trabalho de Josefina Álvares de Azevedo, próxima dramaturga a ser comentada, teve ampla relevância.

Em relação ao estudo das obras e da pessoa de Amélia Rodrigues é possível destacar o livro *Amélia Rodrigues – Itinerários Percorridos*, de Ivya Alves e a dissertação de mestrado de Jeane Silveira, focando principalmente na questão da presença de textos de Amélia Rodrigues na educação pública do município de Santo Amaro. Outro artigo sobre a escrita da autora é de autoria da historiadora Márcia

Leite, *Produção Intelectual e Escrita Feminina na Bahia (XIX-XX)*. Alguns estudos sobre as revistas fundadas por Amélia, *A Paladina* e *A Voz*, também podem se tornar referências, como por exemplo, a dissertação de Michele Barros, *A Paladina do Lar entre o Texto e o Contexto: uma análise das publicações da primeira revista feminina da Bahia*. Pontuo estes textos pois foram os poucos encontrados sobre a produção dramaturgica de Amélia Rodrigues.

JOSEFINA ÁLVARES DE AZEVEDO e sua comédia única: O Voto Feminino (1887)

DOUTOR – Se a mulher tem aptidão para adquirir títulos científicos, porque não há de ter para os cargos públicos?

INÊS – Apoiado; e aqui está Esmeralda para prova.

DOUTOR – Se pode exercer cargos públicos, porque não há de poder desempenhar o mandato?

ANASTÁCIO – Mas nesse caso, teremos também de ser governados por elas.

RAFAEL – Virão ocupar nossos lugares.

DOUTOR – Quando provarem competência para eles, porque não?

ANASTÁCIO – Seria horroroso! Isso não! A destituição do homem, o predomínio nefasto da fragilidade feminina! Figas!

ESMERALDA – Seria a mais bela das conquistas humanas, porque nós não somos senão iguais aos homens, apenas tendo diferenças sexuais e virtudes para melhor.

ANASTÁCIO – Cala-te! Cala-te! E o que farão os homens?

INÊS – O que puderem e souberem fazer.

(...)

ANASTÁCIO – Nunca! Ora figas! (...) Pois fiquem certas de não hão de levar o melhor. (sai) (CENA 14ª)

E, de fato, não foi na Constituição de 1891 que os direitos de igualdade e acesso ao voto foram considerados legais para mulheres: a emancipação feminina através do voto se deu apenas em 1932. Apesar das tentativas de inserção no campo eleitoral já acontecerem desde 1885, quando Isabel de Sousa Matos (séc. XIX) requereu votar em São José do Norte/RS, de acordo com a Lei Saraiva (1881), que previa a garantia de votos àqueles portadores de títulos científicos (SOUTO-MAIOR, 2004, p. 66), o voto feminino só foi conquistado quarenta e dois anos após a comédia homônima.

Ainda seria preciso muita disposição, vontade e luta política para que esse acesso fosse garantido. Mulheres conhecidas, como Josefina Álvares de Azevedo, utilizavam dos meios disponíveis para dispor suas opiniões e anseios em relação aos ideais de emancipação e igualdade entre os gêneros.

[Mulheres] se pronunciaram por meio de seus muitos escritos, que faziam circular pela imprensa, buscando formar uma opinião pública a favor do seu ideário de emancipação feminina, tal como faziam, na época, quaisquer grupos com pretensão de se apresentar à sociedade com novas idéias. (SOUTO-MAIOR, 2004, p. 65).

Em sua grande maioria, essas mulheres (escritoras, jornalistas e educadoras) se posicionavam a favor da emancipação feminina, através da educação, que ainda era precária às mulheres, principalmente às mulheres negras e pobres.

Josefina Álvares de Azevedo foi fundadora do jornal *A Família* (1888), contando com redação composta exclusivamente por mulheres, ação que resultava, inclusive, na comprovação de que mulheres poderiam trabalhar para além das tarefas do lar. Amélia Rodrigues, também foi fundadora de uma revista organizada somente por mulheres: *A Paladina*, em 1910. A diferença do jornal de Josefina Álvares para a revista de Amélia Rodrigues é que *A Paladina* tinha teor religioso evidente. Foi em duas edições do jornal *A Família* que Azevedo reiterou sua posição favorável ao sufrágio¹⁴ feminino, publicando sua comédia *O Voto Feminino*, após sua encenação única, no Teatro Recreio Dramático em 1890. Josefina Azevedo usava a influência de seu periódico para publicar suas obras em defesa dos direitos das mulheres.

A comédia trata do panorama vivido nas últimas décadas do século XIX, no qual muitas mulheres já se mobilizavam pelo direito à educação, questão pautada principalmente na vida de mulheres da emergente burguesia brasileira. A autora traz no contexto familiar da jovem Esmeralda o debate sobre a consulta do sufrágio feminino, até então em análise pelo ministro.

Logo no início da peça, Azevedo nos apresenta Anastácio, pai de Esmeralda, homem de fortuna, ex-conselheiro de Estado e ex-ministro, que fez sua carreira às custas do trabalho exercido por sua mulher, Inês, e por sua filha, que escreviam seus despachos e que não os podiam assinar. Tal inquietação nos faz avaliar o silenciamento vivido por muitas das mulheres desta época: quantas não foram invisibilizadas por não serem aceitas como seres críticos e de criatividade para a escrita e a leitura? Quantos textos hoje podemos acessar e ter certeza de que foram escritos sob pseudônimos a fim de que fossem publicados em editoras e periódicos que somente aceitavam autores homens? Quantos ainda acreditamos terem sido escritos por homens e, na verdade, foram produzidos por mulheres do nosso passado?

ANASTÁCIO – Senhora D. Inês, lembre-se de que eu sou um ex-conselheiro de Estado do ex-Império e já fui ministro!

¹⁴ O sufrágio é a escolha, por voto, de alguém para ocupar um cargo ou desempenhar uma função. O Movimento Sufragista ocorreu quando mulheres – em geral, da classe burguesa – reivindicaram direitos femininos à educação, ao trabalho em suas áreas de formação, ao divórcio e à participação na política.

INÊS – Lembro-me, sim; e por sinal que não era o senhor quem escrevia os despachos; mas sim eu e minha filha, que nem sequer tínhamos o direito de assiná-los.

ANASTÁCIO – Figas! Figas! A senhora não sabe que é mulher?

INÊS – E o senhor não sabe que uma mulher não é inferior ao homem?

ANASTÁCIO – É, é, e será sempre. Para mim nem há dúvida.

ESMERALDA – Isto é conforme, papá.

RAFAEL – Sim, é conforme.

ANASTÁCIO – Qual conforme! É e é!

INÊS – Não é, não é e não é. Que desaforo! A mulher inferior ao homem! Então foi para ser inferior a um carroceiro que o senhor mandou educar sua filha?

ANASTÁCIO – Foi para ser uma belíssima mãe de família. Ora figas!

RAFAEL (*entusiasmando-se*) – Apoiado. (CENA 7ª)

Esse mesmo homem é, como Valéria Souto-Maior adjectiva, “o mais medíocre dos homens – preconceituoso, autoritário, retrógado, inescrupuloso e intelectualmente estúpido” (2004, p. 70), o ser com menor valor de argumentação possível contra a libertação do sexo feminino. Homem mesquinho que não aceita a possibilidade de se ver governado por mulheres, assume papel de agitador e organizador do grupo de homens daquela família que virão, ao fim da comédia, protestar e questionar (de forma completamente vazia) o direito que estas anseiam ao voto.

ANASTÁCIO – Está claro! Votam as mulheres, as mulheres são votadas! Para elas os empregos, as honras, as posições, e tudo, tudo! Que há de fazer o homem? Ficar em casa pregando colchetes nas saias?

RAFAEL – Isso nunca!

ANTONIO (*aparte*) – Os homens estão danados!

ANASTÁCIO – É preciso conspirar!

RAFAEL – Mas como? De que modo?

ANTONIO (*aparte*) – Sim, eu também sou interessado na questão!

ANASTÁCIO – De que modo? Ir contra as mulheres! Impedir que isso se dê.

RAFAEL – Ir contra as mulheres?! Mas vê que isso é difícil!

ANTONIO (*aparte*) – Eu cá por mim, já estou resolvido a lavar as saias da Joaquina.

ANASTÁCIO – Qual difícil! Vou fazer um meeting! Estamos já aqui dois homens (*reparando em Antonio*), com este que apesar de ser o criado do Dr. Florêncio, há de acompanhar-nos, três; (*agarra-o pelo braço*) o compadre Izidro, quatro...

RAFAEL – O Silva cinco.

ANASTÁCIO – Qual Silva! Qual nada! Aquilo é um banana! Um pancada! É capaz de tomar as saias da mulher e ir para o lado delas. Queremos homens que não se entreguem a essas lambisgóias. (*segurando Antonio, que ainda o conserva seguro*) Você é homem?

ANTONIO – Pelo menos pareço.

RAFAEL – Nesse caso, é uma guerra de morte?

ANASTÁCIO – De morte? Não, de honra!

ANTONIO – Ui! Não me aperte o braço!

ANASTÁCIO – Fora com o voto às mulheres! (CENA 11ª)

Aqui é possível associar essa figura aos que estão/estiveram no poder ao longo da História. Homens, brancos, patrões, capitalistas, tendem a afirmar àquelas/es que não fazem parte desse grupo específico, que sua participação não é importante/necessária/relevante/bem-vinda. Pude perceber essa relação de dominação quando, por exemplo, finalizei a monografia¹⁵ da licenciatura em Artes Cênicas, onde assumo a “Ecologia de Saberes” (SANTOS, 2009) como possibilidade no ensino de Arte. Boaventura de Sousa Santos assume que tratando-se de conhecimento, “o pensamento moderno é constituído num sistema de distinções visíveis e invisíveis” (SANTOS, 2009, p. 23), sendo que o invisível não simplesmente é invisível, mas se tornou invisível pela ação de negação, de exclusão daqueles que são entendidos como dominantes.

Esta dominação acontece pois os saberes tendem a ser diferenciados entre central e marginal. O autor exemplifica essa distinção de saberes através da ideia de uma linha abissal, onde em um lado estaria concentrado o saber hegemônico e do outro lado os saberes que serão/são excluídos, desconsiderados, tidos como inexistentes. Exemplificando, o pensamento e conhecimento hegemônico pode ser todo aquele que se entenda como primordial e predominante. No caso da estrutura patriarcal, seria hegemônico o saber masculino, na estrutura racial, hegemônico seria o saber da pessoa branca. E é possível perceber até hoje essa dominação presente na estrutura da sociedade brasileira.

As distinções invisíveis são estabelecidas através de linhas radicais que dividem a realidade social em dois universos distintos: o universo ‘deste lado da linha’ e o universo ‘do outro lado da linha’. A divisão é tal que ‘o outro lado da linha’ desaparece enquanto realidade, torna-se inexistente, e é mesmo produzido como inexistente. (SANTOS, 2009, p. 23)

O racismo, a LGBTQIfobia, o machismo, a xenofobia, entre outras formas de discriminação, são resultantes de estruturas dessas dominações que merecem atenção a fim de serem questionadas para então serem superadas. No trecho abaixo, Josefina exemplifica como essa relação de dominação pode ser presente, inclusive ainda quando sem argumentação para tal:

¹⁵ Monografia intitulada *Entrelaçando-n(ó)s: A Performance e a Ecologia de Saberes como Possibilidades no Ensino de Arte*, defendida em julho de 2019 na Universidade de Brasília.

ANASTÁCIO – Ah! Também pensas como tua mãe! Aqui está o que são as mulheres de hoje! O que todas vocês querem é ficar livres... para não prestarem mais obediência a ninguém. Mas tal não há de acontecer. Figas!

ESMERALDA – Mas meu pai...

ANASTÁCIO (*colérico*) – Qual teu pai, qual nada!

ESMERALDA – Acalme-se!

ANASTÁCIO – Isto não tem cabimento.

INÊS – Ah! Querem a eterna humilhação!

ANASTÁCIO (*passeando, agitado*) – Figas! Figas!

INÊS – Havemos de ser iguais; se a mulher está habilitada para ser mãe, essa missão sublime e grandiosa, porque o não há de estar para exercer o direito de voto?

ANASTÁCIO – Que querem que façam os homens? Que cedam o lugar às mulheres? Que vão para a cozinha? Que vão dar ponto nas meias?... Que vão... amamentar crianças?

ESMERALDA – Ninguém diz isso. Ninguém quer tirar o lugar aos homens, sem por isso continuarmos nós na humilhante condição em que temos jazido até hoje.

ANASTÁCIO – É o mesmo estribilho. Esta gente está idiota.

INÊS – O Senhor é que parece que perdeu a razão.

ANASTÁCIO (*dirigindo-se a Rafael*) – Meu genro, estamos perdidos, a revolução das saias entrou-nos porta dentro: é preciso reagir. A mulher votante! Com direito aos cargos públicos! Que desgraça! Que calamidade!

INÊS – Calamidade é a de termos homens como o senhor que procuram aniquilar os nossos direitos em proveito da sua vaidade.

ANASTÁCIO (*para Rafael*) – O que diz a isso?

RAFAEL (*atrapalhado, olhando para Esmeralda*) – Eu... eu não digo nada.

ANASTÁCIO – Se o senhor tem aprovado a atitude delas.

ESMERALDA – Porque é justo meu pai.

ANASTÁCIO – Até a senhora! Está desejosa por votar e ser votada, ir ao parlamento, sobraçar uma pasta, andar de coupé e ordenanças! São assim todas as mulheres. Ah! Mas eu hei de ensiná-las! Agora é comigo. Senhor meu genro, venha daí. É preciso ser homem, ouviu? Ser homem! (*empurrando-o na frente*) Ande, mexa-se. Até já, D. Inês. (*saem os dois*). (CENA 7ª)

A estrutura familiar tradicional burguesa (“família, moral e propriedade”) era muito valorizada no fim do século XIX e até hoje é em muitos nichos sociais. Agora vivendo em outra cidade, completamente diferente da vivência em Brasília, compreendo que esta realidade não está distante no tempo. Há pouco mais de dois meses, em março de 2021, assumi um cargo na Secretaria de Educação de Jaraguá do Sul, em Santa Catarina, como Professora de Artes em contrato temporário. Pude perceber as diferenças de viver em Brasília e de como a realidade em outros lugares do Brasil a necessidade das lutas progressistas é ainda maior. Torna-se perceptível que, apesar dos textos datarem de mais de um século, ainda é preciso atentar-se aos

papéis predeterminados para a mulher pelas estruturas que a sociedade brasileira ainda vive.

O próprio nome do jornal de Azevedo demonstra a importância da instituição “família”. Esta é a mesma instituição que é colocada à prova pela autora em seu texto teatral, não para sua destruição, mas para o aval daquela que seria a figura de poder no lar: a mulher. No trecho abaixo, por exemplo, Joaquina expõe a seu noivo, Antônio, a importância de que ele a defenda e a apoie em seus desejos de emancipação, caso contrário, se negaria a casar:

JOAQUINA – Sim senhor! Agora somos nós que vamos para os empregos.
 ANTONIO – Oh! Joaquina! Ou tu estás doida, ou estás brincando!
 JOAQUINA – É sério! Eu já pedi a patroa o meu emprego. É aquele em que a gente anda sentada num carrinho com os soldados a cavalo atrás...
 ANTÔNIO – E eu que fico fazendo?
 JOAQUINA – Tu não precisas trabalhar, não, ficas em casa.
 ANTÔNIO – Para lavar as tuas saias e esfregar a tua roupa? Eu nunca tive jeito para esfregações...
 JOAQUINA – Como é bom!
 ANTÔNIO – O quê? As esfregações? Nada, eu não sou homem para essas coisas. Não quero...
 JOAQUINA – Ah! Se não quiseres assim...
 ANTÔNIO – Que descaramento!
 JOAQUINA – Qual nada! A mulher já está na ponta!
 ANTÔNIO – Sim... sim... na ponta da cozinha ou, quando muito, na do quintal!
 JOAQUINA – Olha, eu gosto muito de ti; mas lá por isso não é que eu hei de deixar o meu emprego. Se quiseres casar comigo é assim; se não é *chucar* o dedo. (*sai*) (CENA 10ª)

A versão acessada da comédia *O Voto Feminino* foi transcrita no artigo da já citada estudiosa da dramaturgia de autoria feminina do fim do século XIX e início do XX, Valéria Souto-Maior (2004). A pesquisadora tem vasta produção de artigos, escritos, além de sua dissertação de mestrado e tese de doutorado em dramaturgia escrita por mulheres, sendo, por essa razão, uma das referências mais presentes neste trabalho de conclusão de curso. A dramaturgia de Josefina Álvares de Azevedo, além de alvo do trabalho de Souto-Maior, é assunto de artigo publicado pela historiadora Mônica Karawejczyk (2018), sendo a temática do sufrágio seu foco. Alguns artigos contextualizam a temática na comédia da autora, como pesquisas das estudiosas Isabela Candeloro Campoi (2015) e Laila Thaís Correa e Silva (2018). Josefina também é conhecida pelo seu trabalho na imprensa e sua influência na busca pela

equidade de gênero no fim do século XIX, então, existem outros estudos que tratam da autora, mas não necessariamente do seu legado enquanto dramaturga.

(RE)CONHECENDO DRAMATURG(I)AS

Às vezes me pergunto os motivos dos jogos de palavras e da utilização de caracteres especiais no momento de apresentar algo. Compreendo e explico: utilizo do prefixo, re, em minhas colocações para apresentar a ideia de reconhecer o que pode já ser conhecido, com o objetivo de revisitar o que pode um dia já ter sido visitado. Os parênteses na segunda palavra traduzem a potencialidade de entender tanto dramaturgas quanto suas dramaturgias como parte da História do Teatro Nacional. Assim, o título, (Re)Conhecendo Dramaturg(i)as, traduz o sentimento de uma tentativa outra de aproximação com as dramaturgas e as dramaturgias pouco ou nada conhecidas, para o seu reconhecimento através do conhecer. Conhecer sendo parte do simples: ter acesso, ler para então poder escolher o que se quer ou não debater, o que se quer ou não encenar, produzir.

Comecei esse trabalho compartilhando o sentimento de ausência da representatividade ao falar sobre mulheres na dramaturgia no início do Teatro Brasileiro. É desse conhecer a que me refiro. Se não temos acesso ao texto que um dia foi parte do espaço/tempo/acontecimento teatral referido, e que muitas vezes é o único registro do fenômeno teatral, é muito provável que não seja possível conhecer e reconhecer essa dramaturgia como parte da nossa História. O Teatro é uma Arte convivial, precisa do encontro, do mesmo espaço/tempo. Como, então, estudá-lo sem ter estado presente? Peço licença para uma última citação: “Se estudar o teatro é estudar o acontecimento teatral, é indispensável encontrar as ferramentas para estudar o acontecimento ou ao menos problematizar as dificuldades e possibilidades de acesso.” (DUBATTI, 2016, p. 41). Como estudar o acontecimento teatral ocorrido no fim do século XIX, senão por acesso a textos dramaturgicos e a críticas daqueles que dele puderam participar? Por isso, então, entendo a importância dessa pesquisa: é preciso encontrar as ferramentas para esse estudo, encontrar formas de apresentar essa dramaturgia. Por essas razões, busquei aqui, além de analisar obras dramaturgicas, também apresentar nomes, trechos e disponibilizar os textos analisados na íntegra como anexo para que outras pessoas possam, a partir de sua leitura, fazer suas próprias interpretações..

Percebo que essa lacuna ainda existe, mas que aos poucos vem sendo (re)visitada, preenchida, apresentada e (re)conhecida. Quando organizei os tópicos

para essa monografia, decidi que buscaria quantificar a presença de estudos sobre as dramaturgas aqui apresentadas e, percebi que, apesar de contar com número ainda relativamente baixo, as pesquisas vêm aumentando em quantidade e qualidade, principalmente por pesquisadoras que perceberam essa ausência, como é o caso das pesquisas de Ivya Alves (1998, 2011), Laura Castro de Araújo (2009), Maria Stela Orsini (1988), Marise Rodrigues (2008) Michele Fanini (2016), Valéria Souto-Maior (1995, 2021). O interesse por revisitar o passado e encontrar peças que se encaixem nas lacunas do espaço-tempo teatral brasileiro vem crescendo no meio artístico.

Maria Angélica Ribeiro, Amélia Rodrigues e Josefina Álvares de Azevedo são apenas três das muitas dramaturgas que fizeram parte do desenvolvimento do Teatro Nacional e não tiveram o seu trabalho devidamente reconhecido e que hoje, podem ser (re)visitadas e (re)conhecidas através dos esforços de pesquisadoras e pesquisadores que assumem a importância de contar essa História com outros olhares. Em últimas conferências para finalização deste trabalho, por exemplo, encontrei divulgado pelo Senado Federal o texto *Cancros Sociais*, organizado por Valéria Souto-Maior pela *Coleção Escritoras do Brasil*. Pesquisas que divulguem o trabalho de autoras uma vez invisibilizadas mostram-se de suma importância para criar o espaço de representatividade àquelas que um dia foram negadas.

Em suma, entendo e assumo aqui a importância de revisitar obras importantes de um momento da História do Teatro Nacional, o final do século XIX, e reconhecer aquelas que dela fizeram parte, sempre buscando por reconhecemo-nos nesses espaços. A dramaturgia traz em si a marca do que não se pode viver outra vez — o acontecimento teatral — e, ao mesmo tempo, possibilita que o reinventemos e o adaptemos a partir de novos olhares.

REFERÊNCIAS

- ALENCAR, J. (1859). *Mãe*. Disponível em:
http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_acton=&co_obra=7546
- ALENCAR, J. (2003). *O demônio familiar*. 2. ed. Campinas: Pontes.
- ALMEIDA, J. L. (1917). *Teatro*. Porto - Portugal: Renascença.
- ALMEIDA, S. L. (2020). *Racismo Estrutural*. São Paulo: Sueli Carneiro; Editora Jandaíra.
- ALVES, I. I. D. (1998). *Amélia Rodrigues: Itinerários Percorridos* (pp. 7-78). Salvador: NICSA/Bureau.
- ALVES, I. I. D. (2011). A Paladina Amélia Rodrigues e a Silenciada Maria Augusta Guimarães. *Revista Verbo de Minas: Letras*. V. 11, nº 19. Disponível em:
<https://seer.cesjf.br/index.php/verboDeMinas/article/view/355/247>
- ANDRADE, G. C. (30 de Julho de 2019). *Amélia Rodrigues*. Fonte: Blog do Gutemberg: <http://blogdogutemberg.blogspot.com/2006/06/amelia-rodrigues.html>
- ARAÚJO, L. C. (2009). *Dramaturgia em Trânsito: O Teatro de Maria Adelaide Amaral, da página às telas*. Dissertação de Mestrado, UnB. Disponível em:
https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/4063/1/2009_LauraCastroAraujo.pdf
- ASSIS, M. (1955). *Crônicas*. Rio de Janeiro: Jackson.
- BARROS, M. S. S. (2019). *A Paladina do Lar entre o Texto e o Contexto: uma análise das publicações da primeira revista feminina da Bahia*. Dissertação de Mestrado, UFRB. Disponível em:
https://www.ufrb.edu.br/ppgcom/images/Dissertacao_vers%C3%A3o_final_Michele.pdf
- BRAZIL. (1891). Constituição Federal da República dos Estados Unidos do Brasil. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/consti/1824-1899/constituicao-35081-24-fevereiro-1891-532699-publicacaooriginal-15017-pl.html>
- CAFEZEIRO E., GADELHA, C. (1996). *História do Teatro Brasileiro – de Anchieta a Nelson Rodrigues*. Rio de Janeiro: FUNARTE.
- CAMPOI, I. C. (2015). Entre a imprensa e o teatro: a defesa do sufrágio feminino no jornal A Família (1888-1890) e na peça O voto feminino (1890). In:

SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 28., Florianópolis. Anais [...]. São Paulo: Associação Nacional de História, p. 1-17.

- CUNHA, E. V. (1992). *Um teatro da mulher: dramaturgia feminina no palco brasileiro contemporâneo*. São Paulo: Perspectiva; EDUSP.
- DUBATTI, J. (2016). *O Teatro dos Mortos: introdução a uma filosofia do teatro*. Trad. Sérgio Molina. São Paulo: Edições SESC São Paulo.
- FANINI, M. (2014). *O gênero do cânon: excursão sobre a (in) expressiva participação feminina nos campos artístico e científico na passagem do século XIX para o XX*. Dossiê Expressões Artísticas e Mulheres Arquivos do CMD, Volume 2, N. 2. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/CMD/article/view/7498/6207>
- FANINI, M. (2016). *A (in)Visibilidade de um Legado: seleta de textos dramaturgicos inéditos de Júlia Lopes de Almeida*. São Paulo: Intermeios.
- FARIA, J. R. (1999-2000). Um Sólido Panorama do Teatro Brasileiro. Revista USP, São Paulo, n.44, p. 342-346, dezembro/fevereiro. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/30101>
- FARIA, J. R. (2006). *Antologia do Teatro Realista*. São Paulo: Martins Fontes.
- FARIA, J. R. (2013). *Teatro romântico e escravidão*. Revista Teresa de Literatura Brasileira [12|13]; São Paulo, p. 94-111.
- KARAWEJCZYK, M. (2018) *Josefina Alvares de Azevedo e a peça teatral O Voto Feminino: a escrita como instrumento de luta*. Travessias, Cascavel, v. 12, n. 1, p. 314 - 335. Disponível em: <http://www.unioeste.br/travessias>
- LEITE, M. (2001). *Produção Intelectual e Escrita Feminina na Bahia (XIX-XX)*. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH. São Paulo. Disponível em: http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1308191872_ARQUIVO_PRODUCAOINTELECTUALESCRITAFEMININANABAHIAversaofinal.pdf
- LEVY, M. S. F. (2009). *A escolha do cônjuge*. Rev. bras. estud. popul. [online], vol.26, n.1, pp.117-133. ISSN 1980-5519. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-30982009000100009&script=sci_abstract&tlng=pt
- LUCA, L. (1999). O "feminismo possível" de Júlia Lopes de Almeida (1862-1934). *cadernos pagu*, pp. 275-299.
- MAGALDI, S. (2004). *Panorama do Teatro Brasileiro*. São Paulo: Global.

- MAR, C. F. *Coletivo Feminista Maria Angélica Ribeiro*.
<https://medium.com/@coletivofeministamar>
- MENDES, M. G. (1982). *A personagem negra no teatro brasileiro entre 1838 e 1888*. São Paulo: Ática.
- MOURA, C. F. S. (2008). *O Teatro Experimental do Negro – Estudo da personagem negra em duas peças encenadas (1947-1951)*. Dissertação de Mestrado, UNESP. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/86877>
- NETO, J. P. S. (2012) *A Alforria nos Termos e Limites da Lei: O Fundo de Emancipação na Bahia (1871-1888)*. Dissertação de Mestrado, UFBA. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/11621>
- OLIVEIRA, R. A. (2016). *Uma Trilogia da Figura Materna no Teatro Brasileiro*. In: Anais XII CONAGES. Campina Grande: Editora Realize. Disponível em: https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/conages/2016/TRABALHO_EV053_MD1_SA12_ID341_22012016155357.pdf
- ORSINI, M. S. (1988). Maria Angélica Ribeiro: uma dramaturga singular no Brasil do século XIX. *Rev. Inst. Est. Bras.*, pp. 29;75-82.
- PRADO, D. A. (1999) *História concisa do teatro brasileiro: 1570-1908*. São Paulo: EDUSP.
- PROMUNDO. *Prevenção do Casamento na Infância e na Adolescência*. Disponível em: <https://promundo.org.br/programas/pesquisa-sobre-casamento-infantil/>
 Acesso em: 13/set/2020.
- RIBEIRO, D. (2016). *Lugar de Fala*. São Paulo: Sueli Carneiro; Editora Jandaíra.
- RIBEIRO, M. A., SOUTO-MAIOR, V. A. (org.). (2014). *Teatro Quase Completo*. Santa Catarina: Mulheres.
- RIBEIRO, M. A., SOUTO-MAIOR, V. A. (org.). (2021). *Cancros Sociais (1965)*. In *Coleção Escritoras do Brasil*. v. VI. Brasília: Senado Federal. Disponível em: https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/580934/Cancros_sociais.pdf?sequence=6&isAllowed=y
- RODRIGUES, A. (1998). Fausta. Em ALVES, I. *Amélia Rodrigues: Itinerários Percorridos* (pp. 7-78). Salvador: NICSA/Bureau.
- RODRIGUES, M. (2008). *Teatro de Maria Jacintha*. Niterói: Niterói Livros.
- SANTOS, B. S. (2009). Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. Em B. S. & M. M., *Epistemologias do Sul* (pp. p. 23-71). Coimbra: Almedina.

- SILVA, E. W. (2019). *Entrelaçando-n(ó)s: A Performance e a Ecologia de Saberes como Possibilidades no Ensino de Arte*. Trabalho de conclusão de curso (graduação), UnB.
- SILVA, L. T. C. (2018). *O direito ao voto feminino no século XIX brasileiro: a atuação política de Josephina Álvares de Azevedo (1851-1913)*. *Aedos*, Porto Alegre, v. 10, n. 23, p. 114-131.
- SILVEIRA, J. M. S. (2019). *A poesia de Amélia Rodrigues nas aulas de língua portuguesa*. Dissertação de Mestrado, UEFS. Disponível em: <http://tede2.uefs.br:8080/handle/tede/912#preview-link0>
- SOUTO-MAIOR, V. A. (1995). *O Florete e a Máscara: Josefina Álvares de Azevedo, dramaturga do século XIX*. Dissertação de Mestrado, UFSC. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/76228>
- SOUTO-MAIOR, V. A. (1995). Índice Bibliográfico de Dramaturgas Brasileiras do Século XIX. In *O Florete e a Máscara: Josefina Álvares de Azevedo, dramaturga do século XIX* (pp. 37-70). Dissertação de Mestrado, UFSC.
- SOUTO-MAIOR, V. A. (2004). Josefina Álvares de Azevedo: teatro e propaganda sufragista no Brasil do século XIX. *Revista Acervo Histórico*, pp. 65-82.
- SOUZA, G. J. (1960) *O Teatro no Brasil*. Rio de Janeiro: INL.
- SOUZA, M. C. (2015). *Exclusões e Resistência no Ensino de Literatura no Brasil*. In: *Anais Abralic - XIV Congresso Internacional, Fluxos e Correntes: trânsitos e traduções literárias*. ISSN 2317-157X. Disponível em: https://abralic.org.br/anais/arquivos/2015_1456105568.pdf
- TELES, M. d. (1999). *Breve História do Feminismo no Brasil*. São Paulo: Brasiliense.

ANEXO I - Cancros Sociais, de Maria Angélica Ribeiro (1865)

Texto retirado de FARIA, J. R. (2006). *Antologia do Teatro Realista*. São Paulo: Martins Fontes.

*A Exma. Senhora
D. Violante de Bivar*

Minha senhora. Isso não é um prólogo; é apenas uma homenagem à memória de uma criança e de dois velhos meu filho, meu mestre e o pau de V. Exa.

Para justificar, sem, porém, esta homenagem, que me empenho em tributar, permita-me V. Exa. que, distraíndo-a dos seus estudos e labores, eu ocupe a sua atenção evocando alguns acontecimentos do passado, que, ainda dolorosos, são sempre memoráveis ao meu coração.

Em maio de 1855, possuía eu um lindo filhinho de olhos azuis e cabelos louros, o qual já retribuía com seus sorrisos e carícias de inocente os meus extremos de mãe. Um dia o meu anjinho agitou as asas brancas, e lá se foi a tomar lugar aos pés de Deus, entre os seus irmãos no céu!

Entregue a dor que a ausência me deixou, eu só ambicionava o lenitivo de ir reunir-me ao filho que tanto amei e tenho amado. Em vão pretendi iludir as minhas saudades, procurando esquecer a formosa estrelinha que despontara no céu do meu viver de mãe. A felicidade havia desaparecido!

Enfermei gravemente; e quando os esforços da ciência roubaram-me a esperança de acompanhar meu filho, ficou-me a

nostalgia de maternidade, inspirando-me o mais invencível tédio a tudo que me cercava: eu só tinha metade do meu viver;

Busquei alívio às minhas pungentes mágoas em toda a natureza; mas a aurora e o dia, as flores e os passarinhos, o pôr-do-sol e a noite, as estrelas e a imensidade, a lua e o mar mais avivavam o meu sofrer! Vigor e ânimos se abatiam cada vez mais sob a pressão das minhas saudades!... Restavam-me, no entanto, duas filhas cá na terra, e para elas era mister viver.

Quis distrair-me, e, para consegui-lo, tentei dialogar uma drama, para o que me sentia com alguma vocação.

Na idade de 12 anos, quando tudo sorri à imaginação de uma menina, começara eu a escrever minhas impressões de criança – saudações a amigas e alguns versinhos aos dias aniversários de minhas camaradas. Com o tempo, a prática e a madureza do espírito, alguma coisa com mais jeito ia fazendo, até colaborei em mais de um periodicozinho, dos quais, felizmente, já quase ninguém se lembra!

A consequência do meu tentame foi o original em cinco atos – *Guitte ou a feiticeira dos desfiladeiros negros*.

Sem pretensões, e sem nutrir a menor ambição de louvores do público ou da imprensa, e só para satisfazer à vontade de meu marido, remeti o meu drama ao Conservatório Dramático, do qual era então presidente o Sr. Conselheiro Diogo Soares da Silva de Bivar.

Poucos dias depois, e por intermédio do 1º secretário o Sr. F. C. da Conceição, recebi o meu trabalho aprovado e generosamente distinguido, com palavras de inestimável favor que o Sr. Conselheiro Bivar juntara ao seu despacho!

O inesperado obséquio animou-me a prosseguir nestas tentativas, que, distraíndo-me, tornavam assim menos doloridas as minhas íntimas saudades, e mais dois ensaios apareceram em 1856 – *Paulina e A aventureira de Vaucloix* -, dramas originais que tiveram a fortuna de também serem obsequiosamente acolhidos pelo Conservatório, sendo o despacho do último ainda acompanhado de benevolentes expressões de louvor e Exmo. Presidente, o qual, cumpre aqui dizer-se para muitos, nem sequer de vista me conhecia.

Incômodos de família privaram-me de continuar a escrever os meus ensaios. Um dia, porém, em 1858, lembrei-me dos despachos do Sr. Conselheiro Bivar. Daí a quinze dias oferecia eu a um amigo – amigo como poucos sabem ser, e que nunca me lisonjeara – um drama original em cinco atos, escrito expressamente para dedicar-lho no seu dia natalício.

O meu amigo, então secretário do Conservatório, distribuiu o meu drama, para *obsequiar-me*, ao censor mais ríspido e intolerante que conhecia, e por consequência, o mais imparcial em suas opiniões. O anjo sem asas foi louvado pelo censor austero, merecendo depois a aprovação das pessoas que o leram ou ouviram a sua leitura.

Em seguida escrevi os originais *D. Sancho em Silves* (histórico), *Cancros sociais* e *Gabriela*, dramas; e as comédias: *Cenas da vida artística*, *Um dia na opulência*, *A cesta da tia Pulquéria*, *O poder do ouro*, *Cancros domésticos*, *O onfalista*, etc., tendo anteriormente escrito *As luvas de pelica*.

O parecer favorável de alguns amigos competentes despertou-me as aspirações, e desejei apresentar-me ao juízo público.

Em março de 1863, a Sociedade Dramática, que então trabalhava no teatro do Ginásio, levou officiosamente à cena o meu drama *Gabriela*, que, para o cumprimento de uma promessa, escrevi *ao correr da pena*, pois devia representar-se em benefício da atriz D. Gabriela da Cunha em dia já designado.

Em maio de 1865, dez anos depois da morte de meu filho e do primeiro louvor do Sr. conselheiro Bivar, também no Ginásio pela companhia dirigida pelo poeta-artista o Sr. Furtado Coelho, foi representado com todo o esplendor o meu drama *Cancros Sociais*.

Não devo talvez rememorar agora os sucessos obtidos por estes meus trabalhos, nem tenho expressões para manifestar meu reconhecimento infindo.

Só posso confessar que nunca imaginei ser tão delicadamente acolhida e altamente elevada pelo público e por toda a imprensa fluminense, a qual espontaneamente me honrou de um modo grandioso e notável. Sejam provas do meu perdurável sentir estas palavras, já que não pude cristalizar as lágrimas de satisfação, vertidas após as minhas horas de esplêndidas ovações, para erguê-las. Como a imagem da gratidão à memória de tantos favores – favores bem pouco vistos na cena brasileira.

Não são estas palavras arroubos de vaidade, que nunca tive, nem protestos para novos triunfos: rosas e louros sempre entremeados das sentidas saudades de meu filho; aplausos que

me elevavam com o mais íntimo sentimento à região dos justos, por onde deve pairar o espírito do Sr. Conselheiro Bivar.

Em todas as minhas noites de flores e de bravos, e especialmente, naquela para mim muito memorável, em que me foi entregue, com o diploma de sócia honorária, e eloquente e delicado mimo da sociedade Ensaio Literários, recordei-me de um outro respeitável e ilustre velho, ao qual devo tudo quanto valho, e tenho adquirido no torneio das letras: meu mestre; o amigo e companheiro de armas do meu pai, o Sr. Brigadeiro Antonio Joaquim Bracet, que no campo da vitória, soube colocar no peito do capitão Marcelino de Souza Rego, a quem devo os dias da existência, o primeiro padrão de glórias militares.

Esse venerando ancião, tipo infelizmente raríssimo nestas épocas de egoísmo e de maledicência, cheio de nobreza e dedicação em suas afeições sinceras, tomou a seu cargo a educação da desprotegida filha do soldado, órfã antes de completar o seu primeiro lustro; e durante anos de fadigas e cuidados inalteráveis, procurou facultar-lhe (como ele dizia), os meios de alcançar pela inteligência, uma posição digna e independente no futuro.

Meu respeitável mestre...

A todas estas memórias, que me são tão caras, devia eu uma homenagem; e em deficiência de outro meio, pareceu-me digno levantar aqui, com a publicação deste humilde trabalho, uma lembrança, singela, mas, nem por isso, menos sincera e grande do que os profundos sentimentos que me inspiraram.

Neste meu intuito, que as almas bem constituídas hão de respeitar, não há, nem houve sombra de pretensão. Público o

meu escrito com esse desejo, e não por ambição e glórias, que já as tenho bastante para o meu coração e para minhas aspirações literárias.

Sei que uma mulher, especialmente, pobre, não pode elevar-se a certas regiões. O despeito de uns, a intolerância de outros, a injustiça de muitas, e sobretudo, a calúnia sempre ávida de vitimizar a fraqueza feminina, cedo ou tarde, com aleives e injúrias, lá a despenham dessas alturas, se porventura soube atingi-las.

Cumpre-nos obedecer aos homens!

A mulher brasileira, se não quer sujeitar-se ao escárnio do *espirituosos* e às censuras mordazes dos *sensatos*, não tem licença para cultivar o seu espírito fora das raias da música ao piano, e das de algumas frases, mais ou menos estropiadas, de línguas estrangeiras! Nem ao menos, para ler Aimé Martin – *Civilização do gênero humano pelas mulheres!*

As europeias sim, essas inteligentes e talentosas podem estudar e escrever; poetar ou compor dramas e romances; podem satisfazer as ambições da sua alma, ter culto, e conquistar renome...

Entre nós, não, que nada disso se pode dar! O que sai de lavra feminina, ou *não presta*, ou é *trabalho de homem*. E nesta última suposição, vai uma ideia oculta e desonesta.

E para que compraríamos, nós mulheres, a fama de sermos autoras de trabalhos que não fossem nossos, se com ela nada ganhamos, nem temos possibilidade de obter lugar ou emprego pelos nossos méritos literários? Valem-nos eles de coisa alguma?

Será pelos lucros?...

Santo Deus! A calúnia nem reflete nisso!

Levando, pois, a efeito o meu tributo, creio cumprir com ele o doce dever da saudade maternal e a respeitosa veneração de discípula; dando também à desprovida história das letras dramáticas da minha pátria, o pequenino contingente do meu minguado talento,

E, se porventura, o meu decrescente estado de saúde, que me conduz para a morte, tão tímida pelos felizes do mundo, me deixar alentos que me permitam aproveitar as poucas horas que me ficam das minhas lidas de mãe de família, no afã das letras a que, já agora, me sinto presa até morrer, irei dando ao prelo algumas outras concepções, e, possam elas, acolhidas pelo público, lembrar por algum tempo à geração que nos sobreviver: a memória de meu filho, a dedicação de meu mestre, e a benevolência do presidente do Conservatório Dramático Brasileiro, em 1855.

Concluo, minha senhora, pedindo a V. Exa., que recebo no santuário dos seus sentimentos de mulher e de filha, as singelas recordações das minhas saudades e da minha gratidão.

Março de 1866.

Maria Ribeiro

Maria Ribeiro

CANCROS SOCIAIS

Drama em cinco atos

Representado pela primeira vez no
Teatro Ginásio Dramático
a 13 de maio de 1865

PERSONAGENS

EUGÊNIO S. SALVADOR, 34 anos, negociante
 BARÃO DE MARAGOGIPE, 58 anos, capitalista
 VISCONDE DE MEDEIROS, 56 anos, negociante
 ANTÔNIO FORBES, 60 anos, procurador de causas
 PEDRO, 30 anos, criado de Eugênio
 PAULINA, 32 anos, esposa de Eugênio
 OLÍMPIA, 15 anos, filha de Eugênio
 MATILDE, 45 anos, amiga de Paulina
 MARTA, (*parda clara*), 47 anos
 UM EMPREGADO DA CASA DE CORREÇÃO, 35 anos
 HOMENS, SENHORAS, CRIADOS, *etc.*
 GUARDAS, MÚSICOS, ARTESÃOS, PRESOS, *etc.*

Época, atualidade; ação, Rio de Janeiro, 1862.

ATO PRIMEIRO

(*Em casa de Eugênio, a 2 de julho, de manhã.*)
 (Salão, esteirado, com duas portas ao fundo, outras duas à esquerda e duas janelas à direita. Mobília elegante ao gosto da quadra; espelhos, vasos, quadros, candelabros, cortinados, etc. Um divã, uma mesa pequena perto, e em lugar conveniente uma grande moldura com retrato de homem, coberto de gaze verde.)

Cena I

O Barão e o VISCONDE

BARÃO

Se é sobre negócios, que V. Exa. pretende falar a Eugênio, creio que não escolheu dia muito oportuno (*apresenta-lhe uma cadeira*); a recepção de hoje, é toda em obséquio à menina S. Salvador.

VISCONDE

Não ignoro essa circunstância, e é mesmo para cumprimenta-la que aqui venho (*assentam-se*); mais tarde, apresentar-me-ei em caráter oficial e solene. (*surpresa no Barão*) A filha do Comendador, é uma adorável criatura! Rica, formosa... Ora... sejamos francos, Barão! Ainda não percebeu que eu gosto muito da jovem Olímpia?

BARÃO

V. Exa.?!

VISCONDE

Sim, meu caro Maragogipe! Estou mesmo apaixonado! Brevemente formularei o meu pedido, debaixo de toda a formalidade exigida pelas conveniências da *nossa roda*.

BARÃO

E conta com o assentimento de S. Salvador?

VISCONDE

Creio que ele não desdenhará ter uma filha Viscondessa.

BARÃO

E ela?

VISCONDE

Nenhuma moça rejeita a mão do homem que lhe oferece um título e uma brilhante posição.

BARÃO

Já vejo que o Sr. Visconde não conhece a fundo o caráter das pessoas de quem fala, e com quem trata, há muito pouco tempo! Eugênio S. Salvador preza muito a felicidade de sua filha, para sacrificá-la às considerações de títulos e posição; quanto à sua esposa, senhora de espírito reto, inteligente e ilustrada, penso que não há de entregar às carícias de um esposo da idade de V. Exa., uma menina que mal sai da infância.

VISCONDE

(*irônico*)

Como está o Barão ao fato de todas essas coisas!

BARÃO

Posso afirmar ao Sr. Visconde, que são estas as ideias dos meus amigos.

VISCONDE

(fátuo)

Apelarei então para Olímpia...

BARÃO

Não conte com esse auxiliar. Essa menina é dotada de uma ingenuidade tão franca, tão *limpida*, por assim dizer, que não se deixará seduzir pela vaidade, que perde a maior parte das mulheres.

VISCONDE

O Barão está ainda muito atrasado no conhecimento do coração humano!

BARÃO

Nesta casa, Sr. Visconde, a felicidade não é um *mito*, é uma realidade.

VISCONDE

É por essa razão, que insisto em efetuar um casamento conveniente aos dois lados, pela riqueza e pela posição.

BARÃO

(intencional)

E pelo sentimento?!...

VISCONDE

Isso... São frioleiras dispensadas pelos cônjuges da *nossa roda!* Entre nós outros fidalgos, de nada valem essas puerilidades a que chamam – interesses do coração!

BARÃO

(friamente)

Como semelhante modo de encarar um enlace tão solene, forma V. Exa. uma exceção... *na nossa roda.*

VISCONDE

Costumeiras antediluvianas, meu caro! (*erguem-se*) Felizmente já nos vamos emancipando de muitos abusos dos nossos antepassados! (*pega do chapéu*) O Comendador demora-se... as senhoras...

BARÃO

Creio que ainda é muito cedo para vê-las.

VISCONDE

Voltarei à tarde. (*vê o relógio*) Já nove horas!

Cena II

Os mesmos e PEDRO

PEDRO

(ao Barão)

Está aí uma pessoa que pede para falar a V. Exa.

BARÃO

Faça entrar quem é. (*sai Pedro*)

Cena III*O Barão e o Visconde*

VISCONDE

Está bem, não o quero incomodar mais, Barão; até logo.

BARÃO
(friamente)

Adeus, Sr. Visconde.

Cena IV

Os mesmos e FORBES

VISCONDE

(ao sair encontra Forbes)

Antônio Forbes!

FORBES

O Sr. Visconde de Medeiros! *(param à porta)*

VISCONDE

O Sr. Forbes por aqui! Deixou então a Bahia!

FORBES

Sim, Excelentíssimo, o foro por lá nada deixa.

VISCONDE

Isso acontece por toda a parte. Se há tantos *zangões* de tribunais!... Adeus, Sr. Forbes. Se precisar de mim, apareça.

FORBES

*(com intenção)*Não me despeço do favor de V. Exa. *(cumprimentando-o)*; sempre pronto para o servir. *(sai o Visconde, e Forbes aproxima-se)***Cena V**O BARÃO e ANTÔNIO FORBES
FORBES*Um criado do Sr. Barão!*

BARÃO

*(assentando-se)*Já sei que vem concluir o que tratamos. *(indica-lhe uma cadeira)*

FORBES

(assenta-se)

Foi para esse fim que tive a honra de procurar o Sr. S. Salvador; porém, como não o encontro, creio que com V. Exa. é a mesma coisa.

BARÃO

Acho melhor ultimar com ele próprio esse ato. Se não quiser esperar um pouco, pode passar aqui mais tarde.

FORBES

Como V. Exa. entender.

BARÃO

Está então resolvido de todo?

FORBES

(suspira)

Desejo que ela seja feliz.

BARÃO

Parece estimá-la muito!

FORBES

Só a grande urgência das minhas precárias circunstâncias, me obrigaria a receber a importância da sua liberdade, e a privar-me dos seus serviços! V. Exa. não imagina as boas qualidades de que é dotada aquela mulher! É uma criatura inteligente, laboriosa...

BARÃO

E... é morigerada?

FORBES

Foi a ambição da liberdade, que a levou à beira do abismo, aonde talvez se precipitasse, se...

BARÃO

Compreendo: foi seduzida com promessas de liberdade.

FORBES

E de casamento... promessas que nunca se realizam. Quem dá valor a juramentos feitos a uma escrava?

BARÃO

É exato. Há, infelizmente, homens que se julgam desobrigados dos mais santos deveres para com a honra da mulher cativa! Mas em que ficamos, quanto ao preço do resgate da sua parda?

FORBES

Não posso aceitar menos de dois contos de réis; e, creia V. Exa. que é bem pouco pelo sacrifício que faço.

BARÃO

(depois de breve reflexão)

Bem; creio que o meu amigo não fará questão sobre esse ponto. *(erguem-se)*

FORBES

Terei a honra de procurar o Sr. Comendador; mais tarde. *(inclina-se)* Às ordens do Sr. Barão! *(o Barão cumprimenta-o, e ele sai)*

Cena VI

O BARÃO e depois PEDRO

BARÃO

(chamando)

Pedro! *(aparece Pedro)* Se esse homem voltar antes da chegada de seu amo, faça-o esperar. *(sai Pedro. O Barão vai tomar o chapéu, que está sobre uma cadeira, e vê Paulina e Matilde que entram)*

Cena VII

BARÃO, PAULINA e MATILDE

BARÃO

(alegremente)

Oh!... Já acordada! Julgava que os passarinhos não tivessem ainda gorjeado nas janelas do aposento de V. Exa.!

PAULINA

(sorrindo-se e apertando-lhe a mão)

Acha então que madruguei?

BARÃO

Sem dúvida!

PAULINA

(sorrindo-se)

Pois não só os passarinhos já voltejaram pelas *papoulas e jasmins*, do meu jardimzinho, como também *(indicando ou tomando mão de Matilde) chilreamos* há mais de meia hora, em coisas agradáveis e variadas.

MATILDE

Como tem passado, Sr. Barão?

BARÃO

Sempre bem, e ao dispor de V. Exa.! *(pega no chapéu)*

PAULINA

Como! Já nos deixa! Eugênio pouco pode tardar.

BARÃO

Estarei de volta à hora do almoço – se me guardarem o meu lugar de costume, à mesa.

PAULINA

O seu lugar, meu amigo, é nossos corações, onde ninguém o pode substituir!

BARÃO

(apertando-lhe afetuosamente a mão)

Eu o sei, minha filha! Até logo. *(cumprimenta a Matilde)*
Minha senhora!...

MATILDE

(apertando-lhe a mão)

Até logo, Sr. Barão! *(acompanha-o até a porta, e voltam a assentar-se no divã)*

Cena VIII

PAULINA e MATILDE

PAULINA

Com efeito! Seu marido, pelo que a senhora acaba de contar-me...

MATILDE

Se eu lhe referisse tudo quanto sofri!...

PAULINA

Nem sei como se casou com semelhante homem! *(entra um criado com duas taças de chocolate sobre uma bandejinha de prata, põe-na sobre a mesinha, e retira-se. Paulina dá uma taça à Matilde e toma a outra. Bebem o chocolate)*

MATILDE

Casei-me por vontade do meu pai; e, para obedecer-lhe, sacrifiquei a ventura de pertencer a um homem, que me teria feito bem feliz!

PAULINA

Avalio o quanto lhe seria penoso um tal sacrifício!

MATILDE

(tristemente)

Meu pai chorou amargamente a minha desgraça; e, ao morrer, pediu-me perdão da violência que fizera aos meus sentimentos. A sua morte, que me deixou só no mundo, foi o prelúdio de todas as minhas infelicidades! *(larga a taça na bandeja)* É muito mau sujeitar-se o coração de uma menina a cálculos pecuniários. O ouro não dá ao coração a ventura íntima de um afeto compreendido e partilhado.

PAULINA

(larga a taça na bandeja)

Porém, entregar-se uma filha a um homem que não possa dignamente sustentar tão melindroso encargo, é fazer dois infelizes.

MATILDE

Não vou ao contrário disso; o que eu digo, é, que não se deve só atender às considerações de dinheiro; porque, digam o que disserem: nem sempre a mulher rica é a mulher feliz!

PAULINA

Isso é bem verdade!

MATILDE

E a prova do que digo, tenho-a em mim própria. Quando eu era rica, fui festejada, acatada... adulada mesmo! O que era muito natural... Dávamos esplêndidas funções! Tínhamos sempre uma lauta mesa à disposição dos admiradores da nossa baixe-la, e adoradores dos nossos cozinheiros!... Julgavam-me por isso a mulher mais feliz da cidade da Bahia, e no entanto... Só Deus sabe o quanto era digna de lástima a minha sorte! Mas, deixemos este assunto, que sempre me entristece... *(pequena pausa)* A senhora não conserva algumas reminiscências daquela linda cidade?

PAULINA

Nenhumas; vim de lá mui pequena. Também, as minhas recordações, nada teriam de agradáveis! Meu pai faliu, e viu-se obrigado a vir para o Rio de Janeiro, acusado de estelionatário, pesando-lhe sobre a sua honra uma sentença infamante.

MATILDE

Estelionatário!

PAULINA

Uma denúncia, acompanhada de falsos documentos, apresentou-o como tendo sonogado objetos de valor à massa falida!

MATILDE

E conseguiu reabilitar-se?

PAULINA
(*tristemente*)

Não o pôde fazer; sucumbiu à vergonha da sua condenção, quando se preparava para combater os elementos da sua ruína!

MATILDE
(*apreensiva*)

Como se chamava seu pai?

PAULINA
MATILDE
(*erguendo-se*)

Olímpio Torres!

PAULINA
(*erguendo-se*)

A senhora conheceu meu pai?

MATILDE
(*serenando-se*)

De nome; esse lamentável fato foi muito notório. E sua mãe?

PAULINA
(*tristemente*)

Essa... acompanhou-o ao túmulo, bem de perto! Fiquei entregue aos cuidados da minha madrinha, que acabou de me criar, e que me educou com o carinho e os desvelos de uma verdadeira mãe. De sua casa saí casada com Eugênio, que era então primeiro guarda-livros do Barão de Maragogipe...

MATILDE
(*um pouco enleada*)

Parece ser um excelente homem.: a ele deve meu marido tudo quanto é no mundo! Mandou-o educar com todo o esmero, habilitando-o a seguir qualquer carreira; e tendo Eugênio preferido a do comércio, fê-lo seu caixeiro, mais tarde, seu guarda-livros, e depois do nosso casamento, deu-lhe sociedade na casa, abonando-o na Praça, com todo o seu crédito. Eis aqui a minha história. Não a acha bem simples e pequenina? (*encaminhando-se para o sofá*)

MATILDE

E bem interessante! (*assentam-se*) A minha, é mais cheia de tristes episódios! Contava apenas dezenove anos, quando a lei dos homens desatou os laços com que as da Igreja me ligara a um esposo brutal e perdulário, que havia transformado o santuário conjugal, em teatro das mais indignas fraquezas!

PAULINA

Quantas contrariedades não sofreria a senhora, durante o período da sua ação de divórcio!

MATILDE

Contrariedades? A senhora não imagina o quanto é ultrajada a mulher que, como no meu caso, procura, refugiar-se na proteção que as leis lhe facultam! Sofre, em todo o seu peso, a reprovação dos austeros moralistas da nossa sociedade!

PAULINA

Mesmo sendo virtuosa?

MATILDE

A virtude, minha cara senhora, é para muitos *espíritos fortes*, uma – quimera! Julgam – ou fingem julgar – que a virtude da mulher não de uma utopia moral. Por muito favor concedem-lhe a graça das aparências.

PAULINA

Pois existem homens convictos de uma geral perversão de costume?

MATILDE

Há muitos caracteres nobres e imparciais; todavia, a justiça que devera presidir ao julgamento da mulher, não penetrou ainda convenientemente na consciência de tais julgadores. Os homens, isto é, a causa primordial de todos os erros da mulher, são os seus mais implacáveis juízes! Convertem a esposa honesta, ou a virgem inocente, em uma proscrita do círculo honrado e virtuoso; e se a transviada não tem a força de vontade precisa para reagir contra a sua condenação, está irremediavelmente perdida! Neste caso, ei-la trajando todas as galas da hipocrisia, e afrontado os seus próprios juízes, que então iludidos aplaudem, e a proclamam: regenerada!

PAULINA

Acho-a injusta, negando a possibilidade de regeneração da mulher culpada!

MATILDE

Santo Deus! Eu não nego a possibilidade! Duvido simplesmente da sua sinceridade! A *erradia*, verdadeiramente arrependida, não se apresenta aos comentários das turbas, coberta de vestes e joias preciosas! A vergonha de uma passada

degradação, concentra-se, e pede ao esquecimento dos seus desvios o perdão da sociedade, e a paz da sua consciência.

PAULINA

Mas, quantas infelizes, lançadas no opróbrio por causas imperiosas, quando encontram em seu caminho, algum apoio, não se erguem da sua abjeção, tornando-se boas esposas e mães exemplares?

MATILDE

Será como diz; não quero desfazer as suas belas ilusões! Cá por mim penso de outro modo. A mulher que uma vez se vendeu ao demônio do vício, ou da vaidade, não pode ais erguer-se à altura donde caiu. As nódoas dos beijos mercenários, não se apagam das faces que os receberam... nem se resgata por alguns dias de continência, uma vida de excessos e ebriedade! A virtude, a minha cara amiga, tem a sua coroa: desfolhadas e dispersas as flores de que ela se compõe, nunca mais torna a ser o mesmo emblema!

PAULINA

(*melancólica*)

Quanta descrença se revela no fundo acrimonioso das suas proposições!

MATILDE

A descrença é o bem que ficou dos meus passados infortúnios! Sou quase cética para muitas coisas desta vida! *creio* que – ainda – existem *virtude* e *justiça*; porém, não as admito sem as mais minuciosas indagações!

Cena IX

As mesmas e OLÍMPIA

OLÍMPIA

(beijando a mão de Paulina)

Bom dia, mamãe... A Sra. D. Matilde estava aqui! *(Matilde beija-a na face)* Que maldade!

MATILDE

O quê? – a minha presença, ou o meu beijo?

OLÍMPIA

Por que não mandaram chamar-me há mais tempo, para gozar de tão amável companhia?

MATILDE

Julgávamos que a menina ainda estivesse entre os seus nevoeiros de rendas e cambraias, a conversar com os anjinhos.

OLÍMPIA

(sorrindo-se)

A esta hora? Mamãe interromperia os meus colóquios, com as suas exprobrações!

MATILDE

Nisso faria ela muito bem. As moças são como as flores, e, como estas, devem erguer-se com suas auras da madrugada.

OLÍMPIA

A Sra. D. Matilde. Anda em competência com papai, nos seus lindos madrigais! *(assentam-se, ficando Olímpia perto de Paulina)* O que me dá hoje, mamãezinha?

PAULINA

Um beijo, ou uma flor: escolhe.

OLÍMPIA

(apresentando a face)

Venha o beijo. *(Paulina beija-a)* Agora, em da flor, quero um vestido para a reunião da *Campesina*.

PAULINA

(tornando-se séria)

Não pode ser, já o mês passado, teu pai comprou-te dois.

OLÍMPIA

Mas, mamãe...

PAULINA

Vejo-te um tanto inclinada ao luxo, e à ostentação!... Olha que estas duas paixões nunca conduzem a mulher à verdade felicidade! Demais, minha filha; não é na profusão e riqueza dos atavios que está o encanto de uma moça; é na simplicidade e compostura deles.

MATILDE

São belas essas máximas; mas, uma imaginação de quinze anos, não opta muita pela sua moralidade! *(olhando)* Ali vem o Sr. Comendador... *(erguem-se, Olímpia corre a recebê-lo)*

Cena X

As mesmas e EUGÊNIO

EUGÊNIO
(prazenteiro)

Como! Venho encontrar a Sra. D. Matilde aqui?

MATILDE
(apertando-lhe a mão)

E o que tem isso de extraordinário, Sr. Comendador?

EUGÊNIO

Nada, minha senhora! Como tem V. Exa. passado?

MATILDE

Bem... neste momento especialmente.

EUGÊNIO
(com amabilidade)

Sempre oficiosa! *(assentam-se, menos Olímpia que fica encostada à cadeira de Eugênio)*

MATILDE

Diga antes: apreciadora da ventura que se goza neste paraíso!

PAULINA
(indicando Eugênio)

Graças ao anjo que o tem sob a sua guarda.

EUGÊNIO

(beijando-lhe a mão)

E com tão sedutora *Eva!*...

PAULINA
(sorrindo)

Lisonjas?!

OLÍMPIA
(tristemente)

A mim ainda o papai nada disse.

EUGÊNIO
(afagando-a)

O que mais te hei de dizer, minha *pérola?*... Só se te repetir...

PAULINA
(vivamente)

Nada de lhe repetires os teus gracejos, ela já os tem ouvido demais.

EUGÊNIO
(sorrindo-se, para Olímpia)

A mamãe tem medo que eu te faça vaidosa!

PAULINA

Oh!... por esse lado já o mal está feito!

EUGÊNIO

Como! Pois tu és vaidosa, Olímpia?

OLÍMPIA

(*meiga*)

Não acredite isso, papai; mamãe *está de pontas comigo*, porque eu lhe pedi... (*entra Pedro pelo fundo com um magnífico ramo de flores naturais*) Oh! Que lindas flores!...

Cena XI

Os mesmos e PEDRO, que apresenta o ramo a OLÍMPIA

OLÍMPIA

São para mim? (*toma o ramo*)

PEDRO

(*apresentando-lhe uma carta*)

Da casa do Sr. Comendador Menezes. (*sai*)

Cena XII

Os mesmos, menos PEDRO

OLÍMPIA

(*dando a carta a Paulina*)

É de Carlota.

PAULINA

(*lendo*)

“À sua amiga Olímpia. – Carlota.”

EUGÊNIO

(*sorrindo-se*)

É lacônica a tua amiga!

MATILDE

Não se pode ser mais concisa!

OLÍMPIA

Boa Carlota! Vejam se ela esqueceu de mim! (*a Matilde*) Dá-me licença para ir pôr estas flores no meu toucador?

MATILDE

Pois não, minha menina! Não faça cerimônias comigo! (*sai Olímpia*)

Cena XIII

Os mesmos, menos Olímpia

EUGÊNIO

(*para Matilde*)

V. Exa. deixa-nos hoje dispor do seu dia?

MATILDE

(*amável*)

Felizmente não lhes posso dar essa concessão.

EUGÊNIO

(*com amável censura*)

Felizmente?!...

MATILDE

O dia e a noite de hoje pertencem à minha amiguinha Olímpia.

Cena XIV

Os mesmos e PEDRO

PAULINA

(percebendo Pedro)

O que quer, Pedro?... Pode chegar. *(Pedro aproxima-se e diz-lhe algumas palavras em voz baixa)* Está bem: já vou. *(Sai Pedro)*

Cena XV

Os mesmos, menos PEDRO

MATILDE

(sorrindo-se)

Já sei que tem de atender às exigências do chefe de seção de alguma das suas repartições?

PAULINA

(sorrindo-se)

Se a senhora me permite...

MATILDE

O melhor meio de obsequiar-me é não fazer cerimônia alguma comigo. *(sai Paulina)*

Cena XVI

EUGÊNIO e MATILDE

EUGÊNIO

Não esperávamos ter hoje o prazer da sua companhia, minha senhora.

MATILDE

Oh!... pois eu não sabia que a nossa linda açucena entrava hoje na sua décima sexta primavera?

EUGÊNIO

Em paga de não o ter esquecido, vou fazer-lhe uma confidência.

MATILDE

(sorrindo-se)

Se é segredo, não o comprometa, lembre-se que sou mulher.

EUGÊNIO

(sorrindo-se)

Não há dúvida; exijo segredo até a hora do jantar somente.

MATILDE

Pois até lá... mudarei de sexo. Do que se trata?

EUGÊNIO

De uma surpresa que tenciono causar a Olímpia; será o meu brinde de anos.

MATILDE

A surpresa? (*assentam-se*)

EUGÊNIO

Uma folha de papel selado; a liberdade de uma escrava. Hoje é dia para mim duplamente glorioso; 2 de julho, aniversário da emancipação política da minha terra, e o natalício de minha filha; desejo, portanto, comemorá-lo, restituindo ao grêmio social um dos seus representantes. O que pensa V. Exa. do meu *mimo*?

MATILDE

Penso que seria um singular *mimo* de anos para uma menina, se essa menina pertencesse à família S. Salvador.

EUGÊNIO

(*beijando-lhe a mão*)

Oh!... minha senhora!...

MATILDE

É alguma escrava da casa?

EUGÊNIO

Não, Sra. D. Matilde, em minha casa não há cativos; todos os meus servos são pessoas livres.

MATILDE

Tal e qual como na minha! Abomino os escravos! São criaturas destituídas de toda a moralidade e de todos os sentimentos nobres.

EUGÊNIO

(*com amável censura*)

Estou desconhecendo a habitual retidão da V. Exa.

MATILDE

Crê-me então injusta?

EUGÊNIO

Pelo menos, pouco benevolente para com essa mísera classe, deserdada de todos os gozos sociais, e lançada, como uma vil excrescência, fora dos círculos civilizados

MATILDE

(*surpresa*)

Está falando sério, Sr. Comendador?!...

EUGÊNIO

Sim, minha senhora; estou intimamente convencido que existem muitíssimos escravos morigerados e dedicados às pessoas e aos interesses dos seus senhores.

MATILDE

Discordo da sua convicção. Que haja alguma exceção de regra que a autorize, concedo; mas, muitíssimos?!

EUGÊNIO

Vejo que V. Exa. é do número daqueles que pensam que o cativo impõe a estupidez e a desmoralização.

MATILDE

Não, Sr. Comendador; sei que os instintos das paixões, boas ou más, se manifestam e se desenvolvem em qualquer

estado ou condição da criatura. E nem julgue que sou apologista dessa monstruosa aberração do direito das gentes, que dá ao homem a propriedade individual sobre o seu semelhante! À ideia grandiosa do herói da nossa independência, tão magnanimamente por ele realizada nos campos do Ipiranga, devia ter-se seguido a completa abolição de uma lei que nos apresente ao estrangeiro como um povo bárbaro e ainda por civilizar! Esse cancro, que solapa a base da nossa emancipação. Lamento a sorte anômala desses infelizes; porém... aborreço-os! Devo todos os meus infortúnios a escravos, dos quais era eu mais mãe do que senhora. É gente muito ingrata!

Cena XVII

Os mesmos e PEDRO

PEDRO
(*a Eugênio*)

Está aí um homem que procurou V. S. esta manhã, e pede para lhe falar. Vem com uma parda.

EUGÊNIO
Faça os entrar para aqui. (*sai Pedro*)

Cena XVIII

EUGÊNIO e MATILDE

MATILDE

Deixo-o com as suas visitas; vou esperar as minhas amigas no seu gabinete de trabalho.

EUGÊNIO

Se só se tratasse de uma visita, pediria a V. Exa. que abrissemos um parêntese na nossa conversação, porém, é uma conferência enfadonha.

MATILDE

A aquisição do seu brinde?

EUGÊNIO
(*seguindo-a*)

A troca do mais precioso atributo da humanidade por algumas notas do banco!

MATILDE

Até já. (*sai*)

Cena XIX

EUGÊNIO, FORBES e MARTA

FORBES
(*à porta*)

V. S. dá licença? (*Eugênio faz-lhe um gesto, e Forbes entra acompanhado por Marta*) É o Sr. Eugênio S. Salvador, a quem tenho a honra de falar?

EUGÊNIO

Sim, senhor; (*indica-lhe uma cadeira*) faça o favor de assentar-se. (*assentam-se; Marta conservasse de pé em lugar*)

donde possa naturalmente olhar para o retrato) Sei que já me procurou.

FORBES

E o Sr. Barão de Maragogipe, com quem falei, autorizou-me a procurar de novo a V. S., para utilizarmos este negócio. Tomei a liberdade de a trazer; o preço é dois contos de réis.

EUGÊNIO

(olha para Marta, que está muito atenta para o retrato)

Traz a carta competentemente legalizada?

FORBES

(entregando-lhe um papel)

Não me esqueceu formalidade alguma.

EUGÊNIO

(depois de ler, ergue-se)

Está em ordem. *(guarda-a no bolso)* Dê-me licença, vou buscar-lhe o dinheiro. *(vai a sair e repara em Marta agitada a contemplar o retrato)* Meu Deus!...

MARTA

(mostrando o retrato a Forbes)

Que semelhança! *(para Eugênio)* Meu senhor... *(encarando-o)* Jesus!!! *(contempla por alguns momentos a Eugênio, que está muito perturbado)* Será isto um sonho?! Perdoe, meu senhor... não me conhece? Repare bem para mim... Interrogue as suas reminiscências, as suas mais antigas recordações *(em grande ansiedade)*

EUGÊNIO

(com esforço)

Não... não a conheço!

MARTA

(muito angustiada)

Ah!... *(fica como que aniquilada por alguns instantes)*

FORBES

(a Eugênio)

V. S. há de desculpar...

MARTA

(vai ao retrato, arranca-lhe o véu)

Sim... é ele!!

FORBES

(repara no retrato e estremece)

Ele?!... É... alguma pessoa da família?...

EUGÊNIO

É o pai de minha mulher...

MARTA

(fulminada)

Sua mulher!! *(dolorosamente)* Desgraçado!... o que fizeste!... *(No momento em que o pano desce, entram Paulina, Olímpia e Matilde, alguns homens e algumas senhoras.)*

FIM DO ATO PRIMEIRO

ATO SEGUNDO

(Na noite do mesmo dia.)

(Gabinete esteirado, com portas ao fundo e aos lados. Poltronas, divã à direita, secretária à esquerda, mesa ao meio, com livros, objetos para escrever, tímpano e candelabro com velas acesas.)

Cena I

EUGÊNIO, *assentado no divã*, e PAULINA, *de pé, junto dele*

PAULINA

(com solicitude)

Estás melhor, meu amigo?

EUGÊNIO

Quase bom; foi uma leve indisposição.

PAULINA

Vi-te empalidecer tanto!... Por pouco não caíste.

Cena II

Os mesmos, OLÍMPIA e MATILDE

OLÍMPIA

(entrando apressada)

Meu Deus!... o que teve, papai?...

MATILDE

Retirou-se da sala bastante incomodado, meu amigo?

EUGÊNIO

(querendo gracejar)

Tive um achaque de moça bonita: *um faniquito!*

OLÍMPIA

(sorrindo-se)

O papai com *faniquitos?!!*

MATILDE

Quando o doente graceja, bem vai o caso. O seu papai não tem coisa de cuidado; venha cumprir sua promessa.

OLÍMPIA

Ora... Sra. D. Matilde!...

MATILDE

Então! Quer *roer-me a corda?* Olhe que ordeno uma invasão de *dilettanti* a este gabinete!

EUGÊNIO

O que lhe prometeu ela. Sra. D. Matilde?

MATILDE

Prometeu-me cantar uma nova cançoneta, cuja letra, produção do nosso patricio Luiz Ayque, é realçada pela linda música do Furtado Coelho.

OLÍMPIA

Mas... se eu ainda não estou bem certa!...

PAULINA

(séria)

Não prometerias cantá-la se não a soubesses.

OLÍMPIA

(sorrindo-se)

Que tirania!... Enfim!... Vamos, Sra. D. Matilde. Até logo, papai. *(beija-lhe a mão)*

MATILDE

(oferece-lhe o braço)

Quero ser o seu cavalheiro.

OLÍMPIA

(dando o braço a Matilde)

Vou fazer uma *bonita* figura! *(encaminham-se para o fundo)*

MATILDE

Já a entendo, Sra. vaidosazinha! *(saem)*

Cena III

EUGÊNIO e PAULINA

EUGÊNIO

Não vais também apreciá-la?

PAULINA

Gosto mais da música ao longe.

EUGÊNIO

Não acho conveniente a tua ausência da sala.

PAULINA

Inconveniente seria eu deixar-te só, incomodado como te achas.

EUGÊNIO

Preciso somente de um pouco de descanso.

PAULINA

Pois descansa. *(assenta-se perto da mesa e pega em um livro)* Mais tarde iremos juntos.

EUGÊNIO

(levemente impaciente)

Eis uma encantadora teima! Agradeço-te, mas...

PAULINA

Não insistas; não vou para a sala sem ti.

EUGÊNIO

(ergue-se)

Nesse caso... *(oferece-lhe o braço)*

PAULINA

O que pretendes?

EUGÊNIO

Restituir a festa da sua rainha.

PAULINA

(sorrindo-se)

Sempre a gracejar! *(ergue-se e larga o livro)* Já que o exigés, deixo-te só. Mas se daqui a meia hora não apareceres, vir-te-ei buscar.

EUGÊNIO

(vivamente)

Não!... não quero que venha pessoa alguma!

PAULINA

(admirada)

Está bom... sossega; aqui ninguém virá. *(sai pelo fundo)*

Cena IV

EUGÊNIO e depois PEDRO

EUGÊNIO

(depois de pensar imerso em tristeza, toca no tímpano e aparece Pedro pela direita)

Já chegou a pessoa de quem lhe falei?

PEDRO

Neste mesmo instante; já eu vinha participar a V. S.

EUGÊNIO

Conduza-o para aqui, pelo corredor interior. *(Pedro vai a sair)* Espere um pouco. *(procura na mesa um bilhete de visita, e escreve nele algumas palavras a lápis)* Entregue este bilhete ao Sr. Barão, quando ele estiver só. *(dá-lhe o bilhete; Pedro sai)*

Cena V

EUGÊNIO e depois FORBES

(Ouve-se Olímpia cantar uma cançoneta, música de Furtado coelho e letra de Marcelo Ayque.)

Do azul do céu, minha estrela
Luziu brilhante e morreu!
A mão da sorte em minh'alma
Um véu de crepe estendeu.

Meus sonhos são agonias!
Espinho que ceva a dor.
É meu futuro um deserto,
Sem planta, nem luz, nem flor!

A derradeira esperança
Em limbo escuro tombou,
E morta vivo das penas
Que o sofrimento deixou!

(Enquanto Olímpia canta, Eugênio passeia tristemente, parando de espaço a espaço. Findo o canto, ouvem-se grandes aplausos, bravos, etc.)

EUGÊNIO

(assenta-se muito oprimido)

Oh!... a fatalidade!... a fatalidade!...

FORBES

(à porta, como que respondendo)

Sou eu, Sr. Comendador! *(Eugênio ergue-se)* V. S. dá licença?

EUGÊNIO

Entre, senhor. *(Forbes entra)*

FORBES

Sei que a ocasião é imprópria; porém, como V. S. pediu-me que viesse aqui esta noite...

EUGÊNIO

(indica-lhe uma cadeira)

Faça o favor de assentar-se. *(assentam-se)* Desejo obter do senhor algumas informações sobre a pessoa que libertei hoje. Foi para isso que lhe pedi que me procurasse.

FORBES

Aqui estou ao dispor de V. S.

EUGÊNIO

Há quantos anos possuía o senhor...?

FORBES

A minha escrava Marta?... Há de haver perto... ou talvez mais de trinta anos.

EUGÊNIO

De quem a comprou?

FORBES

Comprei-a, juntamente com um filho, a certo negociante, que *quebrou* na mesma ocasião em que os vendeu. Até creio que, por causa dessa venda, foi ele condenado como estelionatário, por ter subtraído e vendido clandestinamente bens sujeitos à massa falida.

EUGÊNIO

E sabe que destino teve esse homem

FORBES

Foi pronunciado na Bahia, em... mil oitocentos e trinta e tantos, e para escapar à vindita da lei, fugiu aqui para esta capital. Creio que morreu há muito tempo V. S. está incomodado!...

EUGÊNIO

E... o que foi feito do filho de Marta?

FORBES

Vendi-o aqui para o Rio, era um mulatinho endiabrado! Não o pode suportar!

EUGÊNIO

E nunca teve notícias dele?

FORBES

(fitando-o)

O Sr. Comendador interessa-se singularmente pelo filho de Marta! Pois, sobre a sorte desse pequeno, nada posso dizer a V. S.; nunca tive a menor informação a tal respeito. *(pequena pausa)*

EUGÊNIO

Há de desculpar-me o incomodo que lhe dei; *(erguem-se)* estou satisfeito.

FORBES

Incômodo nenhum. Mesmo eu tinha de procurar a V. S. para comunicar-lhe que... *(tira um maço de notas do bolso)* refleti melhor; não me convém aceitar só dois contos de réis pela liberdade da minha escrava... *(apresenta o dinheiro a Eugênio)*

EUGÊNIO

(sem tomar o dinheiro)

Não lhe convém?!

FORBES

Não, senhor. *(põe o dinheiro sobre a mesa)* É muito pouco

EUGÊNIO

(surpreso)

Pouco!... dois contos de réis!

FORBES

Vinte que fossem, não era coisa alguma!

EUGÊNIO

Vinte?! *(encara-o muito admirado)* O senhor está louco?!

FORBES

(friamente)

Louco estaria eu, se aceitasse semelhante bagatela!

EUGÊNIO

Pois, senhor, faça o favor de guardar o seu dinheiro, e...

FORBES

Não, senhor; e uma vez que não nos ajustamos no preço, tenha a bondade de restituir-me a carta, e mandar vir a parda, que a quero levar.

EUGÊNIO

Levá-la! Isso nunca! O senhor já não tem direito algum sobre ela!

FORBES

Essa agora!...

EUGÊNIO

Essa mulher é livre...

FORBES

(perturbando-se)

Livre!...

EUGÊNIO

A carta da sua liberdade ficou hoje registrada nas notas do cartório do tabelião Castro.

FORBES

(visivelmente contrariado)

Registrada! *(ergue-se)*

EUGÊNIO

Cumpri lealmente aquilo que tratamos; não posso ser responsável pelas intermitências da sua vontade.

FORBES

(com cólera mal disfarçada)

E acha V. S. que eu estarei sujeito à sua? Está muito enganado, meu caro senhor! Não me deixarei expoliar do meu direito de propriedade, sem que a questão se discuta em público!

EUGÊNIO

(perturbado)

E o que tenho eu a recear em semelhante discussão? *(pequena pausa)* Acha pequena a quantia que arbitrou para o resgate da sua escrava? Pois, em consideração a essa desventurada, dar-lhe-ei mais um... *(Forbes fica impassível)* dois... *(desorientando-se)* três contos de réis!

FORBES

É pouco.

EUGÊNIO

(surpreso)

Ainda acha pouco?!

FORBES

É mesmo uma ridicularia. *(assenta-se)*

EUGÊNIO

(indignado)

Se o senhor não está doido, está...

FORBES

(sorrindo-se)

Embriagado?... Pode concluir a frase; em discussões de negócios, nunca me dou por ofendido. No entanto, para validar o

que tratarmos, devo assegurar a V. S. que não me acho em nenhum desses deploráveis estados.

EUGÊNIO

Então, não compreendo as suas exigências. *(assenta-se)* Faça o favor de retirar-se por onde entrou.

FORBES

Menos viveza em suas palavras, Sr. Eugênio S. Salvador! Reflita na singularíssima posição em que acha, e veja que deve-me...

EUGÊNIO

(ergue-se encolerizado)

Eu, nada lhe devo! Já lhe disse que guardasse o seu dinheiro, e se retirasse! *(passeia muito agitado)*

FORBES

Nada me deve?! *(ergue-se)* Já que V. S. é tão falto de memória, irei perguntar à filha do ladrão Olímpio Torres...

EUGÊNIO

(avançando furioso para Forbes)

Miserável!...

FORBES

(sem se alterar)

Por quanto deve seu marido comprar o segredo do seu escravo Eugênio...

EUGÊNIO

Senhor!...

FORBES
Filho da minha escrava Marta!

EUGÊNIO
(suplicante)
Basta!... nem mais uma palavra!... Oh!... *(deixa-se cair sobre uma poltrona, pequena pausa; Forbes contempla-o ironicamente)* Não!... *(ergue-se bruscamente)* Não é possível!... Com que documentos prova o senhor o que acaba de dizer?

FORBES
Com o papel de compra, de Marta e de seu filho, passado e assinado pelo próprio Olímpio Torres, que nos vendeu.

EUGÊNIO
E o que exige por esse papel?... Diga-o com franqueza... com audácia mesmo...

FORBES
Já que me permite... vou ser franco: dos meus perdidos cabedais, só me ficaram dívidas, ruins paixões, vícios mesmo...

EUGÊNIO
(amargamente)
Que pretende alimentar à custa de uma revelação fatal?...

FORBES
Não direi que tenciono alimentar minhas perniciosas paixões à cista do segredo do meu ex-escravo Eugênio. *(respeitoso)* Constituo, porém, meu banqueiro, o Sr. Eugênio S. Salvador. *(intencional)* Os títulos e as garantias do meu capital, em vista o preceito: *Usar, mas não abusar!* Se quiser dar-me os

dois contos de réis... por conta... *(Eugênio empurra-lhe o dinheiro, que ele guarda)* quanto ao mais... quando eu precisar...

EUGÊNIO
(toca no tímpano)
Desculpe... preciso ficar só.

FORBES
(pega no chapéu)
Oh! Sr. Comendador! V. S. está em sua casa!...

Cena VI

Os mesmos e PEDRO

EUGÊNIO
(a Pedro)
Acompanhe o senhor, até a escada.

FORBES
(cumprimentando)
Sr. S. Salvador!...

Cena VII

Os mesmos e o VISCONDE, pelo fundo

VISCONDE
Desculpe, Comendador!... Só agora soube que... *(vê Forbes)* O senhor aqui?!...

FORBES
(*intencional*)

De que se admira, Sr. Visconde?... Não está também V. Exa.? Ora!... (*sai pela porta por onde entrou, acompanhado por Pedro*)

Cena VIII

EUGÊNIO *e o* VISCONDE

VISCONDE
Não supunha este homem na sua intimidade!

EUGÊNIO
Não sei por que V. Exa. diz isso.

VISCONDE
Aqui!... no seu gabinete!

EUGÊNIO
(*friamente*)
Também V. Exa. honra neste momento o meu gabinete, sem que eu o conto no número dos meus íntimos!

VISCONDE
(*afetando dignidade*)
Consinta que eu repila o paralelo que parece estabelecer entre a minha pessoa e um tal tratante! Se aquele homem tem a felicidade de ser do número dos seus amigos, declino dessa honra! A minha categoria...

EUGÊNIO
(*secamente*)

As relações que existem entre mim e o Sr. Visconde não o autorizam a censurar os meus atos. Só o conheço há algumas horas, se é, como diz, um *tratante*, o seu próprio interesse o fará não ser comigo. É esta a explicação única que posso dar à suscetibilidade de V. Exa., e dos *oficiosos*!

VISCONDE
Como! Pois o Comendador formalizou-se?!

EUGÊNIO
Não, Sr. Visconde; salvo se V. Exa. chama *formalizar-me* o não querer eu comunicar-lhe os meus negócios particulares.

Cena IX

Os mesmos e o BARÃO

BARÃO
(*pelo fundo*)
Eis-me aqui, Eugênio... O que tens? Estás agitado...

VISCONDE
Não é nada, Barão! Tivemos uma ligeira controvérsia, mas já nos achamos de perfeito acordo, e, amigos como sempre! Bem sabe, que entre pessoas da *nossa roda*...

EUGÊNIO
(*ao Visconde*)
Se V. Exa. dá-me licença... preciso falar ao meu amigo.

VISCONDE

Cerimônias comigo, meu caro! Eu me retiro. Nós outros fidalgos não costumamos ser importunos! Até já, Comendador!... Barão!... *(sai)*

Cena X

EUGÊNIO *e o* BARÃO

BARÃO

Se este homem não fosse a personificação da estupidez, sê-lo-ia da fatuidade e do ridículo! Vou contar-te o que ele me comunicou esta manhã; prepara-te para rir... Mas, o que tens? Estás com fisionomia tão transtornada!

EUGÊNIO

Estou perdido, Barão!

BARÃO

Perdido! O que te aconteceu?

EUGÊNIO

Minha mãe está nesta casa.

BARÃO

(assombrado)

Tua mãe!! Como sabes?... Quem a trouxe?...

EUGÊNIO

Deus, ou a Fatalidade!... É a escrava que libertei esta manhã.

BARÃO

O que dizes?! *(encara-o e pega-lhe na mão)* Estás sob a influência de um acesso febril... Vem para a sala distrair-te.

EUGÊNIO

Não tenho febre, nem deliro. É minha mãe. Conheci-a, no momento em que fui por ela reconhecido. E... repeli-a!... reneguei-a!...

BARÃO

À tua mãe?!...

EUGÊNIO

Foi uma indignidade... um crime! Bem o seu! Fiquei impassível ante a dolorosa agonia desse coração que voava para mim... fiz mais: minha mulher, minha filha, amigos, esse Forbes, tinham todas as vistas sobre mim; temi uma revelação humilhante, e... confundi-a entre os meus criados... Oh! Sou um filho indigno!... um ingrato!

BARÃO

(sentido)

Não esperava de ti semelhante proceder!

EUGÊNIO

E a desonra que sobre mim pesaria, se soubessem que sou filho de uma escrava?! Que fui... Cativo! Eu?... *(desesperado)* Oh!...

BARÃO

Conta-me como se passou esse caso. *(assenta-se)*

EUGÊNIO

Antônio Forbes estava presente quando nos reconhecemos e a nossa comoção, sem dúvida, lhe denunciou a verdade. Não sei se ele também me reconheceu; só sei que está senhor do meu funesto segredo, e que pretende tirar dele todo o partido possível.

BARÃO

Que desgraça ocorrência!

EUGÊNIO

E, como se não bastasse o horror do sucesso que me acabrunha, vem ainda uma terrível circunstância complicar mais a minha situação! Paulina é filha do primeiro senhor de... Marta.

BARÃO

(ergue-se)

É possível?!

EUGÊNIO

Marta e seu filho foram os objetos que ocasionaram a ruína do infeliz Torres!

BARÃO

O que estás a dizer, Eugênio!

EUGÊNIO

A verdade, autorizada pelas informações Antônio Forbes, as quais coincidem com as poucas reminiscências que eu conservo do passado.

BARÃO

(consternado)

A ser assim, é uma horrível desgraça! *(assenta-se; Eugênio passeia tristemente)* Quem sabe se não és vítima de alguma especulação dessas criaturas, que guiadas por algum indício da verdade...

EUGÊNIO

(meneia tristemente a cabeça)

Marta não fingiu. O brado que soltou, quando me reconheceu, só podia sair da alma de uma mãe!

BARÃO

(ergue-se)

E se ambos se houvessem enganado? Se uma fortuita semelhança... Olha que se joga uma tremenda partida sobre o teu destino!

EUGÊNIO

Não nos enganamos; o coração mo diz.

BARÃO

Então, repito, é uma grande desgraça!

EUGÊNIO

Do que serve, pois, ter-me elevado a esse pedestal, erigido pela consideração social, se um imprevisto revés da sorte me vai dele fulminar! Oh!... Deus não é justo!

BARÃO

(severo)

Também descrente?!

EUGÊNIO

Barão!...

BARÃO

Entendes que para a felicidade do homem basta-lhe só sacrificar ao seu egoísmo e aos preconceitos do mundo, os seus mais sagrados deveres? Enganaste; é preciso, antes de tudo, o temos de Deus, e *fé* na sua bondade! Duvidas da sua justiça? Desvia os olhos das paixões mundanas que te toldam o espírito, o vê-las-ás pairar sobre a tua própria cabeça!

EUGÊNIO

(tristemente)

Se conhecesse a força do golpe que me abate!...

BARÃO

E não me fere ele também na afeição que te consagro? Sabes se te estimo; com a liberdade que te dei, adquiriste um pai, ao qual tornaste mais suportável a solidão de uma vida sem afetos e sem laços de família. Não quero ouvir-te blasfemar, juntando à fraqueza de ânimo a impiedade do coração!

EUGÊNIO

Perdão, meu bom pai!

BARÃO

Porém... *(assentam-se)* como é crível que não tenhas reconhecido no retrato do teu sogro, o homem em cuja casa nasceste?

EUGÊNIO

Não tenho a menor ideia de suas feições, assim como não me recordo de ter nunca visto esse Forbes, que, segundo o seu dizer, foi quem mandou o infeliz filho de Marta para o Rio de Janeiro.

BARÃO

E que provas tem esse homem?...

EUGÊNIO

Um papel de... compra! Documento assaz valioso, que o torna senhor da minha felicidade e da minha honra!

BARÃO

Da tua honra, não! Se nasceste escravo, não deixas por isso de ser honrado. Não é a condição que desonra o homem, são os seus próprios atos!

EUGÊNIO

Porém, como aceitará Paulina a minha infelicidade?... E minha filha? Oh!... se perco a ternura desses dois anjos!...

BARÃO

Não te deixes abater, quando mais precisas de energia! Já que a adversidade te manda tão dolorosa prova, aceita-a corajoso! Luta... e vence!

EUGÊNIO

(desanimado)

Lutar?... Tudo se junta para perder-me. Quem me afiança a discrição de Antônio Forbes? O que aconselhará o despeito ao coração dessa desventurada tão atrozmente repelida por mim?

BARÃO

Como julgas mal, esses *seres*, que chamariam – anjos – se não chamassem – mães!... – Despeito em uma mãe?... Abre os braços à pobre Marta...

EUGÊNIO

(*interrompendo*)

Não!... Se o fizesse, cair-me-iam neles todas as irrisões da sociedade!

BARÃO

Queres então sacrificar a tais preconceitos, a felicidade de tua mãe, e o sossego da tua consciência? (*ergue-se severo*) Que ideia fazes tu da honra, Eugênio?!...

EUGÊNIO

Expor-me ao desprezo da mulher a quem amo?

BARÃO

E... Qual é o interesse desse homem, guardando o papel que te compromete?

EUGÊNIO

Obrigar-me a satisfazer-lhe as ambiciosas exigências; ele próprio o confessou.

BARÃO

A questão, pois, milita sob um princípio: o *ouro*, não é assim? Ameaça-te, para que lhe dês dinheiro?

EUGÊNIO

Sim, e muito!

BARÃO

Por que te julgas então um homem perdido? Se ele quer dinheiro, dá-lho! Se que serviria a riqueza, se ela não fosse o *poder moderador*; para onde apelam as paixões dos homens? Compra a peso de ouro o teu segredo! Faz esse Forbes teu amigo pelo reconhecimento, ou teu escravo pela ambição!

EUGÊNIO

E Paulina?

BARÃO

Paulina ama-te bastante, para sujeitar-se à tua sorte. Conta-lhe tudo.

EUGÊNIO

Nunca! Morreria de vergonha antes de pronunciar a primeira palavra! Pois eu, quero ser respeitado por ela, hei de ir depor a seus pés uma fronte envilecida pelo ferrete da escravidão?... (*pequena pausa*) Diz bem, meu amigo, devo lutar! Será uma luta grandiosa, entre a fraqueza do homem e a onipotência do destino, porém... vencerei!

BARÃO

Muito bem! É assim que te quero ver! Não é com vãs lamentações que se repelem os ataques da adversidade! Combate-se enquanto há elementos para isso!

EUGÊNIO

E... Marta?...

BARÃO

Não és bastante rico para lhe proporcionares uma existência feliz?

EUGÊNIO

Longe de mim, exposta à curiosidade do mundo? É impossível!

BARÃO

(indignado)

Impossível!... Tens um coração duro e ingrato! *(passeia e para)* Amanhã falaremos sobre isto. Vem para a sala que a tua ausência já deve ter sido notada.

EUGÊNIO

Aparecer neste estado de perturbação? *(Marta aparece à porta)*

BARÃO

Pois acalma-te, e vem depois; eu vou para perto dos teus amigos. *(sai. Marta aproxima-se)*

Cena XI

EUGÊNIO e MARTA

EUGÊNIO

(apercebendo-a)

O que vem fazer aqui?...

MARTA

(muito comovida)

Meu filho!... *(súplice)* Agora que estamos sós... uma palavra ao menos...

EUGÊNIO

Nada tenho a ouvir, nem a dizer!... Já lhe disse, que... não a conheço!

MARTA

(amargamente)

Não me conheces?... Oxalá que assim fora! Não prantearia com lágrimas de sangue a tua crueldade!

EUGÊNIO

(perturbado)

Senhora!...

MARTA

(ressentida e penalizada)

É possível que a tua opulência, e o esplendor da tua posição, sejam causas para que renegues aquela que te alimentou com o sangue das suas veias? *(enternecendo-se)* Que te ajudou a dar os primeiros passos na vida, e te ensinou a balbuciar oração a Deus?...

EUGÊNIO

(em grande luta de sentimentos)

Basta... basta!...

MARTA

(súplice)

Chame-me tua mãe!... *(olha em torno da sala)* Tua mãe!... *(com muita ternura)* Filho de minha alma!... Oh...! *(quer pegar na mão de Eugênio; este que tem estado em grande agitação, afasta-se vivamente)*

EUGÊNIO

Repito-lhe que... está enganada!

MARTA

(com amargura)

Enganada?! Crês tu, que um coração de mãe se possa enganar? Julgas que o íntimo de um seio de mulher, estremeça sem ser pelo ente a quem gerou?... *(Eugênio encaminha-se para o fundo. Marta toma-lhe a passagem)* Filho! *(em lágrimas)* Meu filho! Não me fujas! Atende à mísera que te chamou nos longos dias de vinte e nove anos! A única consolação que eu tinha nas minhas cruéis aflições, era a esperança de um dia encontrar-te, e unir-te ao meu seio! *(Eugênio olha desassossegado para as portas)* Vejo que é o receio que te faz fugir dos meus braços... sim, tu me hás reconhecido... a tua comoção me diz.

EUGÊNIO

(em crescente comoção)

Deixe-me, senhora!... preciso ficar só...

MARTA

(agarrando-lhe na mão)

Eugênio!... *(quer abraçá-lo)*

EUGÊNIO

(revestindo-se de ânimo, e repelindo-a)

Esse Eugênio... morreu para a senhora!

MARTA

(com grande angústia)

Oh!... Meu Deus!... Meu Deus!... *(cai desmaiada nos braços de Eugênio, que a ampara. Paulina vem entrando pelo fundo, e ao vê-los, para poucos passos muito maravilhada)*

FIM DO ATO SEGUNDO

ATO TERCEIRO

(Em casa de Eugênio, a 6 de setembro de manhã. A mesma decoração do 1º ato.)

Cena I

BARÃO e PAULINA, *assentados*

BARÃO

Repito-lhe, minha filha: seu marido não lhe merece semelhante tratamento...

PAULINA

Eu não o trato mal; se ando triste, é porque não me posso contrafazer, não sei fingir.

BARÃO

E por que anda triste? Eu não lhe aconselho o fingimento, nem quero que se contrafaça. Seja alegre, francamente, sem esforço, como outrora! Mostre-se prazenteira, expansiva... Se soubesse o quanto uma mulher se torna interessante com a sua meiguice e amabilidade? Veja como se tem deixado abater! Já não trata de si com aquele cuidado... tem a fisionomia tão mortificada!

PAULINA

(forcejando para não chorar)

Meu amigo!

BARÃO

Está com o coração oprimido e a nadar-lhe em lágrimas... pois desafogue-o! Chore!... chore em presença do seu velho amigo, que sê-lo-á sempre, sincero e desvelado! *(Paulina prorrompe em soluços)* O que a aflige?... *(pega-lhe na mão)* O que atormenta? Fale, seja franca comigo! *(pequena pausa)*

PAULINA

(mais calma)

Por que anda Eugênio tão triste? O que lhe hei feito para que ele busque sempre evitar-me?

BARÃO

Ele!... Evitá-la!... Que prevenção a guia do juízo que faz acerca do pobre Eugênio?

PAULINA

Prevenção?... Sempre tão preocupado, tão sombrio...

BARÃO

(tristemente)

Ora, minha filha! Pois um homem na posição de seu marido, não tem, no giro dos seus negócios, coisas que o preocupem?

PAULINA

(secamente)

Está bom; mudemos de conversa. *(pequena pausa)* Ainda não pude saber a causa do desmaio de Marta, na noite em que Eugênio tanto insistiu para ficar só. Tem-me feito disso mistério...

BARÃO

Algum achaque antigo, talvez...

PAULINA

E o que foi ela fazer ao gabinete de Eugênio, àquela hora?

BARÃO

Isso... nada quer dizer! É tão fácil dar-se qualquer caso que...

PAULINA

(com ironia amarga)

O Barão, é um amigo dedicado, ao último extremo!

BARÃO

(com dignidade)

Paulina! Acho-a incapaz de ofender o pai de seu marido! O que pensa? O que supõe?

PAULINA

Penso que em tudo isto existe um mistério indigno!

BARÃO

Os meus cabelos brancos, e a minha dedicação à sua felicidade, impõem-lhe o dever de dar crédito às minhas palavras. Seu esposo é credor de todo o seu afeto, e digno de toda a sua estima!

PAULINA

Que suplício de conjecturas! *(erguem-se à entrada de Eugênio)*

Cena II

Os mesmos e EUGÊNIO

EUGÊNIO

(apertando a mão do Barão)

Bom dia, meu amigo!... Não sabia que estava aqui!

BARÃO

Cheguei há pouco!

PAULINA

(ao Barão)

Agora que o deixo acompanhado, dê-me licença; tenho que escrever algumas cartas. *(encaminhando-se, e o Barão acompanhando-a)*

BARÃO

(à meia voz)

A docilidade é a arma mais poderosa da mulher! *(Paulina sai)*

Cena III

EUGÊNIO *e o* BARÃO

EUGÊNIO

Paulina estava comovida... O que lhe disse ela?

BARÃO

Nada; porém, eu compreendi muito. Tu te comprometes com as tuas inconveniências! Já muitas vezes te hei dito, que a

presença de tua mãe nessa casa pode ser-te muito prejudicial!
 Nem sei como consentes que seja criada da tua filha!

EUGÊNIO

É ela quem assim o quer. Ama muito a Olímpia, e...

BARÃO

E reconhece a necessidade de um pretexto que justifique a sua presença na tua casa. É mister tirá-la de semelhante posição.

EUGÊNIO

Hoje, sinto que não posso viver longe dela! A natureza recobra enfim os seus direitos, e brada mais alto em meu coração, do que no meu espírito o temos dos escárnios sociais. *(roda um carro)*

BARÃO

Tendo-a fora daqui, podes vê-la, e torná-la feliz com a tua presença e os teus cuidados.

EUGÊNIO

E se Paulina souber das minhas visitas?

Cena IV

Os mesmos e PEDRO

PEDRO

(a Eugênio)

O Sr. Visconde de Medeiros, manda perguntar se pode cumprimentar a V. S.

EUGÊNIO

Que faça o obséquio de entrar. *(sai Pedro)*

Cena V

Os mesmos, menos PEDRO

BARÃO

Para que continuas a receber o Visconde, depois da formal recusa que lhe fizeste, da mão de tua filha?

EUGÊNIO

Crê que me sejam agradáveis as suas visitas? Procura-me, e a delicadeza impõe-me a benevolência.

Cena VI

Os mesmos e o VISCONDE

VISCONDE

(largando o chapéu)

Ora, bom dia, meu caro S. Salvador! Oh!... o Barão por cá!... *(o Barão toma o chapéu e a bengala)* Como! Pois sai, com a minha chegada?

BARÃO

(secamente)

Já me dispunha a sair, quando V. Exa. entrou. Até a tarde, Eugênio. *(aperta-lhe a mão)* Adeus, Sr. Visconde. *(encaminhando-se para o fundo, e Eugênio segue-o)* Pensa no que te disse. *(sai)*

Cena VII

EUGÊNIO e o VISCONDE

VISCONDE

O comendador já sabe, que o Forbes apelou para a Relação? Diz o seu advogado, que tem certa a sua absolvição... o que não duvido! De ordinário, a balança da justiça pende para o lado dos velhacos! (*Eugênio apresenta-lhe cadeira, e assentam-se*) O abuso do patronato entre nós...

EUGÊNIO

Se a Relação o absolver, é porque está inocente. Os caracteres dos magistrados respeitáveis de que se compõe esse venerando tribunal, repelem as insinuações que se notam nas palavras de V. Exa.

VISCONDE

Não faça a injustiça de supor-me em dúvida sobre a imparcialidade de tão ilibados funcionários da alta justiça! Bem vê, que entre fidalgos da nossa *plana*, não se deixa de atender a certo espírito de classe! Mas... se reformam a sentença daquele *tratante*...

EUGÊNIO

Tenho notado em V. Exa. um tal escarniçamento contra esse homem...

VISCONDE
(*com ênfase*)

É o escarniçamento que todo o homem honrado tem contra o vício e a velhacaria.

EUGÊNIO

(*friamente*)

Se V. Exa. quisesse expor-me o objeto da sua visita?

VISCONDE

Simplemente cumprimentá-lo; sou muito *puritano*, naquilo que respeita ao cumprimento de deveres sociais, mormente entre pessoas na *nossa roda*! Uma vez satisfeitos esses deveres... (*erguem-se*) não o quero importunar mais. Até outro dia, Comendador! (*pega no chapéu e encaminha-se para o fundo, Eugênio acompanha-o*) Nada de incômodos! Nós outros, fidalgos, dispensamos formalidades vulgares. (*sai*)

Cena VIII

EUGÊNIO e depois PAULINA

(*Eugênio assenta-se no divã, toma um jornal e percorre-o sem ler. Paulina entra com algumas cartas na mão, assenta-se perto da mesa e toca no tímpano.*)

EUGÊNIO

(*vai para perto dela*)

Sempre dás a tua reunião amanhã?

PAULINA

(*friamente*)

Se isso o não contrariar.

EUGÊNIO
(*amável*)

De modo nenhum! Sabes que só estou contente quando te vejo satisfeita. São os teus convites?

PAULINA
Os últimos que tenho para fazer.

Cena IX

Os mesmos e MARTA

PAULINA
(*dando as cartas a Marta*)

Dê estas cartas a Pedro, para manda-las ao seu destino. (*Marta, ao tomar as cartas, deixa cair algumas no chão e apressa-se em apanhá-las*) Então!... nada faz em ordem!... anda sempre abstrata!...

MARTA
Desculpe-me, minha senhora; são coisas que acontecem.

PAULINA
(*com mau humor*)
Deixe-se de respostas! Vá fazer o que lhe disse! (*Marta olha penalizada para Eugênio, que passeia tristemente pela sala, e sai*)

Cena X

EUGÊNIO e PAULINA

EUGÊNIO
(*assenta-se perto de Paulina*)

És tão severa para com aquela pobre mulher!...

PAULINA
(*encarando-o fixamente*)
Acha isso?!

EUGÊNIO
Sem dúvida. A tua natural brandura para todos os teus servos, torna mais sensível, a rispidez com que a tratas.

PAULINA
(*friamente*)
Aceito as suas observações; farei todo o possível, para não desgostá-lo neste ponto.

EUGÊNIO
Em que tom, me falas tu, Paulina! (*pega-lhe na mão.*) Está doente?

PAULINA
Alguma coisa.

EUGÊNIO
Talvez as minhas palavras sobre Marta, te contrariassem; porém, sei que não gostas de maltratar a pessoa alguma, e vejo que ela se mortifica quando a tratas com dureza.

PAULINA
Se não está satisfeita aqui, por que não se retira? Não é livre?

EUGÊNIO

(descontente)

Realmente, Paulina! Estou desconhecendo-te! Sabes que ela não nos quer deixar; afeiçoou-se de tal modo, a Olímpia, a quem, diz ela, deve a liberdade, que fora cruel, o despedi-la.

Cena XI

Os mesmos e MARTA

PAULINA

(vendo Marta)

Quem a chamou aqui?

MARTA

Já entreguei as cartas, e venho saber se a senhora tem algumas ordens a dar-me. *(Eugênio toma de novo o jornal)*

PAULINA

(zangada)

É preciso coibir-se do mau costume de apresentar-se, onde não a chamam! Já me aborrece tanta solicitude! Diga a Luís, que prepare o necessário para me vestir de preto. *(Marta sai)*

Cena XII

EUGÊNIO e PAULINA

(Paulina vai até a janela, e volta a assentar-se)

EUGÊNIO

Já sei que vais à missa da Cruz. Queres que te acompanhe?

PAULINA

Ser-lhe-ia um passeio muito aborrecido!... Além de algumas compras que preciso fazer, tenho ainda de visitar a muitas das nossas pensionistas!

EUGÊNIO

Minha piedosa Paulina! *(beija-lhe a mão)*

Cena XIII

Os mesmos e OLÍMPIA

OLÍMPIA

Ora graças a Deus! Já os vejo juntos e satisfeitos! Há quanto tempo, papai não beija a mão da mamãe?

EUGÊNIO

Sempre, minha linda, sempre!

PAULINA

Teu pai já pouco se ocupa com tais puerilidades!

EUGÊNIO

Como és má, e injusta comigo, Paulina!

OLÍMPIA

Então!... ainda temos *rusgas*? Ora muito bem! Saibam que eu não gosto de os ver arrufados! É uma coisa tão feia, num casal tão bonito! Mamãe? Eu não vou também me vestir?

PAULINA

Para quê?

OLÍMPIA

Nunca vou à missa da Piedade, nem dou esmola aos pobres!...

PAULINA

Todo o teu dinheiro é pouco para ninharias da rua do Ouvidor.

EUGÊNIO

Para praticar o bem, nunca faltam elementos. *(tira da carteira algumas notas que dá a Olímpia)* Eis aqui, para os pobres, e para a rua do Ouvidor.

OLÍMPIA

(transportada, abraçando-o)

É meu papaizinho!

EUGÊNIO

(sorrindo-se)

Interesseira! *(beija-a na testa)* Vai-te vestir; *(Olímpia hesita e olha receosa para Paulina)* então, já não queres ir à missa?

OLÍMPIA

(à meia voz)

Não te há de ralar. O desejo de tornar-te *enciclopédica*, não a fará ter-te reclusa todas as semanas do mês.

PAULINA

Estou hoje bem infeliz! Não lhe mereço senão repreensões! *(sai arrebatada)*

Cena XIV
EUGÊNIO e OLÍMPIA

OLÍMPIA

(pesarosa)

Como!... papai repreendeu-a?!

EUGÊNIO

(triste)

Pedi-lhe simplesmente uma coisa, e, como agora, interpretou mal a minha intenção.

OLÍMPIA

Eu não sei o que a mamãe tem! Anda sempre de tão mau humor, que já não me atrevo a gracejar, nem a pedir-lhe nada! *(triste)* Isto assim, entristece a gente.

EUGÊNIO

(fá-la sentar perto de si)

Dize-me uma coisa: estás satisfeita com a tua aia?

OLÍMPIA

Pois não, papai, muito!

EUGÊNIO

Desejo que a trates, mais como amiga do que como criada. É muito bonito numa menina respeitar os mais velhos, e aqueles que lhe consagram afeição!

OLÍMPIA

Pois papai não vê como eu estimo a Sra. Marta? Se ela me quer tanto!... Tem tanto cuidado em tudo quanto é meu!... faz-

me todas as vontades... Como sabe que eu gosto muito de doces e flores, gasta quase tudo quanto ganha em comprar-me uma e outra coisa! Eu não sei por que mamãe não gosta da Sra. Marta! Nada do que ela faz lhe agrada! Está sempre a zangar-se...

EUGÊNIO

Tua mãe anda doente; é do seu estado de saúde que nasce essa impaciência.

OLÍMPIA

E anda também aflita; tenho-a visto chorar...

EUGÊNIO

Ela?! (*erguem-se*)

Cena XV

Os mesmos e MARTA

MARTA

Minha menina, venha vestir-se.

OLÍMPIA

Ai! Pois não ia-me esquecendo?... (*marta olha com ternura para Eugênio; Paulina que entra surpreende esse olhar*)

Cena XVI

Os mesmos e PAULINA

(*vestida de preto, com o chapéu e as luvas na mão*)

PAULINA

(*pondo o chapéu e as luvas na mesa*)

Então, Olímpia! Ainda estás desse modo?

OLÍMPIA

Eu vou já, mamãe! Entretive-me a conversar com papai..., mas, a Sra. Marta veste-me num instante. (*sai acompanhada por Marta*)

Cena XVII

EUGÊNIO e PAULINA

PAULINA

Admiro a sua insistência, em querer que Olímpia seja servida por aquela mulher! (*assenta-se*)

EUGÊNIO

Admiras-te de uma coisa muito natural. (*assenta-se perto*)

PAULINA

Acha muito natural, que nossa filha tenha constantemente junto a si uma criatura, de cuja vida não temos o menor conhecimento?

EUGÊNIO

Não desejo contrariar-te; conversaremos com Olímpia, e se não estiver satisfeita...

PAULINA

Isso não é mais do que uma evasiva! Bem sabemos que Marta insinuou-se por tal modo no espírito dessa menina, que ela não tolera os serviços de mais ninguém.

EUGÊNIO

Então por que te incomodas com semelhante coisa?

PAULINA

E a moralidade, Eugênio?

EUGÊNIO

A moralidade?!

PAULINA

Não tens em conta alguma a pureza de nossa filha? Uma menina tão ingênua, tão inocente, entregue à convivência de uma criada, da qual ignoramos os precedentes?

EUGÊNIO

Não és razoável. Conhecemos acaso, os precedentes e a moralidade dessas criaturas que mandamos buscar a bordo de uma embarcação, ou nos lugares indicados nos anúncios do *Jornal do Comércio*?

PAULINA

Ao menos, são mulheres que nasceram livres.

EUGÊNIO

(acrimoniosa)

E, por consequência, moralizadas?

PAULINA

Quando não o são, o instinto, e o trato da gente civilizada, lhes aconselha a decência precisa para se apresentarem como tais.

EUGÊNIO

(impacientado-se)

Paulina!

PAULINA

(irritando-se)

Quero essa mulher fora desta casa imediatamente!
(erguem-se)

EUGÊNIO

(contendo-se)

Porém já te fiz ver que seria uma crueldade! Foi para piorar a sua situação que a libertamos? Bem sabes que não tem conhecimento algum no Rio de Janeiro

PAULINA

Não lhe faltarão casas onde se empregue.

EUGÊNIO

E Olímpia, que não a quer dispensar?

PAULINA

Fá-la-ei dispensar. Uma criança não tem vontades.

EUGÊNIO

(com firmeza)

O que exiges é impossível... por ora.

PAULINA
(*encolerizada*)

Impossível!

MATILDE

Dão licença?

EUGÊNIO
(*serenando-se rapidamente e indo recebe-la*)
Oh! Minha senhora!

Cena XVIII

Os mesmos e MATILDE

MATILDE
(*aperta a mão de Eugênio*)

Bom dia, meu amigo! Paulina... (*beija-a*) O que tem? Está com o rosto tão alterado? Está doente?

Oma

PAULINA

Um pouco.

MATILDE

E vai sair? Ah!... agora me lembro... hoje é dia das suas piedosas excursões (*Paulina toma-lhe o chapéu*) A beneficência é uma bela virtude! Até presta àqueles que a praticam um certo quê tão *mavioso*... Já reparou meu amigo, como Paulina está de uma beleza tão tocante, com aqueles vestidos negros?

EUGÊNIO

(*olhando para Paulina com ternura*)

Se eu fosse escultor, torná-la-ia para modelo das minhas estátuas da CARIDADE.

PAULINA

(*brevemente irônica*)

E o senhor, seria a FÉ?

EUGÊNIO

(*fitando-a com intenção*)

Sem dúvida!

MATILDE

Que duas sublimes *virtudes teologais*! Para completar o grupo (*olhando*) ali vem a ESPERANÇA... (*entra Olímpia*) E como vem *faceira*! (*ergue-se*)

Cena XIX

Os mesmos e OLÍMPIA

OLÍMPIA

(*vestida de preto*)

Bom dia, Sra. D. Matilde... (*Matilde beija-a na face*) Já sei que nos faz companhia às visitas dos pobres?...

MATILDE

Não, minha menina; hoje tenho de tratar de interesses que me são caros. AS conveniências do céu não nos devem impedir de olhar para as coisas cá da terra; porque, segundo o preceito do Supremo Instituidor da Caridade, *a bem entendida, deve*

principiar pelos de casa! Diga-me uma coisa, meu amigo: durante a ausência de Paulina, a minha presença ser-lhe-á incômoda? (Paulina põe o chapéu e calça as luvas)

EUGÊNIO

Ao contrário, minha senhora, ela povoará a minha solidão!

MATILDE

Por tão lindas palavras, prometo abreviar a penitência, o mais que me for possível... Porém, meu Deus! O que fiz eu a Paulina?... Nem ao menos me quer olhar!

PAULINA

Desculpe-me; estou com muitas dores de cabeça!

Cena XX

Os mesmos e PEDRO

PEDRO

(à porta)

O carro já está pronto. *(sai)*

Cena XXI

Os mesmos, menos PEDRO

PAULINA

(apertando a mão a Matilde)

Até a volta! *(sai precipitadamente)*

Cena XXII

Os mesmos, menos PAULINA

OLÍMPIA

(aflita)

Oh! *Senhores!* O que tem a mamãe?! Parece que vai chorando! Papai... *(beija-lhe a mão, e aperta a de Matilde)* Até logo, Sra. D. Matilde... *(sai quase a correr)*

Cena XXIII

EUGÊNIO e MATILDE

(Eugênio assenta-se abatido, e fica silencioso alguns momentos)

MATILDE

(assenta-se perto de Eugênio)

Tenho conhecido que entre os meus amigos já não reina aquela deliciosa harmonia de outrora!

EUGÊNIO

É verdade, Sra. D. Matilde; ao encanto do nosso trato tão íntimo e tão ameno, sucedeu o desgosto e o constrangimento!

MATILDE

E, poderei fazer alguma coisa em prol do seu sossego, e da sua felicidade? Tenho-o por um esposo digno de todo o afeto e estima; por consequência, nada arrisco em tentar a sua reconciliação com Paulina. Quer fazer-me a confidência dos seus pesares?

EUGÊNIO

Mereço a sua estima, mas a confiança que me pede, é impossível! Só lhe posso afirmar, que sou muito desgraçado!

MATILDE

Adivinho nesta fase da sua vida, um drama...

EUGÊNIO

Cuja principal peripécia far-me-ia morrer de vergonha!

MATILDE

(surpresa)

O que diz, meu amigo?!

EUGÊNIO

(mortificado)

Oh!... poupe-me! *(pequena pausa)*

MATILDE

Foi para tratar da felicidade dos meus amigos, que eu solicitei esta conversação; não me tache, portanto, de intrometida na sua vida íntima.

EUGÊNIO

Fale, minha senhora.

MATILDE

Marta foi o pomo da discórdia lançado à ventura e à calma desta casa, não é verdade?

EUGÊNIO

Paulina odeia-a.

MATILDE

O que lhe fez ela?

EUGÊNIO

Nada; um infundado ciúme...

MATILDE

Ciúme!... de uma mulher daquela idade?!...

EUGÊNIO

Maltrata-a... Até quer expeli-la desta casa!

MATILDE

Expeli-la!... isso seria muito malfeito! Não o consinta! Preciso conversar com Paulina; é mister que ele saiba, que essa a quem quer lançar fora de sua casa foi a companheira de infância de sua mãe!

EUGÊNIO

(ergue-se sobressaltado)

Como!... A senhora sabe?...

MATILDE

A história de Marta?... Conheci-a na Bahia, donde ela é filha, e logo a reconheci quando há dois meses a encontrei. *(Eugênio assenta-se)* O infortúnio pouco a tem desfigurado.

EUGÊNIO

E ela não a reconheceu?

MATILDE

Tenho a certeza que não. Em mim ficaram bem marcados os vestígios da passagem da desgraça!

EUGÊNIO

E a Paulina!

MATILDE

Não sei o que pense a tal respeito. Corações como o de Marta, nada esquecem daquilo que lhes foi caro; e ela afagou Paulina muitas vezes em seu seio. Alguma causa misteriosa a leva a fingir que não a conhece; tenho respeitado essa causa, nada revelando a Paulina. Marta é uma boa criatura, e é infeliz, como todo o ente, que, tendo a consciência do seu valor, se estorce nas agonias de uma forçada abjeção! *(pequena pausa)* Não acha uma bárbara irrisão do destino, o dom do espírito e da inteligência em alguns indivíduos?

EUGÊNIO

Em certos casos, é, minha senhora.

MATILDE

Nem se deve desenvolver e frutificar tão funestos dons em um escravo. Para que revelar-se a uma moça cativa, condenada pela sua condição, aos mais grosseiros misteres, o que há de distinto e de elegante em conhecimentos e prendas, só próprias dos círculos elegantes? Marta está neste caso, foi vítima daqueles que a criaram. Educou-se com a filha de sua senhora no mesmo colégio, e aprendeu tudo quanto aquele estudou... até música e desenho! Quando a mãe de Paulina casou-se, levou-a em sua companhia, onde ela era tratada mais como amiga do que como escrava. Teria quatorze anos, quando um caixeiro chegou

em casa, com promessas de libertá-la, e ser um dia seu esposo... A pobre rapariga deixou-se iludir...

EUGÊNIO

(com mal disfarçada ansiedade)

E... esse homem...

MATILDE

Casou-se com uma rica viúva, pouco antes de vir à luz o fruto da sua sedução.

EUGÊNIO

E ele... existe ainda?

MATILDE

Não sei; conheci-o só de nome. Mas, que grande malvado! Ah... Devo uma grande reparação a Paulina, meu amigo!

EUGÊNIO

(surpreso)

A senhora?!

MATILDE

Não por mim; mas por meu marido. *(espanto em Eugênio)* Vou revelar-lhe o que nunca me atreverei a dizer a Paulina; receio perder a sua afeição.

EUGÊNIO

Pelo quê?...

MATILDE

Quando, logo ao começo das nossas relações, Paulina contou-me alguns fatos da sua vida, reconheci nela a vítima de uma horrível trama! Lembra-se do motivo que ocasionou a condenação de seu sogro?

EUGÊNIO

(sombrio)

Subtração de bens aos credores.

MATILDE

Pois esses bens foram Marta e seu filhinho... uma linda criança, perfeitamente branca! O que tem?...

EUGÊNIO

Nada, minha senhora; tenha a bondade de prosseguir.

MATILDE

Pois o infeliz Torres estava inocente do crime que lhe imputaram; não os havia vendido; havia-os libertado.

EUGÊNIO

(erguendo-se)

Libertado!... A ela?!

MATILDE

(ergue-se)

A mesma a quem o meu amigo forrou há dois meses.

EUGÊNIO

É isso exato?

MATILDE

Tenho provas incontestáveis.

EUGÊNIO

Logo, eles...

MATILDE

Foram vítimas de um grande abuso... de um crime! Escute-me: *(assentam-se)* a mãe de Paulina, desejava ardentemente dar a liberdade a Marta. Porém, seu marido, que temia as consequências da inexperiência, concordou com os desejos de sua esposa, debaixo da condição de não ser ela instruída desse fato, senão quando se achasse já em idade provectora! Marta foi livre, e o segredo religiosamente guardado. Algum tempo depois, foi Torres obrigado a fazer ponto, e por uma fatal providência, entregou a mãe e o filho, com os papéis que os restituía à sociedade, a um amigo em quem depositava grande confiança, recomendando-lhe o maior silêncio, até um prazo marcado.

EUGÊNIO

E esse amigo...

MATILDE

Inutilizou os documentos, e conservou-a em um cativoiro, que não se tornou mais ignóbil, por ser ela uma rapariga essencialmente virtuosa. Foi nesta época que a conheci.

EUGÊNIO

E seu filho?

MATILDE

Foi-lhe arrancado dos braços, e vendido aqui, para o Rio de Janeiro. A pobre mão quase sucumbiu ao desespero! Escapou por milagre à morte, mas... enlouqueceu! A infeliz mulher, chamava todos os momentos por seu filho, ao qual queria reunir-se no céu. *(enxuga os olhos)* Apesar de se terem passado tantos anos, não posso deixar de entristecer-me ao lembrar-me de seus sofrimentos!

EUGÊNIO

Porém... A senhora não me disse ainda o nome desse falsário... desse ladrão!

MATILDE

(triste)

Não lhe disse há pouco que eu devia uma grande reparação a Paulina?

EUGÊNIO

Então, o assassino da vida e da honra de Olímpio Torres... O monstro que reduziu à escravidão duas pessoas livres...

MATILDE

Foi meu marido, Sr. Eugênio...

EUGÊNIO

(ergue-se)

Seu marido!! *(rodar de carro)*

MATILDE

(ergue-se)

Aquele que é hoje o procurador Antônio Forbes. *(vai à janela)*

EUGÊNIO

Forbes!!

MATILDE

(volta da janela apressada)

Paulina já!... acalme-se, vou recebê-la. *(sai)*

Cena XXIV

EUGÊNIO e depois MARTA

(Eugênio passeia, procurando serenar-se; Marta aparece à porta e para receosa)

EUGÊNIO

(apercebendo-a)

Minha queria mãe!... *(cai-lhe aos pés)* Perdão! *(beija-lhe as mãos, a chorar)* Perdão!

MARTA

(alegre e agitada, querendo ergue-lo)

Meu Deus!... Será isto um sonho?...

EUGÊNIO

Hei de ainda torná-la tão feliz!... *(torna a beijar-lhe as mãos. Paulina bem entrando pelo fundo e para fulminada pelo que vê)*

MARTA

E posso ser mais feliz do que sou neste momento? Ergue-te... deixa-me abraçar-te. (*Eugênio, ao erguer-se, vê Paulina, que se aproxima*)

EUGÊNIO

(*estremece e recua*)

Paulina!!!

MARTA

Ah!!

Cena XXV

Os mesmos e PAULINA

PAULINA

(*com a voz trêmula de cólera*)

Exigi há pouco que despedisse esta criada; agora, peço-lhe que a conserve: é a mulher que lhe convém. (*Olímpia e Matilde entram pelo fundo, no momento em que desce o pano*)

FIM DO ATO TERCEIRO

ATO QUARTO

(Casa de correção, a 7 de setembro, de manhã.)

(Sala com portas ao fundo e à direita; janelas gradeadas à esquerda; um banco. Ao levantar-se o pano, ouve-se por algum tempo cantar o tantum ergo com acompanhamento de órgão, A cena está vazia. Um guarda, de espaço a espaço, passeia pela fundo.)

Cena I

O BARÃO, MATILDE e um GUARDA

GUARDA

O Sr. Diretor manda pedir a V. Exa. o obséquio de esperar, até acabar-se a missa. *(cumprimenta e sai. Cessa a música)*

Cena II

BARÃO e MATILDE

MATILDE

Faltou-me o tempo para comunicar a V. Exa. as circunstâncias que me obrigaram a pedir o favor da sua companhia até este lugar. Tenho de tratar de um objeto muito melindroso com Antônio Forbes, e preciso de auxílio de V. Exa.

BARÃO

A Sra. D. Matilde expõe-se a algum desgosto falando com semelhante homem!

MATILDE

Vou instruir o Sr. Barão, de algumas particularidades que me afixam o bom êxito da minha negociação. Conversemos um pouco. *(assentam-se)* Princípio dizendo a V. Exa. que também sou muito amiga da família S. Salvador... até tenho por mim o direito da antiguidade. *(O Barão sorri-se)* O seu sorriso contesta o meu direito... *(gesto afirmativo do Barão)* Pelo quê? Por ter sido o Sr. Barão quem educou o menino Eugênio?

BARÃO

Tomei-o a meu cargo quando ele tinha apenas cinco anos.

MATILDE

(com expressão íntima)

Pois eu, acariciei-o, ainda pendente do colo de sua mãe.

BARÃO

(surpreso)

V. Exa.?!

MATILDE

Embalei muitas vezes em meus joelhos o filhinho de Marta.

BARÃO

(inquieto)

Como!... V. Exa. sabe?!...

MATILDE

(com intenção)

Tudo, Sr. Barão!

BARÃO

E como teve conhecimento de uma coisa ignorada por todos?

MATILDE

A minha história quase que está ligada à da família S. Salvador. O pai de Paulina desceu ao túmulo desonrado por meu marido... Antônio Forbes...

BARÃO

Ele... seu marido!

MATILDE

Outrora... – A mãe de Eugênio, e eu, choramos muitas vezes os nossos mútuos desesperos!

BARÃO

Porém, nunca notei entre V. Exa. e Marta sinais dessas íntimas relações.

MATILDE

Ela não me reconheceu. Por todos daquela casa sou uma amiga de curta data, sendo-lhes, no entanto, bem dedicada! Impelida, pela amizade que consagro a essa família, tenho acompanhado recentes episódios que se têm dado em sua vida. O Barão já teve notícia da ocorrência que se deu ontem de manhã, na cada do Comendador?

BARÃO

(triste)

Estive com ele ontem à noite.

MATILDE

Pois a esse fato devo eu o conhecimento da origem dos dissabores de Eugênio e de Paulina. Que cena violentíssima, Santo Deus! Paulina injuriou atrozmente a pobre mulher, sem que Eugênio a pudesse defender. Tomei o partido da desventurada mão, que se sacrificava, para não comprometer o silêncio de seu filho, mas... não fui generosa! A consciência mo diz. Abusei da efusão do seu reconhecimento; interroguei-a, e a pobre Marta, ao reconhecer-me, confessou-me os laços que a ligam a Eugênio. Coitada! Só sente o ter separar-se de seu filho, deixando-o em tão dúbia posição no conceito da esposa!

BARÃO

(preocupado)

Crê sinceramente que ela não a tivesse reconhecido?

MATILDE

Creio. Estou tão diferente do que fui, que os meus próprios amigos, os mais íntimos, não me reconhecem hoje! V. Exa. Mesmo há de ainda convencer-se desta verdade... Tornando à nossa prática: Eugênio é filho de Marta; V. Exa. o sabe; por consequência *(tira uns papéis do bolso do vestido)* tenha a bondade de entregar-lhe estes papéis... sem nomear-me; não quero que se vexa em minha presença. O Sr. Barão pode lê-los.

BARÃO

(acabando de ler, muito admirado)

A certidão da carta de liberdade de Marta!

MATILDE

Passada e registrada num cartório, por seu senhor Olímpio Torres.

BARÃO
(*lendo de novo*)

Em 1827!

MATILDE
Um ano antes do nascimento de Eugênio.

BARÃO
É possível!

MATILDE
Queira ver a certidão de batismo de Eugênio que foi extraída do livro da matriz onde foi batizado; confira as datas.

BARÃO
(*lendo atentamente o outro papel*)
“Eugênio... recém-nascido... 1828...” Um ano depois da liberdade de sua mãe! (*comovido*) V. Exa. é a Providência daqueles infelizes!

MATILDE
(*sorrindo-se*)
Custou-me bem pouco a representar tão belo papel! Bastou-me atender a um desses inexplicáveis pressentimentos que às vezes temos, mandando extrair essas duas certidões de assentamentos, que eu sabia que existiam.

BARÃO
E como é possível, que ela não soubesse que era livre?

MATILDE
Nunca lho disseram.

BARÃO
E quem é V. Exa. que assim está tão bem informada de tais particularidades?

MATILDE
(*encarando-o melancólica*)
Nada em mim o faz lembrar de alguma época notável da sua vida? (*o Barão contempla-a, e procura recordar-se*) Pois quê, Leopoldo!... nem a minha voz... nem o meu nome... lhe trazem à lembrança uma vítima da vontade paterna?...

BARÃO
(*ergue-se*)
Matilde!

MATILDE
(*erguendo-se*)
O coração da mulher é a mais leal às recordações do seu primeiro afeto! Há muito que eu o havia reconhecido!

BARÃO
(*apertando a mão de Matilde entre as suas*)
Minha adorada amiga!

MATILDE
Creio que vem gente... (*vão ao fundo e voltam*) Findou a missa. (*passam os artesãos, guardas, presos, empregados, etc.*) Infelizes! Ao menos não lhes falta o conforto da religião! (*entra Forbes conduzido por um guarda, que se retira e passeia pelo fundo*)

Cena III

Os mesmos e ANTÔNIO FORBES

FORBES

(reconhecendo-os)

Matilde! O Sr. Barão de Maragogipe! *(com amargura)*
Vieram escarnecer da minha miséria?... Exultar com a minha desgraça?...

MATILDE

Não, senhor; o que aqui nos traz é uma questão relativa à família S. Salvador.

FORBES

(para Matilde)

E a senhora... é também contra mim, numa situação em que me deveria valer a recordação de um passado...

MATILDE

(interrompendo-o)

Que esqueci completamente! De mim só tem a esperar alguma consideração para com o nome que já foi meu, se aquiescer ao que lhe viemos pedir.

FORBES

(querendo pegar-lhe a mão)

Matilde!

MATILDE

(com dignidade)

Respeite-me, senhor!

FORBES

(ressentido e triste)

Queiram dizer-me o fim da sua visita.

MATILDE

Antes de tratarmos disso, é mister que reflita na melindrosa posição em que se acha.

FORBES

Denunciaram-me como introdutor de moeda falsa, e como tal fui condenado... De alguns incidentes comprobativos, e do melhoramento repentino das minhas circunstâncias procedeu a minha condenação. Porém, estou inocente. Esses incidentes não passam de vagos indícios, e quanto ao meu melhoramento de circunstâncias... bastariam algumas palavras... *(sobressalto do Barão)* tranquilize-se V. Exa. já estou cansado de fazer mal! Basta a justiça da minha causa para justificar-me. O tribunal da Relação, há de atender à improcedência de semelhante julgamento.

MATILDE

E mesmo que seja absolvido, a sua consciência nada mais lhe diz? O mau esposo, o falso amigo, o motor da ruína de uma família inteira, contenta-se, felicita-se só com a absolvição dos homens?!

FORBES

Senhora!

MATILDE

Diz que já está cansado de fazer mal... Pois pratique uma boa ação! Faça alguma coisa em proveito da tranquilidade do

seu espírito, e da ventura daqueles que lhe devem todas as suas desgraças.

FORBES

Em que lhes posso eu ser útil?...

MATILDE

Dando um nome ao filho de Marta. *(espanto em Forbes)*
Ele nunca foi escravo, o senhor bem sabe...

FORBES

(vivamente)

Isso é uma falsidade!

MATILDE

Falsidade!... E os documentos que provam a verdade do que eu digo?

FORBES

(inquieto)

Documentos?!...

BARÃO

(dando-lhe os papéis)

Ei-los. Não os inutilize; dar-me-ia o trabalho de nova extração.

FORBES

(depois de lê-los)

Oh!... Sempre vencido pela fatalidade! *(dá os papéis ao Barão)*

MATILDE

Pela justiça divina!

BARÃO

Compreende pois, que se for absolvido como introdutor de moeda falsa, será de novo julgado pelo crime de ter reduzido à escravidão duas pessoas livres. A lei é bem explícita nestes casos.

FORBES

(abatido)

Pois bem... o que exigem de mim?

MATILDE

A sociedade exige o nome da família do negociante S. Salvador; esse nome só o senhor lhe pode dar.

FORBES

Eu!... E de que modo?

MATILDE

(ao Barão)

Lembra-se, Sr. Barão, da queda da casa *Penafiel & Filhos*, e da causa que a motivou? *(Forbes perturba-se)*

BARÃO

Sim, minha senhora; foi o ter sido emitido em circulação grande número de contos de réis, em valores falsificados.

MATILDE

Pois o autor desse roubo, que permaneceu até hoje desconhecido de todos, menos de mim...

BARÃO
De V. Exa.!...

FORBES
Da senhora!...

MATILDE
Foi o próprio *gerente* dessa casa; meu marido foi seu cúmplice.

BARÃO
(*indignado*)
O senhor?!

FORBES
(*aterrado*)
E quem lhe revelou esse mistério?!

MATILDE
O senhor, nas expansões de sua embriaguez. Com as cartas que tem desse miserável, sobre a questão *Penafiel & Filhos*, coloque-o a reparar a honra da mulher a quem seduziu; está viúvo, pode fazê-lo. E, apesar de um título, obtido por donativos feitos a uma nação estrangeira, será Marta quem descerá até ele.

FORBES
Conheço o seu orgulho; nunca a esposará.

BARÃO
Se não quer tomar sobre si este encargo, dê-me as cartas de que lhe fala a Sra. D. Matilde.

MATILDE
(*vivamente*)
Sim, dê as cartas ao Sr. Barão!

FORBES
Queime-as.

MATILDE
(*com expressão*)
Antônio Forbes, espírito maléfico e previdente, destruir provas que perdiam a um seu cúmplice?!

BARÃO
Dê-me essas cartas, senhor; e quando S. Salvador tiver um nome, que não seja o da cidade onde nasceu, dou-lhe a minha palavra de honra, que nada mais terá a recear, na questão de Marta.

FORBES
Juro-lhes que disse a verdade. Destruí esses papéis, porque neles estava o meu nome.

MATILDE
(*indignada*)
Quer então roubar um nome à filha, assim como infamou o do pai?

BARÃO
Ponha um termo às suas iniquidades, e poupe-nos o dissabor de publicar fatos, que, conquanto enchessem de desgostos a Eugênio, livrariam a sociedade de um grande criminoso. (*Forbes mostra-se comovido*)

MATILDE

(aflita)

Dê-nos essas cartas... peço-lhas em nome de alguma coisa que ainda lhe seja sagrada no mundo!

FORBES

(encarando-a com ternura e súplica)

Matilde! *(Matilde afasta-se com desgosto)*

BARÃO

Faça o que lhe propõe a Sra. D. Matilde, que eu lhe prometo, se estiver inocente, abreviar a reforma da sua sentença; e, no dia em que recobrar a sua liberdade, dar-lhe-ei o capital necessário para viver, em qualquer parte da Europa, de um modo mais digno, e livre das tentações da miséria. *(Forbes está muito desanimado)* Recusará a vida tranquila e honrada que lhe ofereço para o resto de seus dias?

FORBES

(tristemente)

O que é preciso fazer para convencê-los de que já destruí essas cartas? Queimei-as... creiam: e agora façam de mim o que quiserem.

MATILDE

Oh! Meu bom Deus!... Aniquiladas todas as minhas esperanças?!... Isto faz descrer da Providência!

BARÃO

Não se desespere... Se este homem quiser ouvir a voz da sua consciência...

MATILDE

(sorrindo amargamente)

Consciência?!... Ele não a tem!

FORBES

(ao Barão)

E julga V. Exa. que já não tenho ouvido essa voz?

BARÃO

Por que não aproveita este ensejo, para tentar reabilitar-se?

FORBES

(tristemente)

Para mim, já não há reabilitação possível!

BARÃO

Pode ao menos, parar na horrível trilha que tem seguido. Para que negar-nos o seu adjutório num empenho tão louvável?

FORBES

O que desejam obter de mim é um impossível! Esse homem é hoje um titular.

BARÃO

O que importa isso se de um momento para outro, pode o seu título ser trocado por um *número* nesta mesma casa?

MATILDE

Qual, Sr. Barão! Nada o move. Há organizações assim; há corações dominados pelo egoísmo da perversidade, que nada querem fazer em proveito da virtude!

BARÃO
(severo)

Ceda ao menos à convicção de que do mal, só mal lhe resultará!

FORBES
(com sentimento)

Se vinte anos de punição social, que se traduz pela miséria, pelo desprezo e execração dos homens, não tivessem vingado a sociedade do opróbrio sobre ela lançado, por um dos membros, tê-lo-iam feito estes dias – longos séculos! – de arrependimento passados no isolamento destes muros! As palavras de V. Exa., mostram-me um futuro de paz e de esperança na misericórdia divina, e... não posso dar o primeiro passo na senda da regeneração moral! Repito... esses funestos escritos queimei-os realmente. *(O Barão olha desanimado para Matilde)*

MATILDE

Não o creia, Sr. Barão! Isto não passa de uma ignóbil comédia!

FORBES
(sentido)

Comédia!... *(com amargura)* Com estas vestes e neste lugar?!... A senhora, cuja vida tem sido uma sequência de ações virtuosas, não pode devassar os horrorosos mistérios de uma organização propensa ao mal, e a ele conduzida por péssimos agentes! Não concebe a possibilidade da luz do céu no meio do abismo! *(dirigindo-se também ao Barão)* Porém creiam-me: quando a consciência de uma delinquente percorre todos os seus arcanos, e sente penetrar em si o arrependimento, a alma resgata-

se à condenação eterna, e entrega-se àquele de quem a recebemos pura e boa!

Cena IV

Os mesmos e o GUARDA

GUARDA

O Sr. Diretor manda-lhe entregar isto. *(entrega-lhe um bilhete de visita dentro de uma sobrecarta não fechada)*

FORBES

V. Exa. dá licença? *(o Barão faz-lhe um sinal de assentimento. Forbes abre a carta, e lê o bilhete)* E a pessoa que me mandou este bilhete?

GUARDA

Está na sala do Sr. Diretor.

FORBES

Diga-lhe que estou às suas ordens. *(sai o Guarda)*

Cena V

Os mesmos, menos o GUARDA

FORBES

Se me permitem que receba uma visita...

MATILDE

E as cartas?

FORBES

Já tive o desgosto de assegurar-lhes...

MATILDE

(encolerizada)

Oh! Isto é o cúmulo de toda a indignidade!

BARÃO

(severo)

Esquece que está em nosso poder... ou antes em poder da Lei?

FORBES

(inclina-se)

Farei todo o possível para cumprir as ordens de V. Exa. *(afasta-se respeitoso, para dar passagem ao Barão e Matilde que saem pelo fundo)*

Cena VI

FORBES e depois o VISCONDE

FORBES

(passeia alguns instantes muito preocupado; o Visconde aparece a uma porta lateral e olha receoso para dentro da sala)

Pode entrar, Sr. Visconde. *(entra o Visconde)* V. Exa. compara esta sala com aquela onde se assentava à minha mesa, no tempo em que as suas visitas não se faziam esperar tanto?

VISCONDE

Se eu soubesse que o seu fim era pedir-me o preço de uma hospitalidade concedida a todo o *bicho careta*, tinha-me

poupado ao enojo de aqui vir! Acha muito bonito que se saiba na *minha roda* que ando a visitar presos na correção? O que pretende de mim? Diga depressa!

FORBES

Mandei-o chamar, para pedir-lhe que aproveitasse as suas relações a favor do termo da minha apelação...

VISCONDE

Está doido?... Ora essa!... Comprometer-me a falar por você?... Expor-me aos comentários da *minha roda*, interessando-me por semelhante causa? O mais que lhe posso fazer – filantropia – é pôr a minha bolsa à sua disposição... com as precisas restrições, já se sabe!

FORBES

Agradeço-lhe o *obséquo*; já mudei de propósito.

VISCONDE

E fez muito bem; nada temo tanto no mundo como as falsas interpretações!

FORBES

(intencional)

E o remorso?!

VISCONDE

Não o compreendo!...

FORBES

O remorso?... Deixemo-nos de jogo inútil de palavras, Sr. Fróes de Medeiros! Encaremos francamente as nossas posições, tão solidárias e tão diferentes...

VISCONDE

Aonde quer chegar você com esse *aranzel*?

FORBES

A esta conclusão: Deus existe! A Providência o revela em seus decretos!

VISCONDE

(*irônico*)

Sim!... Pois saiu-se agora com essa descoberta?!

FORBES

Descrê de Deus e da Providência?! Também eu não tinha em conta algumas estas supremas verdades! Deus era para mim uma palavra tradicional; a *consciência*, um simulacro de protesto quando queria autorizar algum ato reprovado; o *remorso*... Esse conheço-o agora! É o raio com que a Providência me fulmina, para fazer-me parar no vórtice de tantos crimes!

VISCONDE

Se quer convencer-me de todas essas coisas, veja se acha outros argumentos; porque, ou nada disso existe sobre as nossas cabeças, ou eu sou uma santa criatura! Nunca tive remorsos! Por aí não me leva aos seus fins.

FORBES

(*intencional*)

E pelo instinto da segurança individual?

VISCONDE

(*inquieto*)

Como?...

FORBES

Quis falar-lhe à alma... Homens que calcam aos pés os mais santos deveres, não a têm! As sacrílegas palavras que acaba de proferir assaz o provam.

VISCONDE

Ora... Basta de histórias!... digo o que quer?

FORBES

Há trinta e cinco anos que a sua incontidência abandonou no mundo dois infelizes em bem tristes condições! Uma mãe sem esposo, e um filho sem pai.

VISCONDE

(*cínico*)

São coisas tão comezinhas!... Por isso não há de a sociedade *excomungar-me* com os seus anátemas! Tenho muitos imitadores.

FORBES

(*solene*)

O que – para honra da humanidade – não tem muitos exemplos, é o fato de um pai, renegando o filho a quem gerara,

roubar-lhe impiamente a liberdade que não soube dar-lhe, exigindo a sua venda...

VISCONDE
(*assustado*)

Cale-se!... Cale-se com os... Se quer alguma coisa...

FORBES

O senhor fez da minha má índole, o instrumento de todas as suas paixões! Arrastou-me ao charco de todas as impurezas morais, onde deixei bens, felicidade e honra! Levando-me a servi-lo em seus detestáveis cálculos pratiquei...

VISCONDE
(*cínico*)

Deixe-se de exagerar algumas travessuras de rapaz!

FORBES
(*indignado*)

Travessuras! Chama *travessura* o termos desonrado um homem virtuoso, roubando a liberdade de dois entes, que nos deviam ser sagrados por todos os princípios?

VISCONDE
(*um pouco embaraçado*)

Sim... sim... conheço que não tenho um passado muito puro!... Porém, deve-se desculpar as inconseqüências da mocidade!

FORBES

Pois a consequência dessas *inconseqüências*, é a reclamação do seu nome que lhe faz hoje Eugênio S. Salvador...

VISCONDE
(*surpreso*)

O quê?!... S. Salvador?!... Pois ele... é meu filho?!

FORBES

E de Marta, que exige a promessa que lhe foi feita há trinta e cinco anos.

VISCONDE

Que exige!... esse agora... é galante! Eu casado com... (*risos*) Ah!... ah!... ah!... Não está má a pilhéria!

FORBES
(*estupefato*)

Pilhéria?!

VISCONDE

Pois não! Admitindo mesmo que exista a tal paternidade, julga que eu hei de, por um tolo escrúpulo, desonrar o meu título dando-o a uma *liberta*?... Outro ofício, meu caro! Quem lhe encomendou o sermão que lho pague!... E eu aqui a perder o meu tempo... Enfim!... sempre lucrei alguma coisa! Fiquei sabendo que esse tal S. Salvador, tão pretensioso e tão bajulado, nada mais é do que um miserável bastardo, filho...

FORBES
(*exaltando-se*)

De um falsário! De um ladrão!

VISCONDE
(*indo para Forbes*)

Insolente!

FORBES

(*acalmando-se*)

Assoa-lhe também esta horrível verdade, Sr, Visconde de Medeiros! Para abater um caráter elevado e sobranceiro às ridículas pretensões de estupidez, patenteie a todos o segredo do filho do ex-gerente da casa *Penafiel & Filhos!*

VISCONDE

Oh! *Senhores!* E ele só a falar em coisas de que já ninguém se lembra!...

FORBES

De que ninguém se lembra?! Os fatos que acabo de apontar foram há pouco aqui rememorados.

VISCONDE

(*inquieta*)

Aqui?!

FORBES

O passado que se esquece, é só o bom, porque recorda feitos dignos e meritórios! O mau que inspira sentimentos de ódio e desprezo, e que imprime na fronte de um miserável o estigma da degradação, esse nunca se olvida! Pesa sempre sobre o orgulho do homem, até a sua última queda! As cartas que me escreveu sobre o negócio *Penafiel & Filhos (sobressalto no Visconde)* param nas mãos do Barão de Maragogipe!

VISCONDE

O que diz?! Pois essas malditas cartas... Sr. Forbes!... não brinque... Não fale em coisas que muito o podem prejudicar! Acabemos com esta embrulhada; já lhe disse, fale franco, e

deixe-se de invenções! Essas cartas não existem... o senhor mesmo mo afirmou.

FORBES

Menti-lhe... Existem, e acabo de entregá-las ao Barão, pela minha liberdade e pelo meu futuro.

VISCONDE

(*com desprezo*)

Vendeu-as?

FORBES

(*calmo*)

Troquei-as.

VISCONDE

E para que quer o Barão esses papéis? O que intenta fazer com eles?...

FORBES

(*imperioso*)

Obrigá-lo a dar a seu filho o nome a que tem direito! E só quando o Sr. Visconde de Medeiros tiver cumprido um dos mais sagrados deveres da natureza, ser-lhe-á restituída a correspondência do *gerente* Froés. (*o Visconde passeia desorientado*) O Barão *quer* hoje mesmo uma resposta.

VISCONDE

Isto não passa de uma trama, arranjada entre você, e os amigos desse S. Salvador! A correspondência foi queimada! Disse-me, e eu o acredito, por que o seu conteúdo o comprometia. Se ela aparecesse, perder-se-ia comigo.

FORBES

Sim!... mas, far-se-ia... e far-se-ia justiça!

VISCONDE

Mas, homem... isto é um contra-senso! Bem vê, que não posso fazer o que se exige de mim!... Ora, diga-me cá: como me receberiam na *minha roda*, depois de tão disparatado enlace? É preciso não ter o juízo no seu lugar, para admitir-se a possibilidade de semelhante casamento! (*passeia desesperado*) Não posso! Dê no que der, não descerei até Marta!

FORBES

(*com força*)

Será ela quem desça até o falsário Medeiros!

VISCONDE

(*furioso e concentrado*)

Eu lhes mostrarei quem sobe, ou quem desce! Tenho o prestígio, tenho amigos... tenho dinheiro!

FORBES

(*com autoridade*)

Acime de tudo isso, está a LEI e a JUSTIÇA!

VISCONDE

(*sarcástico*)

A justiça dos homens também se compra!

FORBES

(*com força*)

Sim! Mas acima dos homens está a onipotência de Deus!

(*cai logo o pano*)

FIM DO ATO QUARTO

ATO QUINTO

(No mesmo dia, da tarde para a noite; em casa de Eugênio)

(Sala contígua ao salão principal, com três portas ao fundo, fechadas, e portas aos lados.)

Cena I

EUGÊNIO, *assentado*, MARTA *entrando*

MARTA

Já estiveste com Paulina?

EUGÊNIO

(desanimado)

Não tiver valor para procura-la. *(ergue-se)*

MARTA

Meu pobre filho! Sê forte, não desanime...

EUGÊNIO

O lance é tremendo! Apresentar-me ante Paulina, na aviltante condição de um escravo... escravo!...eu, filho de uma escrava?! Oh! Não! Não posso!

MARTA

(com amargura)

Eugênio!

EUGÊNIO

(beija-lhe a mão)

Perdão!

MARTA

(triste)

Só para uma mãe, todos os sacrifícios são possíveis! Sei o que me cumpre fazer para a tua felicidade. Levada pelo egoísmo da minha ternura, esqueci o mal que a minha presença...

Cena II

Os mesmos e PAULINA

(Paulina, vem entrando tristemente; ao ver os dois, quer retroceder.)

EUGÊNIO

(adiantando-se para ela)

Paulina! Peço-te que me escutes! *(Paulina encara-o com frieza)*

MARTA

(a Paulina)

Antes de deixar para sempre esta casa...

EUGÊNIO

Deixar esta casa!

MARTA

Sim, e praza a Deus, que com a minha ausência, volte a ela a paz e a felicidade que gozavam antes da minha funesta aparição!

PAULINA

(com desdenhosa ironia)

Era então este, o expediente que combinavam para... Julgam-me pois tão néscia, que dê crédito a tão grosseiro subterfúgio? Se alguém deve deixar esta casa, sou eu.

EUGÊNIO

O que dizes?!

PAULINA

Amanhã retira-me-ei com minha filha, para a casa do amigo, que me ofereceu o seu amparo para o momento da adversidade.

EUGÊNIO

(com autoridade)

Sáírem daqui?... Isso nunca!

PAULINA

(com firmeza)

É o que me compete fazer, depois de tão repugnante abuso!

EUGÊNIO

Não houve abuso... houve fatalidade...

PAULINA

Fatalidade! Foi a fatalidade, que o obrigou a conspurcar a santidade do lar doméstico, com a presença da sua antiga amante?

EUGÊNIO

(encarando-a)

Paulina!

MARTA

Jesus!

PAULINA

Foi ainda a fatalidade, que o levou a reatar laços criminosos, com uma vil escrava?... *(gesto de angústia, em Marta)*

EUGÊNIO

Senhora!...

PAULINA

Calcando todo o respeito às conveniências de pai e de esposo, trazer para o seio de sua família, uma criatura indigna e viciosa?

EUGÊNIO

(severo)

Basta, senhora! Nem mais uma palavra de insulto!

PAULINA

(dolorosamente ressentida)

Ameaças!

EUGÊNIO

(grave)

Não ameço; peço-lhe... ordeno-lhe mesmo!... que respeite...

PAULINA

(com explosão de cólera e desprezo)
À... sua amásia?...

EUGÊNIO

(apresentando-lhe Marta)
À... minha mãe! *(vem entrando o Barão)*

PAULINA

(aterrada)
Sua mãe!!

MARTA

(para Eugênio)
O que fizeste?!

Cena III

Os mesmos e o BARÃO

BARÃO

O seu dever! Muito bem, meu filho! *(aperta a mão de Eugênio. Vai para junto de Paulina)* Ânimo!

PAULINA

(à meia voz, ao Barão)
É então verdade?... *(Eugênio e Marta falam entre si, olhando para Paulina)*

BARÃO

É.

PAULINA

(mortificada)
Oh!...

BARÃO

É uma revelação, que há muito seu marido lhe devia ter feito; o receio de desgostá-la o reteve. Agora, que sabe o segredo que se lhe ocultava, mostre-se mulher superior, pelo sentimento e pela inteligência! Vá para o seu gabinete e procure tranquilizar-se. Daqui a pouco, lá estarei para conversarmos.

PAULINA

(caminhando vagarosamente)
Meu Deus!... O que hei de fazer?...

BARÃO

(acompanhando-a)
Cumprir a sublime missão da mulher: amar e esquecer.
(sai Paulina)

Cena IV

Os mesmos e PAULINA

BARÃO

Coragem, Eugênio! Tens a sorte por ti! Pouco te empenhaste na luta, porém... venceste!

EUGÊNIO

Consumou-se a minha desgraça! A afeição de Paulina, não resistirá, ao abalo do golpe descarregado no seu amor-próprio! Vai talvez desprezar-me... odiar-me!

BARÃO

A esposa amante e dedicada, não põe limites à abnegação. Vai relatar-lhe toda a verdade da tua vida. Dize-lhe que eu, que te recebi à tua entrada no mundo moral, me ufano de chamar-te meu filho, e meu amigo!

EUGÊNIO

(comovido, beijando-lhe a mão)

Meu pai!

MARTA

(beijando-lhe também a mão)

Homem generoso!... Não bastava ao pobre órfão, dever-lhe tudo quanto é no mundo, ainda mais esta paternal estima, que tão orgulhoso o deve tornar!

BARÃO

(muito enternecido)

Sim! Paguem o meu afeto na única moeda grata à minha alma; com a efusão de um sincero reconhecimento! Tens sido bem culpado para com tua mãe, Eugênio! Pede-lhe perdão das tuas culpas.

EUGÊNIO

Oh!... ela há de perdoar-me!... *(quer beijar-lhe as mãos)*

MARTA

(puxando-o para si e abraçando-o)

Perdoa-me tu o teu fatal destino! *(ficam alguns instantes abraçados. O Barão contempla-os e busca esconder-lhe as lágrimas)*

EUGÊNIO

(beijando as mãos de Marta)

Meu Deus!... como sou feliz!... sim... muito! Muito feliz!

MARTA

(enxugando as lágrimas)

E eu?... Graças, Senhor! Mandais-me o perdão dos meus erros, na ternura de meu filho!

BARÃO

Basta de comoções. Vá para perto de Paulina, advogar a causa de seu filho.

MARTA

E o que lhe poderei dizer?

BARÃO

O que lhe aconselhar a sensibilidade. A mulher possui a eloquência do sentimento, que convence o espírito e o coração. Pouco lhe custará a apagar o lampejo do amor-próprio ofendido!

MARTA

Que a Virgem Mãe me inspirei *(sai; Eugênio e o Barão, acompanham-na até a porta)*

Cena V

EUGÊNIO e o BARÃO

(Entra um criado trazendo duas serpentinas com velas acesas, põe-nas sobre as mesas e retira-se)

BARÃO

Eugênio! Olha para mim!... para os meus olhos! O que vêes neles?...

EUGÊNIO

Lágrimas!

BARÃO

De júbilo... de felicidade! Deixa-me abraçar-te! *(abraça-o)*

EUGÊNIO

(muito maravilhado)

Meu amigo!... O que há?

BARÃO

Lê isto; *(dá-lhe as duas certidões)* atente às datas.

EUGÊNIO

(lê, e confronta os papéis com grande ansiedade)

Barão!... Isto... não é um meio de que se lembrou para aplacar o ressentimento de Paulina?

BARÃO

Não; essas certidões são verdadeiras.

EUGÊNIO

(alegre)

Então eu... eu nunca fui... Paulina!... Paulina!... *(querendo sair)*

BARÃO

(detendo-o)

Espera: guarda esses papéis, e lê também esta carta. *(Eugênio guarda os papéis e toma a carta que o Barão lhe dá)* É de teu pai... pede-me a mão de tua mãe.

EUGÊNIO

(vai apressado ver a assinatura)

O Visconde! *(lê com ansiedade)* Oh!... é muito! *(cai quase desfalecido sobre uma cadeira, deixando cair a carta que o Barão apanha)*

BARÃO

Então, meu filho! Sucumbe à ventura?...

Cena VI

Os mesmos e MARTA

MARTA

(entra alegre)

Eugênio... *(aterrada)* Jesus!... o que tens?...

EUGÊNIO

(beijando-lhe a mão)

Nada, minha mãe... É um protesto da matéria, contra o orgulho da fraqueza humana!

BARÃO

Vem um pouco para teu quarto; teu espírito precisa de repouso. *(Eugênio ergue-se e encaminha-se. O Barão*

dá a carta a Marta) Habilite-me a responder a esta carta.
(sai com Eugênio)

Cena VII

MARTA *e depois* MATILDE

(Surdino. Marta lê com visível comoção a carta do Visconde; fñda a leitura, assenta-se e chora copiosamente. Matilde vem entrando. Cessa a surdina.)

MARTA

(ergue-se eleva as mãos ao céu)
Como Deus é clemente e bom!

MATILDE

E justo, Marta!

MARTA

(ainda a chorar)
E a senhora, é um dos seus anjos! *(abraça-a)*

MATILDE

(comovida)
Pobre amiga! *(afastam-se ao ver Olímpia, que vem entrando)*

Cena VIII

As mesmas e OLÍMPIA

OLÍMPIA

Felizmente encontro aqui a Sra. D. Matilde! Vai explicar-me o que há hoje nesta casa de extraordinário!

MATILDE

Nada que eu saiba, a não ser uma bela reunião, da qual será a menina o mais mimoso ornamento!

OLÍMPIA

(triste)

Ora... a senhora está sempre a gracejar! É por causa dessa reunião que mamãe está encerrada desde ontem no seu gabinete, e papai...

MATILDE

Tratam dos seus preparos... a propósito: tenho um favor a pedir-lhe: faz-mo?

OLÍMPIA

Pois não!... Diga depressa o que é.

MATILDE

(sorrindo-se)

Saiba, que, apesar de estar velha e feia, tenho minhas veleidades de apresentar-me hoje, moça, e bonita... *(movimento involuntário de dúvida em Olímpia)* acha isso impossível?... Também eu. É mesmo um milagre! E será a menina quem o realizará.

OLÍMPIA
(*amavelmente*)

E sem me custar muito!

MATILDE
(*tocando-lhe na face*)

Veremos isso, senhora lisonjeira!... Mandei trazer para aqui a minha *fatiola* dos dias dúplices, e confio-lhe o meu toucador.

OLÍMPIA
Com muito gosto!

MATILDE
É preciso também ir enfeitar-se! Quero vê-la um objeto de maledicência para as suas amigas!

OLÍMPIA
(*sorrindo-se*)
Esquece-se que a senhora é a primeira entre elas?

MATILDE
Oh!... eu sou *oitos e noves* fora do baralho!

OLÍMPIA
Vamos, Sra. Marta? (*repara em Marta que a contempla muito comovida*) Oh!... por que me olha quase a chorar?!...

MARTA
(*beijando-lhe a mão*)
Por vê-la tão linda... tão pura! (*acompanha Olímpia. Matilde vai segui-las, mas para ao ver o Barão que entra*)

Cena IX

BARÃO e MATILDE

BARÃO
(*aperta a mão de Matilde*)

V. Exa. já sabe que o Forbes cumpriu sua promessa? (*surpresa em Matilde*) O Visconde propôs-me o seu casamento com a mãe de Eugênio.

MATILDE
(*satisfeita*)
Deus me perdoe! Sempre duvidei do seu arrependimento!

BARÃO
Era sincero... Agora, creio na sua reabilitação. Pela minha parte cumprirei o que lhe prometi esta manhã, e possa ele encontrar na Europa, onde o não conhecem, o olvido do seu nome e a paz do seu espírito.

MATILDE
E Paulina?

BARÃO
Sabe de tudo, e... chora.

MATILDE
Vou para perto dela. (*sai*)

Cena X

O BARÃO *e depois* PEDRO
(toca no tímpano e assenta-se; aparece Pedro)
 Peça a Sra. Marta que venha falar-me. *(sai Pedro)*

Cena XI

O BARÃO *e* EUGÊNIO

BARÃO
(Eugênio chega à porta e olha; vendo o Barão, dirige-se a ele)
 Assegura-me pela sua honra que aquelas certidões?...

BARÃO
 Juro-te!

EUGÊNIO
 Basta! É uma felicidade assim tão inesperada...

BARÃO
 Ainda duvidas da justiça de Deus?...

EUGÊNIO
(comovido)
 Meu amigo!

BARÃO
 Vai te vestir. *(olha o relógio)* São perto de 7 horas,
 e tens de receber os teus amigos e convidados.

EUGÊNIO

Festas e visitas! Apresentar-me prazenteiro e jubiloso, tendo o espírito cheio de receios e incertezas!...Oh!... A vida não passa de uma mascarada!

BARÃO

Exigências de posição, meu caro! E nem serás tu o único que se apresente em *bolocausto* a elas! *(sai Eugênio)*

Cena XII

BARÃO *e* MARTA
(O Barão assenta-se, e fica pensativo até a entrada de Marta.)

MARTA
 Mandou-me chamar, Sr. Barão? *(o Barão ergue-se)*

BARÃO
 O que devo responder à carta do Visconde?

MARTA
 O mesmo que meu filho responderia: Eugênio é órfão.

BARÃO
 Aprecio a nobreza da sua resposta. Mas pondere que com um nome ilustrado por um título, que faria calar qualquer murmuração, oferece o Visconde a Eugênio considerável aumento de capitais.

MARTA

Vale mais a mediania, a pobreza mesmo, honrada, do que a opulência adquirida por meios reprovados pelas leis e pela moral! A origem da riqueza desse homem, não me é desconhecida.

BARÃO

Não seria conveniente consultarmos Eugênio, antes de mandar a sua resposta?

MARTA

Meu filho não há de querer trocar um nome nobilitado pelos seus atos, por outro que só opróbio lhe trará.

BARÃO

Mas qual será (*entra Pedro*) a sua posição na casa de seu filho?...

Cena XIII

Os mesmos e PEDRO

PEDRO

(*ao Barão*)

O guarda-livros do Sr. Visconde de Medeiros, pede com urgência para falar a V. Exa.

BARÃO

Faça-o entrar para a ante-sala. (*Sai Pedro*)

Cena XIV

BARÃO e MARTA

BARÃO

O Visconde quer a resposta da sua carta.

MARTA

Recuso – por mim... e por meu filho.

BARÃO

A sua resposta é definitiva?

MARTA

Definitiva, Sr. Barão.

Cena XV

Os mesmos e MATILDE

MATILDE

(*ao Barão, que vai ao seu encontro*)

O que diz ela?

BARÃO

Recusa.

MATILDE

(*surpresa*)

Recusa! (*a Marta*) Pois recusa uma posição para si, e um nome para seu filho?!

MARTA

Prefiro a obscuridade à ignorância,

MATILDE

(com brandura)

Não haverá algum excesso de orgulho na sua suscetibilidade?

MARTA

Não, minha senhora; há só o propósito de não querer que meu filho, renegue a probidade do seu presente e do seu futuro, por um passado infamante.

BARÃO

Vou mandar a sua resposta. *(sai)*

Cena XVI

MARTA e MATILDE

MATILDE

Julguei fazer alguma coisa pelos meus amigos... fui infeliz na minha ideia. Não conhecia ainda toda a elevação da sua alma!

MARTA

Perdoe-me, minha boa senhora!...

MATILDE

O quê?!... O não ter querido reparar a falta da inexperiência, contraindo uma aliança indigna de si?... Não a censuro por isso. A sua recusa não é muito natural, mas é louvável. Eu a respeito.

Cena XVII

Os mesmos e EUGÊNIO

EUGÊNIO

Boa noite, Sra. D. Matilde! *(aperta-lhe a mão; à meia voz a Marta)* E Paulina?... Ama-me sempre?...

MARTA

É esposa e mãe.

EUGÊNIO

(transportado)

Agora, sim! Tenho fé na clemência do céu!

MARTA

(apontando para Paulina que vem entrando)

Eis ali o íris do perdão! *(toma a mão de Paulina e a conduz para junto de Eugênio)*

Cena XVIII

Os mesmos e PAULINA

PAULINA

(estendendo a mão a Eugênio)

Perdoas-me?

EUGÊNIO

(beijando-lhe a mão, com ternura)

A minha felicidade... minha adorada Paulina?! *(olha para toda a sala)* E Olímpia?... *(Matilde sai sem ser notada. O Barão entra perturbado)*

Cena XIX

EUGÊNIO, o BARÃO, MARTA e PAULINA

PAULINA

(ao Barão)

Amei e esqueci!

BARÃO

(à meia voz indicando Marta)

Quer abençoar a sua filha?...

MARTA

(abraçando-a)

O céu te recompense, pela ventura que me dás neste momento!

Cena XX

Os mesmos, MATILDE trazendo OLÍMPIA pela mão

EUGÊNIO

(para Marta)

E agora é feliz?

MARTA

O que mais posso ambicionar? *(pega nas mãos de Eugênio e de Paulina)* Deus! E meus filhos!

OLÍMPIA

(muito admirada, e à meia voz)

O que querem dizer aquelas palavras, Sra. D. Matilde?

MARTA

(alto)

Querem dizer, minha menina que desta vez não foi Maria, foi Marta *quem escolher a melhor parte!* Vai abraçar o seu papai!! *(Olímpia vai para junto de Eugênio, que a afaga e a apresenta a Marta; Matilde dirige-se ao Barão)* O que tem meu amigo?

BARÃO

O Visconde partir esta tarde, no *Paquete*, para o Rio da Prata!

MATILDE

(surpresa)

Fugiu!!!...

BARÃO

(indignado)

A sua cara foi apenas um ardil, para ganhar tempo.

MATILDE

E ficaram impunes tanta maldade e tanto crimes?!

BARÃO
(silencioso)

Não, minha senhora! Para onde quer que vá o criminoso, vão também com ele a consciência da culpa, e as tribulações do remorso!... Ainda que a impunidade social, pareça protegê-lo, a alma do criminoso, despojada da luz do céu, já não pode gozar o menor sossego da terra. Ela vê, que ao descer do mundo, lá a espera, implacável, no altar supremo da verdade, a condenação divina. *(solene)* Eis aqui a diferença: enquanto Antônio Forbes, castigado, busca remir-se pelo arrependimento; enquanto o Visconde de Medeiros afronta a sociedade com um novo crime, fugindo à reprovação da moral e da justiça; aqui, ao lado da virtude, que se enobrece pelo martírio e pela fé, contempla-se nos benéficos laços da família, e no santo amor de mãe – O QUADRO DA VERDADEIRA FELICIDADE!

(Rompe fora o bino da independência.)

(Abrem-se as portas da sala do fundo, a qual deve estar esplendidamente preparada, e cai o pano no momento em que os personagens da cena se dirigem para o salão principal, que está cheio de cavalheiros e senhoras, todos em traje de gala.)

ANEXO II - Fausta, de Amélia Rodrigues.

Texto retirado de ALVES, I. I. D. (1998). *Amélia Rodrigues: Itinerários Percorridos* (pp. 7-78). Salvador: NICSA/Bureau.

Amélia Rodrigues

FAUSTA

Drama em quatro atos

PERSONAGENS

Fausta - 20 anos
Osmundo - 18 anos
Luigi Spinelli - 25 anos
D. Olímpia - 40 anos
Lúcio - 35 anos
Amâncio Rosas - 35 anos
Romualdo - 28 anos

Um oficial e soldados

ATO 1º

Sala bem mobiliada com janela e porta à esquerda para um jardim. É noite.

Cena 1ª

Fausta, ao pé de uma banca no centro da sala, prepara dois buquês.

Fausta: Estão lindos, lindíssimos, dignos de figurarem num baile. Cravos brancos, sempre vivas, botões de rosa e margaridas. Brilhou hoje o jardim!... Faltam as fitas para os laços. (Bate num tímpano) Oh Lúcio!

Cena 2ª

Fausta e Lúcio

Lúcio: Minha senhora... Fausta: Vai dizer a Joana que me mande umas fitas azuis.

Lúcio: Sim, senhora. (Sai)

Cena 3ª

Fausta só, rindo

Fausta: Ou o Amâncio dá hoje alguma coisa de si, em

paga deste buquê, ou eu perco-me no meu próprio conceito. Quero ir ao baile da formatura do Menezes e faltam-me uns brincos de diamantes. Os meus já estão fora da moda. Se não tiver novos, lá não vou. Tinha que ver. [Pequena pausa] O Amâncio há de cair com os cobres; se há de!... (ri-se) O bobo!... O pior será se se encontram ambos, ele e o Luigi. (Tira um relógio) Sete horas em ponto, Luigi vem sempre às 8 e 1/2, e ele às 8 já está pregado à mesa do tapete verde.

Cena 4ª

Fausta e Lúcio

Lúcio: Aqui estão as fitas, iaiá!

Fausta: Sim, deita aí. (Olha-o) Mas com que cara estás tu, Lúcio! Aposto que acabaste de ler agora um 5º ato de tragédia ou de fazer exame de consciência.

Lúcio: Acabei de pensar em si, minha senhora.

Fausta: Em mim? E por isso ficaste com essa cara de *de profundis*?

Lúcio (meio triste): Outrora acontecia o contrário: quando pensava em si ficava alegre, ria com os lábios e com o coração.

Fausta (risonha): E hoje?

Lúcio: Hoje... rio com os lábios somente, quando rio.

Fausta: E por que?

Lúcio: Porque... porque... *minha* senhora sabe porque; já lho tenho dito.

Fausta: Tu és um visionário. Papai devia ter-te mandado estudar para padre, havias de dar um ótimo pregador de moral, um excelente confessor.

Lúcio (com animação e tristeza): Antes não me tivesse ele metido um livro na mão, antes me tivesse *mandado* para o engenho, para a senzala, *para* o canavial, e não me chamasse para o seio de sua família e não me tivesse entregado o seu futuro na hora da morte, minha senhora!

Fausta (rindo): Jesus! Estás realmente lúgubre, assustador! Com ares de Jeremias chorando sobre as ruínas de Jerusalém.

Lúcio: Pode gracejar quando quiser, iaiá Fausta, mas tenha a certeza de que nada neste mundo me fará abandonar o encargo de velar por si! Nada me poderá fazer indiferente ao seu procedimento nem calar os conselhos que devo à sua... à sua ...

Fausta: À minha... o quê?

Lúcio (hesitando): Leviandade!

Fausta (batendo o pé): Lúcio!!...

Lúcio: Perdoe, minha senhora, e reconheça que eu não tenho intenção de ofendê-la quando lhe falo com [essa] franqueza. Minha senhora é criança, não tem pai e não tem experiência. O mundo é um abismo, coberto de flores, [ainda] mais belas do que essas que tem aí na mão. Se não houver um amigo sincero, desinteressado, que a conduza, que lhe mostre o caminho da virtude ... quem sabe o que acontecerá?... Eu, apesar de seu escravo, sou esse amigo... atenda, minha senhora, aos meus conselhos *que* não há de se arrepender.

Fausta (virando as costas e dirigindo-se *para* a mesa): Está bom, basta de sermão por hoje.

Lúcio: Enquanto minha senhora não se corrigir eu falarei.

Fausta (voltando-se *para* Lúcio): Mas eu é que não estou [disposta] para ouvir. Sou senhora de minha vontade, hei de fazer o que quiser. Papai já morreu, não tenho quem me dê ordens!

Lúcio: Seu pai deixou-me em lugar dele. Tinha confiança em mim, sabia quanto eu estimava [minha senhora].

Fausta: E tu tomaste logo o pedido ao pé da letra e queres exercer sobre mim uma autoridade sem limites!

Não estou em casa para isto, [e uma vez por todas te declaro), que não posso contrafazer-me nem afetar uma seriedade que não está no meu caráter. [Tenho, talvez, muitos] defeitos, porém não sou hipócrita. Rio, brinco, danço, canto e não sei onde está o mal disso. Todas as moças gostam de fazer a mesma coisa, a diferença é que umas abaixam os olhos, ficam mudas, dengosas, fingindo uma frieza que não sentem, outras levantam a fronte radiante de sorrisos e encaram de frente a sociedade.

Lúcio: Mas, minha senhora ...

Fausta (impaciente): Tá, tá, tá...

Lúcio: É pena que tenha tão má cabeça possuindo tão bom coração.

Fausta: Pois já está liquidada a questão, e seja esta a última vez que venhas para cá me apoquentar. Hei de me divertir, hei de passear, hei de me vestir bem... à última moda...

Lúcio: E onde está a verba para tanta despesa?...

Fausta: Temos outra!... E as minhas apólices?...

Lúcio: Não chegam para a metade de seus gastos.

Fausta (zombeteiramente): Já fizeste a conta?

Lúcio: Já!

Fausta: Pois eu ainda não me dei a esse trabalho.

Lúcio: Tem feito mal.

Fausta: Além disso, estou prestes a ter um dote de duzentos contos, uma soma bem bonita.

Lúcio: Se ganhar a demanda.

Fausta: Ganha está ela. O advogado ainda hoje me afiançou.

Lúcio: Deus o permita.

Fausta: Mas essa conversa já esta me aborrecendo; tratemos de outra coisa. Deixe-me dar os laços.

Lúcio: Pra que são esses buquês?

Fausta (com enfado): Ora esta! Para mim, para enfeitar os consolos.

Lúcio: Mas as jarras (têm) flores.

Fausta: Estão murchas, e eu embirro tanto com as flores murchas como com as moças feias. (Batem) Estão batendo, vai ver quem é?

Lúcio: Se for o Sr. Amâncio digo que iaiá não está em casa?

Fausta: Não, manda entrar. (Lúcio sai)

Cena 5ª

Fausta, só

Fausta: Arre!... Este Lúcio não deixa passar camarão pela malha! É um Argos terrível! Antes não o tivessem feito tão letrado.? [Um belo dia], mando-o plantar batatas. (Ouvem-se passos) É o Amâncio, pelo andar pesado. Se vier cheirando a vinho não o aturo muito tempo, apesar do interesse dos brincos de diamantes.

Cena 6ª

Amâncio Rosas e Fausta

Amâncio (entrando): Excelentíssima minha senhora! Anjo deste paraíso, flor deste Éden!

Fausta (dirigindo-se a ele): Olá, Sr. Amâncio! Bem vindo seja! Estava ansiosa por vê-lo! Que feliz estrela o trouxe?...

Amâncio (colocando o chapéu): *V.Excelência!*... é a única estrela que me guia.

Fausta: Pois eu julgava que já se tinha esquecido de mim. Há um século, isto é, três dias, que não aparece. (Apertam as mãos)

Amâncio (dramaticamente): Eu? Esquecer-me de *V.Excelência*? Seria mais fácil o faminto esquecer-se do pão, o exilado esquecer-se da pátria, o enfermo da saúde e o desgraçado da ventura!

Fausta (rindo): Que entusiasmo!... Um rapaz de vinte anos não diria melhor.

Amâncio: E só os rapazes de 20 anos é que têm coração?

Fausta (sorrindo): Não, não, a anatomia prova o contrário. Mas faça o favor de sentar-se. (Sentam-se) Então, como tem passado?

Amâncio: Como podia passar longe de *V. Excelência*: morto de saudade, pensando sempre em si.

Fausta: O sr, está exagerando, sr. Amâncio.

Amâncio: Não exagero, creia. Desde que a vi pela primeira vez jurei amá-la, adorá-la sempre...

Fausta (rindo): Isto de amar sempre - é engodo. A paixão dos homens é como as rosas de Malherbe: só vive durante uma manhã.

Amâncio: Injustiça! pura injustiça! Não digo que esses bonifrates de hoje, que ainda na casca do ovo já querem amar, [não] sejam volúveis; podem ser; mas um homem, na flor dos 40 anos como eu...

Fausta (rindo): Quarenta anos? Pois eu lhe dava 60 bem puxados.

Amâncio: Qual!... Mas como ia dizendo... um homem que não é criança, quando diz que ama, ama seriamente, até a dedicação, até [a]o sacrifício!...

Fausta (rindo): Pois desejava ver isso.

Amâncio (erguendo-se): Experimente: corresponda-me com a mesma paixão e verá até que ponto é idolatrada. Olhe, eu nunca me quis casar: tinha medo do matrimônio como o diabo na cruz, porém, queira a *senhora* ser minha mulher que eu lhe farei jubiloso o holocausto de minha opinião.

Fausta (levantando-se): Nós somos de idade muito desigual, e a sociedade...

Amâncio: Qual sociedade!... É uma palavra oca, inútil! O verdadeiro árbitro do amor deve ser a razão, o bom senso, e não essa coletividade incoerente, composta de mil vontades, de mil caprichos diversos, que faz tanto medo a espíritos mesquinhos. A sociedade só deve ser encarada sob o ponto de vista político, humanitário e civilizador. Faça bons códigos e cumpra bem as leis. Pegue no malho, na pena, no pincel, na espada, e eleve o país à altura do século. É só isso o que deve fazer. Querer penetrar dentro do lar e dentro dos corações, dizer à moça: “não podes amar senão a este indivíduo

que eu te designo, porque tem estes e aqueles predicados que julgo bons”, é absurdo, é ridículo, é até cruel. O que a religião não condena, a sociedade não pode condenar, minha senhora!... Se ela quer viver, gozando de suas regalias, o indivíduo também o quer! E logo que a vida por excelência é a vida moral do coração, que toda se resume em puros afetos, que se alimenta deles, não se postergue o amor! Se o amesquinharem, se o matarem, com ele morrerá o coração, com o coração o indivíduo, e com o indivíduo a mesma sociedade!...

Fausta (rindo): Tome fôlego, sr. Amâncio, pode engasgar!...Ah! ah! ah! Que tirada comprida!

Amâncio: Portanto, D. Fausta quem toma a sociedade por árbitro nessa questão não ama verdadeiramente. O amor é um senhor tão absoluto que não suporta a divisão de poder: reina [só], absolutamente só. Calca aos pés preconceitos, orgulhos, até deveres! No seu egoísmo, nada vê, nada ouve, nada recebe, e eleva-se acima de tudo.

Fausta: Correndo o risco de cair nas profundezas da realidade, quando se lhe derretem as asas.

Amâncio: Embora! Mas que importa isso se na plenitude do entusiasmo ele não sente a queda e julga-se feliz?... O amor tudo nivela: idade, posição, fortuna, barreiras que só ele pode transpor! Não há grandeza que não desça,

não há humildade que não suba ao toque de sua varinha mágica. No mesmo coração alquebrado pelos anos ele se levanta fluorescente e o rejuvenesce; infunde-lhe novas esperanças, desenha-lhe novo futuro. Oh, o amor!... O amor... Um poema de uma palavra, um universo de dois corações!...

Fausta (rindo): Está realmente esplêndido, sr. Amâncio!... Nunca o vi tão inspirado!... Sim senhor!.. Estou admirada!...Ah! Ah! Ah!... Que ênfase! Que calor!... Parece um deputado discutindo um projeto de lei ...

Amâncio: Amemos, Fausta, amemos!... (Quer tomar-lhe as mãos, Fausta esquiva-se e vai à mesa).

Fausta: Espere aí, vou pagar-lhe o discurso em moeda de flores. (Dá-lhe um buquê) Aqui está, e diga que não foi bem pago.

Amâncio (tomando): Generosa, imensamente pago!... (Beija o buquê) Estas flores são o penhor da minha felicidade?

Fausta (rindo): Talvez.

Cena 7ª

Os mesmos e Lúcio

Lúcio: Minha senhora...

Fausta: Heim? (à parte) Chegou muito a propósito.

Lúcio: Aqui está um cartão que trouxeram.

Fausta: De quem? (Toma o cartão)

Lúcio: Não [sei não], senhora.

Fausta: Está bom. (Vai à mesa e rasga o envelope) Ah! É do Osmundo. (Gesto de enfado) O que quer ele ainda? Já está maçante!...

(Durante este diálogo Amâncio tem estado diante do espelho a requebrar-se e a alisar a cabeleira)

Fausta (com mal modo): O portador?

Lúcio: Está aí, esperando a resposta.

Fausta: Diga ao sr. Osmundo que pode vir.

Lúcio: Sim senhora. (Sai)

Cena 8ª

Os mesmos, menos Lúcio

Amâncio: Quem é este sr. Osmundo?

Fausta: Um importuno.

Amâncio: Os importunos são a pior praga que existe.

Fausta (sentando-se): [É verdade]. Vai ao baile do Dr. Menezes?

Amâncio: Se *V.Excelência* for. Eu sou a sua sombra.

Fausta: Estou convidada, mas...

Amâncio: Mas... O que?

Fausta: É que ... eu...

Amâncio: Fale, parece que está acanhada...

Fausta: O sr. É um bom amigo, posso [exprimir-me] com franqueza. Como sabe, minha mãe anda em apuros com a tal demanda sobre os bens de meu avô.

Amâncio: Sei, sei.

Fausta: Esta questão tem-nos consumido muito dinheiro, *muito mesmo*. Demais, ela enferma, obrigada a entregar os negócios a estranhos que nos exploram, não pode ter mão em despesas muitas vezes inúteis; de modo que...

Amâncio: Conclua...

Fausta: Fui obrigada a vender as minhas jóias para pagar um dia destes a conta do procurador.

Amâncio: Vender as suas jóias!...

Fausta: Sim: Preferi vendê-las a contrair uma dívida. Os meus diamantes tão bonitos!

Amâncio: E é por falta deles que não vai?

Fausta: É!

Amâncio (rindo): Ora essa! A sra, tem dois diamantes no rosto, que são dois sóis, e brilham mais do que todos os diamantes do mundo.

Fausta: Já começa com as lisonjas! Falemos seriamente.

Amâncio: Sem uma jóia; vale por todas as jóias! Tem o merecimento da beleza, da simpatia, das prendas...

Fausta: Engano! Quem nada tem nada vale, ainda que valha tudo o que não tem. O brilho da festa é o brilho do luxo. A moça que para lá vai simples e pobre, só com o merecimento de sua pessoa, é atirada ao canto, fica despercebida como uma bonina apertada num ramo de camélias. Eu sei, porque tenho visto. O lampejo de um brilhante vê-se de longe, e o lampejo de um belo sentimento nem mesmo de perto se vê!

Amâncio: Então...

Fausta: Então prefiro ficar enterrada em casa, como a concha na areia, enquanto não puder flutuar à tona d'água como a espuma. Convenha que tenho razão.

Amâncio: D. Fausta, eu, graças a Deus, ainda possuo uns quatro vinténs. Por causa de umas jóias não há de deixar de dançar comigo no baile do Dr. Menezes.

Fausta: Não, sr. Amâncio; não consinto. Já me arrependi de ter

falado. Não posso permitir tantos sacrifícios.

Amâncio: E por que?

Fausta: Já basta o que lhe devemos... as grandes quantias que nos tem emprestado para essa maldita demanda, os presentes que me tem feito...

Amâncio: Ora não fale nisso. Riquezas desejava eu ter para depor a seus pés. Meu coração é seu: logo o que possuo também lhe pertence!

Fausta: Que bondade a sua!

Amâncio: Não é bondade, é amor. Agora há de consentir que eu me retire. Deixo-a com saudade.

Fausta: Já?

Amâncio: Tenho um negócio a concluir. (Toma o chapéu)
Adeus. Olhe lá, a primeira quadrilha é minha.

Fausta (rindo): Estou ciente.

Amâncio: Até amanhã, minha flor. (Apertam as mãos).

Fausta: Até amanhã. (Amâncio sai)

Cena 9ª

Fausta dando uma gargalhada

Fausta: Que velho idiota!... Pois não pensa que eu gosto dele de veras? Realmente ninguém se conhece!... Que casquilho!... Ah! ah! ah!... Estes velhos namorados são os tolos mais tolos que pode haver. Eu amar o Amâncio!... tinha graça!... E como fica ele entusiasmado quando fala do amor!... É imenso!... E vou eu ter novos diamantes! [Sou feliz até o inverossímil!]E ele engoliu a pílula da venda dos meus! Que palerma!... (Vai à janela) Ai! Aí entra o Dr. Luigi... o meu jasmim de Itália. Como vem chique!... Um verdadeiro *dandy*! (Vai sentar-se com garridice a espera)

Cena 10ª

Fausta e Luigi

Luigi: Eis-me enfim (Coloca o chapéu) Fausta...

Fausta: Sr. Doutor... (Apertam as mãos)

Luigi: Que é lá isso de *senhor* doutor? Heim, minha feiticeira? O que foi que tratamos?

Fausta: Ah! tinha me esquecido! Perdão!

Luigi: Pois de outra vez exijo mais fidelidade de memória *senhor* Doutor é tratamento de gala, para dia de cerimônia.

Fausta (rindo): Está bom, está bom... não me esqueço mais.

Luigi: Então, o que tens feito?

Fausta: Esperar por ti. Há dois dias que não vens.

Luigi: Ocupações, filha. Aumenta-se-me a clínica, chamados para aqui, consultas para acolá... Tenho sido ultimamente um *motu* contínuo de trabalho.

Fausta: Olha, Luigi, para que trabalhas tanto assim? Tu já és rico...

Luigi: Per Bacco! A riqueza nunca é, demais, filha. Sem ela eu não compreendo a existência. É um passaporte que ninguém registra e que faz a volta do globo pelos melhores salões, sem que lhe seja exigida a autenticidade.

Fausta: A riqueza é um meio, convenho, porém não deve ser um fim. Uma riqueza estúpida, egoísta ou mal empregada não faz bem nem ao dono que a possui.

Luigi: Bravo! A Fausta moralizando! Pela Madona que uma sentençazinha filosófica, vazada nuns lábios cor de rosa, não enfastia não!

Fausta: Glória, glória sim, antes da fortuna Luigi. É tão bonito ter um nome "famoso"; heim? Não é? O indivíduo obscuro, desconhecido, não vive, vegeta; passa despercebido, quase desprezado. Mas aquele que se notabilizou, que adquiriu celebridade, atravessa como um astro pelo meio das multidões, olhando de revés as

vulgaridades, cercados de admiradores e lisonjeiros. Trabalha, Luigi, trabalha! Eu quero um dia apresentar-me com orgulho ao teu lado e dizer ao mundo inteiro: "hei-lo aqui, é meu esposo, fui eu a escolhida para partilhar a sua glória!..."

Luigi: Sim, eu hei subir às cumeadas do poder... (à parte) Se antes não subir à força.

Fausta: De ti depende chegar ao último degrau dessa escada brilhante, em cujo topo está o anjo da felicidade a sorrir e a chamar-te com uma coroa de louros na mão.

Luigi: Esse anjo és tu...

Fausta: Esse anjo é a glória!

Luigi: Como estás linda, Fausta!

Fausta: É a animação do sentimento, o entusiasmo do coração.

Luigi: Se tua alma se reflete em teu rosto, é muito bela a tua alma!

Fausta: É porque te ama, Luigi. Tu és o sol, ela é a nuvem: quando sorrís ela irradia, quando te ocultas, ela empalidece.

Luigi: Como havemos de ser felizes!...

Fausta: Muito. Aqui está um buquê que te guardei. Tinha-te feito também um outro ontem, e como não vieste, murchou,

de pena talvez.

Luigi: Feiticeira.

Fausta: Dizem que o orvalho viceja as flores, pois eu chorei sobre elas e não vicejaram.

Luigi: Choraste!... Tu choraste por mim, criança!?...

Fausta: Então! Quando se tem saudade!...

Cena 11^a

Os mesmos e Lúcio

Lúcio: Iaiá Fausta, minha senhora D. Maria manda dizer ao sr. *Doutor* que faça o obséquio de entrar para vê-la.

Luigi: Está incomodada agora?

Lúcio: Creio que sim.

Fausta: Vamos, Luigi?

Luigi: Pois não! Vamos. (Dá-lhe o braço e saem)

Cena 12^a

Lúcio (apontando a porta): Novo perigo, e perigo maior do que todos os outros. Este homem é charlatão por força. Tem cara de galé! Desconfio dele. Vai matar minha senhora velha com esses remédios estúpidos que lhe receita. Pobre Fausta!...

Cena 13^a

Lúcio e Osmundo

Osmundo (entrando): Ninguém! (Olhando) Não, cá está o Lúcio.

Lúcio: meu senhor...

Osmundo: Como vais de saúde?

Lúcio: Bem, pra servi-lo...

Osmundo: E de ciência?

Lúcio (sorrindo): Mal... como sempre...

Osmundo: Então tens deixado esses dias as bibliotecas em paz?

Lúcio: Tenho estudado nos livros humanos.

Osmundo: São os mais mentirosos. Mas como vão todos por aqui?

Lúcio: Da forma do costume.

Osmundo: D. Maria?

Lúcio: Sempre doente...

Osmundo: Pois já devia estar curada. Tem um bom médico à cabeceira.

Lúcio: Que médico?

Osmundo: Ora que médico! Faze-te de tolo!

Lúcio: Realmente... não sei...

Osmundo: O tal *doutor* Luigi Spinelli.

Lúcio: Ah! sim, o italiano.

Osmundo: Ouvi dizer que Fausta vai casar com ele?

Lúcio: Ignoro, meu senhor.

Osmundo: Estás hoje de uma ignorância notável.

Lúcio: Como sempre.

Osmundo: Pois eu vim hoje aqui disposto a saber a verdade.
Quero falar a Fausta, e ouvir de seus lábios o
consummatum est do meu sacrifício.

Lúcio: Sofre, meu senhor?

Osmundo: Tenho dois infernos no coração: a dúvida e o ciúme.
Oh! Mas hei de vingar-me!

Lúcio: Vingar-se!...

Osmundo: Não me vás tomar agora por um desses tipos de
novela antiga, com esgares de tragédia, a declamar
ameaças, não; a minha vingança não quer saciar-se de
sangue, quer saciar-se de lágrimas e só de lágrimas!

Lúcio: As grandes almas perdoam.

Osmundo: Palavrões! Teorias bonitas! Mais nada.

Lúcio: O verdadeiro amor é cheio de abnegação...

Osmundo: O verdadeiro amor é intransigente como tudo o que é
justo.

Lúcio: Neste mundo cada um tem o seu quinhão de amarguras.
O que se deixa vencer, vai à loucura, ou à morte; o que
reage, o que afronta a desgraça, muitas vezes chega à
consolação.

Osmundo: Eu serei dos primeiros: ficarei vencido. (Pausa)
Minha vida, Lúcio, de 2 anos para cá tem sido uma
série contínua de contrariedades: Fatal dia aquele em
que começou esse romance de amor. Lembras-te?

Lúcio: Perfeitamente.

Osmundo: Eu era pobre, mas vivia feliz em casa de minha mãe,
triste viúva que não tinha ninguém por si senão o louco
do filho. Vi Fausta no teatro, bonita, resplandecente ...
depois, num baile. Falei-lhe, achei-a mil vezes mais
bela, insinuante, inteligente, terrível de sedução...
Amei-a, mas amei-a loucamente, freneticamente, fiz-lhe
oblação de meus sentimentos, de minha vida, até... até...
tu me perdoas um crime?.. Até de amor de minha
mãe!... Ela alimentou-me a esperança, sorrindo,
brincando, como quem alimenta por capricho uma
planta que tem de arrancar mais tarde...

Lúcio: E depois?...

Osmundo: Depois... e foi ultimamente - ... alguém tirou-me a
venda dos olhos, porque eu estava cego, inteiramente
cego, não via nada se não ela, como uma fada divina no
meio de uma auréola de [luz] o resto do mundo para

mim estava mergulhado em trevas. Disseram-me que ela vai casar, com esse italiano, que ninguém sabe quem é, um grandíssimo pedante que tem sabido conquistá-la. Era muito natural. Eu não mereço nem limpar-lhe a sola dos sapatos.

Lúcio: É injusto consigo, meu senhor.

Osmundo: Não o dirá ela assim. Mas abreviemos, Lúcio; fala-me com sinceridade; eu duvido ainda, quero agarra-me a um ramo de esperança qualquer. O que há de real em tudo isso?

Lúcio: Meu senhor, não sei.

Osmundo : Tu queres exasperar-me! (mais brando) Olha: eu não quero fazer-te trair segredos dela, nem tentar tua fidelidade, mas dize-me uma palavra, uma palavra só e acabou-se: não lhe falarei mais, poupar-me-ei um dissabor e uma humilhação. Tu sabes, Lúcio, o que é amar-se uma mulher a ponto de esquecer por ela todas as afeições e todos os deveres? A ponto de fazer da existência um holocausto perene, de não ter (no cérebro] um pensamento que lhe não pertença, no coração uma fibra que não pulse por ela? Não, tu nunca amaste assim! Amor insensato, que pode ter conseqüências funestas! (Pausa) Olha, se for falsa a notícia que corre, se eu puder esperar ser feliz, talvez haja ainda salvação para mim: do contrário... o meu futuro será o abismo!

Lúcio: O *senhor* é uma criança, sr. Osmundo, não sabe o valor das palavras que está dizendo....

Osmundo: Sei tanto, que resumo nelas a minha vingança. O remorso é o castigo que lhe guardo.

Lúcio: Deixe de loucuras, reflita melhor; a paixão é má conselheira. Seja senhor de si. ([exaltado]) Deste modo não poderá falar como convém a minha senhora.

Osmundo: Não importa: exaltado pela paixão ou frio pelo fingimento sou sempre o mesmo homem. Porém sabes o que está me exasperando mais? É o teu silêncio, o teu retraimento quase criminoso. Tinha-te por meu amigo; enganei-me: é mais uma desilusão.

Lúcio: Mas, pelo amor de Deus, meu senhor...

Osmundo: Há pessoas que se comprazem com a dor dos outros, acabo de acreditá-lo: coração de tigras que gostam de ver sangrar outros corações.

Lúcio: Ah!... Eu não queria magoá-lo mais; queria poupar-lhe mais alguns momentos de sofrimento, por isso calava-me. Exige-me porém que lhe arranque a última esperança? Arrancarei.

Osmundo: É verdade então o que dizem?

Lúcio: É!

Osmundo: Fausta vai casar?

Lúcio: Vai.

Osmundo: Quando? Quando?...

Lúcio: De hoje a um mês.

Osmundo (pondo a mão no coração): Oh! meu Deus, meu Deus!... (Leva aos olhos as costas da mão, recosta-se a um móvel como aniquilado) De hoje a um mês!... Tão depressa!... Mas isso é impossível... Ela não será tão... (Sufoca um soluço)

Lúcio: Seja homem, sr. Osmundo! Seja forte, deixe as lágrimas para as mulheres e as crianças.

Osmundo (aprumando-se): Lágrimas? Eu não estou chorando, estou rindo... (Dá uma gargalhada forçada) Olha, estou rindo... Sou o palhaço desse espetáculo de feira em que ela é a primeira dama... As lágrimas são homenagens sublimes que não se devem dedicar a causas infames. A gargalhada, sim, a gargalhada é que é um tributo digno [de situações] tais. (Ri-se nervosamente)

Lúcio: Enlouqueceria o pobre moço, meu Deus?

Osmundo: Não, recobrei a razão. Louco estava eu quando amei a loucura dela!...

Lúcio: Pois falemos como homens sensatos, raciocinemos. Não

nos deixemos abater pelo primeiro golpe. O senhor não sente mais do que eu esse casamento, embora seja diverso o nosso modo de sentir. Eu amo minha senhora Fausta como amava minha mãe; defendo-a como defenderia a minha irmã. O [avô] dela criou-me como um filho, [teve o capricho de) mandar-me educar, instruir até; nunca senti em sua casa os rigores do cativo, nunca experimentei o peso dessa palavra: escravo. Já vê que, a não ser eu um ente abjeto, infame, devo ser grato, fazer por [ela) tudo o que [me] for possível, dar até a última gota de sangue, se necessário for, para comprar-lhe a felicidade.

Osmundo: Então... tu não aprovas esse casamento?

Lúcio: Não, senhor.

Osmundo: Por que?

Lúcio: Porque o italiano não me inspira confiança; tenho-lhe um ódio instintivo, que não posso justificar; sinto receios, pressentimentos; revoltado me todo à idéia de vê-lo ligado à pessoa que mais amo no mundo. Uma desgraça acarreta outras: da ambição e do orgulho de minha senhora pode nascer...

Osmundo: O que? Lúcio: A sua desonra!

Osmundo: O que estás dizendo, Lúcio! Explica-te!

Lúcio: Eu sei lá quem é este homem? Sei lá que intenções tem?

Há tanto canalha de casaca e luvas de pelica!

Osmundo (refletindo): É verdade. Agora encaro a situação por outro prisma. Se nesse *casamento* houvesse somente a minha infelicidade eu sofreria calado e deixá-la-ia gozar tranqüila a sua ventura; porém desde *que* a ameaça um perigo eu não posso nem devo ficar indiferente; devo protestar com todas *minhas* forças, embora depois ela me odeie ainda mais. A sua felicidade antes de tudo, antes da *minha* própria felicidade!...

Lúcio: Isso sim, que é digno de si. Sentimentos tais são os mais belos títulos da nobreza de uma alma. Daria tudo o que tenho para vê-la esposa²⁰ de meu senhor... são duas pérolas que se deviam cravar na mesma jóia de amor... Sabe? Prometeram-me a carta de liberdade no dia em que ela contraísse um casamento rico, mas eu prefiro ser sempre escravo a vê-la rica e infeliz.

Osmundo (comovido): Muito bem, Lúcio! Muito bem!... Dá-me um abraço... (Lúcio curva-se para abraçá-lo nos joelhos) Não; aperta-me contra o coração... Desejara ser um rei para nobilitar-me agora com este abraço... (Abraçam-se muito comovidos) São duas abnegações que se entrelaçam...

Lúcio: Fale a minha senhora; veja se a comove... Unamos os nossos esforços para arrancá-la do perigo...

Osmundo: Não, não lhe falarei mais. Que posso eu dizer a

Fausta que já não lho tenha dito? Voltarei para minha casa, a pensar no que hei de fazer, e se Luigi Spinelli é um tratante eu hei de desmascará-lo. (Vai tomar o chapéu. Ouvem-se passos.)

Lúcio: Meu senhor...

Osmundo: Heim?... (Prestando atenção) Ouço passos... quem vem ali no corredor?

Lúcio: O Dr. Luigi. Creio que vai sair.

Osmundo: Ah! ele estava aí? Não quero encontrá-lo. Vou esperar no jardim que se afaste. (Sai *para o jardim*. Lúcio sai)

Cena 13¹⁶

Luigi entrando, vê o relógio

Luigi: Nove horas menos 10 minutos: voltarei daqui a pouco. Vou preparar uma tisana para dar à velha... com os ingredientes de que me lembrar. Se ela morrer é o diabo. Mas per Bacco! Quem não se arrisca não perde nem ganha. Graças ao meu pergaminho – arranjado – vou fazendo fortuna. (RI) E o melhor é que os prejudicados não se queixam! Vão direitinho para as

¹⁶ Por confusão, a cena que deveria ser a 14^a é grafada como 13^a. Grafia mantida.

caldeiras de Pedro Botelho sem dizer uma palavra que me comprometa. (Bate na testa.) *Diávolo!*... Que esquecimento!... hoje temos reunião às 11 e 1/2 para exame das novas chapas que chegaram de Nápoles... e eu não posso deixar de comparecer. De mais a mais o diabo da polícia nos fareja a oficina, e é preciso tomar medidas sérias para não sermos filados. Por esses dias não há remédio senão deixar de trabalhar. Isso me vai desarranjar, que estou sem dinheiro... ([Tira a carteira e examina]) *Diávolo!* Custa caro fazer figura! (Ouve-se rumor no jardim) Mal! Caluda seu falador indiscreto... (olha em torno e guarda a carteira) Foi o vento no jardim. Ando assustado sem motivos... a cada canto me parece ver surgir o fantasma da guilhotina... (Toma o chapéu e vai-se)

Cena 14^a

Osmundo entrando furioso

Osmundo: Miserável!... Não sei como pude deter-me e não o estrangulei. E Fausta ama este homem. Deus do Céu!... Um moedeiro falso!... Um charlatão!... Um criminoso!... É incrível!... Eu estou sonhando!... (Passeia *muito* agitado) O que hei de fazer, o que hei de fazer!...

Cena 15^a

Osmundo e Lúcio

Lúcio: O que é isso, senhor Osmundo? O que tens?

Osmundo: Lúcio, Lúcio, vem cá. (Agarra-lhe as mãos) Tu sabes que homem é esse que acaba de sair, heim? Tu sabes quem é?...

Lúcio: Não é o italiano, o doutor Luigi? Que quer dizer, meu senhor?...

Osmundo: Bem o previste!... É... é um infame!

Lúcio (recuando): Como!... O que estás dizendo!?

Osmundo: Um moedeiro falso!... Um monstro!...

Lúcio: Moedeiro falso!...

Osmundo: Escondi-me ali no jardim, debaixo do caramanchão da janela, olhando e escutando para dentro. Ele, supondo estar só, disse... coisas horríveis!... Tive vontade de saltar e agarrá-lo pela gola do fraque, mas refleti... era um escândalo sem proveito. Ele desmentia-me e eu não podia provar!

Lúcio: Fez bem... mas diga a minha senhora.... diga-lhe tudo... Oh!... Estou tremendo de horror!....

Osmundo: Vou dizer, embora não tenha provas materiais, embora ela não me acredite... (Pausa) Lúcio, eu ia retirar-me, quando aquele desgraçado, apareceu aqui e descobriu-me quem era. Agora resolvi ficar. Não quero

que por falta de uma palavra minha se faça uma desgraça. Falarei ainda uma vez àquela ingrata, dir-lhe-ei de novo o que sinto. Se ela me repelir, se não me acreditar... irei pelo mundo afora morrer onde a sorte quiser. Tu, porém, ficas; vela por ela, Lúcio! Vela por tua senhora! Ela tem um pé no abismo, não a deixeis cair!... Denuncia o infame à justiça, denuncia-o! Não durmas, não sossegue, enquanto ele andar de cabeça levantada entre os homens honrados.

Lúcio: Mas eu sou um escravo... meu senhor... e ele está colocado muito longe de mim... que posso eu fazer, que posso eu tentar? Nem recursos tenho...

Osmundo (tirando a carteira): Com dinheiro se alcança tudo. Aqui tens tudo quanto possuo. Paga a espíões que o vigiem de dia e de noite... que te arranjem as provas necessárias para condená-lo. Livra a sociedade desse monstro. Não consintas que tal casamento se efetue: isso pesaria como um crime sobre tua consciência. Prometes, Lúcio, velar por Fausta? Heim, prometes?...

Lúcio (pondo o joelho em terra, com a carteira na mão): Prometo, juro-o meu senhor! Alma generosa, coração sublime! Juro-o, e praza aos céus que o possa conseguir!... (Levanta-se e sai)

Cena 16^a

Osmundo e Fausta

Fausta entra cantarolando. Osmundo encaminha-se para ela.

Fausta (fingindo surpresa): Ah!... é o senhor Osmundo?

Osmundo cumprimenta com o gesto): Supus que me esperava. Mandei avisá-la.

Fausta: É verdade. Não me lembrava. Desculpe.

Osmundo: Venho importuná-la, sem dúvida...

Fausta (encolhendo os ombros): Não... agora não tenho o que fazer.

Osmundo: Tanto melhor, porque preciso conversar largamente com a senhora.

Fausta: Má notícia!... Modifique o seu programa porque eu não gosto de conversas compridas.

Osmundo: Deixo de parte a pouca amabilidade das respostas e vou direto ao meu fim.

Fausta: Como quiser.

Osmundo: *Dona* Fausta, não sabe quão difícil me tem sido a vida de uns dias para cá. Tenho sorvido as fezes de todas as amarguras.

Fausta (motejando): Coitado!...

Osmundo: Mas diga-me: é possível que zombe assim do amor ardente, imenso e santo que lhe consagrei? É possível que esmague, rindo, as minhas esperanças todas, com essa crueldade incrível?

Fausta: Ah! vem hoje com ares de Otelo? principia mal.

Osmundo: Se não me amava, por que me enganou tanto tempo?

Fausta: Eu, enganá-lo? O *senhor* está caçoando! Nunca lhe disse que o amava!...

Osmundo: Nunca? Nunca? E o que significavam então os seus olhares, os seus sorrisos, o abandono de suas mãos nas minhas? (Metete a mão no bolso e tira um pequeno embrulho) O que significam estas flores que a senhora tirou dos cabelos e me deu?...

Fausta: Coisa nenhuma. Não tive a culpa de que *o senhor* lhes desse uma importância que não tinham.

Osmundo: Eu podia atirá-las ao chão, podia calcá-las aos pés, já que nada representam... mas, eu sei respeitar a santidade das recordações e não vim aqui insultá-la. Guardo-as de novo, como se guardasse o cadáver precioso das minhas esperanças que a senhora matou.

Fausta: E *o senhor* a dar-lhe com a mesma cantiga! Eu não matei suas esperanças, simplesmente porque a esperança é como a fênix... renasce das próprias cinzas.

Osmundo: Depois de tudo, o escárnio. Faz bem, Fausta. Eu é que fui o louco quando quis fitar as estrelas sem lembrar-me de que rojava no pó. Fausta: Eu não escarneço... Digo a verdade.

Osmundo: E por que não disse há mais tempo essa desumana verdade?

Fausta: Porque o senhor há muito que não me fala a tal respeito. Eu julgava até que já havia banido do espírito essa idéia.

Osmundo: Essa idéia!... O meu amor é então somente uma idéia? *Dona Fausta*, a *senhora* pode desprezar-me, porque é livre em seus atos, mas não deve caluniar meus sentimentos nem atenuar sua culpa depreciando o mal que ela me faz. (Pausa). Escuta, Fausta; (com voz terna) eu amei-te, amei-te e amo-te ainda como só se ama uma vez na vida! Há mais de dois anos que te sigo; adivinhando te os pensamentos, como escravo de teus caprichos... Tu me dizias sempre: “é cedo, espera!” Eu esperava, e tu zombavas de mim. As minhas passageiras venturas eram substituídas por momentos terríveis, a teu bel-prazer. E eu fui sempre fraco, sempre insensato, beijando loucamente o pé que esmagava todos os meus sonhos de futuro, todas as minhas ilusões do presente. O teu nome que me parecia um bálsamo suave, não me é mais agora do que um veneno fatal...

Fausta (meio enternecida): Basta, Osmundo, basta! (Faz um movimento de retirar-se)

Osmundo (seguindo-a): Retira-se para não ouvir-me?

Fausta (à parte): Ora esta! E eu não ia me enternecendo? (Dá um muxoxo)

Osmundo: Escuta, Fausta! Sê boa ainda uma vez! Vem cá; dize-me o que é preciso fazer para merecer-te? Anima-me, e eu conseguirei tudo. Queres um nome grande para ilustrar o teu? Saberei criá-lo! Riquezas? Saberei adquiri-las! Sou moço, tenho um largo futuro diante de mim num quadro pendente de tuas mãos. (Animado) Tenho aqui (aponta a testa) uma fonte inesgotável de recursos, e aqui (o coração) outra fonte perene de ternura. Fala! E eu multiplicarei os meus esforços, e esse amor imenso, que me enche a alma toda, que se assenhoreou da minha vida, me dará forças para suportar tudo por ti! Aponta-me o caminho que te aprover, e eu o trilharei, ainda que deixe nele vestígios de sangue do coração. Se me faltarem as forças, eu cairei no meio das aspirações e do trabalho, embora!... Mas morrerei abençoando-te! (Dobra um joelho)

Fausta (desabridamente): Levante-se, sr. Osmundo, e acabemos com isso. Esta situação já me está sendo muito desagradável.

Osmundo (erguendo-se como espantado): Delirei, meu

Deus? O que foi isto?

Fausta (rindo): Creio que sim. O *senhor* sofre de febre intermitente, e quando está atacado dela tresvaria muito. É preciso mudar de ares para se curar.

Osmundo: Ridiculariza-me, Fausta? Oh! A *senhora* é muito cruel!

Fausta: Estou gracejando, mas sou obrigada a dizer-lhe seriamente que deixe-se dessas loucuras, desses devaneios de poeta, filhos puramente de sua imaginação. Esse amor de que fala breve desaparecerá, é questão de tempo.

Osmundo: Como [é] injusta!

Fausta: Os moços nunca se fartam de quimenas: eu que o diga. A paixão, apesar de parecer muito real, não é mais do que um fantasma ensopado de ilusões que se desfazem mais tarde ou mais cedo.

Osmundo: Não crê então na paixão. Então a *senhora* é de mármore!

Fausta: Está me dando hoje muitos qualificativos que não mereço. Porém basta de devaneios, acabemos logo com isso...

Osmundo: Sim... uma última palavra...

Fausta: Esqueça-me: tudo está terminado entre nós.

Osmundo: É possível, Fausta? É possível?

Fausta: Estou para casar. (Pausa. Osmundo faz um gesto de dor, depois parece acalmar-se)

Osmundo (com amargura): E por ventura esse que vai possuí-la é digno de si? Naturalmente escolheu um noivo rico que lhe poderá dar luxo, grandezas, mas lhe dará felicidade?

Fausta: E o que não lhe compete discutir.

Osmundo: E por que não? Amei-a muito para que me seja indiferente a sua sorte. Apesar de desprezado, de ludibriado até, sinto no fundo d'alma piedade pela senhora, embora desenganado da ventura não quisera morrer sem vê-la feliz. Seria a única consolação que me poderia restar.

Fausta: Obrigada.

Osmundo: Portanto, permita que eu esqueça por um momento a minha própria desgraça para lembrar-me da sua.

Fausta: Que presságios funestos são esses? É por ventura ave de mau agouro?

Osmundo: Talvez! porque sou um desgraçado que

saindo daqui vai morrer.

Fausta (rindo): Que! vai suicidar-se? Não faça tal!

Osmundo: Fá-lo-ia se soubesse que por isso lhe mereceria uma lágrima em vez de um sorriso. A morte de que eu falo é mil vezes pior e a *senhora* não a compreende. Mas que lhe importa o meu destino? Falemos do seu.

Fausta: É excusado. Seja qual for a minha sorte, estou ligada a ela pela palavra que já dei. Tenho suportado demasiadamente os seus queixumes, acabou-se-me a paciência. Portanto, exijo o silêncio mais absoluto a esse respeito; aliás será meu inimigo: prefere-o?

Osmundo: Já não lhe falo em mim, D. Fausta; bastam-me as humilhações recebidas. Quando aqui cheguei, há pouco, tinha a cabeça ardente, o coração em pulos, as mãos trêmulas; agora estou calmo, pelo menos aparentemente calmo, não vê? Pois bem: é que então eu tinha outro fito e outras idéias. Soube de seu casamento antes de falar-lhe, e podia ter-me poupado o dissabor de ouvir-lhe palavras tão duras. Mas fiquei! A despeito do meu amor próprio, deste resto de orgulho que ainda existe neste meu coração mutilado; fiquei para cumprir um dever de consciência e dizer-lhe: Minha senhora, não é já o amor que lhe fala, é a compaixão: o homem a quem a *senhora* ama, a quem vai ligar sua sorte é... um falsário!

Fausta (recuando arrebatadamente): O que é que está dizendo, sr Osmundo? O que é que está dizendo? *O senhor* está doido ou está ébrio? Que calúnia odiosa é esta que preparou para fulminar-me?... Se pretende com semelhante história jogar a sua última cartada e afastar-me daquele a quem amo, enganou-se, sr Osmundo! Enganou-se redondamente!

Osmundo: Eu não pretendo coisa alguma; D. Fausta! E arrependo-me *profundamente* do tempo em que pretendi! Como homem de bem *que* sou, não devo deixá-la rolar *para* a desgraça sem procurar detê-la. Não tenho outra prova do que afirmo além do meu testemunho; se quiser acreditar, acredite; se não quiser, entregue-se à sorte. Eu cumpri o meu dever.

Cena 17ª

Os mesmos e Luigi

Luigi entra trazendo uma garrafa lacrada

Luigi: Eis-me de novo trazendo os medicamentos.

Fausta (a Osmundo): Continue o que dizia, Sr. Osmundo, continue. Se não tem coragem saia, certo de que não basta o seu testemunho para manchar uma reputação ilibada, compreende? Apresento-lhe, portanto, o meu futuro marido, o Dr. Luigi Spinelli.

Osmundo (indignado e trêmulo): D. Fausta, não sou caluniador nem covarde, porém não continuo porque não quero desonrar-me trocando palavras com indivíduos tão miseráveis e tão cínicos. Entretanto (vai a Luigi estupefato e arranca-lhe das mãos a garrafa) sua mãe não há de beber este pretendido remédio; beberá outros, porque não tem quem a livre deles assim. (Atira ao chão a garrafa que se espedaça) Este (aponta Luigi) será o meu vingador! (Sai precipitadamente)

Luigi: O que quer dizer ele?

Fausta (com raiva e despeito): Que seria um infame, se não fosse um louco!...

Cai o pano

ATO 2º

A mesma decoração do primeiro ato

Cena 1ª

Fausta (experimentando uma grinalda de flores de laranja): Muito boa; fica-me perfeitamente bem. Há que tempo suspirava eu por ela!... (Rindo) Quem vai ficar desapontado é o Amâncio, mas consola-se depressa, com o Champanhe e dama de ouros.

Cena 2ª

Fausta e Lúcio

Lúcio: Minha senhora, aqui estão as jóias que mandou limpar. (Dá-lhe uma caixa)

Fausta: Sim. (Abre a caixa) Bem, estão muito chiques. E a minha grinalda, olha, Lúcio? não está bonita?

Lúcio: Está.

Fausta: Amanhã quero ver-te muito alegre, muito obsequioso, muito amável... Já mandaste todos os cartões de convite?

Lúcio: Já, sim senhora.

Fausta: Então está tudo pronto, não falta mais nada.

Lúcio: Ainda falta muita coisa.

Fausta: O que é? Dize para mandar dar logo providências.

Lúcio: O que falta depende da providência de Deus.

Fausta: Que ares de mistério!... Não sei quando hás de deixar-te disso.

Lúcio: Está muito contente, minha senhora?

Fausta: Muito. E por que não havia de estar?

Lúcio: Pois prepare-se para ouvir uma notícia triste.

Fausta: Uma notícia triste?... Que notícia?

Lúcio: Perdemos a demanda.

Fausta: Perdemos, Lúcio? Com certeza?

Lúcio: Com certeza. Encontrei neste momento o seu procurador, que foi quem me informou.

Fausta: Oh meu Deus! Mas o nosso advogado não tinha tantas esperanças?

Lúcio: Não as tinha; dava-as. É a única coisa que se pode dar sem ter... Convinha-lhe agradecer e receber dinheiro.

Fausta: E havemos de pagar as custas?

Lúcio: Está claro!...

Fausta: Com que? Não me dirás?

Lúcio: Com o valor desta casa ou com o meu. São os únicos bens livres que lhes restam.

Fausta: Com o teu, não, absolutamente não. A tua carta de liberdade está aí. Não havemos de consentir que tu, o irmão colaço, o amigo de meu pai sejas escravo de alguém. Quando virão os tais credores?

Lúcio: Pode contar com eles amanhã.

Fausta: Tão depressa? (Serenando-se) Mas eu sou uma louquinha. Não vale a pena assustar-me nem afligir-me por isso. Luigi é rico, ele nos tirará desse embaraço.

Lúcio: Em todo o caso, minha senhora, já que falou em dar-me a minha carta... e não quer que seu escravo passe a outra pessoa...

Fausta: Tens muita pressa de deixar-me?

Lúcio: Eu, deixá-la? Nunca! Hei de acompanhá-la até morrer, Mas esses homens da justiça são uns sanguessugas. Podem agarrar-me na rua e sequestrar-me.

Fausta: Sim, tens razão. Homem prevenido vale por dois, diz o ditado. Vou falar a mamãe. (Entra)

Cena 3ª

Lúcio só

Lúcio: Preciso, mais do que nunca, e agora mesmo de uma carta de liberdade. O momento do perigo aproxima-se e é necessário redobrar de atividade. As minhas suspeitas converteram-se (quase]³² em certeza. O italiano não me escapará desta vez. Ninguém me³³ tira da idéia que ele é o indivíduo, o tal Agostinho Carmelo que o cônsul italiano procura. Se for, é um celerado terrível. Hei de sabê-lo. Vou inventar uma astúcia para descobri-lo. (Reflete) Não acho nada... o papel de traidor e dissimulado não me agrada. Enfim, veremos na ocasião. O fim justifica os meios, sobretudo se é um nobre fim como esse. Não recuarei diante de nenhum obstáculo. Recebendo a minha carta, obtendo as provas materiais, corro a denunciá-lo; quero eu mesmo ter esse prazer. Cumpri o juramento que fiz ao infeliz Osmundo e a mim mesmo; que Deus não me deixe sair mal!

Cena 4ª

Fausta chegando, risonha

Fausta: Mamãe disse que não precisa tanta pressa, Lúcio, que esse receio dos credores é tolice tua.

Lúcio: Ah! Então não trouxeste a carta?

Fausta: Não.

Lúcio (com desgosto): Meu Deus!...

Fausta: Amanhã te daremos, depois do casamento, à vista dos convidados, com todas as solenidades do estilo; mamãe faz um discurso (comicamente) dizendo: meus senhores, este Lúcio, a quem neste momento faço um cidadão livre e independente, não era um escravo, era um amigo, um irmão prestimoso, dedicado até o sacrifício, fiel até o heroísmo... etc e tal. Oh! Fica bonito, e no outro dia sai nas gazetas assim: "A Exa. Sra. D. Maria Ribeiro, em regozijo pelo casamento de sua filha Fausta Ribeiro com o Dr. Luigi Spinelli, concedeu carta de liberdade ao seu escravo Lúcio..." Essas histórias que eles sabem lá arranjar. (Bate palmas) Ih! Coisa bonita!... Não é, Lúcio? Não é melhor assim?

Lúcio: Querem então dar em espetáculo a minha alforria e representar comigo uma comédia de vaidade, não? Pois eu julgava, minha senhora, que tinha direito a mais generosidade.

Fausta (rindo): Jesus! Já estás zangado! Queremos fazer propaganda, e dar-te um público testemunho de gratidão.

Lúcio: Está bom, façam o que quiserem. Paciência!... Isto não é contrariedade que me desanime... É apenas

um prazer de menos.

Fausta (tirando um papel do bolso): Estava gracejando contigo, Lúcio. A gratidão *que* te devemos é tão santa e tão grande que não carece de manifestações ruidosas nem de testemunho da publicidade. Toma a tua carta já que é necessário um papel assinado para provares que és livre. Está feita há *muitos* anos, e se ainda estava em nossa mão é *porque* sempre a tens recusado.

Lúcio: E ainda a recusaria hoje, *minha senhora*, se uma circunstância do maior alcance não me obrigasse a aceitá-la. Creia, não é a importância material dessa liberdade *que* eu desejo, nem que agradeço, e sinto um júbilo imenso *por ver que minha senhora* o compreendeu. (curva um joelho) Eu era um escravo livre... agora sou um liberto escravo. Deixe-me beijar-lhe a mão, *minha senhora*, por esse novo cativo que me dá! (Beija-lhe a mão)

Fausta (rindo): Está bom, está bom. Basta de agradecimentos. ([Vai à] janela) Luigi está tardando muito!...

Lúcio (com tristeza): Está tão alegre e tão feliz, e eu vou fazê-la chorar. Mas é forçoso é inevitável!...

Fausta: *O que* estás resmungando aí, Lúcio? Vai ver se sabes a razão porque Luigi se demora. Isso não me parece natural. (Lúcio não se move) Anda, está pregado

no chão? Mas... estás zangado ainda, contrariado... (pois devia] estar contente. Não te perdão essa tristeza inoportuna. É *por* causa

Lúcio: Sinto profundamente... mas não há remédio.

Fausta: Estas exitações complicam a coisa. Fala depressa.

Lúcio: Minha senhora promete ouvir-me com calma e prudência? Promete atender-me e não se enfadar nem aflingir-se muito?

Fausta: Estás me assustando, Lúcio!... O que é que vai dizer-me?

Lúcio: Uma coisa *muito* séria e *da qual* depende seu futuro. O doutor. Luigi, o seu noivo...

Fausta: Sim... que tem?

Lúcio: Não pode ser seu marido.

Fausta (surpreendida): Por que?!... Por que não pode?!

Lúcio: Porque pesam sobre ele as mais odiosas suspeitas.

Fausta: Suspeitas! Como! Tu estás doido, Lúcio?

Lúcio: Não digo bem suspeitas; a mais horrorosa certeza.

Fausta: Acaba, Lúcio, pelo amor de Deus!

Lúcio: É acusado de... de...

Fausta: Acusado? Tu disseste acusado? De que?

Lúcio: De fazer moeda falsa. (Fausta recua com um gesto de espanto)

Fausta: Ah!... Impossível!...

Lúcio: Além disso...

Fausta: Então!... Há mais ainda?

Lúcio: O chefe de polícia procura um indivíduo que cometeu em Nápoles um grande crime, matou um moço médico, roubou-lhe o diploma e veio para o Brasil. O nome desse indivíduo é Agostinho Carmello, mas usa aqui de outro, sem dúvida o nome da vítima.

Fausta: E que tem essa história com Luigi?

Lúcio: Tem que eu suponho ser ele o criminoso.

Fausta: Ele!?!... Ele!?!... Um assassino e um ladrão!?!...

Lúcio: Já é moedeiro falso.

Fausta: Mas isso é impossível, Lúcio! Absolutamente impossível! É uma calúnia! Uma mentira odiosa! Luigi um infame? Não creio! Não creio!...

Lúcio: A polícia o persegue.

Fausta: E a polícia tem provas?

Lúcio: Tem informações muito positivas.

Fausta: Informações não bastam! São necessárias provas, provas convincentes, reais, palpáveis!... Como se [acusa de semelhantes crimes] um homem que frequenta a melhor sociedade? Um homem que não receia levantar a frente, um homem que vai ligar-se a uma mulher cujo nome não tem mácula?!... Ah! É infame, é horrível! É uma coisa absurda!

Lúcio: Nem sempre a malvadez anda coberta de andrajos, minha senhora. Muitas vezes um traje de ouro oculta uma alma de lodo.

Fausta: Ah! Então tu o acusas também? Acreditas nessa fábula insensata? Lúcio: Acredito; não me ofuscaram a mim as lantejoulas [dele]. Não se deixe abater pela dor, reflita antes de protestar. Tenha a energia, a firmeza bastante para conjurar o perigo e chame em seu auxílio todo o horror que lhe pode inspirar o crime para fugir daquele... miserável!

Fausta: Lúcio, tu não sabes que estás me despedaçando o coração?

Lúcio: Sei, mas não há outro remédio. A notícia afinal lhe devia chegar aos ouvidos, e eu preferi que fosse

dada por mim, e quanto mais cedo melhor.

Fausta: Isto me parece um gracejo atroz...

Lúcio: Pois é o que há de mais real. [Causa-lhe] um grande dissabor...

Fausta: [É a minha) infelicidade!...

Lúcio: Não é, infelicidade seria se ele a arrastasse consigo para a infâmia. Minha senhora é moça, é formosa, ainda pode esperar muito, e ser muito feliz.

Fausta: Mas Lúcio, eu não creio! Não o acreditarei nunca!...

Lúcio: Há de acreditar muito breve, minha senhora, e permita dizer lhe que em vez de duvidar procure certificar-se. Há muito tempo que eu tenho suspeitas desse homem, há um mês que o Sr. Osmundo ouviu do próprios lábios dele palavras que não deixavam dúvida sobre o seu crime. O Sr. Osmundo lho disse; minha *senhora* ofendeu-o e apontou-lhe a porta. Eu, para livrá-la de uma desgraça, constitui-me espião e obtive muitas informações. Ele é o chefe de uma quadrilha de cavalheiros de indústria, e tem oficina de moeda falsa, que a polícia já descobriu. Minha senhora é uma das muitas vítimas daquele falsário. Expulse-o de si como se fosse um réptil venenoso e nojento; conserve-se na altura de sua dignidade, feche os olhos ao homem que

tão indignadamente a enganou e abandone-o à justiça.

Fausta: Provas, Lúcio! Quero provas!...

Lúcio: Tê-las-a, minha *senhora!* Empenharei para isso o meu sangue!... (Sai)

Cena 5^a

Fausta só, como aturdida

Fausta: É possível, meu Deus! É possível o que acabo de ouvi? Luigi, o meu noivo, o meu escolhido, será um malvado... um criminoso... não... é mentira! É falso!... Podia ele ser tão hábil que enganasse assim miseravelmente os seus amigos, as pessoas que o rodeiam? Não, não, mil vezes não! O seu olhar desassombrado e firme, o seu sorriso tranquilo, o seu gesto elegante e grave, a sua palavra melodiosa e terna... tudo isso será... teria sido uma vergonhosa mentira, uma hipocrisia execrável?!... Mas Lúcio é incapaz de enganar-me... não veio contar-me uma fábula... Eu enlouqueço: meu Deus!... (Pausa) É impossível... laboram num erro... Não é ele o indivíduo que procuram. É outro... um outro qualquer por aí. Mas se for, se desgraçadamente for... eu estou perdida, ridicularizada! Que vergonha, meu Deus! Que vergonha!... (Chora) Meu Deus! Que de lá de cima vêdes a inocência e a culpa..., inspirai-me! Fazei a luz nesse caos!... Protegei-me, Senhor! (Sai)

Cena 6^a

Luigi entra, olhando em torno de si

Luigi: Como que ouvi soluços... pareceu-me que alguém chorava aqui... seria Fausta? Sinto o perfume que ela exala... essência de jasmims... Que teria ela? Naturalmente um faniquito. Essas moças de agora são muito nervosas, muito zangadinhas... qualquer coisa as faz chorar. (Senta se e abana-se com um leque) Pobre Fausta! Tão leviana, tão boa, tão linda! Realmente, às vezes tenho pena dela e sinto remorsos em sacrificá-la. (Ri-se) Remorsos! Disse mal; há muitos anos que não sei o que [são eles]; devia ter dito - simplesmente... piedade... Porém também piedade não; eu nunca tive piedade de ninguém. [Ora!] Que descubra lá o diabo o termo próprio. Se ela soubesse que eu sou... casado!... (Levanta-se) Casado!... apesar de tudo semelhante palavra me pesa como um fardo de cem arrobas. (Riso forçado) Há indivíduos marcados desde o berço pelo ferrete da desgraça, eu sou um deles. As consciências honestas me chamarão um monstro, um infame... eu me chamarei o fruto podre de uma árvore carcomida, produto infame de uma sociedade corrupta e gasta. Órfão desde a infância, criado na lama das ruas, faminto, nu, desprezado, ignorante, que podia ter eu feito em meu favor? Nada!... Inexperiente da vida, inconsciente do bem e do mal, eu vagava, vagava, pelas

estradas, pelas praças, pelas vielas, esmolando um pão... que muitas vezes me era negado. Ninguém me viu, ninguém me chamou, ninguém me acolheu. Passavam por mim faminto, enregelado de frio, como se passa por um cão leproso, atirando-lhe um pontapé! Quando vi que ninguém se compadecia de mim, não me compadeci de ninguém, em vez de pedir, furtei, em vez de trabalhar, dediquei-me a indústrias proibidas. Ainda assim, não achei nunca *uma* mão que me detivesse no declínio da desonra e me apontasse o caminho do dever. [Nunca achei uma voz que me dissesse: "Homem criança, vais errado; teu caminho é aquele, teu destino é outro. Estais à borda de um abismo, foge dele!" Estas palavras seriam talvez *a minha* salvação.] Quando se me desenvolveu a inteligência, o que vi eu ao redor de mim? O trabalho mal recompensado, o mérito cedendo o passo à vaidade, a pobreza ludibriada, o dinheiro endeusado, o vício orgulhoso, a virtude infeliz! Então tomei o meu partido; quebrei os jugos do escrúpulo e ri-me da humanidade. Se é assim, que viva o mais esperto, o que mais souber enganar! Estou completamente mudado agora: no físico, fui como a lagarta metamorfoseada em linda borboleta; no moral, como o lago azul que se entulha de podridão. Tenho talento para fingir, é quanto basta. À luz do dia sou um cavalheiro; nas trevas sou um salteador. Não importa. Quem vai levantar a ponta de meu manto dourado para descobrir-me a lepra hedionda? Ninguém. Quem [não]

deixará de preferir o meu dinheiro à honra de qualquer operário [maltrapilho?] Algum imbecil. Portanto, nada de retrogradar! Representa o teu papel no mundo, estroína! Deita a máscara e precipita-te no turbilhão desse eterno e imenso carnaval. Que te importam as lágrimas alheias se ninguém enxugou as tuas! (Pausa) (Tira uma charuteira deixando cair despercebidamente um papel, acende o charuto e passeia) Fausta demora-se... Não aparece ninguém, nem o Lúcio. (olhando) Está tudo deserto, silencioso, com mais ares de funeral de que de noivado. Estou doido para saber o resultado da demanda. Hoje deveria dar-se a última sentença. Se não for favorável, amanhã mesmo embarco num vapor do norte e safo-me; se for, efetuo o casamento e só me demoro o tempo bastante para liquidar os duzentos contos e acomodá-los na carteira. Nada, não posso andar assustado. Mais dia menos dia a polícia me descobre a oficina e mete-me na enxóvia; e per Bacco! A enxóvia cheira horrivelmente a mofo. Vou dar uma volta no jardim e colher um ramo. Pode ser que Fausta lá esteja. (Sai pelo jardim)

Cena 7^a

Lúcio entrando

Lúcio: O birbante foi apanhar flores; tem razão; deve enfeitar bem a sua miséria para que ninguém a perceba.

Vou armar-lhe um laço de mestre para ver se arranjo alguma coisa (olha em torno e vê o papel no chão) Um papel... será dele? (Curva-se e apanha) Uma carta. (Lê o sobrescrito) Dr. Luigi Spinelli. Marca do correio de Nápoles. É dele. Vamos a ver o que contém. Não é crime violar os segredos dos infames. (Abre a carta) Que diabo! Está escrito em italiano. Mas não pescarei nenhuma palavra? (Lê) “*Mio caro sposo Agostino Carmello*” isto quer dizer meu caro esposo. Assinado Maria Carmello. Ui!... É ele! É o homem!... Eureka!... E o desgraçado é casado!... Casado!... Não sabia mais dessa. Que monstro meu Deus!... Está fora de dúvida: é ele o criminoso que a justiça procura. Esta carta é um precioso documento. Corro a mandar traduzi-la e a entregá-la à polícia. (Ouvindo Mas ele volta. Ah! celerado! Chegou o momento da [tua] punição!... (Muda de aspecto)

Cena 8ª

Luigi e Lúcio

Luigi (*que volta do jardim trazendo rosas na mão*): Olá, Lúcio! Estive aí esperando mais de um século e ninguém me apareceu. Onde anda tua senhora?

Lúcio: Ocupada; uma véspera de noivado traz sempre o que fazer.

Luigi: É exato. (Senta-se, brincando com um ramo de rosas)

Lúcio (A parte): Não sei por onde começar.

Luigi: Anda, Lúcio, vai dizer a Fausta que eu aqui estou. (Lúcio não se move) Então, não ouviste?

Lúcio: Meu senhor...

Luigi: O que queres?... Não te moves? Tens a dizer *alguma* coisa?

Lúcio: Eu... eu... queria fazer-lhe uma confidência...

Luigi: Per Bacco! Uma confidência é coisa muito familiar, mas não importa; desembucha-(a). Estamos no século da democracia.

Lúcio: Queria revelar-lhe um grande segredo, no qual sua pessoa tem parte muito importante...

Luigi (estremecendo): Eu?...

Lúcio: ... contar-lhe a história de minha vida, a minha história de dores e tribulações.

Luigi (rindo): Temos romance! Nunca vi mulato pedante como tu. A coisa vai me despertando a curiosidade: vamos ao 1o capítulo. Mas que seja breve; não gosto de narrações maçantes.

Lúcio: Ah, meu Sr. *Doutor*! Não sabe, não pode avaliar *quanto* lhe agradeço a sua benevolência. Meu coração estava cheio a transbordar: era-lhe preciso um seio amigo onde deixasse cair, numa torrente de queixas os seus dissabores, e agradeço *à minha* boa estrela...

Luigi: Basta de prefácio.

Lúcio: Meu senhor, quem vive na opulência, no prazer, na liberdade enfim, não avalia o que é, o que pode ser a vida de um escravo. O escravo é um desgraçado que nasceu num país e não tem pátria, numa casa e não tem morada, num lar e não tem família! Possui coração e cabeça, corpo e alma, razão e sentimento, mas não tem direito de pensar nem de amar, não tem direito de ser um homem. Menos que um animal, é uma coisa; menos que uma coisa é uma nulidade. Vítima que não pode queixar-se nem quebrar os grilhões, porque, embora os quebre, fica-lhe na frente o rastro fatal de sua ignomínia maldita! Ah, meu senhor. É o despeito concentrado por muitos anos que se fundiu nessas palavras aflitas; é a amargura destilada de minh'alma que se extravasa de meus lábios em gotas de fel. A algema do cativo não é mais pesada para a unidade da nação do que para cada parte dela! A liberdade de um povo protesta contra a escravidão de um indivíduo [e entretanto), o meu país libertou-se, [deixando-nos) escravos. Oh! Foi uma ironia cruel, um sofisma pungente que atirou à face do mundo civilizado.

Luigi (rindo): Onde foi que leste todo esse arranzel?!

Lúcio: No livro de minha desgraça e de meus irmãos.

Luigi: És muito injusto para com teus senhores, não tens direito de queixar-te deles.

Lúcio: Nem me queixo; eles não tem a culpa do que os outros fizeram. Sou-lhes muito grato até, porém não posso renunciar ao meu direito natural de aspirar a felicidade. Nasci nesta casa, quase ao mesmo tempo em que nasceu o finado meu *senhor*, pai de D. Fausta. Minha mãe amamentou-o nos seios, repartiu com ele o leite que me devia caber. Crescemos juntos, brincamos como irmãos; o mestre que o ensinou a ele ensinou-me a mim, porque meu *senhor*, vendo que eu tinha algum talento, quis ter a fantasia de aproveitá-lo. Já vê que não quero enganá-lo, meu *senhor*, nem disfarçar a verdade.

Luigi: Foi um pateta, o teu *senhor* velho; deitou-te a perder com a tal educação.

Lúcio: Diz bem, deitou-me a perder, dando-me a luz que me rasgou as trevas da inteligência e me fez conhecer todo o horror de minha situação moral, os meus companheiros de grilheta só têm um bem, um bem único no meio de sua desdita: é a ignorância do que são e do que valem; e veja até que ponto são desgraçados, até que ponto são miseráveis! O que para outros é o pior dos males constitui a sua única

felicidade! Deus negou a razão aos animais, talvez para não supliciá-los com a vergonha de sua conformação inferior e humilde. Pois os senhores deviam fazer como Deus! Não educar os escravos para diminuir-lhes a intensidade do martírio.

Luigi: Nunca te ouvi falar assim de tua condição; parecias-me contente, feliz...

Lúcio: Parecia resignado, mas parecia-o somente. Não o estava. Também o barranco profundo e negro, o precipício escalavrado e medonho se enfeita por fora de lianas e flores, de borboletas e musgo, mas lá no fundo ruge e palpita o redemoinho convulso do abismo... Também o vulcão se cobre de um manto branco de gelo, escondendo as crateras fechadas; mas lá vem um dia em que a lava rebenta e sai indômita, terrível, derretendo a crosta gelada e atestando com a sua língua de chamas, com as suas letras de fogo, que muitas vezes a superfície das coisas é uma mentira brilhante!...

Luigi: É uma verdade incontestável. Mas vamos ao que importa: tenho te ouvido com uma paciência de santo, e não compreendo onde queres chegar.

Lúcio: Escute-me ainda, e há de compreender. Já lhe revelei o âmago de minh'alma, os meus pensamentos secretos. O que vai, porém, de dores surdas, de ódios terríveis, de maldições amargas nesses 45 anos de vida não há frase que os traduza. Tenho procurado por mil

modos escapar do cárcere e ainda não achei uma brecha única. A fuga não me convém; tem conseqüências muito humilhantes e cruéis, e o escravo não tem para quem apelar. Todas as portas [lhe] estão fechadas, à exceção da porta do inferno. Creia-me. Largas noites de insônia passei a cogitar todos os meios possíveis para a realização da minha idéia; astúcias, até crimes maquinava! Mas faltava-me o principal, a mola do mundo: o dinheiro. Como achá-lo?! No trabalho? Impossível! Não tenho um minuto de meu. No roubo comum e vil de alguma carteira? Não era o meio seguro. Finalmente tive uma lembrança feliz: a moeda falsa.

Luigi (estremecendo e recuando): A moeda falsa!...

Lúcio: [É um modo fácil de ser rico.]

Luigi (recobrando a serenidade): Vejo que és um idiota e não sei que relação tem comigo toda essa tua história enfadonha. Ouvi dizer a Fausta e a D. Maria que tu és livre, que já tem a tua carta pronta.

Lúcio: E de que me serve uma miserável liberdade maculada com o labéu do cativo? Nada, eu quero a verdadeira liberdade em toda a sua pureza, em todo o seu esplendor!...

Luigi: Ora, Per Bacco! Que diacho queres tu que eu faça? Já és livre, ou quase livre, e estás-me a quebrar os

ouvidos com palavrórios que eu não entendo. De mais a mais, vou ser teu senhor amanhã, e espanta-me a audácia da tal confiança.

Lúcio: Eu explico. Como ia dizendo, tencionei entrar numa dessas sociedades ocultas, donde a gente sai com a carteira recheada de notas - e depois largar-me pelo mundo afora com um nome novo, e uma existência nova...

Luigi: És de um desfarçamento raro!

Lúcio: Desde que surgiu-me essa idéia, não me abandonou mais, e eis a razão porque eu venho pedir-lhe que me proteja, que me apresente... que me faça um de seus sócios...

Luigi (recuando): Um de meus sócios!... Que queres tu dizer com isso, [tratante?]

Lúcio: Não se assuste: sou seu amigo e não desejo perdê-lo. Era-me realmente necessário ter muita audácia para fazer-lhe semelhante revelação, mas eu tive-a. Quero ser rico, meu *senhor*, e hei de sê-lo!... Sei que é o chefe de uma dessas associações; há mais de um mês que o sei.

Luigi: Desgraçado!... É falso!...

Lúcio: Não é! Mas já lhe disse, tranquilize-se; se eu quisesse fazer-lhe mal tinha-o denunciado, tinha dito a

minha senhora, mas não disse, nem denunciei. Por aí já vê que sou sincero.

(Luigi passeia refletindo)

Luigi: (A parte) Isto será um laço? Estou descoberto!

Lúcio: Então, que responde?

Luigi: Respondo que tu és um velhaco muito atrevido, e que tens de pagar-me o insulto que me fazes.

Lúcio (dando uma gargalhada): Insulto!... Meu senhor está enganado. Eu disse-lhe a pura verdade. É inútil negar um fato que eu conheço como o conheço a si. Duvida de mim porque sou escravo daqui? Já lhe patenteei o que sinto e o que penso. Duvida porque me julga um homem honrado? Para conseguir os meus fins eu não hesito em ser um falsário. Se não o denunciei até agora, posso denunciá-lo amanhã, despeitado com a sua recusa.

Luigi: Ninguém denuncia sem provas, e onde as tem?

Lúcio: Não seria essa a dificuldade. O Sr. Agostinho Carmello é meu conhecido velho!

Luigi (estupefato): Que!... Tu sabes tudo! Estou perdido!

Lúcio: Sei tudo, sei. Sei que é casado, e muitas coisas

mais, que direi à justiça se não chegarmos a um acordo.

Luigi: Ah!... Devo partir imediatamente!... (Gesto de sair)

Lúcio (detendo-o): Ainda não; espere aí e vamos concluir o negócio. Ninguém se não eu sabe o que há; tenho confiança em mim e tudo se arranjará em paz. A nossa demanda está ganha; case-se, e parta então logo, deixando-me em seu lugar na sociedade. Convém-lhe assim?

Luigi: Convém. Não tenho onde escolher.

Lúcio: Então aperte a mão. Dois criminosos não tem diferença de classe. (Apertam as mãos)

Luigi: Se tu me traíste, olha, tenho aqui na cinta o punhal que matou Luigi Spinelli para to enterrar no coração.

Lúcio: Pois bem, aceito.

Luigi: Podemos separar-nos: vai chamar Fausta.

Lúcio: Ainda falta uma coisa. Eu não me quero comprometer de modo algum. Não conheço ainda o trabalho, nem sei se é bom. Mostre-me aí uma nota, para ver se é coisa limpa!

Luigi (tirando a carteira): És muito exigente, mas podes

ver. (Aproximam se da luz)

Lúcio: Muito boa. E as outras? Luigi: A mesma coisa.

Lúcio: Espera aí. (Quer tomar a carteira) Deixe examinar isso melhor. (Luigi afasta a mão) Que! Está com receio, já tão cedo?

Luigi: Não, agora [arrisco) tudo por tudo. (Ouvem-se passos) É Fausta!

Lúcio: É ela, sim, afastemo-nos! (Sai correndo na ponta dos pés)

Luigi: Lá se foi o diabo do negro com a carteira e os meus papéis. *Diávolo! Diávolo!* Irá trair-me? Estou metido em boa!... Agora, nem mais um dia nesta terra! Mas ainda alguns minutos de disfarce.

Cena 9ª

Luigi e Fausta

Luigi: Minha amada noiva! Como passaste?

Fausta: Um pouco incomodada.

Luigi (sorrindo): Questões de nervos, não?

Fausta: Talvez. Há uma hora que sofro horrivelmente.

Luigi: Realmente estás pálida e fria como uma estátua

de mármore. Mas donde provém semelhante sofrimento?

Fausta: Tenho pensado e meditado [hoje] muito no futuro.

Luigi: No nosso futuro que vai abrir-se amanhã risonho, formoso, como uma alvorada de primavera?... Na nossa existência que há de passar-se feliz entre sorrisos de amor debaixo do céu esplêndido da Itália? Era isso o que pensavas?

Fausta: Não; era justamente o contrário. Uma idéia esquisita, talvez absurda (Olhando intencionalmente para Luigi) Eu pensava que podia ser muito infeliz.... que o dia de amanhã seria o meu abismo.

Luigi (muito calmo): Que louquinha. (rindo) Isso é uma doença que os ingleses chamam *spleen*. Produz pensamentos muito excêntricos, muito negros, mas que afinal de contas não passam de quimeras. Tens febre? Deixa ver (toma-lhe o pulso) Não, está muito regular.

Fausta: Tenho febre na cabeça e no coração.

Luigi: Criança! Levanta a cabeça e sorri. Vai cuidar dos teus arranjos, nos seus enfeites e na ventura de amanhã.

Fausta: É que eu já mudei de resolução.

Luigi: Como!...

Fausta: Resolvi adiar o casamento.

Luigi: Adiar! E por que?

Fausta: Porque a tal idéia pareceu ser um pressentimento.

Luigi: Ora esta! Quem acredita lá em pressentimento.

Fausta: Eu, por exemplo.

Luigi: Qual! Nada! Não pode deixar de ser amanhã o nosso casamento. Os convidados...

Fausta: Desavisam-se.

Luigi: A viagem depois de amanhã...

Fausta: Iremos no outro vapor.

Luigi: A minha felicidade que eu julgava tão próxima.

Fausta: Isso é o menos.

Luigi: Fausta! Que tom e que maneiras são essas?... Já não és a mesma, minha querida?... (Toma-lhe as mãos e contempla-a)

Fausta (rebetando em choro): Luigi...

Luigi: Dize-me o que tens, anda, e o que querem dizer estas lágrimas! Serei porventura vítima de alguma intriga? Disseram-te alguma coisa de mim? Heim?...

Fala. Já não me amas, Fausta? Já não te mereço a confiança de outrora?... Que transição terrível foi esta?... Vamos, conta me tudo. Que veneno entornaram sobre o meu nome na tua alma? Que seta hervada de calúnia feriu-me no teu conceito? Dize; estou pronto para defender-me. Qualquer que seja o golpe saberei apará-lo!...

Fausta: Luigi!... Sim, é calúnia, é mentira!... Eu não o acreditei. É impossível que fosses tão malvado para fingir assim. Em teus olhos e em tua fronte não descobro a menor sombra de culpa... Amo-te e creio que és tão honrado e digno quanto eu desejo que o sejas!...

Luigi: E o que foi que te disseram, filha?

Fausta: Nada, uma vil infâmia. Alguma inveja surda que procura separar nos. Amanhã seremos felizes, e com a nossa união à face de Deus mostraremos que estamos acima dessa força indigna!...

Luigi: Finalmente vejo-te qual és! Franca, generosa, incapaz de trair! Mais divinamente bela do que nunca. Fausta! Já não preciso defender-me, leste em meu rosto a minha inocência e sabes que eu te amo. É o que me basta. Acuse-me o mundo inteiro e me estimes tu que eu serei feliz. Não sei o que te disseram nem quero sabê-lo. A repetição de tais vilezas mancha os lábios mais puros. Afasta de ti qualquer susto, qualquer

suspeita... maldição sobre mim, se não sou digno de ti!...

Fausta: Luigi! Meu Luigi! Já nada temo! Já nada receio!... E hei de ser tua!... (Abraçam-se)

Cena 10ª

Os mesmos e Lúcio

Lúcio (entrando): Ah!... (recua) Infame!... Solta esta pomba, abutre. Não hás de devorá-la! Assassino do jovem doutor Luigi Spinelli, ladrão de seu pergaminho, desmascerei-te enfim!

Luigi (furioso): Desgraçado! Traidor!... Miserável! (Atira-se a ele)

Lúcio: Senhor! Nem sempre a malvadez canta vitória! Há no céu um poder que vela pela virtude: é a Providência de Deus!...

Luigi: Teus lábios são muito imundos para manchar-me, infame!

Lúcio: Cale-se! A prova do que disse está nas mãos da justiça.

Luigi: Lembras-te do que te [prometi] há pouco? (Tira o punhal, Lúcio lho arranca das mãos)

Lúcio: A violência é inútil; seria mais um crime!

Fausta (interpondo-se, cheia de terror): Luigi, Lúcio! O que é isto! Pelo amor de Deus!

Luigi: Eu preciso da tua vida, insolente!

Lúcio: E a sociedade do teu castigo, monstro!...

Fausta (a Lúcio): Provas! Lúcio! Quero provas.

Lúcio (correndo à porta): Ei-las!...

Cena 11ª

Os mesmos, um oficial e soldados

Lúcio (apontando Luigi): É o sr. Agostinho Carmello, assassino, ladrão e falsário.

Luigi (cobrindo o rosto e tentando fugir): Ah!...

Lúcio (a Fausta): Vê, minha senhora? É até covarde!...

Oficial: Agarrem, camaradas! (Os soldados cercam Luigi) Minha *senhora*, (a Fausta) queira desculpar esse ingresso um pouco brusco. Aquele indivíduo é um criminoso digno da forca. Abusou covardemente de sua boa fé e ia sacrificá-la.

Fausta: As provas, *senhor*?

Oficial: Aqui estão nesta carteira dele. Além de tudo, para rematar a infâmia, ia cometer amanhã (mais) um [delito] abominável, porque é... casado!...

Fausta: Casado! Meu Deus!...

Oficial: Aqui está uma carta de sua mulher que revela tudo. O seu nome mudado, e algumas circunstâncias do crime de homicídio.

Luigi: É falso! Eu sou inocente!

Oficial: Vá dizê-lo e prová-lo à autoridade superior, por agora clamores e resistência são inúteis... O seu processo está instaurado, só lhe cumpre procurar um bom advogado que com as flores da retórica cubra a enormidade de seus crimes. Siga! (A Fausta) *Excelentíssima*, em nome da justiça e da lei imploro o meu perdão, peço licença para conduzir daqui este indivíduo. (Cumprimenta-a e saem levando Luigi).

Fausta: (com desespero, caindo em uma cadeira): Miséria! Vergonha! Castigo de Deus!... (Cobre o rosto com as mãos, soluçando)

Lúcio: Animo, minha senhora! Coragem! Eleve-se acima da desgraça e que ela lhe seja profícua!

Ato 3º

Ao levantar o pano, Fausta está recostada em uma cadeira, com a cabeça entre as mãos, ao pé da mesa no centro da sala

Cena 1ª

Lúcio e Fausta

Lúcio: Minha senhora... minha senhora...

Fausta: Deixa-me, Lúcio, deixa-me!...

Lúcio: Assim, minha *senhora*, não vai bem. Desde ontem a chorar, sem comer, sem dormir...

Fausta: Ah! Querias então que... depois do que se tem passado de ontem para cá eu não estivesse aflita?...

Lúcio: Queria que desse lugar à reflexão, que pensas mais sobre a sua nova situação em vez de lamentá-la tanto.

Fausta: Bem se vê que não podes compreender os melindres de uma mulher, de uma moça como eu, ferida no orgulho, ferida por todos os modos.

Lúcio: Compreendo, minha *senhora*, apesar de homem, apesar de escravo. Compreendo, mas tenho a triste experiência da vida e sei que lágrimas não dão remédio.

Fausta: Vai-te embora, Lúcio, deixa-me só com a minha

dor.

Lúcio: Não posso abandoná-la, minha *senhora*.

Fausta: Deixa-me tragar em silêncio todo o fel de meu cálice atroz! Deixa... (soluça)

Lúcio: Pobre criança!

Fausta: ... deixa que eu, à força de apertá-lo, consiga sufocar as palpitações dolorosas deste coração infeliz... deixa que à força de pensar na desgraça, a minha cabeça estale de dor.

Lúcio: Oh, minha *senhora*! Pelo amor de Deus, volte a si!... Afaste da imaginação aquele quadro lúgubre que presenciou... procure acalmar essa excitação nervosa. Venha passear no jardim, venha; levante-se dessa cadeira; o ar fresco lhe fará bem.

Fausta: O meu frasquinho de éter...

Lúcio: Aqui está; respire e não chore mais.

Fausta: Como não chorar se sou tão desgraçada!...

Lúcio: Ninguém é desgraçado enquanto crê em Deus.

Fausta: Deus! Eu creio nele, e não obstante...

Lúcio: Crer em Deus, *minha senhora*, não é somente acreditar que ele existe; não! Crer em Deus é considerá-

lo um pai onipotente e bom, que vela por nós, e não nos abandona nunca se temos confiança nele. Quem tem na alma essa convicção, sente, sofre, chora, mas não fecha o coração às consolações da esperança!

Fausta: A esperança! morreu para mim!

Lúcio: Por que?

Fausta (levantando-se): Ontem, Lúcio, eu era a rainha dos salões, uma das estrelas mais brilhantes da sociedade, a primeira entre as primeiras, porque me julgavam rica e feliz, porque me julgavam noiva e muito breve esposa de um cavalheiro rico e distinto, porque me supunham enfim com o pé no primeiro degrau da escada do poder e da opulência. Oh! Mas hoje a face das coisas mudou! Hoje eu sou apenas... uma órfã sem parentes, pobre como a última das pobres, que irá esmolar talvez amanhã a caridade de alguém. Sou uma mulher ludibriada por um charlatão infame, uma mulher insensata que se deixou enganar! Sim! Não de censurar-me por isso os mesmos que com ele se enganaram também, as mesmas que suspiravam pelo seu amor. Quando eu aparecer na sociedade, apontar-me-ão com o dedo, e dirão: "Lá vai a tal Fausta", a que ia casar com um moedeiro falso. E acreditas, Lúcio, que quem caiu tão rudemente de um pedestal tão brilhante possa ter a esperança de surgir outra vez?

Lúcio: Poderia, minha senhora, se os alicerces desse

pedestal não fossem a vaidade e o orgulho.

Fausta: Lúcio!...

Lúcio: Perdoe; esta linguagem é imprópria de um escravo, mas é a verdadeira linguagem de um pai; Iaiá Fausta perdeu o seu; sua mãe não pode aconselhá-la; não tem uma voz *mais* autorizada do que a minha que lhe mostre a verdade... portanto, eu que a criei, eu que a estimo como se fosse minha filha, eu *que* daria tudo para vê-la feliz, não hesito em lhe falar com toda a franqueza. Os meus cabelos brancos e a minha lealdade há tantos anos provada dão-me direito a ser ouvido...

Fausta: Fala, Lúcio, tu tens mais de um título à minha atenção; não és meu escravo, és um único amigo que me resta. Diziais então que ...

Lúcio: Que a vaidade e o orgulho, minha *senhora*, são as causas principais de sua infelicidade.

Fausta: Pois tu queres que eu não tenha orgulho? Eu, que nasci na opulência e que vivo numa sociedade onde se despreza a humildade, onde se desdenha a pobreza?...

Lúcio: O orgulho mal entendido é o pior dos defeitos, minha senhora, é o defeito dos insensatos.

Fausta: Mas prova-me, se podes, a relação que existe entre isso e a minha infelicidade.

Lúcio: Muita, *minha senhora*. Foi a vaidade que a fez aparentar uma riqueza que não tinha para freqüentar as festas, chamar a atenção e achar um noivo de elevada posição; foi a vaidade que a fez tornar-se leviana e alimentar esperanças em indivíduos a quem não tencionava unir-se, e que a ajudavam a sustentar o seu luxo demasiado. Queria *minha senhora* por ventura ser esposa de Amâncio Rosas, um velho ridículo, libertino, jogador, que passa as noites na taberna gastando os últimos dias da vida que devia empregar melhor? Foi a vaidade ainda que a fez desprezar os afetos sinceros e desinteressados de um moço pobre mas honradíssimo que a amava até o delírio! É o orgulho que a faz encarar agora com desânimo, com desespero até, a nova fase de sua vida. Se *minha senhora* não o tivesse em tão alto grau a queda de que falou não a humilharia tanto; esqueceria facilmente o brilho fosfórico que a rodeava e não se deixaria aterrorizar pela idéia da pobreza.

Fausta: Oh, Lúcio!... Que palavras duras!...

Lúcio: São duras, mas são verdadeiras. Para os grandes males grandes remédios. Diante da necessidade de sua regeneração eu não hesito em empregá-las. Aconselhei-a muitas vezes; *minha senhora* nunca me quis ouvir...

Fausta: Eu era uma louca. De ontem para cá tenho vivido dez anos. O mundo para mim estava envolto num véu de ouro... esse véu rasgou-se e eu o vejo agora

em toda a hediondez da realidade.

Lúcio: Não é necessário vê-lo somente; é preciso aceitá-lo tal como é.

Fausta: O que queres que eu faça então?

Lúcio: Que abandone sem pesar o luxo e as comodidades...

Fausta: Ah! E como viverei de (ag)ora em diante?

Lúcio: Como vive a virtude: oculta e resignada.

Fausta: Na miséria!

Lúcio: Na miséria não! No trabalho!

Fausta: Eu, trabalhar? Oh! É doloroso, é horrível!

Lúcio: O trabalho é o mais nobre privilégio do homem, *minha senhora!* O trabalho é que mantém a sociedade, é que sustenta a honra, é que dá tranquilidade e verdadeiro prazer. O trabalho não humilha, exalta, porque aquele que não herdou e não tem quem lhe dê [o pão cotidiano), se não trabalha, cai necessariamente no crime, porque não se há de deixar morrer à fome! Quando o homem perde a fortuna, se lhe ficam os braços e a cabeça fica-lhe tudo, porque lhe fica o trabalho!

Fausta: Mas eu não tenho forças...

Lúcio: Nem lhe será preciso empregá-las para prover a sua subsistência enquanto eu existir. Falei-lhe do trabalho porque vi a repugnância com *que minha senhora* o encarou, e, demais... ninguém pode contar com a vida. Se eu morrer, se nada lhe restar no mundo senão a misericórdia de Deus, trabalhe, *minha senhora*, trabalhe, que será mil vezes mais nobre do que o era quando enfeitada e vaidosa percorria os salões do baile!

Fausta: Sim, eu trabalharei! Eu quero regenerar-me!... A Fausta de ontem, a Fausta leviana e superficial, não será a mesma de amanhã. Tu me abriste os olhos, Lúcio, eu te agradeço. Sinto não ter uma recompensa digna de tua dedicação...

Lúcio: A recompensa que eu desejo, *minha senhora*, é vê-la afastar do espírito todas essas idéias falsas que lhe aumentam o sofrimento; é vê-la feliz na pobreza, satisfeita com a consciência de sua virtude e resignada no infortúnio. (Batem)

Cena 2ª

Os mesmos e D. Olímpia

D. Olímpia (vestida de preto, muito pálida): Dá licença?

Fausta (a Lúcio, à meia voz): Quem é esta senhora? Não conheço.

Lúcio (baixo): Nem eu. (A D. Olímpia) Pode entrar, *minha senhora*.

D. Olímpia: Muito boa tarde.

Fausta: Boa tarde. (Apertam as mãos. Pausa) Faça o favor de sentar-se.

D. Olímpia: Obrigada. Estou muito cansada. Andei tanto para chegar aqui!... (Dá um suspiro)

Fausta: Mora longe?

D. Olímpia: Fora da cidade.

Fausta: Deseja falar comigo?

D. Olímpia: Desejo. Há de admirar-se, porque não me conhece, nem nunca me viu. Mas eu conheço-a muito, e ainda mais sua mãe. Como está ela?

Fausta: Muito doente, mesmo muito mal.

Lúcio (a D. Olímpia): *Minha senhora*, *V. Excelência* não poderá voltar outro dia? Iaiá Fausta está muito incomodada... Sofreu um golpe doloroso, e tem estado entregue a uma tal angústia... que lhe pode fazer mal qualquer abalo.

D. Olímpia (levantando-se): Angústia! Quem fala em angústia a mim, a mais angustiada das criaturas? Quem terá dores pungentes, lágrimas de sangue e gemido de

amargura capazes de comparar aos meus?... Ninguém!... Adivinho, adivinho já o que é; não querem escutar-me, mandam me embora... pois eu não transponho o limiar daquela porta ser ter vertido primeiro aos pés desta mulher tão cruel todo o fel que trago no coração.

Fausta: Engana-se, minha *senhora*, ninguém a está mandando embora. Acabou de dizer que eu não a conheço, e por conseqüência não posso saber a que a *senhora* vem para recusar ouvi-la.

D. Olímpia: Perdoe; a desgraça me tornou desconfiada e louca...

Fausta: Diga em que lhe posso ser útil, o que exige de mim.

D. Olímpia: O que exijo de si? Exijo um minuto de prazer antes de morrer, eu que me sinto expirar a cada hora; peço-lhe meu filho, meu arrimo, meu amparo, minha consolação, meu tudo neste mundo! O raio de sol de minha velhice cansada, a luz de meus olhos cegos de chorar... peço-lhe meu filho que a *senhora* me roubou e perdeu!...

Fausta: Seu filho? Eu lhe roubei seu filho?

D. Olímpia: Sim, meu filho, o meu Osmundo!

Fausta: Ah!... Osmundo!... A *senhora* é Dona Olímpia?

D. Olímpia: Sou. Não digo bem: fui. Dois anos e meio de sofrimento e privações fizeram de mim um cadáver. Hoje não sou mais D. Olímpia, sou o seu espectro, e amanhã... serei a sua poeira!... A *senhora* sabe o meu nome, mas não sabe a *minha* história, é a única desculpa que tem.

Fausta: D. Olímpia, eu não a compreendo, explique-se!

D. Olímpia: Eu era robusta e sã; pobre mas feliz, viúva mas consolada e rejuvenescida em meu filho... Quando ele entrava em casa, cantando, saltando como um passarinho na rama, atirando-se em meus braços, beijando meus cabelos brancos, eu largava o trabalho, ria com ele, ouvia as suas cantigas, inebriava-me com as suas travessuras, e eu, uma velha sem ardores, tornava-me criança também!... Compreende a *senhora* que felicidade imensa havia nessa existência tranqüila que um rei podia invejar?... Pois bem! Essa felicidade já eu não a tenho!... Essa felicidade me foi roubada me foi roubada pela *senhora*!... E hoje, que já não a possuo, sou isto que a *senhora* vê: uma sombra de mulher, consumida pela hipertropia do coração, uma desgraçada que não encontra alegria em parte alguma e que pede a Deus que a leve para acabar de padecer!... (Chora)

Fausta: Meu Deus! Meu Deus! Não esperava eu essa nova dor!... D. Olímpia, não fale mais... Eu sou criminosa, sou, porém não tanto como me julga. O

sofrimento a faz injusta... Conversaremos sobre isso noutra ocasião... hoje não posso mais... São muitos golpes vibrados de uma vez...

Lúcio: Ouça D. Olímpia, minha *senhora*. Diz-me um pressentimento que dessa troca de queixas, dessa comunhão de lágrimas há de resultar algum bem. Tenha coragem! Erga-se para o futuro sobre as ruínas do passado. Esqueça o seu sofrimento de um dia diante do martírio tão longo desta pobre mãe que lhe veio falar de seu filho. Oh! E praza ao céu que das desventuras de ambas se levante a aventura de nós todos!...

D. Olímpia: Quem é este?

Lúcio (a D. Olímpia): Um escravo, mas escravo que o sentimento eleva e a amizade inspira. Perdoe-me a ousadia de exprimir-me assim, minha *senhora*; eu sou amigo de seu filho, eu fui o único nesta casa que o soube apreciar.

Fausta (apontando Lúcio): Salvou-me ontem de uma irreparável desgraça...

Lúcio (a D. Olímpia): Cumpre-me terminar a minha obra. (Batem. Lúcio vai ver)

Fausta: Será mais outra provação?

Os mesmos e Amâncio Rosas, um pouco embriagado

Fausta (com gesto de enfado): Oh! Este homem!...

Amâncio: Este homem, sim, a quem a *senhora* desgraçou! Este velho estonteado que gastou seu dinheiro em mimoseiá-la, e a quem a *senhora* acaba de insultar mandando-lhe um cartão de convite para seu casamento hoje. Então!... É hora da cerimônia! Quero assistir lá isso, e quando acabar mostrar ao noivo e aos convidados uma certa lista que trago, (puxa um papel) um rolzinho muito curioso... Escute lá: “No dia 18 de novembro um vestido de seda azul; no dia 4 de janeiro um leque de madrepérola, no dia 20 de fevereiro uma pulseira de ouro...

Fausta (com indignação): Basta, sr. Amâncio!... Basta!... Nunca o supus tão [infame]! (Apontando a porta) Saia... não posso ouvi-lo mais...

Amâncio (guardando o papel): Sim, depois de tudo me enxote, faz bem!... Outrora, e há bem pouco tempo, não me enxotava; agora... está rica, vai casar, não precisa mais do velho... rua com ele!... Mas diga-me uma coisa (cruza os braços diante dela) que fim levou o amor que me tinha?

Fausta: Sr. Amâncio, não me obrigue a fazê-lo respeitar à força uma senhora indefesa. O *senhor* enganou-se porque quis. Ninguém tem a culpa de que seja um velho

tolo. Se consultasse o seu espelho, ele lhe havia de dizer que o *senhor* não podia mais esperar amor. Vamos, retire se, senão...

Amâncio: Ameaça-me?... Faz bem, mas não é preciso me deitar para fora a pontapés. Eu saio. Ela mais você que fiquem com o meu dinheiro e com as minhas jóias. Não faço caso.

Fausta (vai à mesa e pega na caixa de jóias com gesto de altiva indignação): Miserável!... Aí tem o seu cabedal. Leve. Nesta caixa há outras jóias além das que recebi do *senhor*. Pague-se com elas tudo o que lhe devo. Deviam ser o meu último recurso na miséria... serão *a minha* primeira expiação! (Atira a caixa)

Amâncio (apanhando-a): Do perdido a metade. Até mais ver. (Sai)

Fausta: Meu Deus! Até que ponto serei castigada?...

Cena 4^a

Os mesmos menos Amâncio

D. Olímpia: Que quer dizer isso?... O que é que se passa aqui?

Lúcio: Quer dizer, *minha senhora*, que este homem está embriagado, e portanto, incapaz de respeitar

conveniências.

D. Olímpia: Ele veio pedir as jóias que lhe deu, eu venho pedir-lhe uma jóia mais preciosa que todas essas. O momento é talvez impróprio, mas eu não voltarei sem dizer a que vim. Sofro muito, para esperar ainda mais. Talvez seja temerária nessa resolução, porém não importa! O coração extremoso da mãe que adora o filho não receia nada: está pronto para receber quantas feridas lhe quiseram abrir! Sacrifica as fibras todas, uma por uma, para salvar aquele que alimentou com seu sangue e com seu amor.

Fausta: Conclua, D. Olímpia, conclua por piedade!...

D. Olímpia: Há dois anos e meio deixou Osmundo os meus braços, os únicos braços que o protegeram, deixou o meu coração, único [coração] que o amava, para rojar-se aos seus pés, minha *senhora*, como se a *senhora* fosse um Deus digno da adoração de sua alma entusiasta!... O que lhe deu a *senhora* em paga deste afeto tão puro, tão exclusivo, tão grande?... Deu-lhe o mais cruel dos desenganos... matou a sua esperança, aniquilou o seu futuro!... Ele chegou-me em casa, nessa noite fatal, às duas horas da manhã. Eu estava esperando por ele, aflita, chorosa. Corri a recebê-lo, cheia de alegria, mas... ai!... Meu filho, o meu Osmundo, o meu virtuoso Osmundo soltou uma gargalhada; e entrou cambaleando, hirto, desgrenhado,

febril... Estava ébrio, D. Fausta!... estava ébrio!... Mais ébrio do que aquele homem que a insultou [há pouco]...

Fausta: Ah!... Osmundo fez isso?...

D. Olímpia: Fez mais ainda. Abandonou o trabalho, abandonou a casa, abandonou-me a mim!... Passa os dias bebendo e as noites jogando. Não é mais aquele rosto formoso e alegre, respirando saúde e esperança... É um estróina que percorre as tavernas num verdadeiro delírio... tem os olhos injetados, as faces pálidas... Perdeu o sentimento da própria dignidade, o nobre orgulho que tinha antes de amá-la! O que lhe resta a ele agora? Nada, nada senão a ternura constante de sua mãe!...

Fausta (chorando): Perdoe-me... eu não sabia... eu não podia adivinhar.

D. Olímpia: Avalia agora quanto tenho sofrido? Ver meu filho assim, perdido, desgraçado... É para morrer de pesar! Dei-lhe conselhos enquanto o pude ver... roguei, supliquei-lhe que tivesse juízo; ele para não me ver chorar não foi mais em casa... Não podendo mais pedir a ele, pedi a Deus, orei a Maria Santíssima que me valesse, que me inspirasse um meio de trazê-lo de novo a meu seio, e ela, a mãe de Deus, me inspirou... Eu refleti comigo: "D. Fausta foi a causa da desgraça de meu filho; foi esse amor louco, insensato que o levou ao desespero... eu vou a D. Fausta... ajoelho-me a seus

pés... peço-lhe por compaixão, por caridade, que me ajude a salvá-lo..." Portanto, *minha senhora*, aqui está o motivo que me trouxe aqui... se a senhora negar-me o que lhe peço, eu morro... e morro amaldiçoando-a!... (Batem palmas. Lúcio vai ver) Vamos, responda: o que é que a *senhora* me responde?...

Cena 5^a

Lúcio (com um papel na mão): Minha *senhora*...

Fausta: O que me querem?...

Lúcio: Um oficial de justiça com uma intimação...

Fausta: Ah!...

Lúcio: Para deixar esta casa dentro de 30 dias...

Fausta: Meu Deus!... Está vendo, D. Olímpia? Já deve estar vingada... se é que me odeia... pelos males que lhe causei sem saber e sem querer...

D. Olímpia: Odiá-la? Eu? Fausta, eu amo-a apesar de tudo, porque meu filho a amava...

Fausta (recebendo o papel): Vai dizer que está entregue. (Atira o papel sobre a mesa) Ah!... Não me dão tréguas ao coração!... Desde ontem que não repouso um instante!... Nem para estar ao pé de minha mãe!...

Lúcio, vai ver se minha mãe está sossegada... se precisa de alguma coisa... Não dize nada a ela do que se está passando. (Lúcio sai)

Cena 6^a

D. Olímpia: Vim achá-la numa ocasião de aflições, D. Fausta, ignorava tudo... vivo muito afastada do mundo, não sei nada do que se passa. Estou vendo que lhe aconteceu uma desgraça... que tem chorado. Tenho sido egoísta até agora... perdoe-me... Vamos, fale, tenha confiança em mim... esqueça as *minhas* queixas amargas, e veja em mim uma amiga...

Fausta: Uma amiga?! Tenho eu amigas por ventura? Tive-as ontem, quando era rica e feliz... Hoje só tenho algozes!... (Desata a chorar)

D. Olímpia: Perdeu então a sua riqueza?

Fausta: Perdi tudo... bens, consideração, amor, amizades... Hoje só possuo os andrajos de ontem... Até esta casa, que eu herdei de meu pai, vai me ser extorquida...

D. Olímpia: Pois agora é que eu a quero, agora é que eu a reclamo.. Supondo-a rica, vim afrontá-la com a minha dor; vendo-a pobre, ofereço-lhe o meu coração rico de ternuras!

Fausta: D. Olímpia!... A *senhora* é um anjo! (Abraça-a

chorando)

D. Olímpia: Sou *uma* mãe que quer comprar, a todo preço, a felicidade de seu filho. Vamos, diga-me: ajuda-me a salvar meu filho? Ajuda-me a arrancá-lo daquele antro medonho, daquela caverna de horrores?...

Fausta (com gesto solene): Juro, D. Olímpia! Em nome de Deus que nos ouve! O meu amor desviou Osmundo do caminho do dever: o meu amor o chamará à razão! Todo o afeto *que* já senti por ele, renasce agora mais forte do que nunca! Prometo reunir os meus esforços aos seus, *a minha* ternura à sua ternura... Se nada conseguirmos, morreremos ambas!... (Ouvem-se gritos lá de dentro, exclamações de dor) O que será, meu Deus, que será!... (Fausta e D. Olímpia assustam-se)

Cena 7^a

Os mesmos e Lúcio

Lúcio (muito aflito): Venha cá, *minha senhora*, venha cá...

Fausta (com precipitação e susto): O que foi, Lúcio?! Que gritos são esses?...

Lúcio: Sua mãe ... *minha senhora* D. Maria...

Fausta: Teve outro ataque?... está mal?... Vou vê-la. (Quer entrar, Lúcio a detém)

Lúcio: Morreu. Fausta (delirante): Morreu!... Mamãe morreu!... Ai!... Nada mais me resta no mundo!... nada!... Nem um teto onde abrigar a cabeça... Nem um coração que me ame... Morreu mamãe... vou ficar de todo... de todo desamparada! Meu Deus! O que será de mim?!... (Cai de joelhos desmaiada à boca da cena)

Lúcio (segurando-a, muito comovida): Não, *minha senhora!* Está pobre, está órfã, mas não está desamparada! Tem ainda a dedicação de um escravo fiel!

D. Olímpia (abraçando-a): E o meu amor de mãe ... será também minha filha!...

Ato 4º

Sala de taberna. Porta de entrada ao fundo, compartimentos e portas à direita e à esquerda.

Cena 1ª

Romualdo (arrumando as garrafas, copos, etc. e limpando): Arre com a breca, isto é que gente levada dos diabos! Arrumo e torno a arrumar, limpo e torno a limpar mas os estróinas dos fregueses deitam-me tudo de pernas para o ar. Olhe... dois copos quebrados. Se eu [soubesse) quem foi atirava-lhe com os cacos ao nariz. Vou jurar que foi aquela canalhada de estudantes que esteve aqui (cheira o copo) não foi, está cheirando a conhaque e eles beberam cerveja... Fosse lá quem fosse hei de cobrar de todos esses prejuízos e outros.

Cena 2ª

Entram duas senhoras embuçadas de preto e Lúcio

Lúcio: Dá licença, sr. Romualdo?...

Romualdo: Oh! Caro Lúcio!... Chega à frente!... Bons olhos te vejam! Que diabos anda fazendo que não apareces há (tanto tempo) para dar dois dedos de prosa aos amigos?...

Lúcio: Não tenho podido... [ocupações, incômodos de

saúde...]

Romualdo: Perdeste tua *senhora* velha, já soube...

Lúcio: Infelizmente.

Romualdo (reparando nas duas *senhoras*): Olé, temos visita feminina ... Caramba! Quem são?... Parecem duas freiras fugidas do convento...

Lúcio (interrompendo): São duas *senhoras* muito respeitáveis que lhe oferecem isto (tira dinheiro) para que o *senhor* lhes guarde o segredo de sua vinda aqui.

Romualdo (guardando o *dinheiro*): Duas *senhoras* respeitáveis... está bom, está bom. Mas que diabo vêm fazer numa taberna duas senhoras respeitáveis?

Lúcio: Logo saberá! Porém antes de tudo quero *que* me prometa segredo. *O senhor* é um homem honrado e eu confio na sua palavra....

Romualdo: Quanto a isso pode confiar sem susto. Quando me convém sou mudo como um peixe; nem a Inquisição me faria soltar a metade de uma sílaba. Mas de que é que se trata? Alguma aventura amorosa?...

Lúcio: Não, não, é uma coisa muito séria... Vá ver se tem aí dentro um gabinete limpo onde elas esperem um bocado...

Romualdo: Ora, ora se tenho!... asseado como um salão do palácio do Imperador. Mas por causa das dúvidas vou examinar de novo. (sai)

Cena 3ª

Os mesmos, menos Romualdo

D. Olímpia (levantando um pouco o véu): E é aqui que o Osmundo vem, Lúcio?

Lúcio: É, minha senhora.

D. Olímpia: Mas isso é uma taberna imunda!

Lúcio: E entretanto freqüentada por muita gente boa.

D. Olímpia: Coitado de meu filho!... (Dá um suspiro).

Lúcio: Tenha coragem, é a última prova!

Fausta: Ele tardará muito, Lúcio? Esta atmosfera me sufoca.

Lúcio: Não sei. (vê o relógio) São apenas 7 horas...

D. Olímpia: Esperemos.

Fausta: E se não vier?

D. Olímpia: Voltaremos outra vez. Não tem ânimo de voltar?

Fausta: Oh! Sem dúvida!... Aqui, ou em qualquer parte [em] que ele esteja eu irei procurá-lo. É uma dívida que procuro pagar-lhe.

Lúcio: Há de vir, *minhas senhoras*; não costuma faltar. Há de vir, e nós havemos de levá-lo.

D. Olímpia: Oh! Deus te ouça, Lúcio!... Eu já não posso mais viver sem ele!

Cena 4ª

Romualdo: Pronto!... Excelentíssimas, podem entrar quando quiserem. É aqui mesmo ao pé... se quiserem tomar alguma coisa...

D. Olímpia (com voz fraca): Obrigada, não queremos nada. (Entram as duas)

Romualdo: Mas isso é uma de dar volta ao miolo, meu caro! Estou morto de curiosidade! Digas lá o que disseres a coisa cheira a namoro.

Lúcio: Já lhe disse que não.

Romualdo: Mas afinal de contas que tenho eu de fazer mais? Meti-as no gabinete, e lá estão elas sentadinhas esperando. Resta que eu saiba o que é que esperam.

Lúcio: Um moço que vem aqui, um de seus fregueses,

filho de uma delas.

Romualdo: Que moço?... Como se chama?

Lúcio: O sr. Osmundo.

Romualdo: Ah!... Osmundo!... O maganão do Osmundo!... Eu soube de uma história...

Lúcio: Pois bem. Depois dessa história ele tornou-se um louco. Abandonou a casa, o emprego, os amigos, e deixa-se soltar no declive da libertinagem.

Romualdo: É um estróina de mil pecados!

Lúcio: Espírito fraco, não pôde resistir à paixão. Debalde a mãe lhe escreve, debalde o chama, ele não a escuta nem lhe responde.

Romualdo: Faz pena vê-lo. E com a vida que leva (abana a cabeça) não dou muito por ele. Parece uma febre, um tresvario, aquela ânsia de beber! Está se vendo logo que aquilo não é uma inclinação nem um hábito.

Lúcio: Ia-se perdendo mais uma pérola no abismo da desgraça. Aí vê o *senhor* o que pode fazer a força da paixão numa cabeça sem juízo. Sentiu-se profundamente magoado, e em vez de afrontar o golpe deixou se cair, embora arrastasse na queda o coração da mãe.

Romualdo: Pobre senhora!...

Lúcio: É uma mulher heróica como poucas tem sido. Está sofrendo de uma doença mortal, passa os dias de cama, as noites em claro, chorando e rezando por ele; mas apesar de enferma e sem forças, fez apelo a toda a sua coragem e veio até aqui, fazer uma derradeira tentativa. Compreende agora? Veio apresentar-se a ele, e ver se desperta naquele coração gelado ainda um sentimento de piedade... se não o conseguir ela morre, mas ele há de salvar-se, ao menos por amor ao seu cadáver!

Romualdo (limpando os olhos): Tem graça! Pois eu não estou (quase] chorando? Eu, mestre Romualdo, taberneiro! Hum!... Este Lúcio sempre tem histórias...

Lúcio: Por conseqüência, conto com seu auxílio para a realização do nosso plano. Eu me interesso muito por D. Olímpia e pelo Sr. Osmundo, e lhe ficarei obrigadíssimo...

Romualdo: Deixe estar, deixe estar... É só dizer *o que* tenho a fazer e mais nada.

Lúcio: Desviar os fregueses, para que ninguém presencie o que se vai passar.

Romualdo (coçando a cabeça): Sim, sim, mas... é desta sala só que precisam? Porque há uns freguesinhos da

mesa verde, que já começaram a tarefa, e deitá-los assim pra fora, sem mais nem menos... não é deitar pra fora; é que eles não saem; quando agarram a orelha da sota não largam com duas razões e meia... Você sabe.

Lúcio: Esses não podem incomodar... estão entretidos. Fique de sentinela na porta que dá para aqui a fim de *que* nenhum entre ca. Tome mais para esse incomodozinho. (Dá *mais dinheiro*)

Romualdo (tomando): Ora! Ora! Pois então, negócio feito. (Ouve-se uma canção ditirâmbica)

Lúcio: Aí vem gente...

Romualdo (escutando): É o Osmundo. (Espia *para* fora) Vem só, felizmente!... Agora vou ver lá a outra sala. Volto já. (sai pela esquerda)

Cena 4^a

Osmundo (entrando): A Romualdo, rei dos taberneiros, saúde e dinheiro! Mas é o que eu não te trago, velhacão! Hoje me darás de beber grátis, ouves? (vendo Lúcio) Oh, Lúcio!... És tu?...

Lúcio (cumprimentando-o meio risonho): Meu senhor...

Osmundo: Não esperava encontrar-te aqui... Não costumavas frequentar esses bairros...

Lúcio (sorrindo): É verdade, mas a precisão... Osmundo: É que faz o ladrão, de acordo. (Estende-lhe a mão) Toca lá...

Lúcio (recusando): Meu senhor...

Osmundo: Toca lá, já a apertaste uma vez, não te lembras? Eu honro me em apertar mãos como as tuas. Deixo a asneira desses orgulhos para os tolos que não sabem filosofia. Ou julgas que *a minha* mão está manchada? Não está, só se for de vinho.

Lúcio: Deus me livre de julgar isso, meu *senhor*. (Aperta a mão de Osmundo com humildade)

Osmundo: És ainda meu amigo?

Lúcio: Ainda. Nunca deixarei de sê-lo.

Osmundo: Obrigado. Mas eu não preciso da amizade de ninguém, à exceção dos taberneiros, bem entendido.

Lúcio: Pobre rapaz!

Osmundo: É verdade, Lúcio. Tu vês que série de desgraças me acompanha?... Mas deixemos as tristezas para os felizes, que podem saboreá-las bem. Nós, os infelizes, devemos rir, para ver se ficamos um

bocadinho consolados. Vamos beber. Olá, mestre Romualdo... venha nos dar alguma coisa (A Lúcio) O que é que preferes? Cerveja, conhaque... Lúcio: Meu *senhor* sabe que eu não bebo.

Osmundo: Ora bolas! Os bons hábitos perdem-se. Eu perdi os meus [em pouco tempo], só conservei os ruins. Quem vai à Roma é romano... Mestre Romualdo, apareça!... Estou com a garganta seca... ainda hoje não a molhei senão com água... Não achei um diabo que me quisesse fiar um copo de zurrapa. A quebradeira está me fazendo perder o crédito... (Dá uma gargalhada)

Lúcio: Se eu lhe pudesse pedir um favor, meu *senhor*, suplicava-lhe que não bebesse mais.

Osmundo (rindo): Que eu não beba mais!... Caramba! Pedias-me um impossível, um absurdo. (Sério) Caro Lúcio, não posso deixar de beber! O vinho é o santo licor que me desentorpece os membros, dá-me calor e vida... restitui-me a alegria que perdi no mundo... é o haxixe oriental que ainda me dá largos sonhos de amor e de felicidade. Viva o vinho! (Bate na mesa)

Lúcio: Porém não sabe que assim vai minando sua saúde, porque o álcool é um veneno?

Osmundo: Ora esta! Por sabê-lo é que bebo. Para que quero mais viver? A vida é um fardo de chumbo quando a gente a toma a sério. O vinho é o seu oásis, o

seu prazer! A sua ventura! (Recitando, com um copo vazio em punho) "Quero beber! Os campos não vicejam Sem chuva; sem orvalho murcha a palma; É árida minha alma sem o vinho." É o vinho o orvalho da minha alma... como disse o poeta. Magnífica asserção, não achas? Este era de minha opinião. Heim, Lúcio?... Estás pensativo? Se não queres beber vamos jogar. (Tira do bolso um baralho de cartas) Aqui não é lugar de meditações, se queres meditar nos teus pecados vai para o convento... O seu Romualdo! O demônio deste homem está invisível hoje. Arrebento o pulmão de gritar e ele não quer ouvir. Seus Romualdo... venha emprestar-me uns desgraçados cobres para a primeira parada.

Lúcio: Pobre moço! Então já descreu de tudo? (Osmundo fita-o com amargura e atira as cartas sobre a mesa)

Osmundo: De tudo, exceto do legendário Bacco, destronizado em nome mas não em poder. (sarcasticamente) O mundo é para mim um caos, cujas trevas são aclaradas pela chama que o álcool comunica a meu cérebro. (Impaciente) Ardo, ardo, e não me desfaço em cinzas!... Martirizo me e não morro!... (Passeia agitado e confuso).

Os mesmos e Amâncio Rosas, embriagado

Amâncio (entra pela esquerda): Ou tomo hoje uma desforra tremenda, ou acabo o negócio a soco. Tratantes!... Velhacos!... (Lúcio afasta-se para um canto)

Osmundo (assumindo o ar alegre): O que é isso lá, seu Rosas!

Amâncio: É que essa gente é uma canalha. Roubaram-me, roubaram me! Empalmaram-me uma carta...la ... ladrões! Vou metê-los todos na... na cadeia!

Osmundo: Não faça caso. O dinheiro perde-se e torna-se a ganhar.

Amâncio (com raiva): E, torna-se a ganhar! Só se eu roubasse a eles também. Porém eu não... não roubo. Eu jogo, jogo franco... por isso perco tudo. La ... drões!...

Osmundo: Quanto parou?

Amâncio: Quinhentos mil réis... quinhentos mil réis não são Qui... nhentos vinténs!... Mas aqueles diabos me... pagam. Amanhã trago a polícia aqui... trago... Quando prometo não falho... (cambaleia e senta-se) Dê me aí o que beber... ande... Veja aí um conhaque...

Osmundo: Você já está que não se aguenta...

Amâncio: Quem lhe... perguntou como eu estou? Não é da sua conta, olhe para si. Vamos... lá, veja ali aquela ga... garrafa preta...

Osmundo: Ora vá para o diabo! Eu sou o caixeiro?...

Amâncio (forcejando para erguer-se): Ah, está com desaforo? Eu hoje estou nos meus azeites. Nin... guém brinca comigo. Vou lhe arrumar um... um soco inglês... (Torna a cair sentado)

Osmundo (dando uma gargalhada): Coitado!... É melhor que vá dormir.

Cena 6^a

Os mesmos e Romualdo

Romualdo (a Amâncio): Ah, você escapuliu? (a Lúcio) Não foi *minha* culpa... Sr. Amâncio, faça favor... levante-se daí, venha cá.

Amâncio: Seu Ro... Romualdo, arrume aí um godeme naquele freguês... pago-lhe dez mil reis... Ainda tenho dez mil réis [na carteira]: fez-me um des... saforo...

Romualdo: Antes tivesse você juízo e respeitasse esses cabelos brancos. Levante daí, venha curtir a bebedeira... (Puxa-o por um braço)

Amâncio: Alto lá, isso é uma arbi... arbitrariedade. Eu sou um cidadão bra... sileiro... estou na minha casa,

Romualdo: Está enganado, [esta casa é] minha. Vamos. (Levanta-o)

Amâncio: Vou me queixar à polícia... Amanhã meto toda esta cambada na enxovia...

Romualdo (levando-o): Pois bem, vingue-se amanhã. Mas comece a vingança por si, que *é quem* mais culpa tem. (A Lúcio) Vou trancar as portas - Ninguém escapole mais. (Saem. Romualdo fecha as portas da esquerda e ao fundo)

Cena 7^a

Os mesmos menos Amâncio e Romualdo.

Osmundo: O Romualdo fechou a porta da rua. Hom'essa!... Encarcerou nos sem mais nem menos.

Lúcio: Fechou a pedido meu, para nos deixar conversar sem testemunhas.

Osmundo (rindo): Estou vendo que vieste para cá com intenções de converter-me; pois, meu Lúcio, volta em paz se não queres passar pelo dissabor de uma derrota.

Lúcio: Então está decidido a permanecer nessa loucura?

Osmundo: Decididíssimo!... Outros o fazem com menos razão de que eu. Aí está o exemplo do Amâncio: é um velho que podia ser respeitável; é rico, inteligente,

freqüenta a boa sociedade; nunca teve desgostos, nunca sofreu privações, e entretanto... Quando os vapores da embriaguez se dissipam, sinto-me um velho, alquebrado pela fadiga. Sou como um homem que atirou-se ao mar para morrer, e que, vendo de perto a morte, arrepende-se, quer alcançar a praia, vai nadar, mas sente que lhe faltam as forças e deixa-se levar pelas ondas. Creio até que houve um grave desarranjo em minhas funções mentais... a inteligência naufragou-me com a razão num horroroso escolho... Não sei o que faça, nem sei o que pense... Busco fugir desse estado doloroso, desse marasmo cruel e volto à taberna... (Encosta a frente no braço)

Lúcio: Essa fraqueza que sente o seu espírito resulta da fadiga que sente pelos excessos a que se entrega. Faça um esforço, deixe o vinho, e verá como vai renascendo para a vida.

Osmundo (levantando a cabeça): Não posso, Lúcio, porque me é também impossível sufocar de todo a lembrança do passado, e cada vez que me lembro daquela noite fatal, daquela cena humilhante, sinto o coração crescer-me no peito, como se quisesse transbordar de raiva, e nos lábios o gosto de sangue. Então pego no fatal copo... para resistir ao desejo de vingança que me ruge n'alma. E sou o que vês ... um ébrio, um estróina, um farropilha, um jogador, mas não um bandido! Mas não um falsário!... Ainda tenho a

alma grande, os sentimentos nobres!...

Lúcio: Pode então regenerar-se.

Osmundo: Já é muito tarde.

Lúcio: Nunca é tarde para a regeneração. [Além disso), dois ou três meses de loucura não devem determinar desgraça de uma existência inteira.

Osmundo: Eu já não tenho ambições... nada me prende ao mundo...

Lúcio: Nada? Nada? Nem sua mãe, nem sua pobre mãe que vive agonizando depois que *o senhor* abandonou-a?...

Osmundo: Minha mãe... *Minha* mãe... Ah!... Decerto me odeia, decerto já me amaldiçoou...

Lúcio: Sua mãe é uma santa! É uma mártir sublime que fez do seu amor uma religião. Ah, meu *senhor e vosmicê* tem ânimo de sacrificá-la?

Osmundo: Vibraste-me, a nota mais triste do coração... Ah, *minha* mãe!... (Dá alguns passos muito comovido, levando a mão aos olhos)

Cena 8ª

Os mesmos e Romualdo que chega de manso

Romualdo (a Lúcio - a meia voz): Então?...

Lúcio (idem): Creio que vou conseguindo alguma coisa.

Romualdo: Bem, bem. Estimo muito. Aqui onde me vê sou um taberneiro honrado. Também tenho um filho assim da idade dele e se o visse assim... Deus me defenda... (Faz um gesto de desgosto) De muito boa vontade, perco o freguês, se a pobre mãe recuperar o filho...

Lúcio: O *senhor* tem um belo coração... Conte com o meu agradecimento...

Romualdo: Vou para o meu posto outra vez.

Lúcio: Olhe, escute aqui...

Romualdo: O que *é*?

Lúcio (em voz baixa): Vá dizer à *minha senhora* D. Fausta que... (Fala-lhe ao ouvido)

Romualdo (afirmando com a cabeça): Sim, sim, e tu achas que...

Lúcio: Acho. Vá.

Romualdo: Está bom. (Sai pela direita. Tudo isto rápido)

Cena 9ª

Os mesmos menos o Romualdo

Durante o diálogo acima, Osmundo tem estado pensativo, com a cabeça entre as mãos.

Lúcio: Está pensando em sua mãe, meu *senhor*?

Osmundo: Quantas vítimas fez aquela mulher!... Ah! Fausta! Eu te perdoo o meu sacrifício, porém não o sacrifício de minha mãe!... Se tu ainda não és ainda verdadeiramente desgraçada, eu hei de fazer-te ainda mais!...

Lúcio: Meu *senhor*, não deve ser intolerante com os outros quem não é intolerante consigo! Não é D. Fausta a culpada da fraqueza de seu juízo. Ela fez mal em desprezar o seu afeto, porém não é responsável pelo modo porque *vosmecê* interpretou a sua infelicidade! Ela fez o que fazem muitas e muitos: cometeu uma leviandade, um crime nunca!... Demais, o arrependimento lava todos os erros. Sabe *vosmecê* se ela não tem chorado lágrimas amargas por ter sido a causa de tudo isso?... Sabe se não o ama hoje, se não reconhece agora que deve à sua intervenção a felicidade de não ser hoje a esposa de um miserável condenado à galés?

Osmundo: Ela, Fausta?... Se me visse tremeria de horror ou recuaria de nojo. Ela, no pedestal de todo o seu orgulho de toda a sua vaidade?... Não!... Eu sou um

pobre diabo que não tenho honras para lhe oferecer!...Ela prefere um falsário de casaca a um homem honrado de jaqueta.

Lúcio: [Não seja] injusto, sr. Osmundo! Nada pode justificar a injustiça, nem mesmo a dor mais profunda!...

Osmundo: Deixemos Fausta... eu quando falo nela sinto um abalo em todo o sistema nervoso...

Lúcio: Então a ama ainda?

Osmundo: Infelizmente ainda!... O dia em que eu deixar de amá-la... [há de ser] o mais feliz da minha vida...porque será o [dia] da minha morte!...

Lúcio: Continuemos a falar de sua mãe...

Osmundo: Tu juraste matar-me de remorsos hoje, Lúcio?... Não me fales mais em coisa alguma...

Lúcio: Nunca o supus um filho desnaturado, Sr. Osmundo!... Perdoo lhe que seja um apaixonado louco, insensato, um homem que não sabe prezar-se, perdo-lhe tudo o que quiser, mas que mate sua mãe, que a assassine assim, friamente, refletidamente, isso é que nem eu, nem a sociedade, nem Deus lhe podemos perdoar!...

Osmundo: Lúcio!...

Lúcio: Então julga que assassino é somente aquele que pega numa faca ou num revólver e traspassa o coração da vítima? Esse é menos cruel... enquanto a vítima não expira, vinga-se em odiá-lo... mas a mãe que morre às mãos do seu filho, e mãe como a sua, sr. Osmundo, expira abençoando o seu algoz!...

Osmundo: Cala-te, Lúcio!...

Lúcio: Só lhe é preciso uma vida para saciar-se de vingança, sr. Osmundo, tome um punhal, vá procurar minha *senhora* Fausta, pobre infeliz que se redime com as lágrimas do arrependimento, e enterre-lho no peito sem piedade... foi ela que fez a sua desgraça, é ela a culpada, no seu dizer de tudo o que o *senhor* faz... mas sua mãe que só tem vivido para amá-lo, não merece semelhante sorte... não merece esse prêmio pela ternura que lhe consagra. Se *o senhor* não se emenda, se não foge desta casa, ela morre, Sr. Osmundo, e quando o cadáver dela passar para o cemitério, não o acompanhe [não], porque o povo apontará para si e dirá: Matricida!... E Deus, que mais do que todos saberá do seu crime, lhe fará cair sobre a cabeça o peso da mais horrível das maldições. Em vez de ser um desgraçado somente, sr. Osmundo, ficará sendo um réprobo!...

Osmundo (soluçando): Minha mãe!... Minha mãe!... Mal haja o dia em que a abandonei ... Mal haja o dia em me esqueci dos meus deveres!... Eu, matar minha

mãe!... Não, não!...

Lúcio: Pois então volte para a sua casa... viva para a felicidade...

Fausta (canta dentro):

Volta, volta, filho pródigo,
Volta, volta aos lares teus
O meu coração te chama
Te esperam os braços meus.

Que importa a nódoa do vício
Que a tua fronte enegrece?
Lava a nódoa com teu pranto
O amor de mãe tudo esquece...
Volta, volta, filho pródigo
Volta, volta aos lares teus,
O meu coração te chama
Te esperam os braços meus.

(Durante o canto, Osmundo tem escutado febril, querendo entrar. Lúcio coloca-se à porta do gabinete, na última estrofe)

Osmundo (surpreso, meio delirante): Que voz é esta, quem canta aqui?!... Eu conheço esta voz, conheço-a... ouvi-a muitas vezes nos salões... É a voz de Fausta... (escutando) a sua voz melodiosa... impregnada de amor... é ela que me chama para minha mãe... Meu

Deus!... Será possível?... (cessa o canto) Serei vítima de um sonho?... de uma alucinação... Fausta não pode estar aqui... não pode... (caminha agitado) Estarei já ébrio, meu Deus? Porém ainda não bebi... (com desespero) Lúcio, Lúcio... explica me... pelo amor de Deus... Fausta! *Minha* mãe! As duas estrelas de minha vida ... (com delírio) Oh, é mais uma zombaria da sorte... Oh! estou louco... Estou efetivamente louco!... Deixem-me sair... quero o ar livre... a cabeça me anda à roda... Sou um desgraçado!... (vai a sair)

Lúcio (indo após ele e trazendo-o à boca da cena): Meu *senhor*, meu *senhor*... venha cá, escute... é verdade o que ouve, é verdade...

Osmundo: Ah! Tu queres enganar-me, imbecil!... Depois de me retalhares o coração com o punhal de tuas acusações medonhas, queres acabar de enlouquecer-me com essa mentira grosseira! Isto é sonho, sabes? (agarra as mãos de Lúcio) Um sonho que me persegue! Esta voz... eu sempre a ouço e ainda não a quis escutar... é a voz da consciência, a voz do remorso... que me chama para minha mãe... e que eu afogo em vinho, porque me queima... porque me tortura como ferro em brasa... Agora que falávamos em Fausta... nessa mulher ingrata... esse grito pungente tomou as inflexões da voz dela... porém não foi, não podia ser... A minha imaginação doentia me faz ver realidades em todas as quimeras... Lúcio!... Lúcio!... Vamos!... Vamos!...

Saiamos daqui... eu sufoco... eu morro!... Depois de um delírio desses... a felicidade ou a morte!...

Cena 10^a

Lúcio te(ndo) ido até a porta do gabinete e abre-a

D. Fausta e D. Olímpia (entrando): A felicidade, Osmundo! A felicidade!...

Osmundo (recuando): Ah!... Fausta!... *Minha* mãe!... Aqui!... Meu Deus!... É impossível!... Os olhos enganam-me... é um sonho!...

Lúcio (pegando-lhe na mão e puxando-o): Não é sonho, *meu* senhor... é realidade!...

D. Olímpia (correndo para ele com os braços abertos): Meu filho!... Volta aos braços de tua mãe!...

Osmundo (caindo de joelhos, soluçando): Minha mãe!... Perdão!... (D. Olímpia levanta-o e abraça-o soluçando)

Lúcio: Até que enfim!...

D. Olímpia: Então, [meu amor]!... Vim buscar-te... vamos?

Osmundo: Vamos, minha mãe... fujamos daqui... nós dois...

Fausta (aproximando-se): Nós três!... Então, Osmundo,

eu não tenho uma palavra também?...

Osmundo (entre admiração e despeito): Fausta!...

Fausta: Sim, Fausta... aquela Fausta que tanto mal te fez... arrependida... humilhada... pedindo-te perdão... oferecendo-te de joelhos a sua alma inteira... (curva o joelho)

Osmundo (impedindo-a friamente): De joelhos não ... minha senhora...

Fausta (notando a frieza): Ah! Despreza-me!... Faltava-me esta última desgraça!... (cobre o rosto com as mãos)

D. Olímpia ([passando um braço na cintura] de Fausta): Meu filho!... Em nome de tantas amarguras passadas... Eu te peço que esqueças as faltas dela, como ela se esquecerá das tuas... Fausta é minha filha... é a filha do meu coração... a sua única protetora sou eu... não tem mãe, não tem família, não tem cabedal... se tu a desprezares, meu filho, para onde irá ela?...

Fausta: Irei morrer desgraçada num desterro qualquer!...

D. Olímpia: Que respondes, Osmundo? Negas-te a protegê-la também, meu filho?

Osmundo: Não, minha mãe!... Mil vezes não!...

Fausta: (radiante): Ah!... Eu o esperava, Osmundo!...Eu

esperava a nova aurora de meu futuro raiando de teu coração... Eu já não sou a Fausta de outrora... tu deves saber a minha dolorosa história... Estou pobre, órfã... desamparada...

Osmundo: E por isso me procura, não?... Se fosse ainda rica e feliz...

Fausta (com nobreza): Engana-se!... Engana-se e me ofende! Apesar de tudo, Osmundo, eu conservo intacta a minha dignidade! Não venho rojá-la a seus pés por falta de outros onde a roje, não!... Se o *senhor* em vez de estar numa taberna estivesse num palácio, eu juro por alma de *minha* mãe que não o iria procurar!... Mas eu o fiz infeliz, e fui infeliz também...

Lúcio: E entretanto profana as suas cãs nessa miséria!... Acha meu *senhor* muito digno de imitação, não é assim? Como ele profana a sua velhice, pode *vosmecê* profanar a sua mocidade; como ele aniquila o passado pode *vosmece* aniquilar o futuro; como ele destrói a riqueza, pode *vosmecê* destruir a vida!

Osmundo: Mudemos de conversa, Lúcio...

Lúcio: Perdoe, não mudo. É necessário que discutamos esse assunto. O Amâncio apareceu aqui muito a propósito: foi um espelho que Deus mandou-me para lhe apresentar. Mire-se nele.

Osmundo: O Amâncio não tem desculpa; bebe por prazer, enquanto que eu... bebo para esquecer... bebo para consolar-me!...

Lúcio: Considera uma consolação esse desprezo de sua dignidade, esse espetáculo pungente em que se expõe ao escárnio do mundo?... Para esquecer uma afronta não se lhe dá de sofrer outras mil. E que afronta foi essa?! Um desengano, uma esperança que lhe falhou. Se todos os desenganos da terra adotassem semelhantes consolações, o mundo se tornaria um hospital de loucos, um circo de histriões ou uma jaula de animais!... Em que consiste a verdadeira grandeza do homem? Na força de vencer as contrariedades. O homem que se degrada por que é infeliz é como a criança mal educada que se morde porque não satisfaz um capricho.

Osmundo: Lúcio, tudo isso é questão de temperamento...

Lúcio: Engano! Sofisma dos fracos que não sabem dominar-se. É questão de raciocínio.

Osmundo: Eu tenho pensado já [nessas coisas todas]; tenho querido volver a vida de outrora, mas quando procuro levantar a cabeça, [parece que] um peso inexplicável abate-me para o chão. É-me impossível retomar ou readquirir aquele vigor, aquela força de mocidade que deixei no passado.

(Fausta): Julguei redimir a minha falta oferecendo-lhe o pouco que me resta... que é muito ainda, que é tudo o que eu podia dar: o meu coração, a minha vida, a minha dedicação eterna!... Porém o *senhor* não me compreendeu e tomou por um interesse grosseiro a mais santa das intenções...

Osmundo (pegando-lhe na mão): Então... ama-me sinceramente, agora?... Vai pagar-me em ternuras imensas o fel que me fez beber?

Fausta: A minha ambição, a minha vida, resumem-se em ti, Osmundo! Os desenganos ensinaram-me o que é o mundo, o que são as grandezas efêmeras que um sopro rola por terra... Se o amor que me tinhas não existe mais... se não se pode realizar a minha última esperança, dize logo e eu sairei daqui... irei chorar longe as minhas desditas. Não me tortures mais, Osmundo! Responde!... Que me darás tu, amor ou vingança?...

Osmundo (inebriado, caindo-lhe nos braços): Amor, Fausta! Amor como sempre! Amor como nunca!

Cena 11ª

Os mesmos e Romualdo

Romualdo (batendo palmas): Bravo!... Bravíssimo!... Então, seu Lúcio? Eu não dizia que a coisa cheirava a namoro?

Lúcio (erguendo as mãos): Venci, afinal, venci...
Graças, meu Deus!

D. Olímpia (apontando o grupo a Lúcio): A nossa missão está terminada... tu, és livre, eu... já posso morrer!

Lúcio (tirando um papel): Livre? Não!... Eu pedi esta carta por um momento apenas... Consegui o que desejava... agora é-me de todo ponto inútil... (rasga a carta)

Fausta: Lúcio, o que fizeste?

Lúcio: Procurei mostrar que os meus senhores iluminando-me a inteligência ajardinaram-me o coração... e o meu coração não foi terreno duro... brotou flores de afeto que eu lhes deponho aos pés... (curva o joelho) Oh, deixe-me sempre ser seu escravo!...

Fausta (tomando as mãos de Lúcio): Serás nosso amigo... nosso amigo sempre, na dor ou na alegria, como o tens sido até aqui, mas sê-lo-ás livre, livre como nós, porque a tua carta de liberdade, Lúcio, não estava escrita neste papel que rasgaste; está gravada em caracteres indeléveis, imorredouros, no fundo de nossos corações.

Osmundo: Fausta... minha mãe... graças a vós que me arrancastes do abismo, eu ressurjo para o céu...

Perdoem-me... e sejamos felizes!... (Abraçam-se os três)

Lúcio (rindo à Romualdo): E nós, mestre Romualdo?

Romualdo (comovido): Nós? Vamos dar um viva a essa felicidade que tantas lágrimas custou!...

Cai o pano

FIM DO DRAMA

ANEXO III - O Voto Feminino, de Josefina Álvares de Azevedo

Texto retirado de SOUTO-MAIOR, V. A. (2004). Josefina Álvares de Azevedo: teatro e propaganda sufragista no Brasil do século XIX. *Revista Acervo Histórico*, pp. 65-82.

Josefina Álvares de Azevedo

O Voto Feminino

Comédia em um ato

PERSONAGENS

CONSELHEIRO ANASTÁCIO – Castro

DR. RAFAEL, deputado – Bragança

DR. FLORÊNCIO – Germano

ANTONIO, criado – Pinto

ESMERALDA – Isolina

INÊS – Elisa Castro

JOAQUINA, criada – Luisa Pomi

Ação – Rio de Janeiro

Época – Atualidade

*Sala em casa do conselheiro Anastácio. Mobília rica.
Decoração de luxo.*

CENA 1ª

Anastácio (só)

(Ao subir o pano, está sentado com um pequeno papel na mão, fazendo contas)

ANASTÁCIO – Cebolas, 200 réis; azeite doce, uma garrafa, 640; fósforos, um pacote, 200 réis; toucinho, um quilo, 1\$500: (parando a leitura). Como está caro o toucinho! (continuando a ler) carvão, um saco, 2:000 réis; batatas, 240. Soma 4: 780. Quatro mil setecentos e oitenta, bem certos. Mas em que foi então que minha mulher gastou cinco mil réis?! (chamando para dentro) Senhora! Oh! Senhora! (pausa) Há de estar lendo os artigos de fundo dos jornais diários. É a sua mania! E enquanto lê vai tudo por água abaixo como numa correnteza; não há dinheiro que chegue! (chamando) Senhora D. Inês! Oh! Senhora D. Inês

INÊS (de dentro) – Já vou, já vou.

ANASTÁCIO – Arre! Que a senhora minha mulher em se metendo no gabinete de leitura, não se lhe importa que a casa caia. Isto é demais. Ora figas!

CENA 2ª Anastácio e Inês

INÊS (entrando) – Aqui estou, Senhor Anastácio. Que barulho! Vão ver que é para aí qualquer ninharia!

ANASTÁCIO – Ah! Para a senhora tudo é ninharia!...

INÊS – Decerto.

ANASTÁCIO – Pois não é, não senhora, são onze vinténs que faltam nesta conta ...

INÊS – Ora, louvado seja Deus! Por onze vinténs um barulho tão grande!

ANASTÁCIO – Pois sim, pois sim; mas é que muitos onze vinténs arruinam um homem e ...

INÊS – E o senhor queria que eu deixasse os meus afazeres para estar a tomar conta destas insignificâncias...

ANASTÁCIO – Sem dúvida. É este o dever de uma boa dona de casa.

INÊS – Meu dever?! Oh! Senhor Anastácio, pois o senhor quer que a mulher de um ex-conselheiro esteja a ridicularizar com a criada?

ANASTÁCIO – Ridicularias! Ridicularias! Para a senhora só são importantes as discussões de política, a literatura piegas desses franchinotes que andam peralteando pela rua do Ouvidor, as borradelas dos pintores, os teatros, os partidos, e até os duelos! Senhora D. Inês, a senhora não se sai bem desta vez. Os duelos!

INÊS – Naturalmente. Então queria o senhor que assim não fosse?

ANASTÁCIO – Está visto. Ah! Mulheres!... Mulheres!... INÊS – Já não estamos no tempo da mulher objeto de casa, escrava das impertinências masculinas.

ANASTÁCIO – Ora figas, senhora Inês!

INÊS – Estamos no fim do século XIX, em que o livre arbítrio faz de cada criatura um ser igualmente forte para as lutas da vida, ouviu?

ANASTÁCIO – Tá, tá, tá, tá. Ora figas! Qual lutas da vida! Qual livre arbítrio! Qual século XIX! Qual nada! A mulher foi feita para os arranjos de casa e nada mais!

INÊS – O senhor está me desacatando!

ANASTÁCIO – Ora figas! A senhora é que não está em si; perdeu a razão.

INÊS – Ah! Não quer que nós tenhamos direitos?!

ANASTÁCIO – Não, decerto. O pior é que a senhora já está transtornando a cabeça de minha filha, que anda-me também com as mesmas idéias.

INÊS – Sem dúvida alguma. E há de aproveitar muito, a nossa querida Esmeralda.

ANASTÁCIO – Há de ser muito divertido.

INÊS – Que bonito futuro está reservado à nossa filha!

ANASTÁCIO – Se for uma boa mãe de família...

INÊS – Há de ser; e também uma das melhores figuras da nossa política...

ANASTÁCIO – Que diz?

INÊS – Se passar a lei...

ANASTÁCIO – Ó senhora, eu já lhe disse que não me meta a mulher na política!

INÊS – Que! Não meter a mulher na política! Oh! Senhor Anastácio, a mulher não é porventura um ser humano, perfeitamente igual ao homem?

ANASTÁCIO (com calma) – Sei lá! O que sei é que a política não foi feita para ela. A mulher metida em política, santo Deus!... Não me quero incomodar senhora D. Inês. Vou à chácara tomar um pouco de fresco. Até já. (sai).

CENA 3ª

Inês (só)

INÊS – São insuportáveis estes monstros de egoísmo! E quando se lhes fala em concorrermos com eles na vida pública, é um Deus nos acuda; fazem logo vir o céu abaixo...

CENA 4ª
Inês e Esmeralda

ESMERALDA (entra lendo um jornal) – Que quereis fazer de uma mulher como vós inteligente, como vós ativa, como vós ilustrada, como vós amante da pátria, e que lhe quer, pode e deve prestar todos os serviços?!

INÊS (que tem estado a prestar muita atenção) – Sim, sim, o que querem os homens fazer de uma mulher assim?

ESMERALDA – Oh! Minha mãe, que belo artigo o do Dr. Florêncio, publicado no Correio do Povo de ontem.

INÊS – É um grande talento!

ESMERALDA – Tem feito do voto feminino uma campanha célebre.

INÊS – E há de vencer.

ESMERALDA – Se vencerá!

INÊS – Em passando a lei, já se sabe, há de te apresentar para deputada .

ESMERALDA – Eu, minha mãe?

INÊS – Sem dúvida. Pois não estás habilitada para isso?

ESMERALDA – Sim, estou habilitada. Mas meu marido?

INÊS – Ora, o teu marido! Que se empregue em outra coisa.

ESMERALDA – É bom de dizer, a senhora sabe, que ele tem sido sempre deputado... E não há melhor emprego do que esse.

INÊS – De ora em diante serás tu. Se lhe há de estar todas as noites a ensinar o que ele há de dizer, vai tu mesma dizer o que sabes.

ESMERALDA – Pobre Rafael! Ele que deseja tanto subir!...

INÊS – Sobe tu. Faz-te deputada, (aparece ao fundo a criada) depois senadora, depois ministra, e talvez que ainda possas chegar a ser presidente da república...

CENA 5ª
Inês, Esmeralda e Joaquina

JOAQUINA (entrando) – Quem? O senhor Rafael?

INÊS – Não tola; a Esmeralda.

JOAQUINA (admirada) – Uê!

ESMERALDA – Ora, mamãe, isso não se faz assim.

INÊS – Como não; faz-se sim, senhora. E eu hei de ser tua secretária.

JOAQUINA (contente) – Que belo! Nesse tempo eu ficarei sendo sua criada grave.

INÊS – É verdade, poderás proteger essa rapariga
arranjando-lhe algum emprego razoável.

JOAQUINA – Olhe, minha ama, sabe o que eu queria ser?

ESMERALDA – Diz lá.

JOAQUINA – Aquele homem que anda num carro fechado
e com dois soldados a cavalo...

ESMERALDA – Oh! Mulher! Querias logo ser ministra?

INÊS – Isso é impossível, Joaquina.

JOAQUINA – Eu sei lá! Queria ser uma coisa que pudesse
mandar os soldados.

ESMERALDA – Mandar soldados, para quê?

JOAQUINA – Para nada, não senhora. (aparte) Para
mandar prender aquele ingrato do seu Antonico que
não se quer casar comigo. (sai)

INÊS (que tem estado a conversar com Esmeralda, durante
o aparte de Joaquina) – No dia em que for decretado
o nosso direito de voto...

CENA 6ª

As mesmas e Dr. Rafael

RAFAEL (entrando) – Esmeralda, minha boa amiga!
Senhora D. Inês...

ESMERALDA – Foi decretada?

RAFAEL – A lei do voto feminino... INÊS – O ministro já
decidiu?

RAFAEL – Ainda não. Espera-se a todo o momento.

INÊS – Que demora!

ESMERALDA – É possível que seja decretada, não? E o
que dizes tu?

INÊS (aparte) – O que diz? Nada, como de costume.

RAFAEL – Eu!... Eu!... Aplaudido com entusiasmo essa
propaganda.

ESMERALDA (sorrindo) – Aplaudes? Fazes muito bem.

RAFAEL – E dou-lhes o meu voto.

ESMERALDA – Enfim, vamos ter o direito de voto.

INÊS – E o de sermos votadas.

CENA 7ª

Os mesmos e Anastácio

ANASTÁCIO (entrando, furioso) – Que pouca vergonha!

INÊS – Ora, até que enfim, já se pode ser mulher nesta terra!

ANASTÁCIO – Como diz?

INÊS – Digo-lhe que o direito de voto às mulheres vai ser decretado pelo ministro.

ANASTÁCIO – Está doida, minha senhora.

ESMERALDA – Está em consulta, meu pai.

RAFAEL – Está, não; subiu para o ministro.

ANASTÁCIO – Figas! Figas, é o que é. Pode lá dar-se semelhante patifaria.

INÊS – Patifaria, não. É a coisa mais justa deste mundo.

ANASTÁCIO – Se tal acontecer pode-se dizer que o Brasil é uma terra de malucos.

INÊS – Senhor Anastácio, não me faça falar...

ANASTÁCIO – Senhora D. Inês, lembre-se de que eu sou um ex-conselheiro de Estado do ex-Império e já fui ministro!

INÊS – Lembro-me, sim; e por sinal que não era o senhor quem escrevia os despachos; mas sim eu e minha filha, que nem sequer tínhamos o direito de assiná-los.

ANASTÁCIO – Figas! Figas! A senhora não sabe que é mulher?

INÊS – E o senhor não sabe que uma mulher não é inferior ao homem?

ANASTÁCIO – É, é, e será sempre. Para mim nem há dúvida.

ESMERALDA – Isto é conforme, papá.

RAFAEL – Sim, é conforme.

ANASTÁCIO – Qual conforme! É e é!

INÊS – Não é, não é e não é. Que desaforo! A mulher inferior ao homem! Então foi para ser inferior a um carroceiro que o senhor mandou educar sua filha?

ANASTÁCIO – Foi para ser uma belíssima mãe de família. Ora figas!

RAFAEL (entusiasmando-se) – Apoiado.

INÊS (olhando para Rafael) – Foi para ensinar ao marido, assim como eu ensinei ao senhor. Ora aí está para o que foi!

ANASTÁCIO – Pois que fosse; mas não para ser votante...
Ora figas! Figas!

RAFAEL (baixo a Inês) – D. Inês, olhe que isso é muito pesado!

ESMERALDA – Mas isso não é justo, meu pai.

ANASTÁCIO – Ah! Também pensas como tua mãe! Aqui está o que são as mulheres de hoje! O que todas vocês querem é ficar livres... para não prestarem mais obediência a ninguém. Mas tal não há de acontecer. Figas!

ESMERALDA – Mas meu pai...

ANASTÁCIO (colérico) – Qual teu pai, qual nada!

ESMERALDA – Acalme-se!

ANASTÁCIO – Isto não tem cabimento.

INÊS – Ah! Querem a eterna humilhação!

ANASTÁCIO (passeando, agitado) – Figas! Figas!

INÊS – Havemos de ser iguais; se a mulher está habilitada para ser mãe, essa missão sublime e grandiosa, porque o não há de estar para exercer o direito de voto?

ANASTÁCIO – Que querem que façam os homens? Que cedam o lugar às mulheres? Que vão para a cozinha?

Que vão dar ponto nas meias?... Que vão... amamentar crianças?

ESMERALDA – Ninguém diz isso. Ninguém quer tirar o lugar aos homens, sem por isso continuarmos nós na humilhante condição em que temos jazido até hoje.

ANASTÁCIO – É o mesmo estribilho. Esta gente está idiota.

INÊS – O Senhor é que parece que perdeu a razão.

ANASTÁCIO (dirigindo-se a Rafael) – Meu genro, estamos perdidos, a revolução das saias entrou-nos porta dentro: é preciso reagir. A mulher votante! Com direito aos cargos públicos! Que desgraça! Que calamidade!

INÊS – Calamidade é a de termos homens como o senhor que procuram aniquilar os nossos direitos em proveito da sua vaidade.

ANASTÁCIO (para Rafael) – O que diz a isso?

RAFAEL (atrapalhado, olhando para Esmeralda) – Eu... eu não digo nada.

ANASTÁCIO – Se o senhor tem aprovado a atitude delas.

ESMERALDA – Porque é justo meu pai.

ANASTÁCIO – Até a senhora! Está desejosa por votar e ser votada, ir ao parlamento, sobraçar uma pasta,

andar de coupé e ordenanças! São assim todas as mulheres. Ah! Mas eu hei de ensiná-las! Agora é comigo. Senhor meu genro, venha daí. É preciso ser homem, ouviu? Ser homem! (empurrando-o na frente) Ande, mexa-se. Até já, D. Inês. (saem os dois)

CENA 8ª

Esmeralda e Inês

INÊS (indo a porta) – Vão conspirar? Pois vão, que os havemos de ensinar.

ESMERALDA – O quê! Pois pensa que eles serão capazes...

INÊS – Teu marido não, que é uma mosca morta, um toleirão; mas teu pai...

ESMERALDA – Meu marido tenho a certeza de que não se atreveria ...

INÊS – Ora, ora! Teu pai o convencerá.

ESMERALDA – Mas isto é horrível. Conspirarem contra os nossos direitos é matar-nos a esperança de... INÊS – É horrível! E diante disso não podemos cruzar os braços!

ESMERALDA – Mas os outros homens?

INÊS – São todos iguais.

ESMERALDA – Que fazer, então?

INÊS – Vamos ao encontro da sua conspiração.

ESMERALDA – Neste caso, vamos!

INÊS – É a conspiração das saias. Hei de mostrar a esses homenzinhos para quanto presta uma mulher. Vamos Esmeralda.

DUETO

ESMERALDA – Eia à luta!

INÊS – Eia à luta! Pois é certa esta vitória.

ESMERALDA – Batalhemos sem temor.

INÊS – Sem temor que é nossa a glória.

ESMERALDA – Seja o homem forte embora...

INÊS – Sempre é forte o vencedor!

ESMERALDA – Sejamos fortes...

INÊS – Lutemos!

ESMERALDA – Venceremos pelo amor!

JUNTAS – Caia o homem! Mulher acima! Homem abaixo é o que se quer. Pois que é chegado o reinado Glorioso da mulher! (terminado o dueto saem)

CENA 9ª
Joaquina (só)

JOAQUINA (entrando) – Que balbúrdia! Parece um dia de juízo o dia de hoje nesta casa. Ouvi falar em conspiração! Há de ser a política das patroas! Até que desta vez vou ser aquele homem do carro e dos soldados. A patroazinha vai ser uma grande coisa! E eu apanho o meu lugarzinho. Então sim, (aparece Antonio à porta) mando prender o Antonio e se ele quiser que o solte há de casar-se comigo.

CENA 10ª
Joaquina e Antonio

ANTONIO – Para isso não é preciso prender-me.

JOAQUINA – Ui!

ANTONIO – Não te assustes, meu quitute; sou eu.

JOAQUINA – Que medo! (canta)

DUETO

JOAQUINA – Oh! Que medo tão danado! Me fizeste agora entrando.

ANTONIO – Pois te assustas, meu bem, quando Meu prazer é ter entrado?!

JOAQUINA – Tenho nervos, sou medrosa.

ANTONIO – Nervos assim, tentação?...

JOAQUINA – Esta surpresa!...

ANTONIO – Vaidosa! Se tivesses coração...

JUNTOS – Pode o amor vir de surpresa, Que bem vale um susto o amor. Passa o susto e se despreza Toda a idéia de terror.

ANTONIO – Não foi nada; passou.

JOAQUINA – Não faça outra; ainda estou a tremer. Para outra vez...

ANTONIO – Para outra vez, hei de pedir licença... para entrar.

JOAQUINA – Por força; cá não se entra sem mais aquela...

ANTONIO – Ora, adeus! Eu é que, em gostando dum derricho como tu, não estou com cerimônias... vou entrando... E não faço caso de que me mandem prender, porque como tu sabes, o pássaro preso na gaiola também canta, depois da prisão vem a soltura...

JOAQUINA – E quem falou em prendê-lo? (aparte)
Ouviu tudo!

ANTONIO – Você mesmo. E não sei para quê... se eu já estou preso pelo beicinho...

JOAQUINA – Eu cá me entendo. Os homens... É verdade: que vieste aqui fazer?

ANTONIO – Eu? Vim procurar o patrão... e ver-te. Ora, aí está!

JOAQUINA – Ver-me? Só?... (suspira)

ANTONIO – Só... e procurar o patrão!

JOAQUINA – Ver-me só!... (suspira) Ai! Ai!

ANTONIO (suspirando) – Só!... se nós já fossemos casados!...

JOAQUINA – Casados! Ah! O fingido! Como suspira!

ANTONIO – Casados, sim. Pois tu não és a minha noiva?

JOAQUINA – Sou. E podemos ser muito felizes. Olha, vai passar-se aqui uma cons... uma cons... Como é mesmo?

ANTONIO – Eu sei lá mulher! Seja o que for.

JOAQUINA – Pois sim! A patroazinha vai ser ministro...

ANTONIO – O quê ?

JOAQUINA – Ministro!

ANTONIO – Estás doida, mulher!

JOAQUINA – Ministro, sim! Ora aí está. E eu vou ter um bonito emprego. Depois me casarei contigo...

ANTONIO (desconfiado, aparte, olhando-a muito) – Que diz ela? Estará doida? Hom'essa!... (continua a olhá-la)

JOAQUINA – E tu também terás emprego...

ANTONIO (resoluto) – Menos essa! Eu é que não quero esse emprego!

JOAQUINA – Então é porque não sabes o que há.

ANTONIO – O que há?

JOAQUINA – As mulheres agora vão ser como os homens.

ANTONIO – Como os homens? E os homens?

JOAQUINA – Como as mulheres.

ANTONIO – Livra!

JOAQUINA – Sim, senhor! Agora somos nós que vamos para os empregos.

ANTONIO – Oh! Joaquina! Ou tu estás doida, ou estás brincando...

JOAQUINA – É sério! Eu já pedi a patroa o meu emprego. É aquele em que a gente anda sentada num carrinho com os soldados a cavalo atrás...

ANTONIO – E eu que fico fazendo?

JOAQUINA – Tu não precisas trabalhar, não, ficas em casa.

ANTONIO – Para lavar as tuas saias e esfregar a tua roupa? Eu nunca tive jeito para esfregações...

JOAQUINA – Como é bom!

ANTONIO – O quê? As esfregações? Nada, eu não sou homem para estas coisas. Não quero...

JOAQUINA – Ah! Se não quiseres assim...

ANTONIO – Que descaramento!

JOAQUINA – Qual nada! A mulher está na ponta!

ANTONIO – Sim... sim... na ponta da cozinha ou, quando muito, na do quintal!

JOAQUINA – Olha, eu gosto muito de ti; mas lá por isso não é que eu hei de deixar o meu emprego. Se

quiseres casar comigo é assim; se não é chuchar no dedo. (sai)

CENA 11^a

Antonio, Rafael e Anastácio

ANTONIO (só) – E esta! Ser obrigado a fazer de mulher para fisgar este diabo! É horrroso! Porque afinal de contas, se isto acontecer, serei obrigado a escamar o peixe, limpar o quarto da mulher, lavar a roupa e fazer a goma para as saias! Isto põe um homem na espinha! Porém no meio disto tudo, do que eu tenho birra é da cozinha! Cozinhar, eu?... Que sempre tive quizília pelas panelas! Qual! Isto não pode nem deve acontecer. Prefiro morrer de fome a ter de mexer em panelas!

ANASTÁCIO (entrando, sem reparar em Antonio) – Irra! É uma calamidade! O mulherio está alvoroçado!

RAFAEL – O caso está tomando proporções assustadoras.

ANASTÁCIO – Não pode ser! É uma desgraça se tal acontecer! É o fim do mundo! É... é... (a Rafael) O que é que é?

RAFAEL – Eu sei lá o que é!

ANASTÁCIO – Pois sei eu... É... é... (com custo) é uma figa, ora, aí está o que é.

RAFAEL – Estamos bem servidos, não há dúvida!

ANASTÁCIO – Está claro! Votam as mulheres, as mulheres são votadas! Para elas os empregos, as honras, as posições, e tudo, tudo! Que há de fazer o homem? Ficar em casa pregando colchetes nas saias?

RAFAEL – Isso nunca!

ANTONIO (aparte) – Os homens estão danados!

ANASTÁCIO – É preciso conspirar!

RAFAEL – Mas como? De que modo?

ANTONIO (aparte) – Sim, eu também sou interessado na questão!

ANASTÁCIO – De que modo? Ir contra as mulheres! Impedir que isso se dê.

RAFAEL – Ir contra as mulheres?! Mas vê que isso é difícil!

ANTONIO (aparte) – Eu cá por mim, já estou resolvido a lavar as saias da Joaquina.

ANASTÁCIO – Qual difícil! Vou fazer um meeting! Estamos já aqui dois homens (reparando em Antonio), com este que apesar de ser o criado do Dr. Florêncio, há de acompanhar-nos, três; (agarra-o pelo braço) o compadre Izidro, quatro...

RAFAEL – O Silva cinco.

ANASTÁCIO – Qual Silva! Qual nada! Aquilo é um banana! Um pancada! É capaz de tomar as saias da mulher e ir para o lado delas. Queremos homens que não se entreguem a essas lambisgóias. (segurando Antonio, que ainda o conserva seguro) Você é homem?

ANTONIO – Pelo menos pareço.

RAFAEL – Nesse caso, é uma guerra de morte?

ANASTÁCIO – De morte? Não, de honra!

ANTONIO – Ui! Não me aperte o braço!

ANASTÁCIO – Fora com o voto às mulheres!

CENA 12^a

Os mesmos e Dr. Florêncio

DOCTOR – Bom dia! Que é isso? Vejo-os exaltados!

ANASTÁCIO – Muito obrigado! O senhor é que é o causador de toda esta balbúrdia, de toda esta exaltação!

RAFAEL – Sim, o senhor mesmo.

DOUTOR – Mas, senhor conselheiro...

ANASTÁCIO – Figas! Meu amigo! Figas! A cidade está em desordem! O mulhero está alvoroçado!

RAFAEL – Até a minha mulher!

DOUTOR – Meu colega, que é isto? Explique-se.

ANASTÁCIO – Não há explicações. Agora é cada um tratar de defender os seus direitos.

RAFAEL – Até a minha Esmeralda!

ANASTÁCIO – E afinal de contas, também a senhora Inês!

DOUTOR – Mas o que tenho eu com isto?

ANASTÁCIO – Minha mulher está doida! Compreende, doida!

RAFAEL – E eu estou aqui e estou sem mulher, sem a minha Esmeralda!

DOUTOR – Mas senhores, digam-me o que tenho que ver com isso.

RAFAEL – Foi o colega que andou introduzindo esta trapalhada por aí.

CENA 13^a

Os mesmos, Esmeralda e Inês

INÊS – Que grande vitória! Ah! Ainda bem que os encontro reunidos. Tenho boas notícias a dar-lhes. (vendo o doutor) Oh! Doutor! Não sabe quanto prazer sinto com a sua visita.

ANTONIO (aparte) – O que estará a Joaquina a fazer na cozinha?

ESMERALDA – Aceite os meus cumprimentos pelo seu brilhante artigo de ontem.

DOUTOR – Oh! Minhas senhoras! VV. EExs. confundem-me. (dirigindo-se a Antonio) Que fazes aqui?

ANTONIO – Vim aqui para saber de meu amo a que horas vai jantar.

INÊS – O doutor janta conosco.

ANTONIO – Nesse caso...

DOUTOR – Podes retirar-te.

ANTONIO (aparte, saindo) – Graças a Deus! Que
estou livre das unhas e das figas do velho!

CENA 14^a

Os mesmos, menos Antonio

INÊS – Pois como ia dizendo, tenho boas notícias a dar.

ANASTÁCIO – É escusado, não quero aqui mais discussões.

INÊS – Pois quero eu! De ora em diante mandam todos igualmente. E para o futuro, seremos iguais perante a lei.

ANASTÁCIO – Nunca, senhora Inês; nunca!

RAFAEL – Nunca, repito. O direito de voto não há de vir.

ESMERALDA – Olá, senhor meu marido, então o senhor também?...

RAFAEL – Não... sim... Mas isso é uma invasão de atribuições...

DOUTOR – Perdão, eu creio que se trata do voto feminino. É uma coisa perfeitamente justa!

ANASTÁCIO – Justa! Isso diz o senhor. E sabe porque o diz? É porque não é casado.

RAFAEL – Descansem! O direito de voto à mulher não veio nem virá!

ESMERALDA – Lá isso não. A consulta está em mãos do ministro; hoje ou amanhã será introduzida na lei.

DOUTOR – Sem dúvida alguma. É uma das mais belas conquistas deste fim de século; a reparação de uma injustiça secular, dos tempos bárbaros.

INÊS E ESMERALDA – Muito bem, doutor; muito bem!

RAFAEL – É o ridículo sobre os homens!

DOUTOR – Mas senhores, sejamos todos cordatos. O direito de voto às mulheres é de toda a justiça.

ANASTÁCIO – Não é só o direito de voto que elas querem, é o direito de votar e ser votadas. É o reinado das saias!

DOUTOR – Não há tal. Será antes o reinado das competências. De ora em diante não veremos mais na sociedade a impostura de serem as mulheres que façam as coisas e os homens que recebam as honras... como por aí se dá...

ANASTÁCIO (baixo a Rafael) – Isto agora é com o senhor.

RAFAEL (o mesmo) – Comigo, não; é com o senhor.

DOUTOR – Se a mulher tem aptidão para adquirir títulos científicos, porque não há de ter para os cargos públicos?

INÊS – Apoiado; e aqui está a Esmeralda para prova.

DOUTOR – Se pode exercer cargos públicos, porque não há de poder desempenhar o mandato?

ANASTÁCIO – Mas nesse caso, teremos também de ser governados por elas.

RAFAEL – Virão ocupar os nossos lugares.

DOUTOR – Quando provarem competência para eles, porque não? ANASTÁCIO – Seria horroroso! Isso não! A destituição do homem, o predomínio nefasto da fragilidade feminina! Figas! ESMERALDA – Seria a mais bela das conquistas humanas, porque nós não somos senão iguais aos homens, apenas tendo diferenças sexuais e virtudes para melhor. ANASTÁCIO – Cala-te! Cala-te! E que farão os homens? INÊS – O que puderem e souberem fazer. ESMERALDA – É a compensação das iniquidades de tantos séculos! DOUTOR – Demais, nem todas as mulheres irão ocupar cargos importantes, assim como nem todos os homens hoje os ocupam. ANASTÁCIO – E o escândalo? ESMERALDA – A moralidade existe por si. INÊS – Senhor Anastácio, fique certo de que o domínio das calças está para acabar. ANASTÁCIO – Nunca! Ora

figas! RAFAEL – Senhora minha sogra, cuidado com os homens! ANASTÁCIO – Pois fiquem certas de que não hão de levar o melhor. (sai)

CENA 15^a

Os mesmos, menos Anastácio

DOUTOR – Tenho certeza de que a mulher será emancipada; e com o direito que lhe cabe à elegibilidade, far-se-á representar no parlamento, já nesta sessão. RAFAEL – Meu colega, olhe que isto é muito. ESMERALDA – Rafael, lembra-te que és meu marido. INÊS – Sem dúvida. O senhor Rafael deve ser razoável. DOUTOR – Há de ser. Ainda hei de vê-lo cabalando pela candidatura da senhora D. Esmeralda. INÊS – O que me dá cuidado é o Anastácio. Que iria aquele homem fazer agora à rua? RAFAEL (com malícia) – Naturalmente foi ao ministro. INÊS E ESMERALDA – Ao ministro?! DOUTOR – Não há de ser nada. Não conseguirá coisa alguma.

CENA 16^a

Os mesmos e Anastácio

ANASTACIO (fora) – Meu genro! Meu genro! (entra
esbaforido, com um jornal na mão) INÊS E
ESMERALDA – Céus! Que foi! ANASTÁCIO
(mostrando o jornal) – Está aqui! Aqui!

CENA 17ª

Os mesmos, Joaquina, depois Antonio

INÊS – O decreto?! ANASTÁCIO – Qual decreto, qual nada! Não votam! TODOS – Ah! JOAQUINA (aparte) – Lá se foi o meu emprego! ANASTÁCIO – O ministro despachou a consulta que lhe foi submetida, nestes termos: (lê) O governo resolvendo a questão apresentada não considera nem oportuna, nem conveniente, qualquer (aparece Antonio) inovação na legislação vigente no intuito de admitir as mulheres sui juris ao alistamento e ao exercício da função eleitoral! ANTONIO – A-q-u-i! Menéres! RAFAEL – Bravo! Muito bem! ANASTÁCIO – Já vêm que não votam, minhas senhoras. INÊS – Horror! ANTONIO – Então Joaquina, ainda pensas em ser ministra? JOAQUINA – Só se for do teu coração! ANTONIO – Visto não teres o tal emprego, nem o carrinho, nem os soldados a cavalo atrás, eu peço a tua mão. JOAQUINA – Aqui a tens! DOUTOR – Ainda não me dou por vencido. ANTONIO – O patrão se me desse licença, eu sempre diria uma coisa... DOUTOR – Dize lá. ANTONIO – A mulher não foi feita de uma costela do homem? DOUTOR – Foi. ANTONIO – A costela é o emblema do descanso. Portanto, a mulher não foi feita para a calaçaria das ruas. ESMERALDA – Para que foi então? ANTONIO – Para os arranjos da casa... e etc. e tal. ANASTÁCIO – Ele tem razão. O verdadeiro lugar da mulher é no centro da família.

ESMERALDA – Não se entusiasmem tanto. Ainda temos um recurso. Aguardemos a Constituinte!

ENSEMBLE

ESMERALDA – A querida vitória há de, creio Dar-nos ganho de causa por fim RAFAEL – Isso não, q’eu não marcho no meio! INÊS – Ah! Respiga! Pois sim! Oh! Pois sim! ESMERALDA – Venceremos, ou não? Doutor, diga! DOUTOR – Por que não?! A vitória é fatal! ANASTÁCIO – Ora figas! Ora figa! Ora figa! Esta gente ‘stá doida, afinal! AS MULHERES – Pois veremos, senhores, veremos, Vencerá a razão, vencerá Justo é pois q’ por isso esperemos Confiantes daqui até lá! OS HOMENS – Ora qual! Ora qual! Não tememos! Ficaré tudo assim como está! E seguros do caso esperemos Confiantes daqui até lá